

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CHRISTINE POPE



UNSPOKEN

A DJINN WARS NOVEL



SINOPSE

Seu salvador. Seu protetor. Mas não seu escolhido.

Dois anos após a morte, Amber McCoy ainda está vivendo em uma situação difícil, forrageando nas ruínas do mundo para sobreviver. Os resultados são escassos, mas não tão escassos quanto o pool de encontros. Ela é a última alma viva em San Marino, Califórnia.

Exceto por eles. Anjos? Demonios? Tudo que ela sabe é que um deles a atacou. E outro a salvou, perfurando-a com olhos negros como a noite e rosnando uma única palavra - corra. Desde que fez exatamente isso, ela está totalmente sozinha.

Idris, um djinn ancião, está inspecionando os exuberantes jardins verdes de sua nova propriedade quando encontra a jovem que salvou, ainda de aparência impossivelmente frágil e arisca como uma corça selvagem. Seduzindo-a com a promessa de conforto que ela negou por muito tempo, ele começa



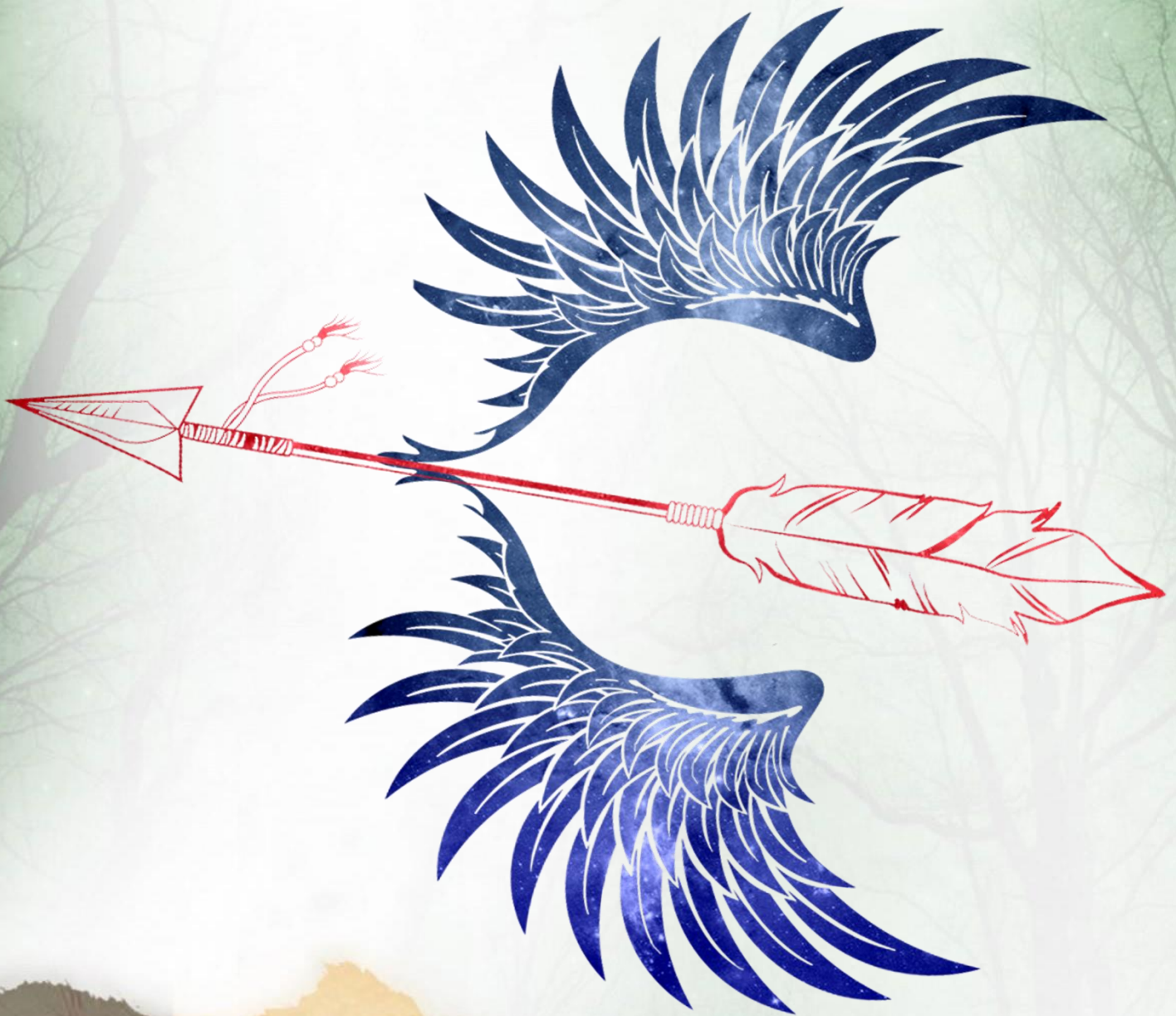
UNSPOKEN

o delicado processo de convencê-la de que ela não tem
nada a temer dele.

CHRISTINE POPE

UNSPOKEN

*Parceria Huntress Universe
e Darkness Angel*



CHRISTINE POPE

CAPÍTULO UM

Nota: Este romance se passa um pouco depois dos eventos de Awoken, dois anos desde que os Djiins mudaram o mundo humano para sempre.

Amber Mccoy sentou-se sobre os calcanhares e inspecionou os resultados da expedição de busca do dia. Um par de feijões cozidos, uma caixa cheia de pacotes fechados de caldo de galinha, uma lata grande de frango cozido, algumas barras de granola que provavelmente estavam tão difíceis agora que ela teria que mergulhá-las na água para torná-las comestíveis. Não foi muito, mas melhor do que nada. O suficiente para mantê-la viva.

À medida que essas duas criaturas solitárias passam mais tempo juntas, cada toque fortalecendo a corrente de desejo que zumbe entre elas, Idris está perfeitamente ciente de que esse tempo idílico não pode durar. Em breve Amber será forçada a escolher

entre dois caminhos ... nenhum dos quais pode levar a seus braços.

O que, ela pensou amargamente, parecia ser uma perspectiva cada vez mais indesejada nos dias de hoje. Honestamente, ela nem sabia por que continuava indo, exceto que algo dentro dela não lhe permitia desistir, não importa o quão ruim as coisas ficassem.

No início, pouco depois do fim do mundo, ela encontrou um calendário enquanto procurava por comida e o trouxera de volta para seu esconderijo, e cuidadosamente marcava cada dia que passava. Isso a ajudou a acompanhar as semanas e os meses que se passaram, embora na metade do tempo ela realmente não prestasse atenção à data, apenas que outro dia sem fim havia terminado.

Hoje não tinha sido nada particularmente memorável, apenas outra faixa preta grossa de seu Sharpie, riscando outra data, embora ela percebesse que agora eram dez dias até outubro. Duas semanas atrás - aquele tinha sido o dia realmente importante.

Esse foi o aniversário de dois anos do fim do mundo.

Claro, na época, Amber não tinha percebido que o mundo estava acabando. Era uma sexta-feira, 26 de setembro. Ela estava na casa de sua amiga Kelly, ouvindo Kelly lamentar sem parar sobre como tinha encontrado um monte de fotos de peitinho no telefone de seu namorado Cade... e como ela sabia que esses peitos definitivamente não eram dela.

— Você enviou fotos *a* Cade de seus peitos?

Amber perguntou a ela, tentando não revirar os olhos. Sério, quando as pessoas aprenderiam?

Kelly admitiu que tinha enviado fotos ao Cade, mas Amber fez o possível para não dar muita merda à amiga, só porque elas estavam lá, de um jeito ou de outro. Tudo bem, ela nunca tinha sido burra o suficiente para enviar fotos nuas para qualquer um dos caras com quem namorou, mas isso não significava que alguns deles ainda não haviam conseguido mexer com a cabeça em uma variedade de novidades novas. maneiras criativas. De fato, más

ações eram a razão de ela estar em San Marino. O namorado dela acabou sendo tão trapaceiro quanto Cade, exceto que Tyler tinha sido mais esperto sobre ele se esgueirar por aí.

De qualquer forma, Amber havia voltado para casa, na grande casa de estilo chateau em que crescera enquanto tentava recompor sua vida. Felizmente, sua mãe, que nunca gostou de Tyler, a levou sem questionar. Talvez ela estivesse cansada de andar sozinha pelo local, embora Amber não estivesse totalmente preocupada com essa razão específica da acolhida em casa; Judith McCoy sempre fora assustadoramente autossuficiente. Ou melhor, ela se mantinha ocupada com almoços de caridade e voluntariado em várias organizações sem fins lucrativos e museus locais, ao mesmo tempo em que se certificava de que o pai de Amber, um advogado de mil dólares por hora, pagasse o cônjuge e a pensão alimentícia a tempo, mesmo que tivesse muito dinheiro e não precisava do apoio para sobreviver. Judith nunca namorou depois que seu casamento se

desfez, nunca demonstrou interesse em ter qualquer tipo de relacionamento romântico com alguém. E enquanto Amber não conseguia entender completamente como se livrar de homens, ela tinha que admitir que sua mãe tinha um dos melhores detectores de besteira que ela já havia encontrado. Pena que ela não havia prestado muita atenção à antipatia de Judith em relação a Tyler Brooks, um agente esportivo que ganhava muito dinheiro com um garoto de 26 anos e conversava um bom jogo, mas aparentemente era tão cachorro quanto o de Amber. pai já esteve.

A TV estava em segundo plano na casa de Kelly e um apresentador entrou no programa para falar sobre uma febre estranha que começara a varrer Los Angeles e outras grandes cidades do mundo. Amber não prestou muita atenção à história, porque parecia que sempre havia algum desastre ou outro ocupando o tempo de antena, e ela tinha coisas melhores para gastar sua energia. De qualquer forma, aqui em San Marino, um dos subúrbios mais ricos do país, ela se

sentiu isolada desse tipo de coisa. Possivelmente eram as paredes e os portões que escondiam tantas casas, ou simplesmente a impressão de que o dinheiro de sua família era mais do que suficiente para protegê-la da maldade do mundo.

Eventualmente, ela acalmou Kelly - com uma pequena ajuda de Xanax - e voltou para casa em seu Mercedes SLK conversível. Tinha sido um dia quente e ventoso, então Amber estava com a capota abaixada, deixando o sol brilhar em seus ombros nus e a brisa brincar com seus longos cabelos loiros. Enquanto ela estava preocupada com sua amiga, caso contrário, ela se sentia calma. Claro, seu próprio relacionamento havia caído e ela teve que voltar para casa, mas era apenas uma situação temporária. Uma das amigas de sua mãe ofereceria a ela um emprego, provavelmente como assistente em uma galeria de arte ou consultora em uma boutique sofisticada, e ela encontraria uma casa ou talvez um condomínio em Pasadena e começaria novamente. Ela tinha apenas

23 anos, afinal. Muito tempo para descobrir o que ela faria com o resto de sua vida.

Só que não havia tempo suficiente. Naquela sexta-feira ensolarada e quente, o relógio já havia começado a bater na humanidade, e ela havia sido muito estúpida e preocupada com todas as minúcias sem sentido de sua vida para perceber que os dias de glória haviam acabado.

Sua mãe nunca havia chegado em casa - ela estivera em um almoço de caridade no centro de Los Angeles... no Baltimore, Amber remotou claramente. A noite tinha caído e as notícias na TV pioraram. Ela tentou ligar para a mãe e não conseguiu passar, apenas recebeu um sinal rápido e ocupado que lhe dizia que havia algo errado com o serviço de celular. A linha de terra da casa também não tinha funcionado.

E quando ela foi verificar Kelly na manhã seguinte, já que ninguém estava atendendo o telefone ali, Amber encontrou a casa da amiga destrancada e vazia, nada lá, exceto uma estranha poeira cinza no

sofá onde os dois estavam. eles estavam sentados no dia anterior.

Na época, ela não sabia o que fazer com isso. Mais tarde, ela percebeu que a pequena pilha de poeira cinza era tudo o que restava de Kelly Mattis. E quase assim que Amber começou a perceber que todo mundo sabia que ela estava morta, que ela parecia ser a única pessoa que restava viva em San Marino - ou talvez em todo o sul da Califórnia, pelo que sabia - ela viu a primeira *delas*.

Ela ainda não sabia como chamá-los. Anjos? Demônios? Eles pareciam pessoas, embora ela nunca tivesse visto uma pessoa que pudesse levar ao ar como esses seres estranhos aparentemente eram capazes. Mas ela estava voltando para sua casa depois de invadir os assados obsoletos no Starbucks, em Huntington Drive, e um deles mergulhou nela como um pássaro tropical de tamanho grande e brilhante, roupões de seda verdes flutuando ao sol. Mais assustada do que aterrorizada, ela olhou para o homem - ou o que quer que ele estivesse - imaginando

se de alguma forma ela tinha perdido a cabeça, que a solidão dos últimos dois dias e a falta de notícias já a estavam atacando. Mas então ela viu o brilho assassino nos olhos escuros do estranho homem voador e percebeu que ele pretendia matá-la.

É claro que ela correria, mesmo sabendo que não havia como escapar de uma criatura transportada pelo ar enquanto estava a pé. O terror tinha dado a seus pés suas próprias asas, e ela correu o mais rápido que pôde, os sacos de comida velha que ela juntou caindo de seus braços enquanto fugia.

Do nada, outra sombra apareceu, borrando o sol. Amber arriscou um olhar por cima do ombro, viu que um segundo desses seres estava atacando aquele que a perseguia. Suas vestes eram negras e seus cabelos escuros tremulavam ao vento.

Para sua surpresa, ele parou no ar, bloqueando o progresso do outro homem voador, aquele de manto verde-papagaio. Por apenas um segundo, os olhos escuros e cheios de fuligem do recém-chegado

encontraram os dela. Então ele falou uma única palavra.

— *Corra.*

E ela fugira, sem olhar para trás, sem tentar descobrir como no mundo aqueles homens poderiam estar voando pelo ar sem asas ou qualquer outro meio visível de sustentá-los. Ela bateu o caminho de volta para a casa de sua mãe, perdendo os chinelos no processo, e entrou correndo, fechou a porta e a trancou. Depois disso, ela fechou todas as persianas, checou duas vezes as fechaduras da porta dos fundos, voltou para a porta da frente e verificou também a fechadura.

O tempo todo, porém, ela se perguntou se seria suficiente. Afinal, se esses homens, ou o que quer que fossem, poderiam voar, então talvez eles tivessem outros poderes dos quais nunca tinha ouvido falar. Neste ponto, parecia que todas as apostas estavam fora.

Por isso, depois de mais um dia se escondendo na casa vazia, Amber sabia que não podia ficar lá. Talvez tudo estivesse bem, e eles não voltariam.

Mas talvez eles fizessem. Talvez agora que eles sabiam que ela estava na área, eles comesçassem a procurar de casa em casa. Seria apenas uma questão de tempo até que a descobrissem.

Se eles estavam tão empenhados em matá-la, então, por que ele um homem voador disse para ela fugir?

Seu cérebro não conseguia se envolver com esse enigma, assim como não conseguia absorver sua terrível realidade nova, que todo mundo que ela conhecia - todo mundo, ponto final - parecia ter sumido.

Ela precisava ir ao chão... e sabia exatamente onde.

Sua mãe havia sido uma grande doadora da Huntington Library and Gardens, localizada basicamente logo depois do quintal da casa de Amber. Sim, muros altos separavam os dois, mas como os

seguranças do Huntington estavam provavelmente mortos junto com todos os outros, isso não foi um impedimento. E como sua mãe era uma doadora de alto nível, Amber conseguira ver partes da instalação que não eram abertas ao público, incluindo os níveis abaixo do centro de visitantes perto da entrada. Lá embaixo, havia arte rara que ainda não estava em exibição, mais livros e outros artefatos valiosos que faziam parte da coleção da biblioteca.

Muitas pessoas não sabiam que havia vários andares abaixo desses escritórios. Ela teria que esperar que os homens voadores não incluíssem a visão de raios-X junto com seus outros poderes estranhos, ou então eles seriam capazes de descobrir quase imediatamente para onde ela foi.

Aparentemente, não o fizeram, porque ela passara dois anos lá embaixo, no que costumava ser a sede do departamento de fotografia e agora era sua casa improvisada. Nas primeiras semanas, ela ficou tão assustada que mal se aventurou fora do espaço apertado, viveu de itens da máquina de venda

automática na sala de descanso no corredor. Depois disso, ela foi um pouco mais longe, até as despensas do que antes eram os restaurantes e a sala de chá do museu. Eventualmente, movida pelo desespero mais do que qualquer outra coisa, ela se aventurou pelos terrenos do Huntington para procurar as casas abandonadas de San Marino.

Durante todo esse tempo, ela não viu mais ninguém, nem um único ser humano, nem mesmo os homens que de alguma forma pudessem levar ao ar. Por fim, mais ousada por seus medos de como seria ficar sozinha no porão do Huntington com o inverno se aproximando, ela fez a longa caminhada até a loja REI na vizinha Arcádia, encheu as mochilas com roupas liofilizadas comida e roupas resistentes, trouxera um fogão de acampamento de volta ao seu covil para que ela pudesse comer um pouco de comida quente pela primeira vez.

Como ninguém tentou atacá-la, ela assumiu que era seguro e fez a mesma jornada várias vezes,

trazendo de volta qualquer coisa para tornar sua existência solitária um pouco mais confortável.

Agora, porém... agora ela tinha que se perguntar por que ela se incomodou. Em todas aquelas incursões, todas aquelas expedições, ela nunca tinha visto outra pessoa. Na REI, ela encontrou um rádio de ondas curtas movido a energia solar, usou-o para pesquisar as bandas repetidas vezes, ouvindo algum sinal de que havia alguém lá fora, mesmo se eles estivessem do outro lado do mundo. Em dois anos, ela ouvira absolutamente nada.

O que significava que ela tinha que ser a última pessoa que restou na terra. A essa altura, tantos meses depois da última vez que vira até os homens voadores, ela estava começando a se perguntar se havia alucinado todo o incidente. Talvez tivesse ficado tão perturbada ao perceber que estava sozinha, que seu cérebro havia criado uma visão de homens voando pelo ar. Por que essa alucinação em particular, e não, digamos, Chris Hemsworth caminhando em sua direção, dizendo-lhe que ele

estava aqui para cuidar de todas as suas necessidades, Amber não fazia ideia, mas fazia mais sentido do que qualquer outra coisa que tivesse acontecido.

Você deveria ir, ela pensou pela centésima vez, rasgando um pacote de caldo de galinha para poder despejar seu conteúdo na panela de água que ficava no fogão do acampamento. Embale o que puder e dê o fora daqui. Você caminhou 16 quilômetros de ida e volta para ir à REI, então não é como se você não pudesse aguentar.

Provavelmente isso era verdade. Depois de dois anos desbastando-o aqui no escritório do porão e andando por toda parte nas rondas de Huntington e além, Amber sabia que era muito mais difícil do que costumava ser. Mas ainda assim... sair para o desconhecido, aventurar-se naquela paisagem vazia, sem absolutamente nenhuma esperança de encontrar mais alguém... ela não tinha certeza se era forte o suficiente para fazer isso. Não com absolutamente nenhum destino em mente. É verdade que ela

percebeu que sua única esperança de encontrar mais alguém era deixar este lugar, pois ela já sabia que não havia mais ninguém em San Marino e nas partes sul de Arcádia, mas ainda assim....

Bem, o mundo não estava indo a lugar algum. Ela abriria a lata de frango para adicionar ao caldo - e espero que ainda estivesse tudo bem - e teria alguns biscoitos do seu estoque, e possivelmente um pedacinho do chocolate escuro que ela estava acumulando.

E talvez, apenas talvez, ela de alguma maneira descobrisse uma maneira de não se sentir tão cansada, tão vazia.

Tão só.

Istar inclinou a cabeça para Idris e perguntou: — Você tem certeza disso?

— Sim, — ele respondeu. Embora ele fosse um ancião, em pé de igualdade com ela, Idris nunca conseguiu deixar de pensar que ela e seu parceiro, Ibram, de alguma forma o consideravam mais novo.

Talvez ele estivesse; suas origens e as deles estavam tão perdidas nas brumas do tempo que nenhum deles conseguia se lembrar exatamente de quando surgiram. Eles sempre existiram... e, no entanto, ele pensou que possivelmente os outros dois existissem por alguns segundos ou momentos antes dele.

— É sensato, na verdade, — Ibram disse. Ele era alto e tinha cabelos escuros, como Idris, e, no entanto, ao contrário da maioria dos djinn, suas madeixas negras mostravam um pouco de branco nas têmporas. Caso contrário, como todos os outros djinn, ele não apresentava nenhuma evidência externa dos muitos séculos que vivera.

— Com você e eu nos estabelecemos aqui, Istar, faz sentido para Idris morar no outro lado do mundo. Dessa forma, nós três podemos dar uma olhada melhor nas coisas.

— Que 'coisas' existem para ficar de olho? — Istar perguntou, parecendo divertida. Ela se levantou da pesada cadeira esculpida onde estava sentada e foi até a janela. As cortinas foram abertas, mostrando

um belo dia no início de outubro, com apenas os choupos que margeavam o jardim começando a virar, transformando-os em pilares de ouro derretido. Cerca de cinquenta metros depois do belo gramado verde e liso que cercava o castelo, as águas cintilantes do rio Loire mal podiam ser vistas através das árvores que ladeavam o rio. A luz do sol quente parecia transformar seus longos cabelos de cobre quase derretidos e brilharam âmbar nos olhos verdes.

Idris teve que admitir para si mesmo que Istar tinha razão. Agora, dois anos depois que o Calor varreu a população humana deste mundo, tudo parecia estar em ordem. As comunidades de djinn que haviam selecionado parceiros humanos prosperaram sem incidentes, e as que estavam imunes à febre mortal, mas não Escolhidos, estavam em Los Alamos. Esse mundo, que estava tão perto da devastação total, agora retornara a seus ritmos naturais, o clima se acalmava e seu equilíbrio original era restaurado.

E a única coisa que essa ordem exigia era a remoção de quase toda a sua população humana.

— As coisas são calmas, verdade, — disse Idris.

— Mas Ibram também é sábio ao pensar que não devemos baixar a guarda. Com você aqui na França e eu na América do Norte, podemos garantir que vigiaremos o mundo.

— Talvez, — respondeu Istar, quase totalmente desdenhoso.

— Não vejo razão para pensar que haverá muito mais que exija nossa atenção. O trabalho continua, é claro, mas por outro lado, este mundo agora é muito mais pacífico do que há milênios.

— O trabalho— se referia à tarefa monumental que os djinn enfrentavam agora que a humanidade não era mais um problema. Enquanto a maioria dessas espécies problemáticas e bélicas estava agora erradicada, restava o problema de remover a maioria de suas obras da face da terra. Certas estruturas dignas de nota - como este castelo, que Ibram e Istar haviam tomado como sua nova casa - teriam permissão para permanecer, mas todas as fábricas e armazéns, os arranha-céus e os shoppings e as

milhas e milhas das casas de aluguel... tudo aqueles precisavam ser removidos para que este mundo crescesse verde e exuberante novamente, restaurado à sua antiga beleza.

— É verdade, — Idris permitiu.

— Suponho que estarei mais ocupado cuidando do meu jardim do que me preocupando com as comunidades próximas de djinn e Escolhidos, que parecem estar indo bem. Ultimamente não houve complicações, nada que exija minha atenção. E, embora tenha gostado da hospitalidade que você me ofereceu aqui em sua casa, é hora de atacar por conta própria.

— E você tem certeza deste lugar que você selecionou? — Ibram perguntou então. Ele permaneceu sentado, mas seu olhar se voltou para a janela onde Istar ainda estava, a luz do sol da tarde brilhando na jaqueta de seda azul safira que ela usava, cortada perto de seguir as curvas de sua forma esbelta.

Não pela primeira vez, Idris experimentou uma pequena pontada de ciúmes. Não, ele nunca desejara verdadeiramente Istar, pois sabia que ela e Ibram tinham prometido um ao outro com um vínculo tão profundo que a maioria dos djinn não conseguia compreender verdadeiramente sua força. O que ele invejava era a conexão deles, a maneira como eles pareciam conhecer os pensamentos um do outro, para entender instintivamente quando o parceiro estava com problemas ou precisando de conforto. Ele mantinha relações com mulheres de sua espécie de tempos em tempos, mas elas nunca duravam muito. Essas relações sempre foram condenadas desde o início, principalmente porque seus parceiros o olhavam com reverência, ou talvez com um certo cálculo, tentando determinar o benefício máximo que poderiam obter de uma associação com alguém que ocupava uma posição tão exausta. Nenhum deles parecia vê-lo por quem ele era, e não pelo que ele era.

Ele afastou esses pensamentos e respondeu à pergunta de Ibram: — Sim, acho uma excelente

escolha. O clima no sul da Califórnia é bastante agradável e os jardins são magníficos, mesmo em seu estado atual de negligência. Terei muito o que me ocupar, embora a própria casa exija algum trabalho para restaurá-la à sua função original. Ninguém mora lá há muitos anos.

Istar se afastou da janela, feições encantadoras iluminadas pela curiosidade.

— E como esse lugar foi chamado de novo?

Oferecendo um sorriso, Idris disse: — A Biblioteca Huntington, em San Marino, Califórnia.

CAPÍTULO DOIS

A galinha enlatada não se sentou tão bem - ou talvez fosse a água que ela coletou em um barril cuidadosamente escondido, mesmo tendo sido cuidadosa em fervê-la -, mas ela havia passado pelos roncos do estômago e conseguiu dormir o melhor que ela poderia. Não pela primeira vez, Amber se perguntou se deveria se atrever a tentar cultivar uma pequena horta em um canto escondido dos jardins em algum lugar, por nenhuma outra razão senão dar-se comida fresca para comer. Ela suplementou sua dieta ruim com vitaminas que extraíra das Walgreens locais, mas ultimamente vinha sentindo-se fraca, cansada e degradada, como se seu corpo finalmente tivesse começado a se rebelar contra a contínua falta de nutrição decente.

E se ela se sentisse tão ruim agora, ela estava realmente de alguma forma para contemplar algum tipo de caminhada pelo país para procurar os sobreviventes da humanidade?

Bem, ela poderia descobrir tudo isso mais tarde. Por enquanto, bastava comer uma barra de proteínas e alguns cranberries secos, fazer um de seus spritzes totalmente insatisfatórios com a água da chuva que ela usava para beber e lavar o rosto e o corpo da melhor maneira possível. Ainda havia muita água parada nos terrenos do Huntington, nos lagos dos jardins chinês e japonês, mas Amber duvidava que fosse adequado para o banho. Ela sabia que deveria estar feliz por os dois últimos meses terem sido singularmente úmidos para o sul da Califórnia, como se a seca que atormentava a área por anos tivesse desaparecido de alguma forma ao mesmo tempo que todas as pessoas. Mas, por mais bonitas que as lagoas fossem - e tão bem abastecidas de sapos, que ela podia ouvir borbulhando durante as noites tranquilas aqui -, não ajudariam muito em limpá-la.

Depois que ela terminou o banho de esponja, ela puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo e se vestiu com jeans, camiseta e botas de caminhada. As roupas eram práticas, mas Deus, ela as odiava. Ela

odiava esse mundo novo não tão corajoso, realmente; mais do que tudo, ela desejou poder estalar os dedos e voltar a uma época em que podia entrar em uma festa com seus estiletos Christian Louboutin de 10 cm, a bolsa Prada pendurada no braço, uma Versace esbelta exibindo as curvas elegantes da sua figura. É verdade que ela parecia cada centímetro a cadela rasa e rica em SoCal que a maioria das pessoas pensava que ela era.

E agora... agora ela pensou que teria matado alguém seriamente por um banho. Mesmo morno.

Amber enrolou o saco de dormir, colocou a garrafa de água vazia no grande lixo, que ela esvaziava uma vez por semana em uma pilha atrás do prédio, e então começou sua habitual subida cuidadosa pelas escadas até o nível principal dos visitantes. Como sempre, ela tinha uma lanterna com manivela para iluminar a escada escura, embora a essa altura ela provavelmente já estivesse navegando pelos degraus de olhos vendados.

Quando ela emergiu no corredor, olhou de um lado para o outro, como sempre fazia, uma mão apoiada na faca de caça que passara a usar no cinto. Se ela seria ou não capaz de usar a faca de alguma maneira eficaz estava em debate, mas isso a fez se sentir um pouco mais segura, um pouco mais corajosa. Quando tudo isso começou, ela pensou em pegar uma arma e rapidamente descartou a ideia, principalmente porque nunca havia atirado em uma arma em sua vida e estava preocupada com o fato de poder se machucar acidentalmente com a maldita coisa.

Assim como em todos os outros dias em que ela se instalara aqui, o corredor estava limpo, assim como a principal área de recepção em direção à frente do prédio. Lá fora, o dia já estava claro e ensolarado, uma brisa fraca agitando os lírios do dia nos canteiros do jardim. Uma vez, aquele pátio era cheio de pessoas ansiosas por percorrer os caminhos do jardim ou ver as inestimáveis obras de arte na galeria principal, mas agora estava tão vazio quanto o resto do mundo.

O pequeno quiosque onde ela comprou chá chai e observou as pessoas passarem enquanto sua mãe estava ocupada com uma reunião com os outros bolsistas de Huntington ainda permanecia, mas ela havia saqueado há muito tempo qualquer coisa útil.

Além do banho, Amber pensou que mataria por um daqueles chai chás, espumosos com leite, temperados com canela. Quem se importava com as calorias? Ela sempre foi esbelta, mas agora estava completamente magra. Em mais um ano, ela provavelmente não teria mais seios.

Se ela vivesse tanto tempo, é claro.

Depois de dar uma olhada cautelosa de um lado para o outro, ela saiu do prédio, atravessou o pátio e desceu os degraus, em direção ao jardim japonês. Ela não conseguia entender o porquê, mas se sentia atraída para lá com mais frequência, gostava de se sentar em um dos bancos de pedra do lado de fora da casa japonesa que aparentemente fora trazida de Kyoto para cá. Embora soubesse que isso poderia atrair atenção, teve o cuidado de fechar as telas que

protegiam o interior da casa, já que ela não queria que nenhum dos elegantes móveis esparsos do interior fosse arruinado pela chuva, por animais selvagens, os esquilos e coelhos eram abundantes aqui, e houve momentos em que ela ouviu coiotes uivando para a lua, então sabia que havia muita vida selvagem por perto. O que quer que tenha matado as pessoas, não parecia ter feito nada com os animais. De fato, ela via bandos itinerantes de cães de vez em quando, mas eles sempre mantinham uma distância segura dela. Eles pareciam saudáveis e felizes, porém, com tanta clareza que haviam encontrado bastante comida nas ruínas do mundo.

Ela se sentou em um banco e deixou o sol tocar seu rosto, aquecendo-a por todo o corpo. Sim, era bom estar do lado de fora assim, não se sentir como a criatura assustada que ela sabia ser, com muito medo de sair deste lugar e ir a algum lugar que pudesse ser uma melhoria, que poderia ter pessoas ainda morando lá.

Porque por mais que isso parecesse, Amber sabia que seria muito melhor se ela pudesse ter alguém sentado aqui ao lado dela.

Idris emergiu na galeria principal da Biblioteca Huntington, depois ficou ali por um longo momento, com os braços cruzados, examinando os retratos exibidos ali. Todos eles eram uniformemente grandes em escala, a sua própria altura ou até mais, em grandes molduras douradas que pareciam brilhar contra as paredes escuras de ouro. Os sujeitos desses retratos, vestidos de dias passados, pareciam olhá-lo com os olhos estreitos, como se soubessem muito bem o papel que seu povo tinha desempenhado para garantir que este mundo fosse livre de sua espécie.

Estranhamente, ele se viu querendo falar, dizendo-lhes que, embora os anciãos não tivessem impedido a maioria dos djinn de executar seus planos sanguinários, nem ele nem Istar nem Ibram tiveram parte ativa nesse genocídio. O dever deles era interceder quando brigas pessoais entre djinn

ameaçavam se tornar mortais, ou quando alguém desse tipo era contra as poucas leis que os vinculavam. Mas a maioria dos djinn concordara que a humanidade se tornara perigosa demais e que era hora de terminar seu reinado neste mundo que eles haviam tratado tão mal. Os anciãos podiam fazer pouco, exceto permitir que os objetores de consciência, os Mil, salvassem um humano cada um e pudessem viver separados do resto de seu povo em novas comunidades de Escolhidos e Djinn.

Mas não havia motivo para protestar contra esses retratos pintados de pessoas mortas há muito tempo, e então Idris se estreitou os olhos e olhou a sala de maneira objetiva. Honestamente, ele não viu muito o que mudar aqui, embora removesse as mesas do centro da câmara e proporcionasse assentos mais confortáveis para que ele pudesse sentar-se aqui, se quisesse, e observasse as pinturas. Também desapareceria a moderna iluminação de trilhos instalada no teto; talvez ele abrisse o teto com uma claraboia e permitisse a entrada de luz natural. Em

suma, essas mudanças seriam mínimas, algo que ele poderia realizar em muito pouco tempo.

Ele saiu da galeria e saiu para o corredor principal, examinando os tetos altos, as elegantes colunas e o piso de mármore fresco. Ali, ele não viu nada que mudaria, então subiu a graciosa escada curva, uma mão arrastando ao longo do metal da grade enquanto passava. Embora os djinn não fossem os seres mais sociais, preferindo ficar sozinhos nos palácios que haviam construído ou, na melhor das hipóteses, com um parceiro, Idris achou que esse seria um cenário excelente para uma reunião de algum tipo. Ele podia imaginar outros de sua espécie subindo e descendo os degraus, as brilhantes sedas de sua elegância brilhando contra o mármore branco.

E se não os djinn que limpavam o mundo - pois nunca pareciam ser um grupo muito sociável -, talvez alguns de uma comunidade vizinha de djinn e Escolhidos. Havia uma não muito distante, a apenas cinquenta quilômetros a oeste no lugar que antes era Bel-Air.

Satisfeito com esse plano, Idris continuou sua inspeção, andando de sala em sala no segundo andar, feliz por ver que muitos dos móveis originais permaneciam no local. Realmente, tudo o que ele teria que fazer seria remover os postes que protegiam os móveis antigos, juntamente com as placas de identificação e outros emblemas que chamavam itens de nota especial. A biblioteca que ele admirava particularmente, com suas estantes embutidas do chão ao teto e um enorme tapete Aubusson no chão de madeira. Uma série de janelas dava para os jardins, e ele foi lá quase por instinto, colocando os dedos em uma das maçanetas para poder sair para a varanda do outro lado.

Uma brisa suave brincava com seus cabelos, e ele levantou a cabeça para respirar fundo, cheirando flores e grama quente. Pelo que ele conseguiu dizer, as rosas sobreviveram muito bem, embora todas precisassem de uma boa poda. A grama também parecia verde, exuberante e selvagem. Para um lugar que acabara de sofrer dois anos de negligência, sua

nova casa parecia estar em muito melhor estado de conservação do que tinha direito. Por enquanto, parecia que ele não teria que fazer tanto esforço para tornar o local habitável como ele pensara.

Ele se mexeu, olhando para o jardim japonês e a enorme ponte em arco que atravessava o lago ali. Por apenas um instante, ele pensou ter visto um lampejo de algo pálido perto da casa além, e ele franziu a testa. Certamente alguém não poderia estar aqui?

Mas enquanto ele olhava por mais um momento, percebeu que seus olhos deviam estar pregando peças nele, ou possivelmente o que vira era apenas a cauda branca de um cervo. Isso fazia muito mais sentido, pois a vida selvagem local começara a assumir o controle, atingindo bairros suburbanos que antes eram hostis a eles. Pelo que ele sabia, a principal razão pela qual a grama aqui parecia tão bem cortada era porque os veados e coelhos a mantinham tosquiada.

Mesmo assim, ele olhou para o jardim japonês por outro longo momento, depois deixou seus olhos

percorrerem o terreno entre aqui e ali, procurando algo que pudesse indicar que ele não estava sozinho. Idris sabia que provavelmente estava sendo tolo; não restavam humanos, exceto aqueles que viviam com seus parceiros djinn em suas comunidades cuidadosamente protegidas. A última que vivia na natureza, por assim dizer, fora a jovem que tropeçara na propriedade de Hasan al-Abyad. Hasan foi provavelmente o último djinn que Idris jamais pensou que perderia seu coração para um humano, mas ele provou ser mais vulnerável do que se imaginava, e agora morava com sua mulher Jordan em Santa Fé.

De qualquer forma, até onde se sabia, Jordan era a última. Antes de ela emergir, nenhum outro humano havia sido visto por muitos, muitos meses, e enquanto Idris supunha que poderia haver um ou dois morando aqui e ali, ele pensava que as chances de alguém espreitar nas terras da Biblioteca Huntington eram tão baixas como para ser risível.

Mas então ele se lembrou da jovem - pouco mais do que uma garota, na verdade - a quem ele salvou

no momento em que o Calor começou a diminuir, com seu trabalho mortal realizado. Ele veio a essa área para inspecionar o Huntington como uma possível morada futura, já que ele, Ibram e Istar já haviam começado a considerar onde finalmente se estabeleceriam, embora soubessem que esse dia seria uma folga. Ele já havia rejeitado a mansão Van Derbilt na costa leste dos Estados Unidos por ser muito fria e muito grande, e havia feito o mesmo com o Hearst Castle na parte norte da Califórnia, enquanto, ao mesmo tempo, arquivava o design da piscina coberta para referência futura e tinha sido bastante grandioso, com seu azul cobalto e azulejo de ouro rico, e algo que ele pensou que poderia gostar de acrescentar à sua casa.

A Biblioteca Huntington, no entanto, parecia oferecer tudo o que ele queria - uma casa grande e bonita, motivos de beleza e diversidade requintadas, livros suficientes e arte de valor inestimável para manter até um djinn ocupado por algum tempo. Acrescente a isso o clima confortável do sul da

Califórnia, e ele achou que havia encontrado o lugar perfeito para fazer sua casa terrena.

Foi assim, enquanto fazia um tour pela área circundante - e determinava quantas casas nas imediações precisariam ser derrubadas - que ele encontrou a jovem aterrorizada que estava fugindo de Mahmoud al-Saqir, um dos o djinn que se designara juiz, júri e executor de quaisquer humanos infelizes o suficiente para serem imunes ao Calor. Embora Idris tivesse dito a si mesmo que deveria ficar fora de tais confrontos, ele encontrou sua resolução desaparecendo quando olhou para o rosto aterrorizado da mulher que estava prestes a um destino terrível. Algo o fez intervir, para impedir Mahmoud de dar o golpe fatal. Talvez houvesse um mero lampejo de gratidão nos grandes olhos azuis da fêmea humana, e então ela se virou e correu tão rápido quanto as ridículas sandálias que ela usava permitiriam.

Felizmente, tanto quanto Idris podia dizer, Mahmoud nunca reclamou com Istar e Ibram sobre a

interferência de seus colegas anciões, embora estivesse dentro dos direitos de Mahmoud fazê-lo. Os anciões concordaram que ficariam fora do caso, já que a maioria dos djinn decidiu que era seu desejo buscar a destruição da humanidade. Enquanto Idris mantinha suas próprias reservas sobre essa decisão, ele não se manifestou, não fez nada para impedir o genocídio... o que fez sua própria ação impulsiva em salvar a jovem muito estranha.

De tempos em tempos, desde então, ele se perguntava o que havia acontecido com ela. Em sua mente, ele inventou a fantasia agradável que ela de alguma forma aprendeu sobre os assentamentos humanos no norte do Novo México e chegou lá, embora ele tivesse que admitir para si mesmo que tal resultado não parecia muito provável, Los Alamos ficava muito longe de San Marino, e a mulher em questão não parecia ser o tipo de pessoa resistente que poderia sobreviver a uma jornada tão longa a pé, por milhares de quilômetros de território hostil onde ela poderia ser atacada. um djinn a qualquer

momento. Ela era muito esbelta, com traços delicados e uma queda de cabelos loiros pálidos - o tipo de cabelo quase calculado para atrair atenção.

Por causa desses fatores, ele sabia que as chances de sua sobrevivência eram muito pequenas. Tudo o que ele podia fazer era esperar que, qualquer que fosse o fim que ela tivesse encontrado, tivesse sido rápido. Ela era muito frágil para sobreviver a esse mundo novo e difícil, mas ele não queria pensar no sofrimento dela.

Essa noção o fez franzir a testa, e ele olhou para o jardim japonês novamente, sem ter muita certeza do que esperava ver. Agora tudo parecia imóvel, exceto por um par de corvos que haviam se assentado no topo do telhado e estavam inspecionando o ambiente a partir de sua nova posição nobre. Idris duvidava que tivessem sido tão avançados se houvesse um humano na vizinhança. De qualquer forma, ele deveria ter percebido isso, embora soubesse que sua habilidade inata djinn de saber quando estava na presença de um mortal só se estendia até agora. O jardim em

questão estava bem longe, muito além do limite de seus sentidos.

Além disso, ele sabia que realmente não importava. Mesmo se ele se transportasse de onde estava na varanda da casa principal até os degraus do lado de fora do jardim japonês, ele não sentiria nada. Ninguém esteve lá. Tudo o que ele viu foi um truque da luz e nada mais, não importa o quanto ele pudesse esperar por outra coisa.

Um tipo estranho de melancolia o invadiu e ele se virou e voltou para dentro da casa, fechando as portas francesas atrás dele. Essas eram fantasias tolas e nada mais. Ele estava em casa agora e sabia que precisava prestar atenção às mudanças que desejava fazer.

Ao mesmo tempo, ele não pôde deixar de pensar na inutilidade de tal empreendimento, em tentar criar um refúgio para si mesmo quando não teria ninguém com quem compartilhar.

Amber achatou-se contra uma das colunas que sustentavam a pérgola coberta de videira, mal ousando respirar. Havia alguém aqui no local. Quem, ela não sabia ao certo, porque tudo o que tinha conseguido era o vislumbre mais fraco de uma porta de sacada se fechando no segundo andar da casa principal, mas mesmo essa visão foi suficiente para deixar seu coração batendo forte, com medo de que, se desse um único passo, quem estivesse lá em cima descobriria onde estava se escondendo.

A própria culpa, realmente. Agora havia passado tanto tempo que ela sabia que tinha sido descuidada. Ela ia e voltava de seu esconderijo sob o centro de visitantes para o jardim japonês - ou o jardim chinês, ou o jardim do deserto, dependendo de seu humor - com tanta frequência que começava a acreditar que era perfeitamente seguro, que não havia mais ninguém nesta parte do mundo para anotar suas idas e vindas.

Bem, obviamente, ela estava errada.

Amber mudou uma fração de polegada e olhou para a impressionante mansão com suas fileiras de colunas dóricas e as sebes das caixas colunares - não tão bem aparadas agora depois de dois anos de negligência - que flanqueavam sua ampla galeria. Até onde ela sabia, tudo estava quieto lá; as janelas estavam fechadas e ela não conseguia detectar o menor sinal de qualquer movimento lá dentro.

Mesmo assim, ela sabia o que tinha visto. No entanto, ela também sabia que não poderia ficar aqui para sempre, escondendo-se debaixo de uma árvore de uva. Mais cedo ou mais tarde, ela teria que voltar ao seu esconderijo no porão, apenas para recolher suas coisas para que ela pudesse dar o fora daqui.

Ela fechou os olhos, respirou fundo, depois o expulsou e abriu os olhos novamente. Hora de ir. Ela teria que fazer isso rápido.

Os últimos dois anos a ensinaram a ser rápida e silenciosa. As botas de caminhada que ela usava provavelmente não eram os melhores tênis de corrida do mundo, mas ainda eram mundos melhores do que

estiletes ou chinelos. Ela partiu do lugar onde se escondera como se um iniciante tivesse disparado uma arma, correndo como se sua vida dependesse disso.

Talvez sim.

Ela teve um momento ou dois de bater o coração quando não teve escolha a não ser se abrir, pois os caminhos que se estendiam entre a sala de exposições principal e o centro de visitantes atravessavam gramados largos com muitas poucas árvores, mas ela conseguiu ir para a porta sem incidentes, depois correu para dentro e desceu as escadas o mais rápido que pôde. Ou melhor, ela se moveu muito mais rapidamente do que normalmente faria durante um retorno para casa, embora não tão rápido que arriscou tropeçar nos degraus e cair e se machucar. Até agora, ela conseguiu sobreviver sem muito mais do que algumas contusões e um tornozelo tenso que picou quando andava pelo jardim do deserto e pisou em uma pedra que deslizava sob seu pé descuidado, fazendo-a perder o equilíbrio e torcer o tornozelo

direito. No entanto, ela sabia que um corte não tratado, um osso quebrado poderia ser suficiente para acabar com ela. Não era como se ela tivesse alguém por perto para ajudá-la se ela se machucasse.

Assim que voltou para o esconderijo e fechou a porta, empurrou a cadeira do escritório que usava nos últimos dois anos como medida de segurança adicional sob a maçaneta, Amber sentou-se no colchão inflável e puxou uma respiração afiada. Agora que ela estava em um lugar relativamente seguro, ela começou a se perguntar se havia inventado aquele lampejo de movimento que pensava ter visto.

— Poderia ter sido a sombra de um pássaro—, disse ela, falando em voz alta. Nos últimos anos, ela adquiriu o hábito, principalmente porque era melhor conversar consigo mesma do que viver a vida inteira em completo silêncio. É claro que ela estava quieta quando estava do lado de fora, mas aqui, dois andares abaixo, ela realmente não via o mal.

— Havia aqueles corvos rondando no jardim japonês.

Ela viu o par enquanto estava sentada do lado de fora no banco, tomando banho de sol. Nenhum dos grandes pássaros pretos pareceu especialmente feliz em vê-la ali, mas eles também pareciam saber que ela não lhes causava dano e se afastaram preguiçosamente depois de passar alguns minutos no telhado da casa. Eles poderiam ter ido para o salão principal de exposições, poderiam estar sentados ao sol em uma das varandas. De fato, quanto mais ela pensava, mais esse cenário em particular fazia sentido. Era meio bobo imaginar que alguém poderia estar vagando pela antiga mansão de Henry Huntington, especialmente depois de tanto tempo passar.

Toda a instalação possuía um sistema de segurança de ponta e uma equipe de guardas de segurança muito bem treinados, mas os guardas haviam passado para o pó junto com o resto da população do mundo, de modo que o museu estava aberto sempre que ela vinha aqui. E sem eletricidade, todas as câmeras e sensores de alta tecnologia do

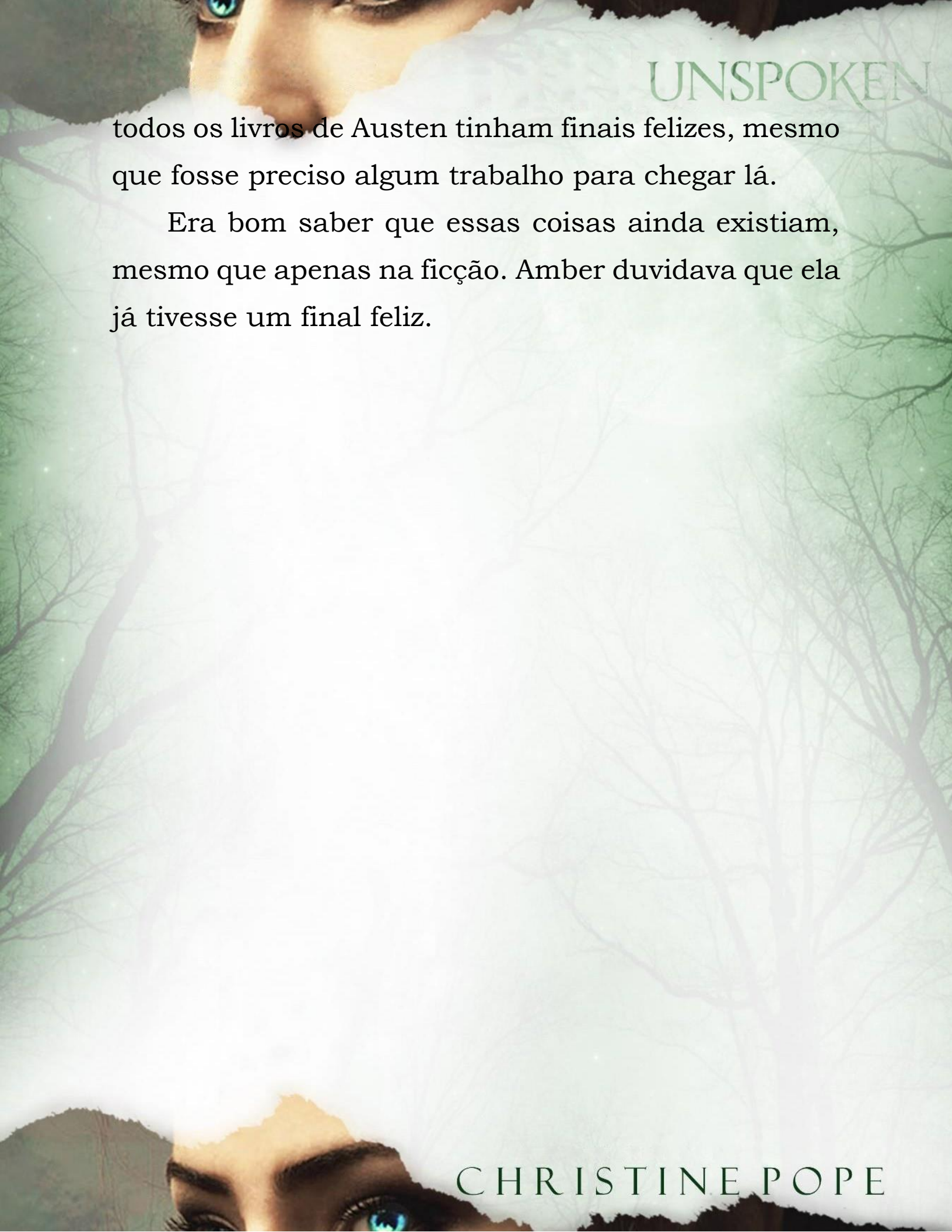
mundo não podiam funcionar, então ela sempre passava bem no salão de exposições principal ou em qualquer uma das galerias menores localizadas no local. Na verdade, ela nunca passara muito tempo na casa principal, principalmente porque era irritante o suficiente ficar sozinha no mundo sem vagar por um lugar onde ela sentia como se os olhos pintados dos retratos estivessem sempre fixos nela, observando. Ela garantiu que todas as portas estavam seguras para que animais selvagens errantes e chuva ou umidade não pudessem entrar em nenhum dos prédios, e a maioria deixava assim.

Não, ela deve ter visto os corvos, ou talvez algum outro tipo de pássaro. Deus sabe que os jardins estavam ocupados com todos os tipos de animais selvagens alados, desde uma família de patos que se estabeleceram na lagoa do jardim chinês até uma variedade de pardais e gaios-azuis e as adoráveis phoebes negras com seu picador pouco pontudo. cabeças.

Ela se assustou, mas foi só isso. De certa forma, Amber não podia estar com muita raiva de si mesma. Pelo menos ela acabara de provar que poderia voltar ao seu esconderijo em tempo recorde. Isso tinha que contar para alguma coisa.

Tão satisfeita - ou pelo menos não tão irritada - ela pegou os livros que ele estava lendo, uma rara primeira edição de *Sense and Sensibility*. A biblioteca estava cheia de livros assim, volumes que provavelmente deveriam ter sido mantidos trancados em uma livraria antiga, mas que estavam nas prateleiras cheias aqui como se não fossem mais especiais do que um monte de velhos livros de bolso de Dan Brown ou algo assim.

No ensino médio, ela não tinha muito uso para Jane Austen, mas agora Amber encontrou algo curiosamente reconfortante na sagacidade tão evidente nas palavras da autora, seus comentários expressivos na classe alta e nobres menores que povoavam as páginas de os livros dela. Além disso,



UNSPOKEN

todos os livros de Austen tinham finais felizes, mesmo que fosse preciso algum trabalho para chegar lá.

Era bom saber que essas coisas ainda existiam, mesmo que apenas na ficção. Amber duvidava que ela já tivesse um final feliz.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO TRÊS

Ele dormiu na cama no enorme quarto principal - ou melhor, ele adquiriu um colchão novo para caber na cama requintadamente esculpida e dormiu com isso - e acordou revigorado, sentindo uma brisa fresca em seu rosto da janela na parede oposta. O dia estava ensolarado e prometia estar confortavelmente quente mas não tão quente, uma bênção nesta manhã de outubro. Em outras partes do mundo, as folhas virariam, mas aqui em San Marino, a exibição do outono não chegaria por mais de um mês.

Depois que ele se levantou da cama e foi até a janela, Idris encontrou seu olhar novamente atraído para o jardim japonês, mesmo que ele não tivesse nenhuma razão real para estar olhando naquele local. Certamente, ele não havia detectado nenhum movimento estranho, nada que o fizesse pensar que não estava sozinho aqui em sua pequena demonstração.

Bem, depois de tomar banho e comer, ele passeava pelos jardins e via o que podia ver.

Os banheiros da casa haviam sido fechados ao público e nunca atualizados, mas isso não era um impedimento real. Um aceno da mão era tudo o que a situação exigia e, num piscar de olhos, todos os equipamentos foram atualizados, a tinta renovada e o azulejo antigo substituído. Não havia água ou eletricidade aqui por dois anos, mas, novamente, isso não impedia um djinn. Logo, ele ficou parado sob uma corrente de água quente, lavando o cabelo e o corpo, respirando o aroma quente do xampu e sabão que conjurara para seu uso.

O café da manhã era igualmente simples. Sentou-se à cabeceira da enorme mesa da sala de jantar e imediatamente apareceu um copo de porcelana na mão, enquanto um prato com croissants amanteigados - que ele havia desenvolvido uma fraqueza há algum tempo - apareceu existência antes dele, um prato que também continha frutas frescas e bacon e um ovo cozido.

Depois que ele consumiu essa refeição, o copo, o prato, o garfo e o guardanapo desapareceram de onde haviam chegado, e Idris pensou que era hora de explorar. Ele saiu por uma das portas francesas que se abriam para a varanda e ficou do lado de fora por um momento, respirando o ar fresco da manhã e permitindo-se apreciar o céu azul e azul no céu, no qual os menores sopros de nuvens brancas flutuavam preguiçosamente.

Sim, ele tinha chegado ao lugar certo.

Um caminho se afastou dos degraus para um lado da varanda, e ele foi para lá, andando devagar, permitindo-se fazer um breve desvio para o jardim de Shakespeare, que havia sido construído para imitar os espaços ao ar livre cuidadosamente modelados do mundo renascentista inglês deste mundo. Todas as camas estavam terrivelmente cobertas de vegetação, mas a natureza selvagem não incomodava Idris. Em vez disso, ele os considerava um projeto que empreenderia em um futuro próximo. O mesmo ocorre com a erva em frente ao pequeno complexo que

abrigava os vários restaurantes da instalação; precisaria de alguns cuidados para trazê-lo de volta à sua antiga glória, mas, na verdade, o que mais ele tinha a ver com seu tempo?

De lá, ele caminhou até o jardim japonês, observando enquanto percorria a enorme videira glicínia que cobria uma pérgola próxima. Deve ser uma visão bastante agradável na primavera, e ele se viu desejando pular o inverno que se aproximava para poder testemunhar os jardins em toda a sua glória. Infelizmente, acelerar o tempo era um poder que nem os djinn possuíam.

Por enquanto, ele se permitia beber a beleza do ambiente, o brilho do sol na superfície da lagoa, a maneira como os galhos do salgueiro se arrastava ao longo da água, o leve e feliz roçar dos sapos em seus lírios. Acima e acima da ponte da lua, e na elegante casinha japonesa em sua pequena colina. Para sua surpresa, muitas das árvores de bonsai em seu pátio fechado pareciam ter sobrevivido, embora elas, como

tudo o mais aqui, precisassem urgentemente de uma boa poda.

Os painéis deslizantes que protegiam o interior da casa dos elementos estavam todos fechados, e Idris os encarou por um momento, franzindo a testa. Ele supôs que alguém que trabalhava no local pudesse ter tido a presença de mente para fechá-los antes de sucumbir ao calor, mas parecia estranho que um mortal se preocupasse com esse detalhe enquanto morria de febre febril. Se a doença varreu a população durante a semana, ele poderia ter especulado que os jardins não haviam sido abertos ao público. No entanto, ele sabia muito bem que a febre começara a se espalhar na sexta-feira e, portanto, esse local deveria estar cheio de turistas.

Balançando a cabeça, ele deu a volta para a frente da casa, para a pequena porta coberta. Lá, ele viu algo que o fez parar mais uma vez.

Nas tábuas de madeira que cobriam o chão havia uma pegada pequena, mas definida, como se alguém tivesse andado no cascalho empoeirado do outro lado

da estrutura antes de vir para cá. Idris cuidadosamente colocou seu próprio pé ao lado dele para fins de comparação, observando que o dele era muito maior. A impressão deveria ter sido feita por alguém menor que ele, provavelmente uma mulher ou uma criança.

A impressão poderia estar aqui o tempo todo, ele pensou, mas ele quase imediatamente rejeitou essa noção. Mesmo em um local coberto como esse, como uma pegada poderia permanecer intacta por mais de dois anos de vento e chuva? Ajoelhou-se e tocou-o com o dedo indicador, depois olhou para a ponta dos dedos. Estava definitivamente empoeirado, o que parecia indicar que a sujeira fina e sedosa havia sido deixada aqui recentemente. Caso contrário, deveria ter sido deslumbrado pelos ventos quentes e secos que varreram a área apenas alguns dias antes.

Idris se endireitou e olhou em volta, a mão protegendo os olhos contra o brilho do sol no céu. Não havia absolutamente nada na paisagem para mostrar que alguém esteve aqui no passado recente, mas ele

sabia que isso não significava muito. Mais uma vez, ele pensou no clarão pálido que vislumbrara aqui no dia anterior.

A garota que ele salvou dois anos atrás possuía cabelos extremamente claros, quase pálidos como linho.

Ela não poderia estar viva, no entanto. Isso era impossível.

Ou... não era?

Ele já havia resolvido andar pelos jardins, mas agora ele tinha um novo propósito. Deixando o jardim japonês, ele fez um circuito cuidadoso de toda a propriedade, através do jardim australiano, em torno das lagoas de lírios, passando pela trama do deserto com seus estranhos espécimes de cactos e frágeis e atravessando as palmeiras antes de parar na passarela pelo rio. Centro de Visitantes. Durante todo esse período de tempo, que o levou mais de uma hora, ele continuou a se aproximar com seus sentidos djinn, tentando em vão captar até mesmo a menor

sugestão de que alguém além dele pudesse estar presente nas rondas do museu.

E nada.

Franzindo a testa novamente, ele se moveu em direção ao centro de visitantes, imaginando se a pessoa que ele procurava poderia estar escondida em algum lugar dentro do grande edifício. Se fosse esse o caso, levaria algum tempo para localizá-la, já que, presumivelmente, ela deveria conhecer a estrutura parecida com a de uma guerra muito melhor do que ele.

Ainda assim, ele não tinha nada a perder tentando, exceto um pouco de tempo. Tempo, que ele tinha em abundância.

Agora decidido, Idris subiu os degraus da porta da frente do centro de visitantes. Estava destrancado, o que não o surpreendeu; o calor havia atingido rápido demais para alguém garantir a instalação. No entanto, embora se esperasse que o espaço fosse preenchido com as pequenas pilhas de poeira cinzenta que os humanos deixaram para trás depois

que a febre terminou de consumi-los, eles pareciam estar claramente ausentes. Ah, o lugar estava empoeirado o suficiente, como deveria ser depois de dois anos de negligência, mas apenas o tipo comum de poeira estava nas mesas e a enorme mesa na área de recepção.

Caso contrário, nada parecia perturbado. Ele se moveu para trás da mesa e pegou uma das brochuras de lá, esperando que isso lhe dissesse algo sobre o layout do edifício, mas apenas forneceu um mapa dos jardins em geral e destaques das várias coleções, nada que o ajudasse aqui. E enquanto as janelas na frente do prédio e a enorme claraboia abobadada no teto forneciam luz natural aos espaços públicos, ele imaginou que precisaria de um pouco de assistência se mergulhasse nos níveis mais baixos da estrutura.

Uma grande lanterna apareceu em uma mão e ele avançou, procurando uma escada. Ele passou por um elevador, mas teria sido forçado a usar sua própria energia para operá-la, e achou prudente economizar seus poderes para coisas melhores.

Uma leve pontada em algum lugar atrás de seus olhos informava sobre a presença do humano uma fração de segundo antes de uma porta abrir alguns passos à sua frente. Por um momento chocado, grandes olhos azuis que ele lembrava muito bem encontraram seu próprio olhar assustado. Ela ficou parada na porta, a mão ainda apoiada na maçaneta, toda a sua forma praticamente vibrando de medo.

Sim, foi a garota que ele salvou, mas mudou muito, ele não tinha certeza se a teria reconhecido se não fosse por seus olhos. Antes, ela era esbelta, mas agora era magra, os ossos de seu rosto bonito de porcelana afiados, sombras azuladas sob seus enormes olhos. Seu cabelo pálido estava desgrenhado e sujo, puxado para trás em um rabo de cavalo bagunçado. E, em vez da saia curta e da blusa justa que ela usava quando fugiu dele naquela tarde quente, há dois anos, ela usava uma calça folgada azul que os mortais chamavam de jeans, juntamente com uma camisa disforme e uma aparência profissional botas nos pés.

Ela levantou a mão da maçaneta e foi para a garganta.

— O que...? — A palavra saiu em um sussurro enferrujado, e ela balançou a cabeça e recomeçou, a voz um pouco mais forte desta vez.

— Você é real?

— Sim, — respondeu Idris, uma pontada de pena inesperada se movendo através dele.

— Qual é o seu nome?

— Amber. — Ela tropeçou nas sílabas, como se tivesse passado muito tempo desde que ela teve que dizer seu nome em voz alta.

E é claro que tinha sido. Dois anos inteiros, apenas um piscar de olhos para um djinn, mas provavelmente uma eternidade para uma mulher sozinha.

— Você esteve aqui esse tempo todo? — Ele perguntou, certificando-se de manter seu tom suave.

— Sim, — ela respondeu. — Desde então você me resgatou. — Ela ergueu a cabeça e ele pensou ter visto a cor brilhar em suas bochechas pálidas e finas.

— Era você, não era?

— Sim, — ele disse simplesmente.

— Por que você está aqui?

Uma boa pergunta Ele poderia lhe dar uma resposta, mas isso só levaria a mais perguntas. E, no entanto, como ele acabara de dizer a si mesmo, tinha tempo de sobra para responder a essas perguntas, desde que não fossem muito desconfortáveis.

— Esta é minha casa agora.

Os olhos dela se arregalaram e ela olhou para o corredor, passando por ele, para a sala principal aberta e iluminada do centro de visitantes.

— Aqui?

Ele não pôde deixar de sorrir um pouco.

— Bem, não aqui exatamente. A casa principal.

— Você está morando em uma galeria de arte?

— Era uma casa uma vez e agora é uma casa novamente. Deixe-me te mostrar.

Ela tinha que estar sonhando. Ou talvez ela realmente tivesse caído da escada e batido com a

cabeça, e agora estava deitada no patamar com uma concussão, alucinando que provavelmente o homem mais lindo que ela já vira a estava levando para fora do centro de visitantes e para o salão principal de exposições.

Mas o sol estava quente em seu rosto, e o vento que tocava seus cabelos bagunçados parecia real também. Esse pensamento a fez lembrar que desastre absoluto ela deveria parecer agora. Quando ela estava sozinha, isso não parecia importar muito. Agora, você está ...

O estranho estava dizendo que seu nome era Idris. *Como Idris Elba*, ela pensou, embora esse homem, apesar de ser igualmente lindo, definitivamente não fosse preto. Talvez do Oriente Médio; ele tinha cabelos e olhos escuros e pele morena, e tinha um leve sotaque, um que a lembrava de um sujeito saudita que ela conhecera na USC.

Bem, príncipe saudita, para ser mais preciso. Um príncipe muito menor, mas ainda rico o suficiente para ter um guarda-costas que ia com ele para as

aulas. De qualquer forma, Reza tinha esse mesmo tipo de sotaque, principalmente o internato britânico, muito pobre, mas com uma entonação fraca que cantava suas raízes sauditas.

— Você também é imune? — Amber perguntou, se perguntando se isso parecia rude. Mas, então, Idris tinha que ser imune, assim como ela, ou ele seria uma pilha de poeira com aproximadamente sete bilhões de outras pilhas.

— Eu pensei que era a única.

O sorriso que ele deu a ela era hesitante, mas também de alguma forma triste. Mas isso não foi tão estranho, foi? Afinal, a morte de bilhões de pessoas foi uma razão suficientemente grande para ser extremamente triste.

— De certa forma, — disse ele, depois parou.

— Tentarei explicar tudo para você mais tarde. Por enquanto, porém, não seria melhor você ficar limpa e comer alguma coisa?

A oferta parecia terrivelmente presunçosa da parte dele. Então, novamente, ela tinha olhos e um

nariz; ela sabia que estava horrível e não cheirava muito melhor. As palavras dele afundaram, e ela o encarou em choque.

— Você tem água quente? Seriamente?

— Sério, — ele repetiu, um canto da boca se curvando um pouco.

— Toda a água quente que você poderia querer e a refeição real depois. Isso soa bem?

Parece bom? Ela não sabia quem diabos ele era - ou o que ele era, mais importante - mas naquele momento, ela poderia ter jogado os braços em volta dele e o beijado. Bem, se ela não tivesse sido uma bagunça fedida e furiosa, é claro.

— Isso parece ótimo, — ela respondeu.

— Eu nem sabia que havia um banho em casa. Eu pensei que eles fecharam tudo isso quando o transformaram em um museu.

— Eles fizeram, — disse Idris.

— Fiz algumas melhorias.

Essa observação fez Amber levantar as sobrancelhas, embora ela dissesse a si mesma que

quem se importava com a Biblioteca Huntington havia morrido dois anos antes. Se Idris queria tomar um banho quente - inferno, se ele quisesse colocar uma boate - isso era uma espécie de prerrogativa dele, não era?

Ela o seguiu através da varanda e subiu os degraus que levavam à galeria principal. Quando ele abriu as portas francesas para ela, ela viu que o interior não parecia muito alterado - todos aqueles enormes retratos antigos ainda ocupavam as mesmas posições, e as paredes tinham o mesmo verde escuro. A iluminação da pista desapareceu, substituída por uma série de claraboias no alto, e o piso de madeira estava agora coberto pelo maior tapete persa que ela já vira.

— Por aqui, — ele disse.

Eles subiram a escadaria e entraram no segundo andar. Novamente, muitos itens e fotos pareciam ter permanecido nos mesmos lugares; Idris simplesmente removeu os postes e os emblemas das várias obras de arte.

— Eu apenas refiz o banheiro, — ele disse a ela quando entraram no quarto principal.

— Você pode usá-lo por enquanto.

O que ele quis dizer com aquele vagamente ameaçador — por enquanto, — Amber não tinha certeza, mas ela decidiu aceitar o comentário dele pelo valor de face. A atração de um banho quente era simplesmente forte demais.

— E aqui está você, — ele continuou abrindo a porta do banheiro. — Demore o tempo que quiser - não há perigo de a água quente acabar. Vou esperar por você na sala de jantar.

— Obrigado, — disse ela. Tudo bem, era simplesmente muito estranho que esse cara aparecesse do nada depois de dois anos e depois lhe oferecesse um banho, mas ela afastou a estranheza da melhor maneira possível. Ela absolutamente precisava se limpar. Tudo o resto era secundário.

Ele assentiu e fechou a porta, e ela se virou para observar o ambiente. As paredes e o piso do banheiro eram de mármore branco, e um conjunto das toalhas

brancas mais fofas que ela já vira - ainda melhor do que as de algodão egípcio importado e básico que sua mãe costumava enviar por correio - penduradas em níquel escovado. prateleira. Tapetes de banho fofos correspondentes estavam no chão ou no chão. O chuveiro em si era um enorme recinto com uma parede de vidro de um lado e acessórios suficientes embutidos no mármore para provavelmente lavar três pessoas ao mesmo tempo.

De onde tudo isso veio? Os equipamentos pareciam novos, pouco utilizados. Amber supôs que Idris poderia ter instalado tudo sozinho, mas como ele conseguiu realizar um projeto de construção sem que ela notasse pelo menos alguma coisa do que estava acontecendo?

Como tantas outras coisas em seu mundo, ela teria que arquivar isso para um exame futuro. Por enquanto, o mais importante era tirar as roupas imundas e jogá-las no chão, depois entrar no chuveiro e girar timidamente a alça para fazer a água correr.

Ao mesmo tempo, ele saiu dessas cabeças múltiplas, abençoadamente quentes em sua carne nua.

Oh, Deus, a sensação da água caindo sobre ela era quase orgástica, especialmente depois que ela pegou o frasco de xampu que estava sentado em uma das prateleiras embutidas e amassou nos cabelos, uma vez, duas vezes, três, quatro vezes. Por fim, parecia bastante limpo o suficiente para que ela pudesse passar para o condicionador e deixá-lo penetrar nos fios danificados enquanto ensaboava cada centímetro de seu corpo repetidamente.

Ela podia jurar que não tinha visto a navalha quando pegou o sabonete, mas disse a si mesma que estava tão preocupada em se limpar que simplesmente ignorou. Era o céu para tirar o cabelo de suas pernas e axilas, para finalmente começar a se sentir como ela mesma novamente.

Quando ela saiu do chuveiro, havia uma túnica branca imaculada pendurada no gancho na parte de trás da porta. Mais uma vez, ela não se lembrava de estar lá antes, mas isso realmente importava? Pelo

menos assim, ela não teria que colocar suas roupas sujas de volta em cima de sua pele limpa e brilhante.

Era como estar em uma suíte em um hotel cinco estrelas... não importa que hotéis cinco estrelas fossem provavelmente uma coisa do passado, assim como o resto do mundo de luxo que ela conhecera. Em uma gaveta, Amber encontrou um pente de madeira com dentes largos e passou-o pelo cabelo, que ainda tinha alguns nós, apesar do condicionador, no qual ela deixou ficar por pelo menos cinco minutos. Mas os nós saíram rápido o suficiente e, uma vez que ela terminou essa tarefa, localizou loção para o corpo e soro sob a pia. Tanto a loção para o corpo quanto o soro eram marcas que ela usara uma vez, e ela franziu a testa enquanto espalhava a loção nos braços e pernas, passando o soro nos cabelos. De todas as marcas de produtos de beleza do mundo, como teria Idris conseguido os que ela preferia?

Outro mistério. Amber balançou a cabeça, depois bisbilhotou um pouco mais, procurando um secador de cabelo. Não parecia haver um, e ela deu de ombros.

Em sua antiga vida, ela secou o cabelo e depois o enrolou com cuidado, mas sua textura era ondulada por conta própria. Ela só teria que deixar secar naturalmente; o soro ajudaria com isso.

Hidratante, protetor labial colorido e rímel esperavam por ela dentro do armário de remédios espelhados e, uma vez dentro, ela se viu balançando a cabeça. Na maioria das vezes, ela usava muito mais maquiagem do que isso, mas depois de alisar o hidratante na pele e aplicar o protetor labial e o rímel, ela teve que admitir que se sentia mais como ela mesma do que desde então... desde o que quer que tenha acontecido.

Quando saiu para o quarto, encontrou um par de jeans e uma blusa branca de renda com mangas de anjo em cima da cama, junto com um sutiã de renda branca e calcinha combinando. Tudo ainda tinha etiquetas - das Macy - fazendo Amber se perguntar se todas essas coisas tinham vindo da loja a apenas uma milha de distância, na Lake Avenue, em Pasadena. Essa parecia ser a explicação mais plausível, mas

como eles chegaram aqui em primeiro lugar? Mesmo que Idris a tivesse avaliado, pulado em seu carro e dirigido até a loja de departamentos para comprar roupas novas, ele não poderia ter chegado lá e voltado para cá tão rapidamente. Além disso, ela tinha tomado banho, mas ainda achava que o teria ouvido entrar e sair no quarto.

Apesar das implausibilidades envolvidas, ela imaginou que essa era a explicação mais razoável. E tudo bem, era um pouco assustador que ele conseguisse descobrir o tamanho dela apenas olhando para ela, mas ela não iria reclamar, não quando ela estava limpa pela primeira vez em mais tempo do que queria contar, não quando ela estava vestindo roupas novas e bonitas. Talvez a blusa fosse um pouco boêmia para o seu gosto, mas quando ela olhou no espelho, ela percebeu que ela combinava com ela, assim como as sandálias de prata simples que haviam sido deixadas para ela junto com todas as outras roupas.

Mas caramba, ela era magra. E pálida... muito pálida, apesar do tempo que passara ao sol no outro dia. O batom rosa ajudou um pouco, mas ela ainda parecia cansada.

Franzindo a testa, ela beliscou as bochechas para trazer um pouco de cor nelas, depois alisou a blusa. Suas unhas estavam limpas pelo menos, embora ela odiasse o quão baixas elas eram. Ela havia roubado tosquiadoras e placas de esmeril dos Walgreens locais em uma de suas expedições de limpeza e tentara mantê-las o mais arrumadas possível.

No entanto, ela ainda tinha os brincos de argola de diamante que usava no dia em que o mundo acabou, e o anel de diamante e pulseira de safira rosa que Tyler lhe dera no Natal. Amber honestamente nem sabia por que ela usava o anel naquele dia, exceto que lhe dava uma espécie de satisfação sombria saber que ele provavelmente gastou muito mais com isso do que podia pagar. Serviu bem, o imbecil.

De qualquer forma, graças aos brincos e ao anel, ela parecia um pouco arrumada. Seu cabelo estava secando em ondas bonitas e onduladas também. Cabelo de sereia, sua amiga Kelly costumava chamar. O que parecia divertido, mas não tinha sido o estilo, e por isso Amber nunca usava o cabelo natural. Nesse momento, porém, ela não tinha muita escolha.

Ela virou-se para a porta, hesitando um pouco agora que não tinha mais nada para atrasá-la ao descer as escadas. Uma coisa era ficar aqui e dar uns amassos no cabelo e na roupa, como se ela estivesse saindo em um encontro ou algo assim, mas não era um encontro. Idris estava esperando por ela, provavelmente para lhe contar algo do que havia acontecido com o mundo durante o tempo em que esteve escondida no porão do centro de visitantes. No entanto, ela não sabia se realmente queria ouvir as explicações dele ou não... assim como não tinha certeza se queria saber a verdade sobre ele. Ele estava agindo de maneira amigável o suficiente, mas, apesar de dois anos se passaram, ela não havia esquecido

como ele pairava no ar, exatamente como em outro homem voador. Ela não sabia quem ou o que ele era, e ainda assim imaginou que ele tinha que ser algo mais do que um ser humano comum da variedade de jardins. Ninguém que ela conheceu poderia flutuar no ar assim, sem cinto, sem mochila, sem nada.

O que significava que provavelmente havia algo mais acontecendo, algo que ela provavelmente acharia perturbador. Nos últimos dois anos, ela gastou uma quantidade considerável de energia mental analisando o problema antes de decidir que não valia a pena enlouquecer. Claramente, ele não tinha sido capaz de localizá-la, então ele não era todo-poderoso, tudo que via ou sabia.

Então, novamente, ele obviamente a encontrou hoje.

Ela tinha a sensação de que estava prestes a aprender o porquê... gostasse ou não.

CAPÍTULO QUATRO

Ao som dos degraus de Amber no corredor do lado de fora, Idris se levantou de onde estava esperando na mesa da sala de jantar e a viu entrar. Ela levantou a cabeça e ela lhe ofereceu um sorriso amigável quando se aproximou da mesa, mas ele ainda sentia algo cauteloso sobre ela, algo que o fez acreditar que ela fugiria se tivesse a oportunidade.

Bem, ela poderia tentar, mas não iria muito longe.

Por um momento, ele ficou simplesmente feliz em observar como ela parecia melhorada, embora ainda estivesse magra demais, pálida demais. Agora que a sujeira se fora, ele pôde ver mais uma vez a delicadeza de seus traços, a curva de sua linda boca, muito mais exuberante do que ele se lembrava. As roupas que ele adquiriu para ela se encaixavam muito bem, e ela parecia confortável nelas. A princípio, ele pensou em comprar um vestido para ela, mas depois percebeu que isso poderia parecer presunçoso, pois a maioria das mulheres mortais parecia ter vivido em jeans

azul, em vez de vestidos e saias muito mais lisonjeiros.

— Sentindo melhor agora? — Ele perguntou.

Ela assentiu, mas ele notou o modo como ela tocava a bainha de sua camisa com uma leve carranca puxando suas sobrancelhas graciosas. — Estou, — ela respondeu antes de acrescentar, seu tom quase desafiador.

— Onde você conseguiu as roupas?

— De uma loja próxima, — disse ele, o que era verdade.

Essa resposta a fez acenar para si mesma, como se ele tivesse acabado de confirmar algo que ela adivinhou.

— Como você os conseguiu tão rapidamente? Eu conheço a loja de que você está falando, e isso levaria quase vinte minutos de ida e volta, mesmo sem ter que passar pela loja para encontrar as coisas que você estava procurando.

*Vinte minutos de carro, certamente, pensou Idris.
A maneira como djinn viajamos... não tanto.*

— Por que você não se senta? — Ele respondeu, ignorando o comentário dela.

Sua boca se contraiu, mas ela ergueu os ombros, que pareciam quase práticos antes de se aproximar da mesa e puxar uma das cadeiras. Atrasado, ele percebeu que deveria ter conseguido isso por ela, mas era difícil lembrar de todos os costumes que os humanos haviam praticado.

— Esperando companhia? — Ela perguntou ironicamente, seu olhar percorrendo o comprimento da enorme mesa.

É verdade que essa sala de jantar e os móveis haviam sido construídos em grande escala para acomodar muitos clientes. Amber parecia bem pequena, sentada na cadeira de encosto alto, enquanto mais uma dúzia de cadeiras se arqueavam pela mesa.

— Não, — ele disse, depois se sentou também.

— Suponho que parece bastante para nós dois.

Os olhos dela encontraram os dele e não vacilaram.

— Existe mais alguém no mundo para sentar em uma mesa como esta, ou é realmente apenas... 'nós dois'?

Mais uma vez, ele ficou impressionado ao perceber que ela não sabia nada do que havia acontecido nos dois anos seguintes, havia se escondido tão habilmente que ela não podia ter uma ideia real de como o mundo realmente mudou.

— Presumo que você esteja com fome, — disse ele, fugindo da pergunta por enquanto.

Amber cruzou as mãos no colo e olhou para ele, traços delicados quase inexpressivos. Ele teve a impressão de que ela estava medindo sua medida de alguma forma, tentando determinar exatamente o que ele pretendia por tê-la aqui.

Bem, isso era algo que ele ainda não conhecia.

— Morrendo de fome, — disse ela francamente.

Ele podia imaginar. Ela parecia que não comia nada decente para comer há muito tempo. E embora ele tenha experimentado uma boa quantidade de alimentos que este mundo já havia oferecido, ele não

queria fornecer nada que fosse muito pesado, muito difícil para ela digerir após um período tão prolongado de comer apenas o suficiente para se manter vivo.

Um aceno de mão e diante dela apareceu um prato de pão, queijo e frutas. Seus olhos se arregalaram, e o olhar que ela deu a ele era de medo e reverência.

Voz quase acima de um sussurro, ela perguntou: — Como você fez isso?

— Vou lhe dizer, mas primeiro, coma algumas frutas e um pouco de pão. Não será um choque para o seu sistema.

Ela hesitou por um segundo, depois pegou o garfo que aparecera ao lado do prato e espetou um pedaço de morango fatiado. Seus olhos se fecharam enquanto mastigava, como se precisasse de todo o seu foco para se concentrar no sabor que enchia sua boca. Havia algo estranhamente satisfatório em ver os músculos delicados de sua garganta se moverem enquanto ela engolia, e depois de um momento, Idris se desviou o olhar. Ele sabia que não deveria ficar tão fascinado

por ela, pela maneira graciosa como ela largou o garfo e partiu um pedaço de pão, depois o consumiu também. Certamente alguém tão faminto quanto ela deveria ter entrado na comida, tentado comer o máximo que podia, o mais rápido que podia. Mas ela se sentou lá e comeu com delicadeza e generosidade, como se estivesse em um restaurante elegante.

Depois de outro momento, e ela comeu mais pão, queijo e frutas, ela pegou o copo de água que ele também fez aparecer pelo prato. Vários goles de água, e então ela disse: — O que você é, Idris?

— Por que você pergunta isso?

Ela largou o copo e cruzou as mãos no colo. A maior parte da comida que ele chamou por ela permaneceu intocada, mas ela ignorou, seu olhar ainda fixo nele.

— Eu sei que faz dois anos, mas ainda me lembro de como eu te vi flutuando no ar. Eu assisti você parar aquele outro homem - quem quer que ele fosse - de me atacar. E agora, a comida - e essas roupas - e água quente sem fim em um banheiro que nem deveria

existir. Quando alguém vestido como um membro do elenco de *The King* aparece e começa a conjurar coisas do nada, isso meio que faz uma garota se perguntar.

Embora ele não tivesse ideia do que era — o rei e eu, — o tom meio confuso e meio cauteloso de Amber parecia bastante claro. Este mundo pertencia ao seu povo agora, então Idris não via razão para esconder a verdade dela.

— Eu sou um djinn, — ele disse simplesmente.

Por um segundo, ela não disse nada, apenas ficou lá e olhou para ele. Quando ela falou, foi com um tom meio irônico em sua voz, como se ela não conseguisse acreditar no que ele acabara de dizer.

— Você quer dizer como um gênio? Com uma lâmpada mágica?

Às vezes, Idris desejava que essa lenda nunca tivesse surgido. Segurando um suspiro, ele disse: — 'Gênio' é uma maneira de dizer isso, suponho, mas nunca houve nenhuma lâmpada mágica.

— Que pena, — ela observou. — Eu sempre gostei dessa história. — Ela pegou o garfo novamente e selecionou outra fatia de morango.

— Você parece humano.

— Sim nós fazemos.

Esse comentário a fez inclinar a cabeça para um lado. Seu cabelo era realmente extraordinário, tão sedoso e pálido, caindo em delicadas ondulações em torno de seus ombros magros. — 'Nós'? — Ela repetiu.

— Quantos de vocês tem lá?

— Um número, — ele respondeu cautelosamente.

— O suficiente.

— Essa não é uma resposta real.

Não foi não. Entrelaçou os dedos e desejou ter convocado um pouco de vinho. Mas não, refugiar-se na bebida não tornaria essa conversa mais fácil.

— Cerca de vinte mil, mais ou menos.

— Por que eu não vi você ou qualquer outro djinn, então? Quero dizer, exceto pela primeira vez.

— Porque eu tinha outros assuntos que me impediram de me estabelecer em minha casa escolhida até agora, — disse Idris.

— E, aparentemente, deixei claro para os outros que eles deveriam ficar longe.

Pois isso parecia ter acontecido. Ele certamente não havia emitido nenhum decreto formal de que a área ao redor da Biblioteca de Huntington e qualquer pessoa nela fosse deixada em paz, mas sua intervenção enquanto protegia Amber deve ter chegado aos ouvidos do mal djinn, pois nenhum deles havia voltado para cá, passou a procurar seu esporte em outros lugares.

Amber olhou para ele, de olhos arregalados. — Esse tempo todo, — ela sussurrou. Ela já estava pálida, mas agora parecia tão pálida que ele se perguntou se ela estava prestes a desmaiar.

— Eu não entendo, — disse ele.

Seus dedos agarraram o garfo que ela segurava. Com uma voz mais forte, ela disse a ele: — Estou escondida naquele maldito centro de visitantes há

dois anos. Dois anos, porque eu tinha certeza de que um de vocês... o que quer que fosse... voltaria e me mataria. Eu me escondi no escuro por dois anos, por absolutamente nenhuma razão. Apertando a mão, ela largou o garfo.

— Eu preciso de um pouco de ar.

Ela empurrou a cadeira para trás e se levantou, e Idris também se levantou, sem saber exatamente o que ele deveria fazer. Esta foi a interação mais íntima que ele já teve com um ser humano, e ele não esperava que a discussão dele e de Amber o perturbasse em um nível que ele não conseguia entender. A dor crua na voz dela o fez querer alcançá-la, oferecer algum tipo de conforto, e ainda assim ele imaginou que esse gesto não encontraria uma recepção muito calorosa.

— Não me siga, — disse ela, depois saiu da sala de jantar. Um momento depois, uma das portas francesas da galeria se fechou.

Idris sabia que ele provavelmente deveria deixá-la ir - como ele já sabia... e ela acabara de perceber...

que este lugar era perfeitamente seguro, mesmo para um humano - mas ele se viu seguindo-a para fora, mesmo quando esperava que ela não tivesse decidido. correr, fugir e deixá-lo para trás.

Mas não, ali estava ela, parada na varanda, com os braços cruzados ao redor de si mesma como se tivesse tomado um calafrio, mesmo que fosse bastante agradável e quente lá fora. Quando ele se aproximou, ela disse, em tom baixo e feroz: — Diga-me o que aconteceu. *Exatamente* o que aconteceu. Não cubra com açúcar também.

Essa era a última coisa que ele queria fazer..., mas ele sabia que ela merecia a história real. Depois de dois anos de escuridão, ela precisava entrar na luz da verdade.

Então ele respirou fundo e, enquanto ela estava ali e contemplava os jardins, um gramado que um dia antes estava cheio de dentes-de-leão e precisava desesperadamente de cortar, e agora estava tão bem cuidado quanto nos dias em que Como um exército de jardineiros cuidava desse lugar, ele contou a ela o

que havia acontecido. Com a voz tão neutra e imparcial quanto possível, ele falou da doença que o djinn havia soltado no planeta, a que queimou suas vítimas em pó, para que não houvesse medo de pestilência de todos aqueles corpos humanos deixados para trás. Ele falou de como os djinn reivindicaram este mundo para si mesmos, como cada um deles agora tinha seu próprio pedaço de terra que era deles por toda a eternidade. E então, após uma breve hesitação, ele contou a ela sobre os djinn saqueadores, aqueles que tinham o dever de garantir que o mundo fosse limpo de todos os seres humanos que conseguiram sobreviver ao Calor, como aqueles poucos sobreviventes. veio nomear a pestilência criada pelos djinn.

Quando ele terminou, Amber permaneceu onde estava, os braços ainda se segurando com força. Ele podia ver como as unhas curtas dela cavavam a carne dos braços, ver como um arrepio passava por sua forma esbelta.

— Então... eu sou a único ser humano que resta?

— Ela parecia resignada mais do que triste, mas talvez fosse apenas porque ela provavelmente passou os últimos dois anos pensando exatamente isso.

Seria muito fácil mentir para ela. O assentamento mais próximo de humanos e djinn ficava a mais de oitenta quilômetros de distância, e havia muito pouca chance de ela descobrir sua existência.

Mas ele jurara dizer a verdade aqui, e assim o faria.

— Não, — disse ele, e agora ela se virou para ele, olhos miosótis cheios de confusão. Antes que ela pudesse falar, ele continuou: — Havia entre os djinn aqueles que chamamos de Mil. Eles não concordaram com a destruição da humanidade. Mas, como eram uma minoria, suas vozes não eram fortes o suficiente para impedir que seus colegas djinn liberassem a doença que matou a maioria de sua espécie. No entanto, nós concordamos que eles deveriam poder selecionar parceiros daqueles que eram imunes. Aqueles djinn e seus parceiros humanos - que

recebem vida e juventude sem fim - agora vivem em suas próprias comunidades, longe do resto de nós.

Amber não falou imediatamente, mas apenas ficou ali com a brisa suave brincando com a glória de seus cabelos que se espalhavam por seus ombros. Quando ela falou, era para fazer uma pergunta que ele não esperava.

— Você disse que 'nós' concordamos. Quem somos nós'?

— Eu e os outros dois anciãos, Istar e Ibram.

Pela primeira vez, ele viu um brilho de diversão em seus grandes olhos azuis.

— Você não parece um ancião.

— A idade é de pouca importância entre os djinn.

— Deve ser legal. — Ela afastou um fio de cabelo do rosto, colocando-o atrás da orelha.

— Então é por isso que os outros djinn não tentaram vir atrás de mim? Porque ele viu que você estava me protegendo e não queria ter problemas com um ancião?

— Mais ou menos.

Ah. Outro silêncio, e então ela perguntou: — Você disse que os djinn salvaram alguns humanos que eram seus parceiros. É como... *parceiros*, parceiros?

Idris não sabia por que ele deveria estar tão desconcertado com essa pergunta. Talvez fosse apenas que houvesse algo muito mais íntimo do que ele esperava em ficar aqui com ela, sem outras almas a quilômetros de distância. Realmente não havia nada terrivelmente estranho em djinn confraternizar com humanos, uma vez que esse tipo de ligação vinha ocorrendo há milênios, embora nunca tivessem sido formalmente reconhecidos antes. Mas ainda assim, admitir isso a essa humana com sua beleza de boneca de porcelana parecia estranho além da crença.

— Sim, — ele disse rigidamente.

— Uau, — foi sua única resposta. Ela se afastou dele, mas apenas um passo ou dois. Possivelmente, ela também se sentiu desconfortável com a proximidade deles. Ela levantou a cabeça e ela parecia estar olhando na direção do jardim de rosas, mas ele sentiu que seus pensamentos estavam muito mais

distantes do que isso. Ainda sem olhar para ele, ela perguntou: — Você disse que esses djinn dos Mil escolheram seus parceiros humanos das pessoas que eram imunes?

— Sim, — ele disse novamente, agora se sentindo cauteloso, como se não pudesse ter certeza de qual direção o interrogatório dela poderia seguir.

Com voz desafiadora, ela disse: — Você sabia quem seria imune?

Mais uma vez, ele só pôde responder afirmativamente.

— Sim. — E agora, é claro, ela perguntaria por que ninguém a havia escolhido. Afinal, ela era jovem e bonita, o tipo de mulher que certamente deveria ter atraído a atenção de um djinn.

Essa, ele sabia, era uma pergunta que ele não podia responder. Não era da responsabilidade dos anciãos perguntar por que um membro dos Mil fez uma seleção específica em detrimento de outro, e ele, Istar e Ibram fizeram o possível para ficarem firmemente afastados de tais assuntos. Somente

quando esses assuntos resultaram em um conflito aberto - como Jasreel e seu meio-irmão Aldair lutando contra uma mulher humana entre os sobreviventes de Santa Fé - os anciãos intervieram.

No entanto, Amber o surpreendeu, porque ela não fez essa pergunta. Em vez disso, com expressão pensativa, ela disse: —Então... e agora? Eu sou uma pessoa estranha, não sou? Todos os seus djinn estão emparelhados, e todo o resto dos humanos estão mortos, então onde isso me coloca? De volta ao esconderijo?

— Não, — disse Idris imediatamente. Tal coisa era impensável. Ter toda a sua beleza brilhante escondida mais uma vez no escuro?

Ele percebeu então que havia mais uma verdade que precisava contar a ela. A perspectiva não era muito atraente, porque apenas mostrava como os djinn não eram tão invencíveis quanto gostavam de acreditar, mas ela precisava entender as opções disponíveis para ela.

Ela ficou lá, braços cruzados, expressão expectante, como se soubesse que ainda havia mais.

Ele disse: — Existe... uma comunidade de sobreviventes humanos em um lugar chamado Los Alamos. Um de seus cientistas criou um sistema de dispositivos que protegem o local contra os djinn. Se ultrapassarmos essa barreira, perderemos nossos poderes.

— O que significa que você tem que lutar com humanos no seu próprio nível.

— Algo parecido.— Idris não viu a necessidade de explicar que os dispositivos faziam muito mais do que simplesmente despir os poderes de um djinn, que eles realmente drenavam vida e energia ao ponto em que um de seu povo se tornava muito menos poderoso do que um ser humano.

— De qualquer forma, é um lugar onde alguém como você estaria segura.

Amber ficou quieta novamente, os dedos mais uma vez brincando com a renda que afiava sua delicada blusa.

— Acho que nem consegui encontrar Los Alamos no mapa. — Ela levantou o queixo e olhou para o rosto dele, embora sua própria expressão fosse ilegível.

— Eu tenho que decidir agora?

— Não, — respondeu ele, perguntando-se por que a pergunta dela fez um súbito alívio através dele.

— Eu sei que tudo isso foi um choque para você.

— OK. — Ela sorriu então, mas ele percebeu imediatamente que era uma expressão que ela colocara para esconder parte de sua turbulência interior, em vez de qualquer coisa que pudesse mostrar o que ela realmente estava sentindo.

— Acho que gostaria de entrar e ter um pouco mais para comer.

A comida que Idris havia fornecido era boa, mas Amber sabia que não seria suficiente para segurá-la por muito tempo. Era quase como se seu estômago tivesse acabado de acordar de seu longo sono e ficado faminto, precisando de muito mais do que apenas

queijo, pão e frutas para satisfazer a dor que roía dentro dela.

Um bife, ela pensou. Não, muito trabalho. Um duplo do In 'N' Out e um shake de chocolate.

Naquela época, ela nunca permitiria que alimentos tão terrivelmente calóricos passassem por seus lábios... ou pelo menos, não com muita frequência. Agora, porém, ela só conseguia pensar em como seria o sabor de uma refeição. De qualquer forma, ela havia perdido tanto peso que imaginou que provavelmente poderia comer o que quisesse pelos próximos meses.

Ou nachos. Os nachos estavam cheios de queijo cheddar derretido, tomates e azeitonas e jalapeños. Bolo de chocolate. Bacon. Pilhas de bacon.

Ela tinha a sensação de estar obcecada com a comida, porque era mais fácil do que tentar processar tudo o que Idris acabara de dizer. A doença que varreu todo mundo não tinha uma causa natural, mas era algo criado pelos djinn. Eles tinham algum tipo de laboratório secreto onde cozinhavam esse tipo

de coisa? Ela não tinha ideia, porque, apesar das revelações que agora estava tentando absorver, ainda sabia muito pouco sobre os djinn.

Só que eles pareciam humanos e levavam os humanos como parceiros... humanos que aparentemente nunca precisavam se preocupar em envelhecer e morrer.

Somente ninguém a havia escolhido.

Amber não tinha certeza se queria examinar esse detalhe irritante em particular. Ela tinha sido a garota que todos amavam odiar volta na escola, e ela tinha atraído o mesmo tipo de atenção negativa na faculdade, mas foi ela talvez não *bastante* tão bonito como todos lhe tinha dito? Havia mulheres lindas o suficiente para que os djinn não tivessem visto necessidade de se incomodar com alguém que eles viam menos que?

Talvez eles achassem que ela era de muita manutenção, não muito adequada para esse mundo pós-apocalíptico. Amber sabia que ela dava essa impressão e não fazia nada para dissipá-la,

principalmente porque achava que era melhor para um cara saber de antemão que ela não era uma calça jeans e camiseta, acampando sob o tipo de garota das estrelas. Era uma vez, a própria palavra — acampamento— já era suficiente para induzir estremecimentos.

Piada é sobre eles, ela pensou, considerando que eu passei os últimos dois anos basicamente acampando no centro de visitantes da Biblioteca Huntington.

Idris a estava observando com alguma preocupação. Porra, isso significava que ela provavelmente não estava fazendo um trabalho tão bom em esconder seus pensamentos tumultuados dele como ela esperava. Ela pegou um pedaço de pão e colocou um pedaço menor de cheddar defumado em cima dele, e consumiu o pedaço como se fosse a coisa mais importante em seu mundo. Suas ações não pareciam perturbá-lo; ele continuou sentado ali à mesa e olhando para ela, a testa franzida e os dedos embaixo do queixo.

E por que ele tinha que ser tão bonito, afinal? Todos os djinn eram tão atraentes? Ela tentou se lembrar das características do djinn nas vestes verde-papagaio, aquele que estava decidido a matá-la, mas não conseguia se lembrar muito do rosto dele, exceto que ele também estava escuro. cabelos ainda mais compridos do que os cabelos compridos nos ombros, de Idris.

De qualquer forma, era perturbador ter alguém com quem ela estaria flertando num piscar de olhos - se ele fosse humano - sentado ali e apenas observando-a, sem falar.

Então havia toda aquela coisa de Los Alamos. Embora Amber admitisse para si mesma que era um alívio saber que havia outras pessoas lá fora, que ela realmente não era o último ser humano em todo o maldito planeta, ela ainda não tinha certeza de que realmente queria ir e mora lá. Ela disse a Idris que nem sabia exatamente onde Los Alamos estava localizado, e isso era parcialmente verdade. Ou seja, ela sabia que estava no Novo México porque tinha

visto as placas na estrada quando foram a Santa Fé para ir à ópera, mas era só isso. A mãe dela era muito grande na ópera de Santa Fe. Amber odiava essas viagens porque não gostava de ópera e achava que Santa Fé era chata como o inferno, mas era uma peregrinação que as mulheres no círculo de sua mãe gostavam de fazer todos os verões, algo que provava o quanto elas eram cultas.

De qualquer forma, nada no New Mico era muito atraente para Amber. Ela era uma garota do sul da Califórnia nascida e criada, e não parecia justo que ela tivesse que se mudar apenas porque o fim do mundo havia acontecido.

— Por que Huntington? — Ela perguntou abruptamente, e Idris sentou-se um pouco mais forte na cadeira e deu-lhe um olhar curioso.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, por que você escolheu aqui particularmente? Existem muitos outros lugares no sul da Califórnia que seriam um bom lugar para um djinn ancião se instalar.

Amber não sabia muito bem por que ela fez a pergunta, exceto que talvez no fundo de sua mente ela pensasse que poderia convencer Idris a seguir em frente e deixar o Huntington para ela, agora que sabia que estava de mãos dadas e não precisava se preocupar com nenhum outro djinn caçando -a.

Agora, a boca dele se curvou daquela maneira que ela havia notado antes, como se ele quisesse sorrir e depois decidiu que talvez não fosse uma boa ideia. Ela meio que gostou da expressão, mesmo quando percebeu que encarar a boca dele provavelmente não estava ajudando a situação.

— Gostei da casa e gostei dos jardins, — disse ele simplesmente.

— Faz muito calor aqui no verão, — respondeu ela, embora soubesse que essa afirmação em particular não era exatamente verdadeira. Não mais, pelo menos. Ela realmente não entendia direito o que estava acontecendo, mas os dois últimos verões haviam sido definitivamente mais frios do que costumava, quase como se o clima tivesse começado

a mudar de volta para onde deveria estar agora que não havia mais. muitas pessoas afetam seus ciclos normais.

— Este edificio tem um sistema de refrigeração mais do que adequado, — disse Idris, e ela o encarou por um momento, perplexa.

— Mas não há eletricidade, — disse Amber, depois percebeu que era uma observação realmente estúpida. Tudo bem, eles estavam sentados aqui com as portas francesas abertas para deixar entrar a brisa e nenhuma luz acesa porque mal passava do meio dia, mas ainda assim, obviamente, as luzes do banheiro haviam funcionado. Ela os ligou sem nem perceber, um gesto automático.

— Eu não preciso de eletricidade. Meus poderes são suficientes para alimentar o sistema de controle climático.

Bem, claro que eram. Ela supôs que se ele pudesse estalar os dedos ou acenar com a mão e fazer com que a comida aparecesse na frente dela, ele também poderia ligar as luzes, o ar condicionado e

qualquer outra coisa que ele quisesse. Não é de admirar que os djinn não tenham utilidade para os seres humanos; essas criaturas mágicas poderiam fazer seu mundo funcionar sem eletricidade, carros e todas as outras conveniências modernas das quais a raça humana tinha tanto orgulho. Talvez ela devesse se ofender em nome da humanidade, mas tinha que admitir que o jeito djinn era muito mais elegante.

— Ainda assim, — continuou Amber, sabendo que parecia desesperada, mas determinada a tentar, já que ela já havia basicamente cavado um buraco para si mesma, — existem outras mansões que também funcionariam. A mansão Doheny em Los Angeles - e se você gosta de morar em museus, sempre há o antigo prédio da Getty em Malibu. É feito para parecer uma vila romana... um djinn deveria gostar disso, certo?

Agora ele sorria, uma espécie de lenta e preguiçosa sustentação de sua mãe que fez uma estranha emoção passar por ela. Ela estava

acostumada a ter esse tipo de reação a homens de boa aparência, mas isso era diferente.

Porque ele não é realmente um homem, ela pensou. O problema era que ela sabia disso intelectualmente, mas seus olhos continuavam dizendo que ele com certeza parecia um homem.

— O Getty em Malibu é um edifício muito bom, — concordou Idris.

— Como é a mansão Doheny, Hearst Castle e outros locais que eu já considerei. Mas este me serviu melhor.

Claro que sim. Amber pegou um mirtilo e colocou na boca, principalmente porque estava se sentindo desconcertada e precisou de algum tempo para repensar sua abordagem. Fazia tanto tempo desde que ela tinha tido alguma interação com alguém que ela sabia que estava duvidando de si mesma. Agora, confiada por um ser aparentemente todo-poderoso e imortal que deveria ter sido seu inimigo, mas de alguma forma, estranhamente, não era, ela realmente não sabia o que fazer.

— Você não precisa se preocupar, — ele disse.

— Você e eu já concordamos que você pode ficar aqui mais um pouco. Talvez você queira escolher qual quarto usar como seu?

Quando menina, ela sonhava em morar aqui, em ter uma daquelas camas altas com dossel como sua. Ela se sentiria como uma princesa, mesmo sabendo que seu próprio quarto em casa era muito bom para os padrões de qualquer outra pessoa. Agora, no entanto, com Idris fazendo uma oferta, Amber não tinha certeza se era uma boa ideia, afinal. Seria muito estranho dormir sob o mesmo teto que um djinn, mesmo que ela estivesse bastante certa de que ele não tinha desenhos nela. Ele estava apenas tentando ser hospitaleiro.

— Eu estava pensando que talvez a casa japonesa, — ela deixou escapar, e ele olhou para ela com as sobrancelhas levantadas.

— Ele tem uma cama? — Ele perguntou, e ela balançou a cabeça.

— Não, mas você poderia colocar um lá, certo? E um banheiro e qualquer outra coisa que eu possa precisar?

— Suponho que sim, — respondeu ele, o brilho de diversão em seus olhos escuros.

— Embora não tenha certeza de que o espaço acomodará tudo o que você precisa. É bastante compacto.

Bem, isso era verdade. Mas, considerando que ela vivia de um saco de dormir em um escritório subterrâneo nos últimos dois anos, ela pensou que poderia se dar bem com uma cama de solteiro e um banheiro modesto, talvez um pequeno armário para suas roupas.

— Eu não preciso de muito, — disse ela.

Por um momento, ele não respondeu, apenas ficou sentado lá com aquele pequeno elevador nos lábios, aquele que a fez querer continuar olhando para sua boca. Então ele disse: — Muito bem. A casa japonesa então.

CAPÍTULO CINCO

Enquanto observava Amber se afastar em direção a seus novos aposentos, Idris se perguntou se ele havia cometido um grande erro. Não permitindo a ela a casa japonesa; ele podia entender por que ela não se sentia confortável dormindo no mesmo lugar que ele, embora a casa de Huntington fosse muito grande e eles certamente tivessem espaço suficiente para evitar um ao outro, se esse era o objetivo dela.

Não, ele pensou que possivelmente tivesse sido muito indulgente, e que teria feito muito mais sentido para ele dizer a ela que não havia lugar para ele ser gentil aqui, que seu único refúgio possível seria com os outros sobreviventes humanos na região. Los Alamos. Por que ele não tinha feito isso, e a levou para lá imediatamente, ele realmente não podia dizer. Sua relutância em se mudar para a cidade do Novo México tinha sido óbvia o suficiente... assim como suas tentativas de fazê-lo considerar outro lar para si. Mesmo que ele estivesse disposto a fazer uma coisa

dessas - o que ele certamente não era -, ela não teria permissão para ficar aqui no Huntington sozinha. Os reajustes dos djinn poderiam ter continuado a deixá-la em paz, mas Istar e Ibram gostariam de saber por que ele havia mudado de ideia sobre seu domicílio terrestre, e então teriam descoberto sobre Amber.

Eles descobririam a presença dela aqui mais cedo ou mais tarde. Embora os anciãos não pudessem ver a vida um do outro da mesma maneira que com os djinn que eram seus súditos, por assim dizer, Ibram e Istar provavelmente desejariam visitá-lo em Huntington em algum momento. Idris esperava que esse dia fosse distante o suficiente para que houvesse poucas chances de eles encontrarem seu convidado humano.

Bem, ele lidaria com esse problema quando chegasse a hora... se chegasse. Por enquanto, bastava imaginar um banheiro novo, compacto, mas bem equipado, em um canto da casa japonesa, um futon com um colchão confortável para que ela pudesse dormir facilmente, um pequeno armário fora do

banheiro, cheio de mais roupas como a itens que ele já havia buscado por ela. Pelo menos ele estava certo em adivinhar os tamanhos que ela exigia, então era fácil o suficiente adquirir mais do mesmo. Ele teria que deixá-lo lá por enquanto, e, talvez, espero que ela ficasse satisfeita com as alterações que ele fizera para garantir que sua estadia na pequena estrutura de madeira fosse confortável.

E se ele achava estranho que ela o aceitasse tão facilmente, bem, ele podia acreditar prontamente que ela estava feliz em chegar a alguém após um período tão prolongado de completa solidão.

Até um djinn.

Para si mesmo, ele ficou feliz ao ver cores renovadas em suas bochechas enquanto ela comia, um sinal de que a comida simples que ele lhe dera para a refeição do meio-dia estava fazendo algo de bom. Hoje à noite, eles deveriam ter algo um pouco mais substancial, mas ainda peixes ou aves, sem carne vermelha, o que pode ser difícil para ela digerir depois de tantos meses comendo rações abaixo do

padrão. Faisão, possivelmente. O frango parecia uma refeição muito prosaica para esse cenário.

Ele queria sorrir então. Tantos planos, tantas considerações, tudo para o benefício de uma única mulher humana. Ele deveria realmente permitir que ela tivesse muito espaço em seus pensamentos?

Então, novamente, o que mais ele tinha para se ocupar?

Uma triste verdade, mas ele precisava enfrentar. Embora tenha havido inúmeras dores de crescimento quando os djinn se estabeleceram lentamente em suas novas vidas aqui na Terra, a essa altura, todos já se estabeleceram em seus papéis, as comunidades de humanos e djinn florescendo, crianças nascendo, terras sendo aradas e construídas fértil novamente. O mesmo também para aqueles do seu povo que não queriam nada com os humanos. Aqueles djinn tinham enlouquecido suas casas nas terras que lhes eram atribuídas, estavam assumindo o difícil trabalho de limpar estruturas e estradas feitas pelo homem, para que o mundo florescesse e se tornasse

verde e abundante novamente. Ele supôs que os djinn também teriam seus próprios pares, seus próprios filhos, mas ele e seus colegas mais velhos tinham muito pouco a ver com isso também. Depois de toda a agitação, este mundo estava calmo e pacífico mais uma vez. Embora em particular ele se perguntasse se esse estado atual poderia continuar indefinidamente, até agora não havia sinais de que não.

Se Amber se sentia feliz por ter um companheiro inesperado em sua solidão, Idris não podia começar a adivinhar. Ela parecia notavelmente possuída por alguém que havia sofrido tal provação, mas ele estava começando a sentir que ela tinha sido alguém que teve a maior parte de sua vida facilitada para ela... até a morte, de curso. Mesmo assim, ser criada para esperar que as coisas seguissem de certa maneira poderia ter lhe dado algo da autoconfiança que ele testemunhou, apesar da estranha natureza do mundo em que agora se encontrava.

Ele podia imaginá-la agora, andando pela pequena casa de madeira no coração do jardim

japonês, inspecionando o novo banheiro, a cama e as roupas que ele colocara lá para ela. Embora ele não tivesse ideia de quanto tempo duraria seu acordo, ele estava feliz que ela ficaria confortável durante o tempo em que esteve aqui.

A presença dela fazia o lugar parecer menos solitário.

Amber sabia que o banheiro, o futon e o armário cheio de roupas deveriam ter acabado de aparecer, principalmente porque ela havia visitado o local apenas no dia anterior, e nenhuma dessas coisas estava aqui então. Mais uma vez, ela se perguntou os poderes que Idris parecia comandar. Havia algo além dele? Como foi ser tão, bem... mágico?

Ela não sabia. O que ela sabia era que poderia viver como uma pessoa civilizada novamente, com um banheiro de verdade e roupas limpas e bonitas e um lugar macio para dormir. O futon a surpreendeu um pouco, mas quando ela o abriu e se deitou, ficou encantada com o quão confortável ele parecia ser.

Hoje à noite, ela pensou, ela poderia realmente conseguir dormir... *realmente* dormir, sem acordar duas ou três vezes durante a noite, porque ela pensou ter ouvido algo que não deveria estar lá.

O resto da pequena casa estava como sempre fora, com os tapetes de bambu no chão, as mesas baixas e as telas deslizantes, mas tudo parecia mais novo e mais limpo. Mais da magia de Idris, ela supôs, embora de um tipo mais sutil do que os poderes que aparentemente haviam realizado a reforma no tempo que a levou a descer da casa principal.

Estava muito quieto, exceto pelos pássaros cantando nas árvores e o farfalhar das folhas ao vento leve. Amber supôs que sempre fora tão quieto, embora ela soubesse quando ela veio aqui antes, ela sempre estava nervosa, olhando por cima do ombro por um ataque que nunca veio. Ela realmente não teve o luxo de fazer uma pausa e simplesmente estar no espaço.

Algo apertado e tenso em seu peito parecia se aliviar agora. Ela inspirou e expirou, lembrando a si mesma mais uma vez que estava segura, que a

horrível morte que ela temia todos os dias nos últimos anos não tinha sido nada. Idris a protegera então, assim como ele continuava a protegê-la agora. Era estranho pensar em um djinn como um protetor, quando foi o djinn que garantiu que a humanidade fosse uma coisa do passado, mas ela ainda precisava agradecer a ele, agradecer pelo que ele havia feito certeza de que ela não tinha o mesmo destino que todos os outros.

A mesma gordura e....

Por tanto tempo, ela fez o possível para não pensar no que havia perdido. Sobreviver no dia a dia já era bastante difícil - duro, desagradável e sujo, cheio de detalhes desagradáveis que ela fez o seu melhor para cerrar os dentes e ignorar. Agora que ela não precisava mais se preocupar com nada disso, encontrou seus pensamentos nas pessoas que antes eram parte integrante de sua vida - sua mãe, é claro, mas também Kelly, Tiffany, Marisa e todas as outras garotas. em seu círculo, seu pai quase ausente, avós, primos e....

Não, ela não podia. Amber respirou fundo, mesmo quando a paisagem serena ao seu redor se turva com lágrimas. Era grande demais pensar neles como desaparecidos, desaparecendo no pó, literal e figurativamente. Sua mãe era uma mulher admirável, a avó de Amber, Eileen, ainda mais. Ambas as mulheres pareciam ter sobrevivido a qualquer coisa... e, no entanto, não sobreviveram.

Por que ela viveu quando tantos outros morreram? O que havia nela que a tornava digna da imunidade estranha que lhe fora concedida? Ela não entendeu nada disso. Se houvesse justiça no mundo, alguém importante não deveria ter sobrevivido, alguém como um médico, um cientista ou um professor universitário, uma pessoa que tivesse algo a oferecer ao mundo, em vez de uma garota cujos talentos particulares incluíam poder recitar todos os nomes das cores sazonais de esmaltes da OPI nos últimos três anos?

Ela colocou as mãos no rosto, sentiu as lágrimas nas bochechas. Quando ela os enxugou, ele ouviu sua voz.

— Amber, você está bem? Existe algo que te desagrada na casa?

Tudo o que ela pôde fazer foi balançar a cabeça. Naquele momento, sua garganta estava muito cheia de lágrimas para ela conseguir qualquer tipo de resposta.

Vestindo roupas negras flutuando na brisa, Idris subiu os degraus baixos na frente da casa. Ele pareceu hesitar por um momento, mas depois se aproximou dela. Mesmo quando ela enxugou as lágrimas novamente, seus braços a envolveram e ele a puxou para perto.

Oh, meu Deus. Fazia tanto tempo que ela teve algum contato com outro ser vivo, e agora o homem mais lindo que já vira a estava segurando contra ele, murmurando palavras suaves em sua voz profunda enquanto ele acariciava seus cabelos. A necessidade pulsava através dela, uma espécie de calor apertado,

até que ela disse a si mesma que ele estava apenas tentando oferecer o conforto que ele podia. Engraçado como um djinn podia sentir sua dor, estava fazendo praticamente o que um humano poderia ter feito na mesma situação. As duas raças eram realmente tão diferentes afinal?

— Desculpe, — disse ela em um sussurro engasgado, e ele ficou imóvel, uma mão descansando em seus cabelos.

— O que você tem que se desculpar? — Ele perguntou, a voz muito gentil.

— Por ficar histérica, — ela respondeu, e ele balançou a cabeça.

— Você não parece histérica para mim. Chateada, sim. É algo sobre a casa?

Ele estava obviamente preocupado que ele tivesse feito algo para fazê-la quebrar assim. Amber balançou a cabeça e se afastou do abraço dele. Por mais que ela gostasse de ser segurada por ele, ela achou melhor colocar uma pequena distância entre eles.

— Não, a casa é ótima. É apenas.... — As palavras tremeram no ar entre elas, depois desapareceram. Ela não tinha certeza de como poderia contar a ele por que estava tão chateada. Enquanto qualquer pessoa racional deveria ser capaz de entender as razões por trás de sua dor, seu repentino colapso, ela pensou que se tentasse explicar o que estava acontecendo, ele consideraria apenas uma crítica a ele e a sua espécie.

O que ele deveria, ela supôs. Afinal, era culpa dos djinns que o mundo fosse do jeito que era. E embora ele tivesse feito parecer que não tinha nada a ver com isso, ela poderia realmente acreditar nele? Como uma das pessoas que deveria estar no comando ficou do lado de fora e permitiu que o resto dos djinn cometesse atos tão hediondos?

— 'É apenas...'? — Idris repetiu, tom questionando agora. Ele não parecia particularmente chateado com ela por se afastar, mas ela seria a primeira a admitir que não o conhecia o suficiente

para poder interpretar todas as suas expressões, todos os seus movimentos.

— Acho que tudo me atingiu de uma vez, — disse Amber. — Não tive muito tempo para parar e pensar em tudo o que aconteceu. Isso é tudo.

— Tudo, — disse ele, a voz meditando. — Sim, suponho que a situação possa ser um pouco avassaladora, especialmente agora que você sabe que está segura, nem sempre precisa olhar por cima do ombro.

Para um djinn, ele era um pouco perceptivo demais. Ou seu povo poderia ler mentes, juntamente com todos os outros talentos? Idris não tinha dito nada sobre isso, mas então, ela podia ver por que ele não disse. Ser capaz de ler pensamentos poderia ser uma vantagem real, uma que poderia ser melhor não compartilhar.

— É isso aí, — disse ela. Cruzando os braços, ela olhou para ele. Seu rosto ficou impassível novamente, revelando muito pouco. — Então, por que você desceu?

As palavras soaram acusadoras quase assim que saíram de sua boca, e Amber teve que se impedir de estremecer. No entanto, Idris não pareceu ofendido, mas apenas disse: — Eu vim aqui para ver se as mudanças que fiz na casa funcionariam para você e também para ver se você apareceria e compartilharia o jantar comigo. A comida que você almoçou parecia ajudar, então pensei que talvez algo um pouco mais substancial para a refeição da noite estivesse em ordem.

Ele queria jantar com ela. Por outro lado, ela supôs que pareceria estranho os dois compartilharem essa enorme propriedade e, no entanto, evitarem-se o máximo possível. Além disso, ele era o único com o poder de conjurar qualquer refeição que ele gostasse. Ele provavelmente queria ter certeza de que ela continuasse a comer bem, para que pudesse recuperar toda sua força. Por que exatamente ela não sabia. Então ela estaria em boa forma quando ele a enviasse para Los Alamos?

— Isso parece bom, — disse ela. — Mas não couve de Bruxelas.

O pedido dela o fez rir. — Claro. Quaisquer outras restrições alimentares que eu precise conhecer?

Amber pensou em todos os modismos aos quais se submetera- os smoothies de couve, os batidos de capim de trigo, o vinagre de maçã - e depois disse com firmeza: — Não, na verdade não. Normalmente, eu não comia muita carne vermelha, mas depois de ficar privada dela por dois anos, acho que posso lidar com alguma de vez em quando.

— Devidamente anotado, — disse ele. Uma breve pausa enquanto ele parecia estudar a expressão dela por um momento, e então acrescentou: — Você tem certeza de que está bem?

— Estou bem. Realmente. — Porque ela não tinha certeza de que estava bem, e preferia que ele fosse embora caso ela tivesse outro colapso, ela disse: — A que horas você quer que eu vá jantar?

— O tempo não é tão importante agora como era antes, — ele respondeu com um sorriso enigmático.

— Logo após o anoitecer, eu acho. Vou garantir que você encontre o caminho.

— OK. — Ela esperava que ele estivesse certo, porque poderia escurecer aqui depois que o sol se pusesse. Por outro lado, ela supunha que um djinn pudesse gerenciar um pouco da iluminação da paisagem. — Eu subirei então.

— Estou ansioso por isso.

Sem dizer outra palavra, ele se virou e voltou por onde tinha vindo, a luz do sol brilhando na seda ondulada da túnica larga que usava. Ele parecia muito alto e orgulhoso, e Amber quase se perguntou se ela imaginara o modo como a segurara enquanto chorava.

Não, seu corpo lembrava. Ela ainda podia sentir os braços dele ao seu redor. Foi um gesto de conforto, nada mais, e ainda assim ela estremeceu um pouco, lembrando o fluxo de necessidade que a atravessara.

Não é tão estranho assim, ela se identificar quando entrou e se sentou no futon. Você pode ter

ficado sem por dois anos, mas está com tesão. Isso é tudo.

Declarar o fato de maneira tão grosseira na verdade a fez se sentir um pouco melhor. Se ela resumia tudo a uma simples reação biológica, não precisava ficar com raiva de si mesma pela estranha atração que sentira ao toque dele. Porque era estranho. Mesmo quando ela conheceu caras que achava gostosas, ela os fez persegui-la. Ela não era do tipo que se jogava em alguém.

Especialmente alguém que nem era humano.

Nesse momento, ela estava muito feliz por não estar dormindo sob o teto dele hoje à noite.

A tarde passou. Idris, no meio do caminho, imaginou se Amber apareceria para jantar naquela noite, já que ela parecia tão desconfiada quando ele se despediu dela no início do dia, mas não, lá estava ela, subindo o caminho iluminado para a varanda, que também brilhava com a luz de numerosas lanternas de velas que ele colocara ali mais cedo

naquele dia. No brilho da guerra, ela parecia incandescente, palidez banida de suas bochechas, cabelos pintados de um ouro suave.

— Você está tendo uma festa? — Ela perguntou, uma nota provocadora em sua voz. Qualquer que fosse a melancolia que a possuísse algumas horas atrás, parecia ter passado agora.

— Não, — ele respondeu, sua expressão séria. Obviamente, ele aceitou a pergunta dela pelo valor de face.

— Não é um esforço real para eu ter essas coisas, e elas tornam o ambiente ainda mais bonito.

— Verdade.

Idris fez um gesto para que ela entrasse e o fez, olhando para a sala de jantar à luz de velas, parando na peça central de crisântemos e hera entrelaçada, a porcelana e o cristal reluzentes que estavam em cima de uma toalha de mesa com neve.

Com as mãos nos quadris, ela disse: — Se isso é *não* estar dando uma festa, eu odeio pensar em como deve ser quando você realmente se diverte.

— Nós gostamos de nossas reuniões, — respondeu ele, embora isso não fosse exatamente verdade. Seu povo se reunia para banquetes e, certamente, era bastante elaborado em sua decoração, mas essas festas não eram o tipo de coisa que os anciãos frequentavam. Eles deveriam manter-se distantes para que não pudessem ser acusados de mostrar favoritismo quando chamados a julgar uma disputa.

De fato, era a primeira vez em toda a sua longa e longa vida que ele tinha sido convidado a decorar dessa maneira. Talvez, com entusiasmo, ele tenha exagerado um pouco.

— Um pouco de vinho? — Ele perguntou, esperando que ela não visse seu repentino desconforto.

— Deus, sim, — respondeu ela, em tons que pareciam indicar que ela não consumia álcool há muito tempo. Estranho, porque ela poderia ter saqueado garrafas de vinho enquanto reunia os outros suprimentos que a mantinham viva o tempo

todo que ela estava escondida no subsolo. Possivelmente ela temia que se colocasse em desvantagem ao consumir álcool, e por isso decidiu permanecer sóbria.

No entanto, ele não comentou, mas foi até o aparador e serviu dois copos de vinho que havia decantado antes. Pela maneira como o olhar dela foi para o decantador e de volta para os copos, ele imaginou que talvez ela estivesse um pouco desconcertada por não ver uma garrafa, que ela estava preocupada que ele pretendesse drogá-la ou algo assim. O que era ridículo, é claro; um djinn não precisava recorrer a métodos rudes se quisesse subjugar um mortal.

Mas ela apenas murmurou: — Obrigada, — enquanto pegava o copo dele. Não estando na cerimônia, ela tomou um gole e depois assentiu.

— Isso é bom. Também invadiu as adegas de Henry Huntington?

— Como você sabe, não havia necessidade de invadir nada aqui—, respondeu Idris, seu tom talvez

um pouco mais severo do que ele pretendia. — Desde que tudo foi deixado aberto e destrancado quando o calor atingiu. No entanto, você provavelmente também sabe que a adega do homem que construiu esta casa foi removida há muito tempo. Esta é uma Borgonha que eu bebi há vários anos. Eu pensei que iria bem com a nossa refeição.

— E você trouxe aqui exatamente assim.— Amber estalou os dedos, acrescentando: — Porque você poderia.

— Bem, sim, — disse ele. — É assim que nossos poderes funcionam. Mas por favor, sente-se. Espero que você esteja com fome.

— Sempre, — ela respondeu.

— Bem, o que você me alimentou no almoço ajudou. Mas estou pronta para algo um pouco mais substancial.

Como ele adivinhou. Enquanto ela se sentava, ele acenou com a mão, e o faisão assado, o pilaf de arroz selvagem e aspargos grelhados que ele planejava apareceram na mesa, junto com uma cesta de prata

do pão e um prato de manteiga. Ele podia ver como os olhos de Amber se arregalaram, mas ela não disse nada, apenas colocou o guardanapo no colo e esperou que ele sentasse também.

— Quem sabia que ainda poderia haver restaurantes cinco estrelas após o apocalipse? — Ela brincou.

Idris, no entanto, podia se sentir carrancudo.

— É assim que você vê o que aconteceu? Eu pensei que um apocalipse envolvia o fim do mundo e, como você pode ver, o mundo ainda é muito importante aqui.

— Não é o meu mundo, — disse ela, depois engoliu um pouco mais de sua Borgonha.

Sim, ele supôs que ela estava correta o suficiente nessa afirmação. Esse prédio ainda podia permanecer, e o sol ainda brilhava e a maré entrava todos os dias, mas tudo que ela conhecia, todas as pessoas com quem já se importava, agora não passava de poeira. Lembrou-se de como a procurara para oferecer conforto, quão frágil, delicada e pequena

ela se sentia em seus braços. Por tudo isso, ele também sentiu uma espinha de aço nela, o que fez sentido. De que outra forma ela poderia sobreviver sozinha por todo esse tempo?

— Ponto de vista, — disse ele, certificando-se de manter a voz neutra.

— Mas me deixe lhe servir um pouco de comida.

Ele carregou o prato dela e viu os olhos dela se arregalarem com a quantidade de comida que ele lhe dera. Talvez ele tenha superestimado o quanto ela poderia comer. Bem, ela poderia consumir o quanto quisesse e deixar o resto. Não haveria desperdício real, não quando ele pudesse despachar as sobras de volta aos átomos componentes de onde eles vieram.

Suas primeiras mordidas foram provocativas, como se ela não tivesse certeza absoluta da comida que ele lhe fornecera, apesar do pão e das frutas que ela comeu no almoço. Mas então ela comeu com mais prazer, só diminuindo a velocidade quando ela parou para recuperar um rolo da cesta e quebrá-lo ao meio,

depois unte com manteiga a menor das duas metades.

— Há alguns anos, eu não me deixaria comer esse pão, — observou ela, pouco antes de dar uma mordida.

Idris olhou para ela, intrigado. — Por que não? Você teve algum tipo de alergia a pão ou trigo?

— Não, mas o pão está cheio de carboidratos, certo?

— Carboidratos.

— Exatamente. — Ela o lançou um olhar de soslaio, boca apertada em um pequeno sorriso apertado. — Você sabe o que eles dizem - 'um momento nos lábios, para sempre nos quadris'.

Não, ele não sabia que — eles— já diziam algo assim, porque ele não havia prestado tanta atenção aos atos dos mortais. No entanto, uma olhada na forma esbelta de Amber foi suficiente para lhe dizer que ela certamente não precisava se preocupar com essas críticas ridículas.

— Eu não acho que isso seja um problema para você. Você é muito magra.

O sorriso dela se alargou.

— Naquele dia, eu ficaria emocionada ao ouvir alguém me dizer isso. Mas eu realmente não posso discutir. A dieta do apocalipse provavelmente me levou a um tamanho zero.

O que era verdade, pois esse era o tamanho do jeans que ela estava usando agora, e uma camiseta muito pequena. Ele esperava que ela começasse a preencher um pouco depois de comer refeições regulares por um tempo. As mulheres que chamavam sua atenção no passado sempre foram as bem curvas.

E esse pensamento fez com que ele quisesse sacudir a cabeça para si mesmo. Certamente, ele não deveria estar pensando em Amber em termos do que ele achava atraente nas mulheres. Ela era mortal, e ele era um ancião djinn. Sua beleza física - ou a falta dela - não deveria significar nada para ele.

— Eu nunca entendi a obsessão humana com o peso, — comentou ele, enquanto buscava um rolo próprio.

Com a cabeça inclinada para o lado, ela perguntou:

— Djinn ainda precisa se preocupar com esse tipo de coisa?

— Não, eles realmente não fazem. Certamente, havia djinn que eram mais volumosos na construção e aqueles que eram mais esbeltos, mas nunca foram julgados com base em pequenas variações em sua forma. De qualquer forma, não havia djinn gordo.

Ele balançou a cabeça e ela disse: — Deve ser legal. Bem, não é tão fácil para nós humanos.

Como ele não tinha certeza da melhor maneira de responder ao comentário dela, Idris decidiu comer seu pão em silêncio, alternando pedaços de pão com goles de vinho. Amber voltou para o seu faisão assado e arroz selvagem, e também ficou quieta, embora ele tenha a impressão de que seus pensamentos estavam agitados com perguntas sem resposta.

— Há quanto tempo existe djinn? — Ela perguntou abruptamente, pousando o garfo.

Ele não esperava essa linha de investigação, mas supôs que era suficientemente inofensivo. — Desde antes da mãe, — ele respondeu.

— Então havia djinn enquanto ainda estávamos correndo parecendo macacos?

Quando ela colocou dessa maneira...

— Em certo sentido, sim.

Agora Amber franziu o cenho. Seus dedos estavam enrolados na haste do copo de vinho, mas ela ainda não o levantou para tomar um gole. O olhar fixo nele, ela disse: — Como assim, 'em certo sentido'?

Ele conteve um suspiro - era uma pergunta que exigia uma resposta complexa, e ele não tinha certeza de que conseguiria articular corretamente o que ocorrera há tanto tempo. Ainda assim, ele pensou que deveria tentar e respondeu: — Você evoluiu dessas criaturas, mas ainda não era o que alguém poderia chamar de 'humanidade'. Seu espírito, sua consciência, não era verdadeiramente humano. Foi

pouco antes do homem moderno e aqueles que você chama de neandertais existirem lado a lado que o djinn surgiu. Idris esperava que essa explicação, embora grosseiramente simplificada, fosse suficiente para satisfazê-la. Parecia que ele estava enganado, no entanto, porque ela fez outra pergunta.

— Você evoluiu lado a lado conosco?

— Não.

Por fim, ela levou o copo de vinho aos lábios e deu um grande gole.

— Eu não entendo.

— Nós djinn fomos o primeiro espírito e chama. Deus nos tirou do pó das estrelas e nos deu nossos poderes. Este mundo foi feito para ser nosso.

Idris se deteve, se perguntando se ele já havia falado demais.

Aparentemente sim, porque uma repentina e feroz luz brilhou nos olhos de Amber quando ela disse: — Foi por isso que vocês fizeram isso conosco, humanos? Para recuperar o que você pensou que deveria ser seu?

Essas palavras foram quase exatamente as que os djinn que haviam proposto pela primeira vez erradicar a humanidade haviam usado. Tentar negar essa verdade em particular seria falso, e ele disse simplesmente: — Sim.

— Acho que posso entender isso, — respondeu ela, surpreendendo-o com o tom calmo. — Quero dizer, obviamente, não posso concordar com o que você fez, mas ninguém pode negar que nós, humanos, estávamos estragando o lugar.

De alguma forma, ele conseguiu dizer: — Ainda assim, as medidas que adotamos foram... um pouco extremas.

Amber não disse nada por um momento, mas apenas ficou sentada lá com os dedos ainda enrolados na haste dos seus copos de vinho, o líquido dentro ondulando enquanto ela o girava lentamente. Quando ela falou, novamente o surpreendeu. — Acho que não precisamos mais falar sobre isso. Certo?

— Você não nos odeia pelo que aconteceu? — Tinha sido difícil fazer a pergunta, mas ele queria

saber. Ele nunca tinha se esquivado de verdades duras. Talvez o dele fosse o tipo de perspectiva que surgia com tantos milênios de existência.

— Alguns de vocês, com certeza. — Amber bebeu um pouco de seu vinho, depois pousou o copo e estendeu as mãos contra a toalha de mesa branca como se estivesse usando sua inspeção para evitar olhá-lo. Suas unhas eram curtas, as cutículas um pouco esfarrapadas, e ele ainda achava que seus dedos eram bonitos, longos e delicados. Ela olhou para cima de repente e disse: — Mas *you* não ordenou que eles fizessem nada disso, certo? Pelo que *you* me disse, nem parece que *you* realmente poderia tê-los parado uma vez que suas decisões foram tomadas. Então não, eu não vou te odiar por algo que os outros djinn fizeram. Isso não seria muito lógico, seria?

Não, não seria lógico. Ou, pelo menos, ele nunca viu o ponto em atribuir a culpa a um grupo simplesmente porque um ou alguns deles haviam feito algo errado. Enquanto ele concordava com ela,

ele também achou um pouco surpreendente perceber seus pensamentos alinhados tão intimamente com os dele.

— Suponho que não, — disse ele. — E como nós dois nos sentimos assim, suponho que você esteja certa ao pensar que não há motivo para discutir mais o assunto.

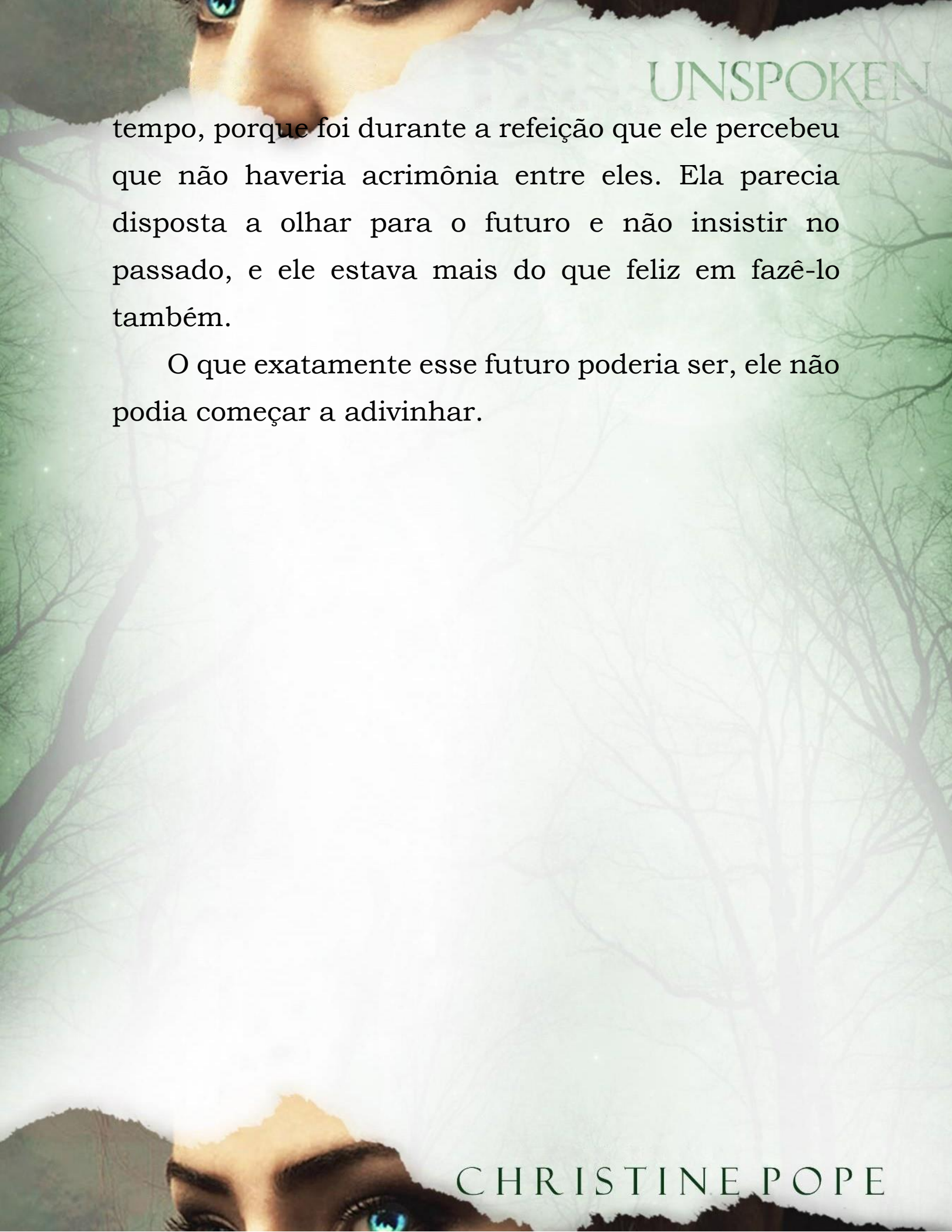
Ela assentiu e pareceu aliviada por ele não mostrar vontade de pressionar o assunto. Agora, com um leve sorriso, ela disse: — Mas eu realmente gostaria de saber como você pode fazer com que toda essa comida apareça do nada.

Feliz por mudar de assunto, Idris fez o possível para explicar como todos os djinn conseguiam reunir o que precisavam, desde que os componentes do item em questão estivessem disponíveis em algum lugar do mundo. No final, era tudo sobre energia, usando essa energia para trazer a comida para ele... ou utilizando-a para criar um novo banheiro no tempo necessário para visualizar o que ele queria.

Amber parecia intrigada com as explicações dele... e disposta a deixar outros assuntos mais delicados de lado. Talvez, como ele, ela quisesse que a primeira refeição que eles dividissem fosse harmoniosa. E foi assim que, quando terminaram de comer, ela agradeceu a comida e disse que estava cansada e queria dormir. Ele se ofereceu para levá-la de volta para sua casa, mas ela apenas balançou a cabeça.

— Afinal, é uma coisa aqui, — disse ela. — Eu vou ficar bem. Tenha um boa noite, Idris.

Levantou-se da mesa e saiu, a blusa e os longos cabelos loiros brilhando no brilho refletido das luzes que alinhavam o caminho. Ele a observou ir até que ela era pouco mais que um borrão desaparecendo na escuridão e, finalmente, ele se virou para a mesa com os restos da refeição que haviam compartilhado. Ele levantou a mão e todos os pratos, tigelas e copos sujos desapareceram. Não havia nenhum vestígio do jantar que ele havia planejado para ela, e ainda assim ele pensou que permaneceria em sua mente por algum



UNSPOKEN

tempo, porque foi durante a refeição que ele percebeu que não haveria acrimônia entre eles. Ela parecia disposta a olhar para o futuro e não insistir no passado, e ele estava mais do que feliz em fazê-lo também.

O que exatamente esse futuro poderia ser, ele não podia começar a adivinhar.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO SEIS

Uma luz difusa e brilhante filtrava através das telas que protegiam o interior da pequena casa japonesa. Amber abriu os olhos e olhou para aquelas telas por um longo momento, lembrando onde estava, como tinha chegado aqui. Idris a encontrou e deu a ela um lugar seguro para ficar.

Idris. Que loucura era ela ter se sentado e compartilhado uma refeição com ele - uma refeição que não estaria fora do lugar em alguns dos restaurantes mais sofisticados que ela frequentava quando o mundo se movia cegamente para a frente, alheio ao gordo e pairando sobre ele. Nunca em um milhão de anos ela pensou que um djinn pudesse ser tão cortês... tão, bem, gentil.

Por outro lado, ela nem sabia que djinn era uma coisa real, então havia isso também.

Era estranho lembrar a si mesma que ela não precisava mais se esconder no subsolo, não precisava calcular todos os movimentos que tomava como havia

feito nos raros momentos em que se sentiu ousada o suficiente para emergir de seu esconderijo. porão do centro de visitantes. Todo esse tempo ela esteve segura, graças a Idris. Talvez ela devesse ficar brava com todos os meses cansativos que desperdiçava com medo sem motivo, mas não podia culpá-lo por isso. Ele não a perseguiu no subsolo. Além disso, era óbvio que ele havia retornado aqui muito recentemente e não fazia ideia de que ela ainda estava na vizinhança.

De certa forma, essa realização a fez se sentir um pouco melhor. Ele era um ser muito poderoso, obviamente, mas não era onisciente, onisciente. Ele não era um deus. Ela lembrou como ele havia falado de Deus tão prosaicamente quanto antes, como se Idris soubesse que o djinn havia sido criado por Ele, assim como tudo nesta terra. Amber não estava pronta para reconhecer que realmente havia um Deus - se Ele existia, por que diabos não havia parado os planos assassinos dos djinns? - mas obviamente havia muito mais acontecendo aqui do que ela jamais poderia ter imaginado.

Tomar um banho aqui não era tão luxuoso quanto no enorme banheiro que Idris havia construído para si na casa principal, embora ainda estivesse muito assustada. Ela tinha certeza de que nunca mais tomaria por garantida água quente corrente, xampu ou sabonete hidratante ou qualquer um dos inúmeros itens que ela utilizara para garantir que ela parecesse perfeita. Não que ela fingisse ser impecável agora, magra, sem maquiagem e sem ferro de ondular ou secador de cabelo, mas sabia que estava se saindo muito melhor do que havia feito um dia atrás.

Se ela pedisse essas coisas, Idris as forneceria para ela?

Provavelmente, mas Amber percebeu que praticamente tudo o que ela precisava era de roupa, provavelmente ainda definhando nas gavetas e armários de sua casa. Depois que ela fugiu antes, ela estudiosamente evitou voltar ao local, não querendo ver sua antiga casa tão vazia e morta quanto as que ela invadira em suas buscas por suprimentos, mas

agora ela achava que poderia entrar sem ficar muito traumatizado pela experiência. Saber que ela estava segura e sob a proteção de Idris fez um mundo de diferença.

Talvez ela pudesse levá-lo a acompanhá-la. Provavelmente não havia nenhuma necessidade real, não com todos os outros djinns evitando o Huntington e seus arredores, mas ela pensou que ainda gostaria que ele estivesse lá, possivelmente por nenhuma outra razão do que ela queria que ele visse onde ela estava. vem, para que ele seja lembrado do que o djinn havia tirado dela. Ela estava lhe dizendo a verdade na noite anterior, quando disse que não o culpava pelo que tinha acontecido, e ainda assim ele precisava saber o que seu povo havia feito com ela, feito com todas as outras pessoas no planeta. Todas aquelas pessoas tiveram vidas, passados, relacionamentos, todas as coisas que lhes foram roubadas assim que um grupo de elementais raivosos decidiu que era hora de levar o planeta de volta.

Idris não a convidara para o café da manhã, mas parecia não haver comida aqui na casinha que ele lhe dera para usar. Tanto quanto ela podia dizer, ele estava bem com ela dormindo e tomando banho aqui, mas ele queria que ela subisse à mansão para as refeições. Claramente, ele não tinha intenção de matá-la de fome, não quando demonstrara tanta preocupação com a sua magreza... não quando a havia alimentado com uma refeição na noite passada que provavelmente seria suficiente para três ou quatro pessoas.

Ficar de pé ao sol por dez minutos fez seus cabelos úmidos quase secarem. Amber passou os dedos por ele, depois começou a seguir o caminho em direção à casa principal. No entanto, ela não tinha ido muito longe antes de sentir o cheiro de algo que achava que nunca mais sentiria o cheiro.

Bacon.

Quase imediatamente, sua boca começou a lacrimejar. Ao olhar em volta, dar mais um ou dois

passos à frente, percebeu que o delicioso aroma vinha do que fora a sala de chá do museu.

Ritmo acelerado, ela caminhou até a sala de chá, cuja porta da frente estava aberta. Agora, o cheiro de bacon era quase irresistível... ou talvez parecesse assim, porque fazia tanto tempo desde que ela tinha algum.

Dentro da sala de chá, Idris estava colocando um vaso cheio de margaridas e mães alegres no centro de uma das mesas. Todo o resto estava vazio, embora suas superfícies tivessem sido cobertas com panos brancos. Ao se aproximar, ele se endireitou e olhou para ela, um sorriso tocando seus lábios.

— Eu estava prestes a buscá-la, — disse ele.

— Não precisa, — respondeu Amber, sentindo sua própria boca levantar em resposta a esse sorriso. Ele parecia alegre e descansou esta manhã, apesar das roupas sombrias e pretas que ele sempre parecia usar.

— O cheiro de bacon funciona muito bem como uma maneira de chamar minha atenção.

Seus olhos escuros brilharam. — Eu fiz uma aposta. Sei que você me disse ontem que não comeu muita carne vermelha, mas...

— Mas o bacon é uma aula por si só, — ela terminou com um sorriso. Ela olhou além dele para a mesa do bufê contra a parede. Estava lotado de pratos e tigelas - um prato cheio de bacon feito com o nível perfeito de crocância, uma tigela de frutas fatiadas, um dos pratos de várias camadas cheios de doces de café da manhã, um círculo dourado brilhante do que ela adivinhou que era quiche lorraine.

Bem, se Idris estava tentando engordá-la, ele definitivamente tinha descoberto a maneira mais eficaz de fazê-lo.

— Café? — Ele perguntou educadamente. — Ou você prefere chá?

— Chá, por favor. — Algumas de suas amigas a provocavam por ser uma aberração, mas ela nunca conseguia tomar café. Ela tomava café da manhã inglês de manhã e bebia chá gelado preto comum quase o dia inteiro, e era isso. No lado positivo, ela

nunca teve que se preocupar com todas as calorias que um Frappuccino poderia conter.

Do nada, um bule bonito pintado à mão com rosas apareceu, ocupando um lugar de honra na mesa que ele colocara para eles. Junto com ele veio uma xícara de chá correspondente, um recipiente cheio de vários chás embalados e um conjunto de creme e açúcar.

Como ela sabia que precisava se acostumar com a maneira como Idris fazia com que a comida aparecesse do nada, Amber decidiu não comentar, mas apenas se aproximou e selecionou uma sacola do café da manhã inglês, depois a colocou na xícara e serviu água quente. acima dele. Enquanto ela estava ocupada com isso, ele convocou uma grande caneca de café para si e tomou um gole.

— Djinn toma café? — Ela perguntou, divertida por algum motivo.

— Este djinn sim, — respondeu ele, indiferente. O líquido dentro da caneca era quase o mesmo quase preto de seus cabelos; claramente, ele não acreditava

em creme e açúcar. — Outros preferem chá ou nada de bebida matinal.

Assim como pessoas comuns. Ela supôs que todos deveriam ter suas próprias personalidades, suas próprias peculiaridades e excentricidades, o mesmo que os mortais. Era mais fácil pensar neles como um bloco monolítico de criaturas estranhas com intenção assassina, mas conhecer Idris mudara tudo isso. Ele pode não ser como qualquer outra pessoa que ela já conheceu, mas de certa forma, isso era uma coisa boa. Algumas das pessoas em seu círculo não eram exatamente modelos, mesmo que ela nunca tivesse admitido uma coisa dessas no passado.

— Acho melhor comermos antes que tudo esfrie,
— sugeriu ela, e seus olhos escuros brilharam para ela.

— Oh, não vai esfriar.

— Magia Djinn?

— Algo parecido.

Tudo o que ela pôde fazer foi sacudir a cabeça, pegar um prato e enchê-lo com uma quantidade

imprudente de comida. Talvez em algum momento no futuro ela tivesse que assistir o que comia, mas agora ela tinha muito terreno para inventar.

Idris também empilhou seu prato alto, reforçando o que ele havia dito na noite anterior, que djinn realmente não precisava se preocupar com o peso deles. Não, ele parecia ser todo músculo; aquelas roupas que ele usava eram definitivamente perturbadoras, embora Amber estivesse mais interessada em seu rosto, no levantamento de suas sobrancelhas escuras, nas linhas finamente esculpidas de sua boca, naqueles olhos castanhos profundos, apenas com a ponta pesada o suficiente para ser positivamente sexy. É claro que ela gostava de homens com bons corpos, mas conhecia homens obcecados em academia o suficiente para perceber que eles tendiam a ser péssimos parceiros românticos.

E, novamente, ela queria rir de si mesma, porque Idris não era sua parceira, nem mesmo em perspectiva. Eles eram amigos? Talvez ainda não seja

amigo. Amigável, porém, e isso era o suficiente para ela agora, e muito melhor do que pensar que ele estava tentando matá-la ativamente.

Eles ficaram sentados e comeram em silêncio por um tempo, apenas pontuando sua conversa com comentários inócuos ocasionais sobre o clima. Amber teve a sensação de que ele estava tentando manter as coisas leves depois das interações um tanto intensas no jantar da noite anterior, o que foi bom para ela. Enquanto ela estava enchendo a xícara de chá, porém, ela se aventurou: — Eu pensei que gostaria de ir à minha casa mais tarde nesta manhã.

Idris levantou uma sobrancelha para ela. — Por quê?

— Só para conseguir algumas coisas.

— Eu posso pegar o que você precisar.

O que ela assumiu ser um fato simples e não se gabar, mas ainda assim.— Existe um problema comigo deixando o local aqui?

— Não, — ele disse imediatamente. — Não há outro djinn em nenhum lugar próximo. É seguro.

— Bem, então. — Como ele ainda parecia perplexo, ela continuou: — Eu só quero algumas coisas pessoais. Você pode vir comigo.

Essa sugestão o fez parecer relaxar um pouco. Por que Amber não tinha muita certeza. Ele pensou que ela tentaria fugir? Não havia nenhuma maneira no mundo que ela fizesse algo tão estúpido, mas talvez ele ainda não estivesse totalmente certo dela.

— É claro, — ele disse. — Se você desejar.

Sem hesitar, ela disse a ele: — Eu gostaria.

Ele assentiu e comeu meio pedaço de bacon, o que parecia indicar sua concordância com o plano. Ela já havia consumido dois pedaços de bacon, mas imaginou que dois anos de privação a devolveriam a outro. Espelhando as ações de Idris, ela partiu uma fatia ao meio e comeu parte dela, deleitando-se interiormente com o sabor salgado, defumado e salgado. Era como um pequeno pedaço do céu.

Bem, quase. Amber não pôde deixar de notar todas as mesas vazias ao seu redor, mesas que deveriam estar cheias de pessoas que vêm aqui para

um brunch, ou um chá cedo. Lembrou-se de como sua mãe a trouxera aqui pelo menos uma ou duas vezes por mês, começando quando Amber tinha apenas seis anos de idade. Aqueles passeios foram tão emocionantes para ela naquela época - a chance de usar um vestido com babados e sapatos novos, de ter todos aqueles adultos a exclamando e dizendo que criança linda ela era. E também para sentar à mesa como um adulto e comer pequenos sanduíches com as crostas cortadas, para que sua mãe mostre que ele é exatamente a maneira correta de entortar seu dedo mindinho enquanto ela levanta o chá para beber. Naqueles dias mais inocentes, ela estava ansiosa por agradar, como se já tivesse começado a sentir as correntes de ressentimento e raiva entre seus pais e estava tentando ser muito boa para que eles não tivessem razão para estar. bravo com ela... ou um com o outro.

— Você parece perturbada - disse Idris baixinho, e Amber se assustou um pouco e lhe lançou um sorriso rápido.

— Eu não estou, — respondeu ela, depois colocou o meio pedaço de bacon que ainda segurava. — Eu estava pensando nas vezes em que vim aqui quando era pequena. É apenas... diferente agora.

— Eu sei. — Ele olhou em volta para o restaurante vazio, depois continuou, com a voz calma, quase triste. — Eu posso fazer muitas coisas, mas não posso trazer de volta as pessoas que antes se reuniram aqui. Este é o mundo em que vivemos agora.

Sua garganta estava apertada. Ela respirou fundo e pegou seu chá, e de alguma forma, o líquido quente ajudou a relaxar os músculos tensos do pescoço, fazendo-a sentir-se um pouco melhor com a vida. Todas as cenas dos livros que ela lera sobre pessoas tomando uma xícara de chá para acalmá-las pareciam fazer mais sentido agora. Havia realmente algo mágico sobre o chá.

— Está tudo bem, — disse ela. Se essa afirmação era ou não verdadeira estava em risco, mas ela lembrou a si mesma que estava em um lugar muito melhor agora do que tinha estado no dia anterior. O

mundo nunca mais seria o mesmo, mas ela estava quente, limpa e bem vestida, estava prestes a morder a melhor quiche lorraine que já tinha comido. As coisas poderiam ser muito piores, considerando.

— Vamos terminar o café da manhã, e então podemos ir para minha casa.

Ele balançou a cabeça em resposta, mas algo em sua expressão ainda estava abstraído, como se ele estivesse preocupado que ela estivesse certificando-se de esconder suas emoções dele. De certa forma, ela supôs que era e, no entanto, o que mais ela deveria fazer? Se ela o deixasse ver tudo o que estava sentindo, ele saberia que ela continuava lutando com a realidade deste novo mundo que os djinn haviam feito. Não, ela realmente não o culpava pelo que tinha acontecido, mas não atribuir culpa não era a mesma coisa que deixar de lado sua tristeza, seu luto pelo que se foi.

Sinceramente, ela não sabia se seria capaz de fazer isso.

Na verdade, foi um choque para Idris perceber o quão perto a casa da família de Amber estava localizada nos terrenos de Huntington. Em vez de levá-lo a uma das duas entradas da instalação, ela o levou até o fundo dos jardins, onde uma alta parede coberta de videira marcava a fronteira da propriedade.

— É do outro lado, — disse ela.

— Subi quando decidi que era mais seguro me esconder em um dos edifícios do museu.

Ela era engenhosa - chegar dessa maneira seria muito menos visível do que seguir o caminho mais longo que a levaria à entrada mais próxima -, mas Idris não tinha a intenção de fazer algo tão indigno quanto escalar um muro.— Isso não é um problema,— disse ele.— Eu te carregarei.

— Você vai o que...? — Ela começou, mas não foi muito além disso, quando ele se aproximou e passou um braço em volta da cintura dela.

Ele poderia ter argumentado que o fez apenas porque abraçá-la quando ele foi ao ar era a maneira

mais simples de os dois passarem pelo muro. No entanto, ele sabia que estaria mentindo para si mesmo se não admitisse que desfrutava da sensação de segurá-la contra ele, de sentir o quão magra era a cintura, de respirar o doce aroma de seus cabelos recém-lavados.

Dentro de alguns segundos, eles estavam do outro lado do muro, em pé em um lago irregular e coberto de vegetação que cercava uma enorme piscina. Como havia chovido mais do que o habitual na temporada passada, não estava vazio, mas ainda apresentava uma visão desamparada, graças às folhas mortas flutuando em sua superfície e ao inconfundível enxame de algas que marcavam suas paredes de concreto.

No entanto, Amber deu apenas uma breve olhada e disse: — Por aqui.

Ela o levou a um conjunto de portas francesas que se abriam em um grande pátio. Ali havia uma ilha de tijolos de espinha de peixe com um churrasco fechado e também móveis enferrujados de ferro

forjado, cujas almofadas já haviam sido rasgadas há muito tempo e o recheio levado por pássaros ou outros animais. Era uma vez, provavelmente tinha sido um lugar muito agradável para se sentar e aproveitar o sol, ou relaxar ao ar livre em uma noite quente de verão, mas esses dias não eram mais.

Lá dentro, a casa parecia muito mais organizada, mas isso deve ser porque Amber tinha sido claramente cuidadosa em fechar a porta atrás dela quando ela saiu. Nenhum animal havia se aventurado aqui, e enquanto uma espessa camada de poeira repousava sobre tudo, ele ainda podia ver a grande escala da sala onde eles estavam agora, os altos tetos de caixotão, o enorme lustre de cristal pendurado no meio da sala. espaço.

— Esta era sua casa? — Ele perguntou, um tanto chocado com sua grandeza. Não é de admirar que ela estivesse tão à vontade em Huntington, aparentemente imperturbável pela arte, móveis e livros raros e inestimáveis que continha. É verdade que esta casa fora construída em menor escala, e ele

ainda entendia que apenas pessoas que possuíam uma riqueza muito grande poderiam morar aqui.

— Sim, — ela disse descuidadamente.

— Meus pais compraram quando minha mãe ficou grávida de mim. Eu morei aqui a vida toda. Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, ela acrescentou: — E sim, nós éramos ricos. Tipo, *muito* rico. O engraçado é que muitas pessoas pensaram que o dinheiro veio do meu pai, porque ele era esse advogado que cobrava mil dólares por hora. Mas o dinheiro real era da família da minha mãe. Meu bisavô comprou um lote de terra no sul da Califórnia nos anos 1920 e 30, quando era barato, depois vendeu partes dele aqui e ali, na hora certa.

Riqueza pessoal era algo que os djinn não tinham um grande conceito, principalmente porque todos tinham a capacidade de construir seus próprios palácios no outro mundo como quisessem. Não havia djinn rico ou djinn pobre, pois não faltavam nada nem viam a necessidade de guardar seus pertences. O dinheiro não existia.

Mas Idris podia ver como alguém poderia acumular uma grande fortuna pessoal adquirindo terras e vendendo-as em momentos judiciosos, pois propriedades em áreas desejáveis poderiam exigir uma grande quantia de dinheiro. Talvez um mortal possa ter achado a pergunta grosseira, mas a curiosidade o levou a perguntar: — O que você quer dizer com 'dinheiro real'?

Amber não parecia ofendida. Na verdade, ela sorriu para ele, olhos azul-celeste dançando com diversão.

— Não tenho muita certeza. Eu não acompanhei essas coisas. Mas acho que foram cerca de meio bilhão, talvez um pouco mais.

Uma quantidade muito grande, de fato. Não é de admirar que ela tenha crescido em uma casa, em uma área tão rica. Sua família poderia ter conseguido tudo o que ela queria.

Ela continuou, com o sorriso desaparecendo. — No final, não importava muito, importava? Todo o

dinheiro do mundo não pôde salvar minha família da doença que você criou.

Não, não podia. A única coisa que protegeu Amber - e outros imunes mortais como ela - foi uma certa mutação genética que impediu que a doença se apoderasse de sua frágil carne humana. Essa mutação não era hereditária, mas apenas um truque de nascimento, e foi por isso que os sobreviventes do Calor ficaram órfãos, não tinham família para ajudar a guiá-los por um mundo tão terrivelmente alterado.

— Sinto muito, — ele murmurou, e ela balançou a cabeça.

— Já falamos sobre isso, Idris, — disse ela, com um tom levemente frágil.

— De qualquer forma, eu preciso subir as escadas.

Ela o levou para longe da sala de estar e através de um grande vestíbulo de dois andares, com piso de mármore e outro lustre de cristal pendurado no teto. Suba a escada graciosamente curva com sua intrincada balaustrada de metal duro e desça um

corredor repleto de arte, paisagens e abstratos, a mistura de estilos, cores e padrões que de alguma forma conseguem trabalhar graciosamente juntos.

Por fim, chegaram a um quarto grande e arejado, com as paredes pintadas de um lado macio cada e uma grande cama coberta de branco colocada contra uma parede. Ali também havia uma camada de poeira sobre tudo, mas Idris ainda podia ver como esse seria um lugar confortável e relaxante para descansar ou simplesmente relaxar, seja no assento almofadado ao lado da janela da sacada que dava para o quintal ou em cima da cama. uma das poltronas colocadas em frente à bonita lareira com seu delicado manto de gesso.

Amber não parecia prestar muita atenção ao ambiente, exceto possivelmente para deixar escapar um suspiro fraco e desanimado com a poeira que viu. Em vez disso, ela foi até uma porta do outro lado da sala e a abriu, revelando um grande closet. A mão dela alcançou o interruptor da luz - provavelmente

por instinto — e ele imediatamente canalizou parte de seu poder na fiação da casa.

O lustre em miniatura montado no teto do armário se acendeu e ela riu. — Você fez isso, não foi?

— Sim, — ele respondeu.

— Eu imaginei que não seria fácil para você encontrar o que estava procurando se continuasse escuro lá dentro.

— Verdade.

Ele a ouviu vasculhando dentro do armário e se aproximou da porta para ver o que ela estava fazendo. Ela havia puxado uma sacola grande de algum material marrom pesado, parecido com vinil, com estampas de ouro por todo o lado - algum tipo de inicial, ele pensou, algo que lembrava um elaborado — LV.— Na bolsa, ela estava colocando várias peças de roupa, os dedos percorrendo o caminho pelas prateleiras lotadas até que parassem em algo que chamou sua atenção. Depois, seria retirado do cabide, dobrado com cuidado e colocado na sacola.

De fato, o número de itens que ela estava escolhendo era vagamente alarmante. Idris se viu obrigado a dizer: — O armário que eu lhe dei não é muito grande.

— Eu sei, — ela respondeu. — Mas você pode aumentá-lo se não couber, certo?

— Sim, — disse ele, mesmo tendo que se perguntar por que ela achava que tantas peças de roupa seriam necessárias. Afinal, o que ele havia fornecido a ela faria por quase uma semana de desgaste.

Mas agora que ele vira a casa onde Amber havia crescido até a idade adulta, ele podia imaginar que ela era capaz de ser bastante particular em seu guarda-roupa. Tendo sido privada dessas coisas por dois anos, ela provavelmente estava pegando as peças que lhe davam mais alegria. E, na verdade, ela estava certa - ele podia expandir seu armário o quanto quisesse, ou fornecer móveis para guardar os itens que não precisavam ser pendurados.

Na verdade, ela estava agora puxando pedaços raros de nada de um armário do outro lado do armário, e Idris se viu olhando para o outro lado, estranhamente envergonhado ao ver algo tão pessoal, tão íntimo. Ele apenas teve um vislumbre dessas peças, e ainda assim pensou que elas deviam ter sido o que os humanos chamavam de lingerie, muito mais extravagantes do que as roupas de baixo utilitárias que ele fornecia para ela.

Por que ela também estava guardando as coisas, ele não sabia ao certo. Talvez usá-los a tenha trazido algum tipo de felicidade.

Certamente... certamente ela não podia esperar que *ele* a visse neles.

Dessa vez, um rubor tocou suas bochechas, e ele se afastou da porta e foi até a janela para poder olhar para o quintal abaixo deles. Agora ele viu que o terreno era mais extenso do que ele pensara e incluía uma quadra de tênis do outro lado da colunata coberta de hera que circundava a piscina. A superfície de barro da quadra estava parcialmente obscurecida

por folhas mortas, as linhas pintadas ali quase foram lavadas por dois anos de chuva.

Ele descobriu que não gostava de olhar para essas coisas. Sim, esta casa era obra do homem, e os Djinns estavam fazendo o possível para remover metodicamente esses lugares, exceto os que eles haviam tomado como casa... e, no entanto, ele não conseguia conter a melancolia que se movia através dele enquanto contemplava a lenta destruição do que outrora fora uma casa grandiosa e bonita, um lugar onde as pessoas viviam, riam e faziam amor, observava a filha crescer e se tornar uma jovem bonita. Embora não fosse possível mudar o que havia acontecido com o mundo, ele queria ter certeza de que o novo que os djinn estavam construindo era um sucessor digno do que havia sido antes.

— Acho que é isso - disse Amber atrás dele, e ele se virou para vê-la segurando a bolsa agora abaulada com as duas mãos, como se fosse pesada demais para ser confiada ao aperto de um conjunto de dedos esbeltos.

— Você será capaz de voar comigo segurando essa coisa?

Claro que podia, mas ele tinha um meio de viagem mais eficiente em mente. — Sim, — disse ele, depois foi até ela e pegou a bolsa da mão dela.

— Vou precisar que você coloque seus braços em volta da minha cintura.

Agora era sua vez de corar um pouco, mas ela não discutiu, apenas se aproximou e circulou sua barriga com os braços. Dessa forma, ela estava pressionada contra ele, seus seios pressionando a carne nua que seu roupão deixou exposto.

A onda de desejo que passou por ele foi quase chocante em sua intensidade. Ele forçou a respiração e pensou no destino deles, e não na deliciosa proximidade de Amber, ou nas longas ondas do cabelo dela roçando suas mãos, seu peito.

Um piscar de olhos durou mais do que a quantidade de tempo necessária para trazê-los para sua casa temporária. Eles estavam no centro da sala

de estar, e ela imediatamente se afastou dele e pegou a bolsa pesada de seus dedos.

— Bem, isso foi... interessante, — disse ela, sem olhar nos olhos dele.

— Eu vou colocar isso no armário.

Idris não tentou impedi-la de ir para o quarto de dormir. Na verdade, ele estava feliz que ela se foi, feliz por ele ter tido a chance de recuperar o fôlego. Ele não esperava reagir a ela dessa maneira e precisava de tempo para recuperar seu equilíbrio. Talvez tenha passado apenas algum tempo desde sua última ligação, e seu corpo estava tentando lhe dizer que tinha certas necessidades que deveriam ser atendidas.

Ou talvez, ele pensou, quando Amber emergiu do quarto dela, colocando uma mecha comprida de cabelo ondulado de linho atrás da orelha com dedos nervosos, talvez fosse mais que eu reconhecesse algo que eu preferiria ignorar.

E, se a maneira como ela estava estudiosamente evitando o olhar dele era alguma indicação, parecia que ela sentiu algo também.

Como ele sabia que precisava resolver a situação, ele disse rapidamente: — Vou deixar você guardar suas coisas. Se você precisar de mais espaço, vá até a casa e me avise.

— Eu vou, — respondeu Amber, parecendo subjugada.

— Obrigado, Idris.

— Não foi nada, — disse ele, depois assentiu e se afastou.

O problema era que ele sabia que não era nada.

O que quer que tenha começado a crescer entre eles, era muito.

CAPÍTULO SETE

Não havia muitos cabides no armário quando o âmbar tem as roupas que ela usava hoje, mas que estava tudo bem. Idris deve tê-los silenciosamente criado para ela, ou o que quer que djinn tenha feito para manipular o tempo e o espaço e a matéria para dobrar o universo aos seus caprichos. Quando terminou de pendurar tudo o que trouxera de sua casa, o pequeno armário aqui estava irremediavelmente abarrotado, mas tudo conseguiu se encaixar... mais ou menos. Ela realmente precisava pedir que ele expandisse o espaço para acomodar seu guarda-roupa, e ainda assim se viu relutante em ir até a casa grande e pedir esse favor em particular.

Era bom abraçá-lo, pressionar sua bochecha na pele quente e nua de seu peito. Muito bom. Mais uma vez, ela sentiu seu corpo corar com calor, com necessidade. E isso foi simplesmente estúpido, porque ele era um djinn. Ou melhor, embora ela soubesse que alguns djinn não tinham nenhum

problema em estar com humanos, ela duvidava que Idris se encaixasse nessa categoria. Ele era um ancião, alguém que provavelmente poderia escolher qualquer mulher djinn que ele quisesse. Por que ele a queria?

Era uma vez, tal pensamento nunca teria entrado em sua cabeça. Talvez ela não pudesse ter estalado os dedos exatamente e conseguido o homem que quisesse, mas definitivamente nunca tinha faltado caras cheirando, mesmo quando estava obviamente apegada. Nem ela era do tipo sentimental, o tipo de garota que pensava que os relacionamentos eram todos unicórnios e arco-íris e caminhadas em tons pastel ao por do sol na praia. Um cara - Cassidy? - tinha sido tão manchado com ela, ele anunciou que se mataria se não pudesse tê-la, ao qual ultimato ela respondeu acidamente que ele provavelmente estava suicida por pensar em não ter acesso ao dinheiro dela, em vez de porque ele pensou que ela era tão maravilhosa. Ele começou a zombar, e esse tinha sido o último daquele melodrama em particular, mas

ainda assim, Amber sabia que ela não era do tipo que se irritava e desmaiava sobre um homem, por mais bonito que fosse.

Ou gentil, inteligente ou estranhamente gentil, apesar de todos os poderes insanos que ele parecia exercer.

— Bem, merda, — disse ela em voz alta. Realmente não fazia sentido enumerar todas as muitas qualidades excelentes de Idris, já que esse era apenas um arranjo temporário. Ele estava brincando com ela porque achava que ela havia sofrido um pouco e precisava de tempo para lidar com esse estranho mundo novo em que se encontrara, mas mais cedo ou mais tarde, ele teria que levá-la para Los Alamos para que ele poderia continuar com sua eternidade pacífica aqui sem ter um mortal traquina sob os pés.

Talvez fosse melhor se ela fosse até ele agora e dissesse que ele poderia enviá-la para Los Alamos hoje. Essa noção não a atraía, mas poderia ser uma

solução melhor para seu enigma atual do que ficar aqui até que ele dissesse para ela sair.

Ou até que ele descubra que você está ficando muito triste com ele, ela pensou enquanto entrava no banheiro para pentear os cabelos com os dedos e aplicar uma nova camada de gloss rosa pálido. *Porque isso seria super constrangedor.*

Sim, seria. Por tratar-se de Idris com quem ela estava lidando, Amber imaginou que ele não zombaria dela ou mostraria seu desgosto pela própria ideia de que um mortal poderia querer arrastá-lo para a cama e fazer todo tipo de coisas deliciosamente indizíveis para ele, mas mesmo assim, ela não queria ser rejeitada... ou, pior, com pena.

Mas Deus, Los Alamos. Ela tinha a mais vaga ideia de que, durante a Segunda Guerra Mundial, eles haviam construído a bomba atômica ali ou algo assim, mas esse era o limite de seu conhecimento quando se tratava daquela cidade do Novo México em particular. Obviamente, não poderia haver muito o que recomendar, ou ela e a mãe poderiam ter feito

uma viagem de um dia para visitá-la, como aquela que levaram para Taos uma das vezes em que vieram a Santa Fé para a ópera. Taos tinha sido ainda menor, mais esquisito e sem graça que Santa Fé, e uma tarde explorando seus museus e a pequena praça suja tinha sido mais do que suficiente para ela.

Mas claramente, Los Alamos tinha que ser completamente normal. A ideia de passar o resto de seus dias lá era apetitosa, para dizer o mínimo, mas Amber sabia que não tinha muitas opções. Onde mais ela poderia ir? Nenhum djinn a havia escolhido - o que ela ainda achava vagamente ofensivo - e isso significava que havia apenas um lugar em que ela poderia acabar logicamente.

Bem, ela realmente precisava pedir a Idris para expandir seu armário, mesmo que ela não estivesse por aqui por muito tempo. No fundo, ela sabia que não tinha coragem de pedir que ele a levasse a Los Alamos, pelo menos não hoje.

Embora ela tivesse segurado junto a ele, aquela visita à sua antiga casa a abalou mais do que ela

percebeu a princípio. Claro, ela sabia que ia parecer empoeirado e negligenciado, mas o que a assustou mais do que isso foi, na verdade, o quão inalterado tinha sido. Ninguém tentou invadir durante todo esse tempo; nenhum animal havia sido o lar deles. Era como se o lugar estivesse congelado a tempo, acumulando poeira silenciosamente, nos últimos dois anos, assim como todas as outras casas ao redor também estavam intocadas. Vendo sua condição atual, percebendo que ninguém mais havia posto os pés em sua casa desde o dia em que fugiu dois anos antes, a fez entender o quão vazio o mundo realmente era. Talvez em algum lugar no fundo de sua mente, ela pensasse que deveria haver outras pessoas por perto - e sua casa teria sido uma tentadora almofada para quem não percebesse que havia perigo vivendo ao ar livre - mas agora ela sabia com certeza que havia realmente muito poucas pessoas.

Idris não havia dito quantos djinn e seus companheiros humanos moravam aqui no sul da Califórnia, mas Amber imaginou que não poderiam

ser muitos, e não apenas quando havia apenas um mil daqueles — dons de consciência— djinn espalhados por todo o mundo. Mesmo quando você considerou os outros dezenove mil djinn, isso não era muito mais do que tinha vivido em sua pequena cidade de San Marino. Exceto que essas pessoas não estavam confinadas a uma área de menos de seis quilômetros quadrados, mas aparentemente estavam espalhadas pelo mundo.

Ela saiu, contente que pelo menos fosse um dia ensolarado. Naquele momento, ela não achava que poderia lidar com céus sombrios e nublados ou temperamentos frios. Essa foi uma das coisas boas do sul da Califórnia - outubro costumava ser um mês quente e agradável, desde que você não tivesse nenhum dos ventos quentes e secos de Santa Ana para enfrentar. Mas eles não pareciam tão predominantes como eram antes, como se as condições climáticas que os causaram tivessem mudado de alguma forma... ou talvez porque os djinn

gostassem de mexer no clima para mantê-lo o mais confortável possível.

Não havia necessidade de ir até a casa em busca de Idris, porque ela o odiava enquanto caminhava pelo caminho. Ele estava no jardim de rosas, com os braços cruzados enquanto examinava o ambiente com uma leve testa franzindo as sobrancelhas.

— Qual é o problema? — Ela perguntou enquanto se aproximava, esperando que o que o incomodasse, fosse algo bem menor.

— Essas rosas estão muito crescidas, — ele respondeu, com um tom de desaprovação, como se pensasse que a condição atual delas era culpa das rosas.

Amber sorriu. — Bem, é isso que acontece quando eles não são atendidos por dois anos.

— Devemos podá-los.

— *Nós—?* ela pensou, mas apenas disse: — Você não pode simplesmente acenar com a mão e fazê-la parecer do jeito que você quer? Quero dizer, foi o que você fez no gramado perto da casa, certo?

Ele assentiu, mas sua expressão ainda parecia distraidamente desaprovadora.

— Sim, mas as rosas parecem exigir mais cuidados individuais do que isso.

O que provavelmente era verdade. Amber não prestara muita atenção ao que exatamente os jardineiros faziam para deixar as rosas de sua mãe tão perfeitas, mas ela tinha a sensação de que era preciso muito trabalho. Havia algo a ser dito para dar uma atenção particular a cada roseira, embora ela realmente não soubesse que forma essa atenção deveria tomar.

Mas ela sabia uma coisa. — Você não pode podá-los agora, de qualquer maneira, — ressaltou.

—Por que não? Ninguém os tocou por dois anos.

Obviamente, enquanto Idris parecia saber muito mais do que deveria saber sobre este mundo e as pessoas, animais e plantas nele, ele não era infalível.— Época errada do ano,— disse ela.— Nossos jardineiros sempre preparavam as rosas no final de janeiro ou no início de fevereiro. Você quer

fazer isso enquanto eles ainda estão
semiadormecidos... ou pelo menos, é o que eu sempre
ouvi.

— Você sabe muito sobre jardinagem? — Ele
perguntou, surpresa clara em seu rosto.

— Eu não sei muito, — Amber respondeu
rapidamente. Ela não queria que ele pensasse que ela
era algum tipo de especialista, porque isso
definitivamente não era verdade.

— Só lembro que foi quando nossas roseiras
sempre foram cortadas. Perguntei à minha mãe uma
vez sobre isso quando eu estava no ensino médio,
porque eu sempre odiava o quão grossas as plantas
ficariam até que comesçassem a brotar novamente. Ela
me disse que você deve podar quando eles não
estiverem crescendo muito, porque, caso contrário, os
confunde. Por assim dizer.

Idris assentiu, e parte da tensão que havia se
atado na nuca de Amber desde que ela percebeu o
efeito que ele estava tendo nela começou a se dissipar.
Talvez ele estivesse fazendo o possível para garantir

que eles tivessem algo completamente inócuo para discutir, mas ela não estava disposta a parecer um cavalo presente na boca. Por tudo o que sabia, ele percebeu algumas das vibrações dela e decidiu que precisava fazer algo para neutralizar a situação.

— O mesmo acontece com muitas árvores, eu acho, — continuou ela, contente com a desculpa de olhar ao redor do terreno, como se tentasse identificar todos os possíveis projetos que ele tinha em mente.

— Você quer cortá-los antes que a seiva comece a correr.

— Obrigado pelo conselho, — respondeu ele, dando uma rápida olhada nos arredores, aparentemente catalogando todo o trabalho que precisava ser feito. Se ele realmente planejasse fazer tudo sozinho, teria o suficiente para mantê-lo ocupado por muito tempo, com poderes djinn ou não. Quando ele olhou para ela, ele pareceu visivelmente mais relaxado.

— Havia algo que você precisava?

— Oh, apenas aquele espaço extra no armário que discutimos mais cedo, — disse Amber. Enquanto falava, ficou tensa, imaginando se ele a levaria a tarefa de recuperar tantos itens que ela realmente não precisava. Para dizer a verdade, ela nem tinha certeza se alguns deles se encaixariam. Era mais que ela queria algo familiar ao seu redor; a mesma motivação a levou a tirar a foto de si mesma, sua mãe e sua avó que estavam sentadas em cima de sua cama e guardá-la na bolsa. Honestamente, ela não sabia se Idris já havia notado, já que ele estava olhando pela janela na época.

— Isso não é problema, — disse ele. — Considere isso feito.

E provavelmente já foi feito. Ela ainda não entendia como os poderes dele funcionavam, mas sabia que ele não precisava estar fisicamente presente para fazer algo tão simples quanto a expansão de seu armário. — Obrigado, — disse ela, depois se virou, planejando voltar para casa.

Sua voz a parou, no entanto. — Jantar hoje à noite na sala de chá? É um pouco mais casual lá, eu acho.

— Claro, — ela respondeu, feliz por parecer tão firme, tão casual. Portanto, ele não dizia para ela comer sozinha na casa japonesa, ou tentava pensar em outra maneira de manter uma distância cuidadosa entre eles. Ela não sabia exatamente o que aquilo significava, mas um tipo silencioso de alívio a percorreu. Essa atração que ela estava sentindo era preocupante, é verdade, mas ela preferia lidar com a tentativa de escondê-la do que ter que comer sozinha. Ela já tinha feito isso centenas de vezes mais do que ela sempre quis. — Um pouco depois do anoitecer?

— Vejo você então.

Ela acenou para ele e voltou para sua modesta casinha, provavelmente mais feliz do que deveria estar. O que quer que tenha acontecido, pelo menos ele não estava tentando evitá-la.

O jantar passou sem incidentes, e Idris ficou satisfeito com isso. Possivelmente, era o ambiente menos formal da sala de chá ou a inspiração que ele teve para conjurar uma refeição de comida chinesa, que não exigia acompanhamento de vinho, mas, de qualquer forma, Amber parecia entender que a conversa deveria ser casual. Ela não falou de sua família ou da visita a sua casa, mas apenas agradeceu por adicionar um pouco de espaço extra ao seu armário, depois falou mais sobre o que eles poderiam fazer com os jardins, cujas plantas poderiam ser cultivadas durante o inverno ameno do sul da Califórnia e quais devem ser cortadas de acordo. Na verdade, ele ficou bastante surpreso com o conhecimento dela, apesar de todo o seu desprezo por ela realmente não saber muito. Ele supôs que poderia ter aprendido essas coisas com os livros ou com a observação pessoal à medida que o tempo passava nos jardins, mas suas ideias o poupariam tempo e esforço.

— O clima era tão diferente de onde você veio? —
Ela perguntou enquanto mergulhava cuidadosamente um wonton em um prato de molho agri-doce.

— Eu não sei se você realmente poderia chamar isso de 'clima', — disse Idris. — Onde morávamos... não era como este mundo. Na verdade, chamamos de 'outro mundo', pois era muito diferente do lugar que nos haviam prometido.

— Era para onde você tinha que ir depois que não podia mais morar aqui?

Ele assentiu.

Suas sobrancelhas delicadas se uniram, e sua expressão era pensativa enquanto ela comia o pão que acabara de mergulhar em seu molho.

— O que vocês Djinnns fizeram para ser banido daqui em primeiro lugar?

Boa pergunta, e uma com a qual seu povo lutava há milênios. Porque eles foram desobedientes, foi a resposta mais fácil. Deus deu Seu favor ao homem, uma vez que ele evoluiu para um ponto em que ele era

capaz de pensamento racional, e ele queria que o djinn, que estivera aqui primeiro, fosse servo dos homens. Ao contrário dos anjos, que seguiram a vontade de Deus em tudo, o djinn se rebelou e foi exilado no outro mundo.

Idris deu de ombros, quebrando um rolo de ovo ao meio.

— Fomos desobedientes. Deus desejava que o homem fosse o primeiro, mesmo que nós djinn estivéssemos aqui primeiro. Não seríamos servos de homens.

Essa resposta parecia bastante simples para ele, mas a carranca de Amber apenas se aprofundou.

— Você continua falando sobre Deus. Você realmente quer dizer, tipo... *Deus*, Deus?

Às vezes, Idris se surpreendeu com a falta de vontade da humanidade em reconhecer a força que tornara possível o mundo deles - independente, todo o universo -. Mas então, ele já estava vivo o tempo suficiente para ver esse mundo ser moldado em sua forma atual, para ver a humanidade evoluir de

simples caçadores-coletores para os seres tecnologicamente evoluídos que vieram tão perto de destruir o planeta que era seu único lar. Ele tinha visto a mão de Deus trabalhando, mas para todos aqueles que estavam vivos quando o Calor chegou, sua divindade já havia se retirado para uma entidade distante, na melhor das hipóteses, sendo mantida por pura crença e não por nenhuma experiência pessoal.

— Sim, eu sei, — disse Idris. — Eu sei que isso deve surpreendê-la, mas, embora Ele esteja ausente deste mundo por muito tempo, Ele existia na época e ainda deve existir agora. Foi seu decreto que sua raça teria soberania sobre este mundo.

— E você foi enviado para o outro mundo.

Idris podia sentir sua expressão nublada, mas ele tentou parecer neutro ao responder: — Sim. É... fora deste mundo inteiramente.

Os dedos de Amber bateram contra a lateral do copo d'água. — Como outro planeta?

— Não exatamente. Mais como... outra dimensão, uma que existe ao lado desta, mas de uma vibração

diferente. Era um lugar onde os humanos nunca poderiam viajar, pois a magia djinn é necessária para chegar lá. De fato, os humanos não podem morar lá por muito tempo, pois o ar é diferente. Não gostamos muito, mas pelo menos fomos capazes de sobreviver naquele lugar.

— Sinto muito, — disse ela, e realmente parecia realmente arrependida por ele e por sua espécie, pelo que haviam sofrido. Na verdade, naquele momento, ela olhou tão adorável, olhos azuis claros arregalados e imaginando, boca bonita franzida levemente, que ele se viu desejando poder estender a mão e tocar a mão dela, passando os dedos em volta dos dela.

Puxe-a para perto, beije-a e experimente molho agri-doce nos lábios adoráveis.

Ele se endireitou e se obrigou a pegar seu próprio copo d'água para poder tomar um gole. O líquido escorreu por sua garganta, fresco e refrescante. Isso ajudou a clarear um pouco a cabeça.

— Você não precisa se desculpar, — disse ele. — É uma dificuldade que suportamos, mas certamente

não foi da sua conta. Além disso, tenho certeza de que aqueles que sobreviveram diriam que não era nada além do que merecíamos, considerando o que fizemos com o seu povo.

Suas costas endureceram, e ela desviou o olhar dele e mexeu com o guardanapo no colo. — Talvez, — ela permitiu.

— Embora, se houver um grupo de humanos vivendo com djinn agora, obviamente eles aprenderam a perdoar e esquecer.

— Alguns deles, — disse Idris. — Outros.... — E ele deixou a palavra sumir, porque percebeu que estava prestes a dizer coisas a ela que talvez fosse melhor não serem ditas.

Ele deveria saber que ela não deixaria passar. Na superfície, Amber poderia parecer tão frágil e bonita como um pedaço de vidro fiado, mas ela era muito, muito mais forte do que uma mulher de ouro. Com a voz um pouco mais aguçada, ela disse: — Outros... o quê?

Ah bem. Ele supôs que não havia motivo real para ela não saber a verdade, não quando - mais cedo ou mais tarde - ela deixaria este lugar e iria morar com sua própria espécie em Los Alamos. Lá, ela provavelmente receberia uma bronca, pois os sobreviventes no Novo México haviam sofrido talvez mais do que qualquer outro nas mãos do djinn dos reaver. Coisas terríveis haviam sido feitas, atos cruéis que haviam sido escondidos dele e dos outros anciãos.

— Nós, djinn, temos poder sobre os mortais, — disse Idris cuidadosamente.

— Um poder além do controle de nossos elementos particulares, seja fogo ou ar, terra ou água. Podemos entrar na mente dos mortais, criar uma névoa onde a vontade de uma pessoa não é exatamente a sua, chamamos isso de glamour.

Por um ou dois segundos, Amber apenas o encarou sem falar. Ela estava se perguntando se ele havia usado o glamour nela para torná-la mais dócil? Pois é claro que ele não tinha, mas ela também não

tinha nenhum quadro de referência verdadeiro para comparação.

Depois de um momento, o aperto de sua boca pareceu relaxar, como se ela tivesse lembrado rapidamente de suas interações e percebido que não podia identificar nenhum caso específico em que ele poderia ter feito isso com ela.

— Então... os djinn usaram o glamour em seus humanos escolhidos se precisassem? Tipo, se a pessoa que eles escolheram não estivesse tão feliz em ser seus parceiros como deveria ter sido?

Mais uma vez, ele se surpreendeu com a rapidez de sua mente. Muito pouco pareceu escapar dela. — Sim, — ele respondeu. — Não necessariamente para fins nefastos, você entende, ser Escolhido era a única maneira de os mortais sobreviverem, e se eles tivessem lutado contra seus protetores, tivessem resistido de alguma forma, eles se colocariam em perigo. Às vezes, era melhor usar o brilho para facilitar sua vida nova, para que se sentissem confortáveis com seus protetores.

Embora tudo isso lhe parecesse sensato o suficiente - se não inteiramente desejável -, obviamente, Amber não via a situação da mesma maneira. Sua linda boca tomou um toque irônico e ela inclinou a cabeça levemente enquanto dizia: — Mais ou menos como o equivalente djinn de um mafioso.

— Um o quê? — Embora ele se considerasse familiarizado com o inglês, certos idiomas e gírias nunca haviam entrado em seu vocabulário.

— Uma droga, — disse ela. — Oh Rohypnol. Era para ser algum tipo de ajuda para dormir ou algo assim, mas circulavam histórias sobre como os homens colocavam na bebida de uma garota para que ela não soubesse ou se lembrasse do que estava fazendo. Foi por isso que você sempre teve que tomar cuidado para não deixar sua bebida desacompanhada, pois correu o risco de um cara tentar te magoar e fazer sexo com você quando não queria.

Uma história horripilante, proferida em um tom quase casual demais, como se Amber estivesse tão

acostumada a todas as maquinações que os homens costumavam usar para dobrar as mulheres à sua vontade, que ela se endureceu diante de tais predações. No entanto, por mais que ele não gostasse da comparação, Idris podia ver por que ela dissera que o glamour dos djinn não era muito diferente do medicamento Rohypnol.

— Talvez haja algumas semelhanças, — disse ele com cuidado. — Mas você deve perceber que esses djinn usavam apenas o glamour para proteger seus Escolhidos, não para machucá-los.

— Isso soa como um argumento bastante egoísta para mim, — ela respondeu. — Talvez aqueles mortais não quisessem ser Escolhidos. Talvez eles tenham perdido alguém para o Calor e não quisessem ser forçados a outro relacionamento com uma das pessoas responsáveis por isso.

— Os mil não eram responsáveis por essa doença, — Idris sentiu-se compelido a apontar.

Os ombros dela levantaram uma fração.

— Certo. Ok, mesmo assim, ser obrigado a ficar com um djinn só porque ele decidiu que você era gostosa não parece tão justo assim.

Quando ela colocou dessa maneira... Ele respirou fundo e disse: — Os djinn foram cuidadosos ao fazer suas seleções. Todos os Escolhidos tinham menos de 25 anos de idade e, em quase todos os casos, não estavam em nenhum relacionamento significativo quando o Calor apareceu. Entendemos que não seria justo esperar que um mortal substituísse um ente querido tão rapidamente.

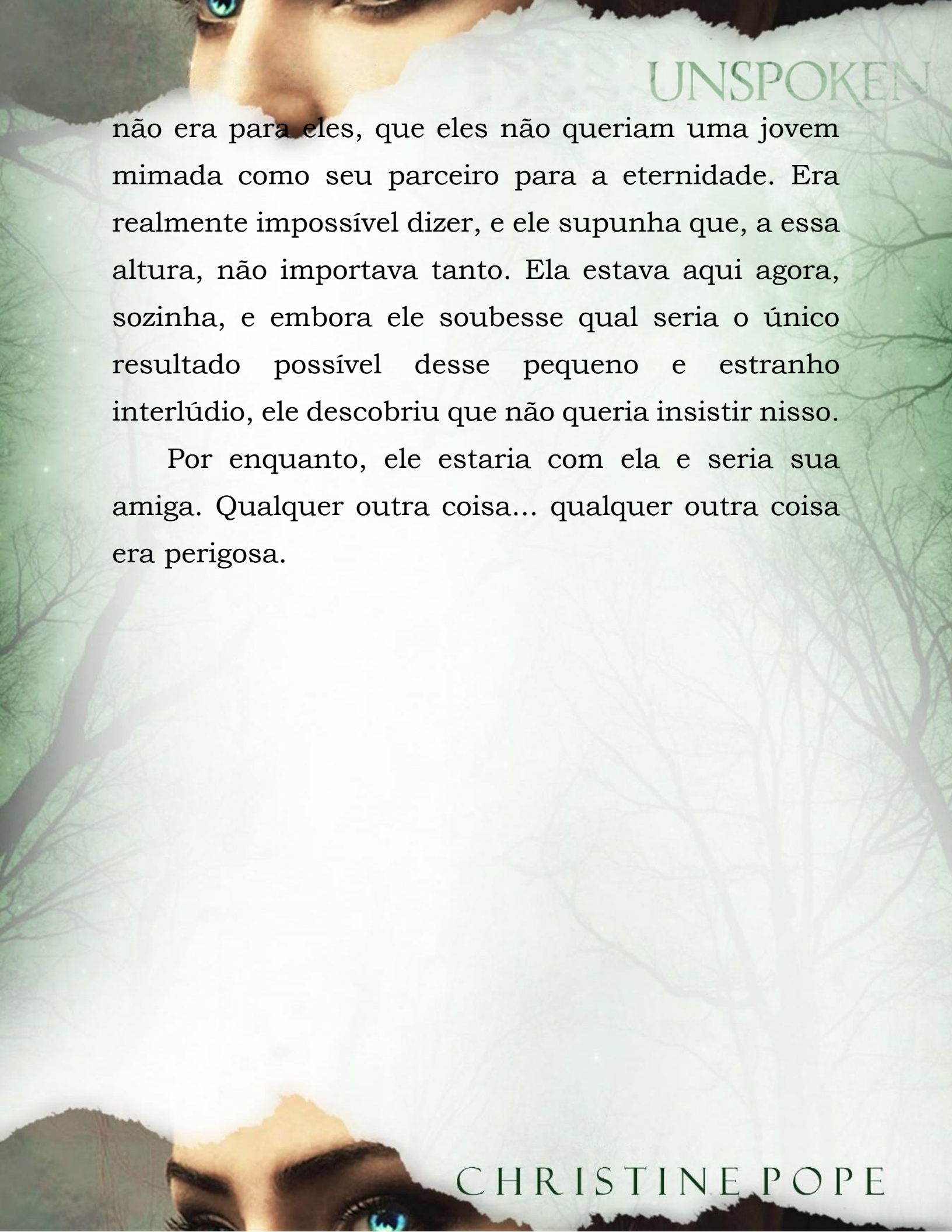
Novamente, Amber estava quieta, sua expressão agora pensativa. Ela tocou o garfo, mas parecia pouco inclinada a pegá-lo. Quando ela falou, ela parecia cansada. — Suponho que você tentou pensar em tudo, não é?

— Nós fizemos o nosso melhor, — disse ele. Ainda havia um traço de condenação em seu tom, mas ele tentou ignorá-lo. Sim, havia elementos do relacionamento djinn / Escolhidos que sempre seriam problemáticos, e ele não podia fazer muito

para mudar isso, apenas tentando fazer com que esse novo mundo funcionasse da maneira mais tranquila possível. Já começara a pensar se poderia fazer mais, no entanto, poderia pensar em uma maneira de gerenciar as tensões que ainda borbulhavam sob a superfície. Não seria bom ter essas tensões em erupção.

— Tenho certeza que você fez. — Agora ela parecia triste, e Idris se perguntou se estava pensando em como ninguém a havia selecionado. Ele ainda não conseguia entender bem essa omissão, porque sabia que se ele tivesse tomado um mortal como seu escolhido - não que ele já considerasse essa opção -, então ela era exatamente o tipo de pessoa para quem ele seria atraído.

Mas, novamente, talvez não. Ele achava que os últimos anos de privação poderiam tê-la mudado, possivelmente ter levado a garota privilegiada e protegida que ela já foi e a transformou na pessoa que era agora. Talvez os Djinn dos mil tivessem considerado ela, atraído por sua beleza, em seguida, decidiu que



UNSPOKEN

não era para eles, que eles não queriam uma jovem mimada como seu parceiro para a eternidade. Era realmente impossível dizer, e ele supunha que, a essa altura, não importava tanto. Ela estava aqui agora, sozinha, e embora ele soubesse qual seria o único resultado possível desse pequeno e estranho interlúdio, ele descobriu que não queria insistir nisso.

Por enquanto, ele estaria com ela e seria sua amiga. Qualquer outra coisa... qualquer outra coisa era perigosa.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO OITO

Apesar das estranhas tensões que surgiam entre ela e Idris de tempos em tempos, Amber pensava que nunca tinha tido um período em sua vida tão estranhamente tranquilo, tão cheio de momentos calmos que a fizeram feliz com sua compreensão. porque. No tempo anterior, ela viveu sua vida em um ritmo frenético, sustentada pelo dinheiro de sua família, indo de festa em festa, abertura de galeria em abertura de galeria, estreia de filme em estreia de filme... o que parecia interessante e divertido, o que quer que fosse pegue seu interesse por algumas horas antes que a próxima coisa brilhante acene. Ela fez compras e foi ao yoga e Pilates e almoçou com amigos e jantou com qualquer homem que estivesse vendo na época, mas nada disso parecia realmente tocá-la.

Agora... agora tudo estava diferente.

Os dias passavam, um após o outro. Ela percebeu certa manhã, com certa surpresa, que vivia na pequena casa japonesa, com seus adoráveis jardins,

há quase duas semanas. Honestamente, ela não prestara muita atenção à passagem do tempo, principalmente porque estava ocupada com a novidade de sua vida aqui no Huntington, de ter um companheiro que nunca lhe pedia nada, exceto que ela compartilhava um pouco de seu tempo com ele. E ceder a ele não era realmente um grande esforço, porque os dois sempre pareciam encontrar algo para se ocupar, se andava pelos jardins e tomava nota de quais plantas aparar e quais plantas escolher - completamente fácil. Para fazer isso, Sinc e Idris poderia basicamente acenar com a mão e fazer com que uma lírio moribundo desaparecesse no ar, apenas para ser substituído por uma nova amostra saudável - ou vagando pelas galerias e olhando a arte, com Amber fazendo o possível para papagaio. alguns dos factoides que ela ouvira os guias turísticos ou a mãe dizer sobre as várias peças da coleção.

E então houve o dia em que ele a surpreendeu aparecendo em sua porta com dois cavaletes e caixas de tinta e sugerindo que eles tentassem pintar *ao ar*

livre. Ela já viu pessoas pintando aquelas paisagens improvisadas em Huntington no passado, mas certamente nunca se sentiu tentada a tentar. Por que fazer a tentativa, apenas para provar o quão ruim você era em alguma coisa?

— Eu não tenho um osso artístico no meu corpo, Idris, — ela protesta, quando ele apenas lhe deu um de seus sorrisos irônicos, mas gentis, e disse que valia a pena tentar.

— Nem eu também sou um artista, — ele disse, — mas parece o tipo de diversão que pode servir para passar algumas horas. E a luz é muito boa para o dia.

Qual foi? Um vento quente no mar soprava através do terreno do museu, não forte o suficiente para ser chamado de Santa Ana, mas definitivamente não a brisa úmida do mar que trazia nevoeiro e nuvens do oceano e temperaturas mais baixas para a área. Todo o local parecia como se tivesse sido traçado com a mais fraca camada de ouro polido, e não havia exigido muita persuasão para ela seguir Idris até um bom nível no gramado do jardim japonês e fazer o

possível para - crie o salgueiro graciosamente caído que crescia ao lado da lagoa ou o arco exagerado da ponte da lua que atravessava suas águas.

— Você tem um olho muito bom, — ele disse, levantando-se de onde estava sentado em um banquinho que conjurou e depois se aproximou para inspecionar a pintura dela. — Acho que você não deve ter me contado a verdade completa sobre sua capacidade artística.

— Sério, eu nunca fiz nada assim antes, — protestou ela, embora estivesse interiormente satisfeita com os elogios dele - possivelmente um pouco satisfeita demais.

Ele ficou um pouco atrás dela, braços cruzados enquanto examinava o trabalho dela. — Bem, eu não saberia disso se você não tivesse me dito.

— Eu quero ver a sua, — disse ela com um sorriso enquanto pousava o pincel na bandeja do cavalete.

Idris balançou a cabeça, parecendo resignado. — Temo que não seja tão bom quanto o seu.

Quando ela foi ver o trabalho dele, percebeu que ele estava apenas dizendo a verdade. Ele poderia ter conseguido comandar todo tipo de poderes sobrenaturais, mas não conseguia pintar a tela de uma maneira que não parecesse algo que um aluno da segunda série pudesse ter feito, as cores enlameadas, os planos e ângulos não muito certo.

Ela olhou para ele, sem muita certeza do que deveria dizer, e ele deu de ombros.

— Os Djinn nunca foram conhecidos por sua capacidade artística.

— Por que é que? — Ela perguntou, um pouco assustada com essa confissão. — Você pensaria que teria muito tempo para praticar.

— Verdade, — ele respondeu. Ele não parecia particularmente chateado com essa falha óbvia, mas quase se demitiu, como se já tivesse lutado com esse enigma particular antes. — No entanto, há mais na arte do que mera prática. Alguns disseram que o esforço artístico na humanidade se deve à necessidade de alcançar o inefável, de fazer algo que

durará muito tempo depois que eles se forem. Nós, djinn, não temos essa compulsão, pois sabemos que sempre estaremos aqui. Sabemos o que é olhar para Deus.

O que ela deveria dizer sobre isso? Nunca antes em sua vida havia sentido necessidade de fazer uma pausa e refletir sobre o que fazia as pessoas se expressarem através da arte, da música e da dança, mas, de certa forma, ela pensava entender o que Idris estava dizendo. Ainda assim, parecia estranho e um pouco triste contemplar uma vida tão longa sem arte ou música para servir como uma distração. Ela disse isso para ele e ele balançou a cabeça.

— Temos música - o tipo de coisa que pode ser tocada em segundo plano enquanto consumimos nossas refeições, ou músicas que podem ser dançadas. Mas não há nada como uma sinfonia ou um quarteto, música que só deveria ser ouvida e apreciada por seus próprios méritos. — Seu olhar mudou de sua pintura desajeitada para a cena que ele estava tentando retratar na tela. — O mesmo para

arte, suponho. Podemos construir bons palácios para morar, porque todos precisamos de abrigo, mas na maioria das vezes coletamos itens feitos por mãos humanas para decorar o interior desses palácios.

Bem, pelo menos os djinn poderiam apreciar a arte, mesmo que parecessem carecer de uma certa essência de criatividade necessária para fazer essas peças em primeiro lugar. Amber descobriu que não gostava de usar a palavra — falta— para descrever alguém como Idris, porque, para ela, ele era perfeito. E daí que ele não conseguia sair de um saco de papel? Ela duvidava que qualquer um dos caras com quem ela namorou pudesse ter conseguido um feito, também, mas eles também não eram o que você poderia chamar de gentil ou atencioso ou até inteligente, para ser perfeitamente honesto. Todos eram bonitos e charmosos na superfície, e a maioria deles vinha das famílias — certas, — ou pelo menos de uma carreira que os colocava na mesma órbita que alguém como ela.

Na verdade, agora que pensava nisso, percebeu que aqueles homens eram principalmente uma coleção de imbecis. Tyler provavelmente era o pior, só porque ele se mostrou tão ruim em encobrir o idiota que ele era trapaceiro, mas nenhum deles tinha sido alguém com quem ela pudesse se imaginar passando o resto da vida. O que estava bom na época; ela não tinha nem vinte e três anos quando o mundo mudou para sempre, e naquela época ela pensara que tinha tempo de sobra.

Engraçado como foi preciso o apocalipse para finalmente conhecer um cara decente. A ironia de ele ser um djinn também não se perdeu nela, embora provavelmente a coisa mais triste sobre sua situação atual fosse o completo esquecimento dele da atração que ela estava achando cada vez mais difícil de ignorar. Não havia nenhuma razão para ele transportar seu estilo djinn, então a última vez que eles tiveram algum contato físico foi no dia em que ele a levou para sua antiga casa para pegar algumas de suas coisas. Você pensaria que a falta de contato

poderia ter facilitado as coisas, mas ela se viu desejando o toque dele, repassando mentalmente a memória dos braços dele ao redor da cintura dela, da maneira como se sentia pressionando contra ele. Uma e outra vez, ela tentou dizer a si mesma que precisava deixar para lá, que era óbvio que ele não estava interessado nela. Caso contrário, por que ele não teria tentado fazer algum movimento? Eles estavam sozinhos aqui juntos, então não era como se eles tivessem que se preocupar com qualquer outro djinn bisbilhotando o que eles estavam fazendo, ou tornando óbvia sua desaprovação a esse relacionamento.

Porque ela tinha certeza de que nenhum deles aprovaria um de seus colegas mais velhos morando com um mortal. Idris nunca tinha dito algo assim em voz alta para ela, mas isso provavelmente ocorreu porque a noção de algo acontecendo entre os dois nunca tinha sequer entrado em sua cabeça. Por quê?

Ele estava olhando para ela agora, obviamente esperando que ela desse algum tipo de resposta à sua

última declaração. Ela conseguiu sorrir e dizer: — Bem, você definitivamente escolheu o lugar certo para morar se o que você gosta é se cercar de arte feita por mortais. Aqui há o suficiente para mantê-lo ocupado por séculos.

— Verdade. — No entanto, ela notou que ele não estava olhando para a mansão que abrigava uma coleção tão inestimável, ou mesmo para a antiga cocheira que havia sido transformada em galeria e continha obras de artistas dos séculos XIX e XX, como Mary Cassatt e John Cantora Sargent. Não, Idris estava olhando fixamente para a pintura que ela havia feito, muito solta e impressionista, mas ainda com um salgueiro chorão reconhecível e uma ponte da lua.

Um impulso repentino a atingiu e ela disse: — Você quer isso? Minha pintura, quero dizer. Realmente não há lugar para eu colocá-lo na casa japonesa de qualquer maneira.

Ao mesmo tempo, sua expressão se iluminou. — Eu gostaria muito disso.

Ela foi até o cavalete e pegou a tela, segurando-a com cuidado pelas bordas, porque sabia que a tinta ainda deveria estar, se não estiver molhada, pelo menos pegajosa e nem toda a maneira que ele havia montado.— Aqui está,— disse ela, oferecendo a ele.

Ele pegou o pequeno retângulo e olhou para ele por um momento. Então ele olhou para cima, seus olhos escuros pegando os dela. — Obrigado, Amber.

O que havia no som do nome dela em sua voz quente e profunda que fez arrepios deliciosos quererem descer sua espinha? Ela sabia que era estúpido reagir a ele assim, mas pela primeira vez em sua vida, ela percebeu que não estava totalmente no controle de suas emoções, que ela não podia simplesmente dizer a si mesma como se sentia sobre uma pessoa.

E é claro que ela tinha que estar se sentindo assim por alguém que nunca poderia devolver esses sentimentos.

Você deveria ir mesmo, ela disse a si mesma, enquanto Idris estava lá e olhou para a pequena

pintura simples que ela o havia dado. *Deixe que ele saiba que você está pronta para ir a Los Alamos e depois saia daqui antes de se fazer de boba.*

Esse parecia ser um plano prático. Pena que ela não queria ir para Los Alamos, não queria deixar Idris. Como no mundo ela encontraria outra pessoa como ele?

A resposta óbvia a essa pergunta parecia ser que ela não iria. Ah, talvez ela conhecesse um cara meio caminho andado no Novo México... embora tivesse dúvidas..., mas ele não seria Idris. Ele não seria incrivelmente bonito e não seria tão silenciosamente, maravilhosamente encantador. Ele provavelmente não iria querer fazer longas caminhadas com ela e ficar bem em ficar quieto apenas para que ele pudesse absorver a beleza do pôr do sol, e ela sabia que ele com certeza não seria capaz de convocar uma refeição perfeita do Cordon Bleu com apenas um estalar de dedos.

Em suma, ele não seria Idris, um ancião djinn. Não havia como algum caipira de Los Alamos começar

a competir com o único homem por quem realmente se apaixonou.

Esse pensamento a deixou fria, mesmo que o dia estivesse quente, uma daquelas adoráveis tardes suaves de outubro no sul da Califórnia que fizeram você pensar que o inverno nunca chegaria, e você sempre desfrutaria dessas joias perfeitas de dias no futuro próximo. Ela sabia muito bem, porém, lembrava muito bem como estava com frio quando as chuvas de janeiro e fevereiro chicotearam o prédio onde ela se escondera. É verdade que ela teve sacos de dormir para se aconchegar e cobertores extras que roubara de casas vazias na área, mas ainda nunca se sentira quente.

— Você está bem? — Idris perguntou então, percebendo claramente o período de tempo que passou sem Amber responder. — Se você quiser manter a imagem -

— Não, — ela interrompeu. — Eu realmente quero que você o tenha.

Algo para me lembrar, ela pensou. Você pode pendurá-lo ao lado de um dos Gainsboroughs e dar uma boa risada toda vez que olhar para ele.

— Muito bem. — Seus olhos escuros examinaram seu rosto, e ela fez o possível para parecer aberta e inocente, como se nada mais importante estivesse acontecendo em sua cabeça do que possivelmente se preocupar se ele iria querer continuar com a sessão de pintura.

— Você gostaria de entrar por um tempo? Talvez o sol esteja ficando muito quente - você parece corada.

Ótimo. Tanto por esconder o que ela estava pensando. Amber conseguiu manter as mãos ao lado do corpo, mesmo tendo o impulso de levantá-las, na tentativa de esconder o sangue que corria pelas bochechas. Seu rubor não tinha absolutamente nada a ver com o sol, mesmo que estivesse muito claro. Mas é melhor Idris pensar isso do que começar a perceber o que realmente estava passando por sua cabeça.

Um aceno de sua mão e os cavaletes e caixas de tinta sumiram - junto com sua própria tentativa fracassada de paisagem, embora ele ainda segurasse a tela que ela lhe dera. Por um acordo tácito, os dois se dirigiram para a casa. Quando eles não estavam andando pelos jardins, muitas vezes acabavam lá, lendo e descansando na biblioteca, ou compartilhando uma refeição na sala de jantar, se não quisessem comer nos confins mais aconchegantes da sala de chá.

Agora era meio da tarde, depois do almoço, mas muito cedo para o jantar. Às vezes, eles faziam um lanche que poderia ser chamado de chá, por falta de um termo melhor, mas geralmente apenas nos dias em que passavam muito tempo caminhando pelos jardins e trabalhando nas plantas e nos canteiros. Pintar uma paisagem realmente não parecia árduo o suficiente para pedir outra refeição, então Amber duvidava que Idris tivesse algo assim planejado.

Idris colocou a pintura em uma mesa lateral, depois fez aparecer alguns copos de água do nada e

entregou um a ela. Desde que ela estava com sede, ela aceitou com gratidão, mais uma vez surpresa com a facilidade com que ele era capaz de antecipar seus desejos.

— Algumas leituras esta tarde? — Ele perguntou, e ela assentiu.

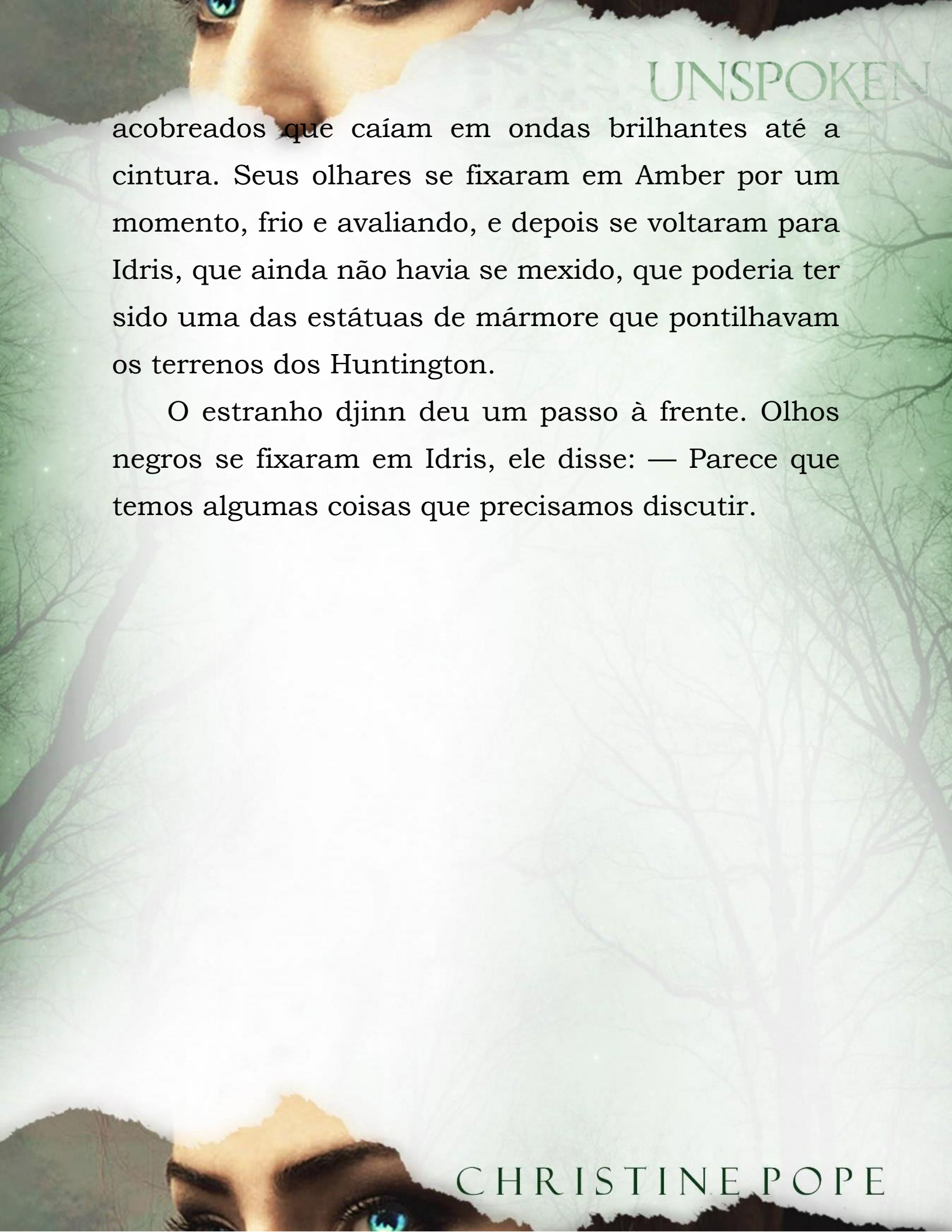
— Certo. Provavelmente seria uma boa ideia sentar um pouco. Além disso, se ambos estivessem lendo, ela não precisaria tropeçar em uma conversa com ele, tentando ignorar a vontade de sair e pegá-lo pelas mãos, puxando-o para mais perto dela. Além disso, ler livros cheios dos problemas de outras pessoas só poderia ajudá-la a evitar lidar com seus próprios problemas. Mais cedo ou mais tarde, ela teria que ter coragem de pedir que ele a enviasse para Los Alamos, mas ela queria adiar aquele dia ruim por enquanto, apesar do que estava passando em sua mente apenas alguns minutos antes. Nesse momento, ela apenas se sentiu cansada, sem uma boa razão para estar experimentando tanto cansaço.

Exceto, é claro, que era exaustivo ter que esconder seus sentimentos dele. Naquele momento, ela só podia estar feliz que os djinn, apesar de todos os seus poderes, não parecessem ser leitores de mentes, nem sempre eram precisos quando se tratava de decifrar emoções e reações humanas. Idris parecia ter percebido que algo estava acontecendo com ela, mas até agora ele não parecia ter ideia do que era.

Ela precisava sair daqui antes que ele descobrisse.

Em silêncio, eles caminharam pelo corredor até a biblioteca, como fizeram muitas vezes antes. Quando eles entraram na sala, no entanto, Amber parou de falar, quase sem suspirar, mesmo quando Idris ficou quieto e cauteloso ao lado dela.

De pé junto à lareira, havia um homem e uma mulher - um homem e uma mulher djinn, Amber percebeu quase imediatamente. O homem era alto e bonito de uma maneira angular, tinha cabelos pretos com mechas prateadas nas têmporas, e a mulher era linda como estrela de cinema, com cabelos ruivos



UNSPOKEN

acobreados que caíam em ondas brilhantes até a cintura. Seus olhares se fixaram em Amber por um momento, frio e avaliando, e depois se voltaram para Idris, que ainda não havia se mexido, que poderia ter sido uma das estátuas de mármore que pontilhavam os terrenos dos Huntington.

O estranho djinn deu um passo à frente. Olhos negros se fixaram em Idris, ele disse: — Parece que temos algumas coisas que precisamos discutir.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO NOVE

Idris sabia que esse poderia chegar, e ainda assim o choque de ver seus colegas mais velhos ali na biblioteca foi tão grande que, por um momento, ele quase não se atreveu a respirar. Ao lado dele, Amber permaneceu imóvel, embora ele pudesse detectar imediatamente a tensão em sua forma esbelta, uma cautela que o lembrou de uma corça prestes a voar no segundo em que algo a assustou.

E, a julgar pelo mais fraco brilho de uma carranca que cruzou o rosto de Ibram antes de ele falar, Idris imaginou que o outro djinn não estava satisfeito em ver o tipo de companhia que ele mantinha.

Apesar desse aviso sutil, Idris disse, com a voz firme: — Bem, olá Ibram, e para você também, Istar.

Ela deu um passo à frente para ficar ao lado de seu parceiro, a expressão bastante agradável - o que costumava ser o seu caminho. Istar sempre foi muito bom em deixar uma pessoa ver o que ela queria que ela visse. — E quem é seu convidado, Idris?

Não havia sentido em dissimular, e ele respondeu: — Aqui é Amber McCoy. Ela passou os últimos anos aqui.

— Se escondendo? — Ibram perguntou.

Para surpresa de Idris, Amber falou então. Possivelmente ela não tinha gostado da maneira como os anciãos djinn haviam falado como se ela nem estivesse lá, porque disse: — Sim, eu estava me escondendo o tempo todo. Era a única maneira de eu sobreviver.

— Muito engenhoso, — disse Ibram, em tons que pareciam indicar que ele não estava particularmente impressionado com a engenhosidade dela. Olhando de volta para Idris, o ancião continuou: - Teríamos uma palavra com você, Idris. Em particular - ele disse, só para que não houvesse nenhuma maneira de Amber interpretar mal o pedido.

Antes que Idris pudesse dizer alguma coisa, ela respondeu: — Não tem problema. Eu vou para minha casa. Ela olhou para ele, olhos brilhantes e curiosos sob seus cílios grossos.

— Venha quando você puder.

E então ela saiu, cabelos brilhantes balançando enquanto se virava para voltar pelo corredor.

— Feche a porta, — disse Ibram.

Idris não gostava de receber ordens na melhor das hipóteses, e agora havia uma condenação na voz do outro ancião que lhe permitir que a conversa que estava prestes a se iniciar não seria agradável. Uma vantagem em seu tom, ele disse: — Você não precisa se preocupar com Amber tentando nos ouvir. Ela é uma pessoa honrada demais para agir dessa maneira. Você pode confiar que ela já está bem no caminho de volta ao lugar em que está morando.

— Tenho certeza de que ela é admirável em todos os aspectos, — respondeu Ibram, seu tom tão brando que se tornou sua própria condenação. — E, no entanto, é melhor não correr o risco.

Irritado, Idris levantou a mão e fechou a porta - com muito mais estrondo do que era estritamente necessário.

— Você está com raiva de nós, — disse Istar. Ela não parecia particularmente incomodada com essa noção, embora, em geral, tendesse a agir como pacificadora sempre que surgisse uma disputa entre seus mais velhos.

— 'Irritado' é uma palavra muito dura, — disse Idris, embora não estivesse tão longe da verdade. Irritado... e preocupado. — De qualquer forma, a que devo esta sua visita?

Os olhos verdes dela se arregalaram. — Só para ver como você está se saindo. Já se passaram várias semanas desde que você nos deixou para fazer a sua casa aqui e, como não ouvimos nada, achamos melhor aparecer e ver se você estava indo bem.

— E agora sabemos exatamente por que você não queria falar conosco, — disse Ibram, cruzando os braços. Sua boca ainda parecia firme e zangada, deixando claro que ele estava menos do que feliz com o que havia descoberto aqui no Huntington, por mais conciliatório que seu parceiro pudesse parecer.

— Você estava escondendo esse mortal, esperando que não fosse pego.

Esse pronunciamento estava próximo o suficiente da verdade de que Idris sabia que não podia contestá-lo com credibilidade. Em vez disso, ele abriu bem as mãos e ergueu os ombros. — Eu não chamaria isso de— esconderijo, — precisamente, já que frequentemente andamos por esse terreno à vista de qualquer pessoa que possa ter nos observado.

Agora Istar riu, mesmo quando ela ergueu uma sobrancelha para ele. — Oh, não seja falso, Idris. Quem teria vindo aqui para observá-lo? Os outros djinn sabem que não devem se intrometer na casa de um dos mais velhos, a menos que o assunto seja grave e tudo esteja em paz agora. Eles não teriam nenhum motivo para chegar perto daqui.

Bem, isso era verdade o suficiente. Embora os djinn convocassem seus anciãos para mediar disputas e coisas do gênero, eles provavelmente abordariam Ibram e Istar primeiro, sinceros e se certificaram de informar aqueles que os procuravam

em busca de orientação sobre onde haviam morado aqui. este mundo. Por outro lado, ele veio a San Marino muito mais recentemente, e era provável que muitos dos djinn não tivessem uma ideia clara de onde exatamente ele havia se estabelecido.

— Você tem razão, — disse ele, — mas ainda direi que não fiz nada para esconder a presença de Amber aqui.

— É o que pode ser, — rebateu Ibram, agora parecendo bastante irritada, — mas o argumento é que ela não deveria estar aqui. Assim que você descobriu a presença dela, deveria tê-la enviado a Los Alamos para morar com os outros sobreviventes humanos.

— É uma perspectiva que discutimos, — respondeu Idris. — E eu não tenho dúvida de que é onde ela acabará eventualmente. No entanto, ela passou tantos meses se escondendo que achei mais gentil permitir que ela permanecesse aqui e se recuperar de sua provação. Ela cresceu muito perto de Huntington e, portanto, teve menos choque ao se

adaptar a esse mundo mudado, porque pelo menos está em um ambiente familiar.

— Isso é gentil da sua parte, — disse Istar. Seu tom era tão neutro, no entanto, que ele não tinha certeza se ela estava sendo sarcástica ou não.

Decidindo aceitar seu comentário pelo valor nominal, Idris disse: — E ela irá para Los Alamos. Já discutimos isso. Simplesmente ainda não tínhamos decidido quando essa transição ocorreria.

Braços ainda cruzados, Ibram bateu os dedos contra um cotovelo. — Há quanto tempo ela mora aqui com você?

— Ela não está 'morando comigo', — Idris contesta.

— Ela nunca passou uma noite sob esse teto. Ela está hospedada em uma pequena casa nos terrenos a alguma distância desta mansão.

Ibram e Istar trocaram um olhar, embora nenhum deles falasse. A essa altura de sua existência, Idris sabia que deveria ter se acostumado um pouco com a maneira como pareciam capazes de

compartilhar comunicação não verbal, mas a visão só aumentava seu aborrecimento. O que quer que eles tivessem a dizer, eles podiam dizer em voz alta em seu rosto.

— Isso é alguma coisa, — disse Ibram depois de uma pausa, embora a nota relutante em sua voz fosse impossível de ignorar. — Mas certamente você pode ver como essa situação não pode continuar indefinidamente.

Idris sabia disso muito bem. Mais e mais, ele estava ansioso pela primeira vez que viu o rosto de Amber e pela manhã, antecipando ouvir o som de sua voz, sua risada. Por ter se assegurado de que não teria motivos para tocá-la ou até mesmo se aproximar, ele evitou uma repetição daquele súbito sinal de desejo que experimentara por ela, mas sabia que a necessidade ainda se escondia em algum lugar dentro dele. Ele a queria, queria tocar sua pele macia, beijar sua boca deliciosamente cheia.

Queria ela em sua cama, em sua vida.

Mas uma coisa era um djinn estender a mão e selecionar um humano como seu escolhido. Um ancião certamente não poderia fazer isso. Ora, até as ligações que ele teve com mulheres djinn o perturbaram em algum nível, pois ele percebeu que elas nunca poderiam ser iguais a ele no poder, da mesma maneira que homens e mulheres djinn comuns eram um com o outro. Com um tempo, esse desequilíbrio de poder seria ainda mais grave.

Não é a primeira vez que ele se pergunta o capricho de um Deus que criaria três anciãos, condenando um deles a ficar eternamente sozinho. Nunca houve qualquer dúvida sobre com quem Istar se relacionaria, e então Idris sabia que ele sempre seria o homem estranho. Sim, ele supunha que ter um número ímpar de anciãos assegurava que nunca houvesse uma decisão vinculada a algo que realmente importava, mas ele ainda se irritava com a injustiça da situação.

No entanto, ele não pôde dizer nada disso a Istar e Ibram. Sua pequena coalizão durou incontáveis

milênios, porque todos conheciam os limites um do outro. Seria inútil para ele comentar sobre o relacionamento deles e como ele havia relegado a ele ficar fora do status dentro do pequeno grupo. E ele também deve manter seus sentimentos em relação a Amber para si mesmo, pois tinha certeza de que Ibram e Istar ficariam horrorizados por poder nutrir tais sentimentos por um mortal.

E, ele pensou com uma triste expressão interior, eu temo que isso só faria Istar determinado a encontrar uma mulher djinn para tirar minha mente de uma partida tão inadequada, e o resultado desse tipo de arranjo constrangedor não poderia ser bom.

— A situação não vai continuar indefinidamente, — ele disse, sabendo que parecia cansado e irritado, e não se importando muito de uma maneira ou de outra. Isso por si só o surpreendeu um pouco, uma vez que, no passado, ele havia feito o possível para manter seus sentimentos pessoais fora de qualquer interação com seus colegas mais velhos.

— Eu já te disse isso. Vou falar com Amber e determinaremos a melhor hora para enviá-la para Los Alamos.

— É melhor não esperar muito,— Istar disse a ele, e embora o tom dela fosse leve o suficiente, ele percebeu pela carranca leve que tocou sua testa que ela esperava que ele prestasse atenção às suas palavras.— Pois todos nós sabemos que o clima no norte do Novo México é muito mais severo do que aqui no sul da Califórnia, e acho que seria melhor ela ter pelo menos um pouco de outono lá antes que ela seja forçada a lidar com o clima..

Idris nem sequer considerara esse aspecto da situação, mas sabia que Istar estava correto. Embora ele não tivesse passado muito tempo naquela parte do mundo, ele esteve lá para experimentar os ventos brutos do inverno, a primavera áspera e ventosa que costumava ser quase tão amarga. — Eu já disse que falaria com ela. Ela sabia o tempo todo que não poderia ficar aqui para sempre.

Pela primeira vez durante essa conversa, Ibram pareceu quase aprovar. Ele veio para ficar ao lado de seu parceiro, embora pelo menos ele fizesse Idris a cortesia de não estender a mão para tocá-la. — É o melhor. E enquanto você trabalha com esses detalhes, acho que Istar e eu devemos investigar esse assunto mais de perto. Amber McCoy é uma jovem adorável e com a idade certa para ter sido escolhida. Acho estranho que ela não tenha sido selecionada por ninguém.

Idris tinha pensado a mesma coisa. No entanto, ele sabia que não podia oferecer muita informação, pois sabia que seus colegas mais velhos não gostariam de ouvir como ele havia interferido dois anos atrás para proteger Amber dos djinn que estavam preparados para matá-la.— Não tenho certeza de que você encontrará muita coisa, mas suponho que qualquer anomalia seja investigada.

— Sim, é estranho, — Istar concordou. — Se descobrirmos qualquer informação relevante, é claro que o informaremos.

— Obrigado, — disse Idris, embora ele estivesse longe de agradecer naquele momento. — Ficarei muito interessado em saber sobre suas descobertas.

— Até então, — respondeu Ibram, e ele e Istar desapareceram abruptamente - no caminho de volta, sem dúvida, ao luxuoso palácio no vale do Loire.

Idris permaneceu onde estava por um momento, depois soltou um suspiro. Ele não estava ansioso pela entrevista com Amber, mas pelo menos uma vez que eles determinassem quando ela iria para Los Alamos, eles teriam uma tarefa difícil fora do caminho.

E talvez, depois que ela se fosse, ele também ficaria livre do tormento interior que ela lhe causara.

Amber ergueu os olhos do livro quando uma sombra caiu do outro lado da sala. Em um dia quente e brilhante de outono como este, ela deixara as telas abertas para a casa e, portanto, não havia nada para impedi-la de ver Idris assim que ele chegasse.

Sua expressão era sombria, e seu estômago afundou. Ah, ela sabia o que provavelmente iria

acontecer assim que ela visse aqueles dois outros djinn de pé na biblioteca e percebesse o que a presença deles significava, mas uma coisa era ter essas possibilidades dançando na sua cabeça e outra completamente diferente. coisa inteiramente de ver o rosto do homem que você ama e ler nos olhos dele que ele estava prestes a mandá-lo embora.

Ela largou o livro e olhou para ele do futon onde estava sentada.

— Então, quais são as más notícias?

— Por que você acha que as notícias que eu estou aqui para entregar são ruins?

— Porque eu posso ver seu rosto.

Ele quase sorriu então. Ou pelo menos, os cantos da boca levantaram um pouco, mas não havia luz nos olhos dele.

— Nós dois sabíamos que esse dia chegaria.

O que era realmente uma maneira oblíqua de dizer que ele a expulsaria. Seu coração começou a acelerar e ela piscou para afastar a repentina picada de lágrimas. Não, ela não o deixaria vê-la chorar. No

passado, ela usava as lágrimas como arma, se pensava que trazê-las para suportar poderia mudar uma situação, mas não havia nada falso sobre a repentina espessura de sua garganta ou a maneira como ela teve que apertar a mandíbula para afastar a reunião. umidade em seus olhos. Outra respiração e ela disse: — Quando?

— Foi sobre isso que eu vim aqui para falar com você. — Ele desviou o olhar dela, para a tarde brilhante lá fora.

— Talvez possamos dar um passeio.

Claro, ela pensou, me leve ao redor e me mostre tudo que nunca mais voltarei a ver. Isso tornará isso muito melhor.

Mas porque o interior apertado da pequena casa de madeira de repente parecia quase tão constritivo quanto a pressão na garganta, ela assentiu. Talvez fosse bom sair.

— OK.

Ela se levantou do futon e foi encontrá-lo na pequena plataforma que servia de alpendre.

— Qual caminho?

— O jardim chinês? — Ele sugeriu. — Nós não vamos lá há alguns dias.

— Certo.

Eles caminharam em silêncio por alguns minutos. O sol estava bom, embora não parecesse fazer muito para penetrar no núcleo gelado da boca do estômago. Enquanto eles seguiam, Amber tentou dizer a si mesma que não deveria estar tão chateada. Ela tinha somente conhecido Idris por algumas semanas. Eles nunca se beijaram ou deram as mãos. Ele era um amigo, nada mais. Sim, era triste ter que dizer adeus a uma amiga, mas ela não deveria estar agindo como se o amor de sua vida estivesse sendo arrancado dela.

Exceto que ele era. Ela sabia que o amava... tinha se apaixonado por ele... e isso não importava nem um pouco. Porque ele não sabia que ela se importava, e não havia como ela contar, nem dizer uma única palavra maldita. A última coisa que ela queria era que ele sentisse pena dela, sacudisse a cabeça para o

pequeno e estúpido mortal que tinha sido burro o suficiente para se deixar apaixonar por um ancião djinn.

As camélias ainda estavam florescendo, mostrando flores brancas, rosa e vermelhas nas árvores. Ela e Idris haviam passado por aqui no final da semana anterior, limpando as flores mortas e os galhos caídos, arrumando o jardim para devolvê-lo ao seu esplendor original. Eles trouxeram de volta algumas das flores, e ele as colocou à deriva em grandes tigelas de água com velas flutuando ao redor deles durante um de seus jantares, fazendo parecer que eles estavam comendo em algum tipo de gruta encantada. Para alguém que alegou não ter nenhum talento artístico, ele definitivamente estava disposto a deixar as coisas bonitas.

Eles foram para a pequena casa de verão com seu teto curvo e sentaram-se lá. Aqui na sombra estava mais frio, embora isso também pudesse ter sido devido à brisa fresca que passava sobre a água que os cercava por três lados. Um par de pombas voava de

uma árvore próxima e, na verdade, era uma cena totalmente idílica... ou pelo menos, teria sido se Amber não soubesse sua verdadeira razão de estar aqui.

— Suponho que não exista um lugar como esse em Los Alamos - observou ela, e Idris virou olhos tristes e escuros para ela.

— Eu não estive lá, então não posso dizer com certeza, — respondeu ele. Ele ergueu a cabeça na brisa, como se estivesse tentando ver tantas centenas de quilômetros de distância e contar o que a esperava em seu destino.

— Mas eu supunha que não. Era uma cidade construída em torno de um laboratório de pesquisa, e agora seus moradores estão muito focados em sobreviver e prosperar em um mundo mudado, o que duvido que deixe muito tempo para frivolidades como belos jardins. Acredito que eles se expandiram além dos limites da cidade até o vale abaixo e estão cultivando bastante.

Agricultura. Ótimo. Ela poderia saber um pouco sobre como tornar um jardim bonito, mas sabia pouco sobre cultivo ou criação de animais. Uma imagem de pesadelo de ser forçada a ajudar a dar à luz um bezerro, um cordeiro ou uma cabra passou por sua mente, e ela mal se conteve.

— Quantos deles existem? — Ela perguntou. — Na comunidade Los Alamos, quero dizer.

— Mais de mil, eu acho. Sobreviventes da parte norte do Novo México se reuniram lá e seu número está aumentando por causa das crianças.

As crianças Certo. Seres humanos normais e comuns se reúnem após o apocalipse e decidem ver se poderiam continuar sua corrida por mais algumas gerações. Até onde ela sabia, os mais velhos pareciam resignados com a situação, o que significava que a comunidade de sobreviventes de Los Alamos deveria estar suficientemente segura.

Então ela deveria estar segura também.

Não que ela pudesse encontrar muita energia dentro de si para se importar. Em algum momento,

ela assumiu que o choque passaria e faria o possível para se encaixar no grupo de sobreviventes. Talvez chegasse um dia em que ela tentasse ter um relacionamento com um deles... supondo que houvesse alguém que fosse remotamente compatível com ela. Afinal, as pessoas em Los Alamos tinham dois anos para se conhecer, criar suas próprias conexões. Não estava fora dos limites da possibilidade de que qualquer homem próximo à sua idade tivesse se casado com todas as mulheres disponíveis, e ela ficaria à margem para sempre.

Droga, aquelas lágrimas estavam queimando seus olhos novamente. Amber engoliu em seco e olhou para seus pés. — Não vai demorar muito para arrumar minhas coisas. Eu posso ir amanhã, se você quiser.

Desde que ela estava olhando para baixo, ela não conseguia ver o rosto de Idris. No entanto, houve um toque de raiva em sua voz quando ele disse: — Eu não 'gosto' disso. Mas essa situação não era sustentável, então aqui estamos.

Deveria estar feliz por ele parecer chateado? Talvez isso significasse que ele se importava com ela, ou pelo menos tinha se acostumado a tê-la por perto e não estava ansioso para ter que passar seus dias sozinho depois que ela se fosse. Por outro lado, ele era um ancião e absolutamente deslumbrante na barganha; ela supôs que ele poderia, basicamente, estender a mão e conseguir qualquer djinn independente que ele gostasse. Ao contrário dela, ele provavelmente não ficaria sozinho por muito tempo.

— Então provavelmente é melhor se eu for o mais rápido possível,— respondeu ela, esperando parecer nobre e corajosa, e não como se seu coração estivesse sendo torcido em nós.— Você vai dizer às pessoas em Los Alamos que eu vou, ou você só vai me deixar na porta deles?

— Amber— Seu tom era gentilmente reprovador, como se ela o tivesse ofendido fazendo tal afirmação. Quando ela não respondeu diretamente, ele disse: — Por favor, olhe para mim.

Desde que ela tinha as lágrimas sob controle novamente, ela pensou que era seguro levantar a cabeça para poder encontrar o olhar dele. *Apenas segure-o por enquanto*, ela disse a si mesma. *Só até terminarmos essa conversa horrível. Então....*

Então, ela provavelmente choraria com os olhos abertos. Mas silenciosamente. Ela não queria que Idris soubesse como estava chateada.

Aparentemente, ela estava fazendo um trabalho bom o suficiente para esconder suas emoções, para que ele não parecesse muito perturbado quando olhou em seu rosto.

— Nós djinn não podemos ir para Los Alamos diretamente porque um dos escudos que eles têm no lugar. No entanto, pensei em transmitir uma mensagem à comunidade de djinn e Escolhidos em Santa Fe, pois eles têm contato frequente com os vizinhos. Eles garantiriam que as pessoas em Los Alamos soubessem esperar você.

Como civilizado. De certa forma, porém, foi um pouco encorajador saber que as duas comunidades

pareciam trabalhar juntas. Talvez então Los Alamos não se sentisse tão isolado.

— Obrigado, — disse ela. — Parece uma boa ideia.

Ele balançou a cabeça e depois continuou, um pouco alegre demais: — Bem, agora que já estamos resolvidos, o que você gostaria para o seu jantar esta noite? Eu gostaria que fosse especial, já que será o último que compartilharemos.

Naquele momento, o pensamento de comer qualquer coisa a fez se sentir vagamente doente, mas Amber sabia que ela teria que fazer o possível para enfrentá-la como se nada estivesse errado, como se estivesse ansiosa por essa nova fase de sua vida.

— Oh, eu não sei. Você pode me surpreender.

— Verdadeiramente? — Ele perguntou, parecendo confuso, como se esperasse que ela fosse mais decisiva sobre o jantar juntos. — Não há nada que você queira, nada que ainda não tenhamos comido?

— Lasanha, — disse ela, já que obviamente ele queria uma resposta de algum tipo. Além disso, a

lasanha - e a maioria da comida italiana - havia sido algo que ela tentou evitar no passado, mesmo que adorasse. Todos esses carboidratos eram ruins, no entanto, e fazia muito tempo que ela não tinha. E apesar de ter notado que começara a preencher nas últimas semanas, graças a toda a boa comida que Idris a estava alimentando - o suficiente para que ela parasse de usar o jeans tamanho zero que ele adquirira para ela e voltou ao seu tamanho normal - dois - duvidava que uma grande refeição italiana fizesse muita diferença.

— E salada Caesar e pão de alho.

Pode muito bem ir à falência.

Agora ele parecia aliviado, obviamente feliz por ela ter lhe dado algo concreto para se concentrar.

— Parece uma excelente ideia. Venha na hora habitual.

Que era pouco depois das seis e meia, mais cedo do que ela costumava jantar nos dias anteriores... não que isso importasse agora. Naquela hora, ainda havia luz suficiente para chegar facilmente à mansão e,

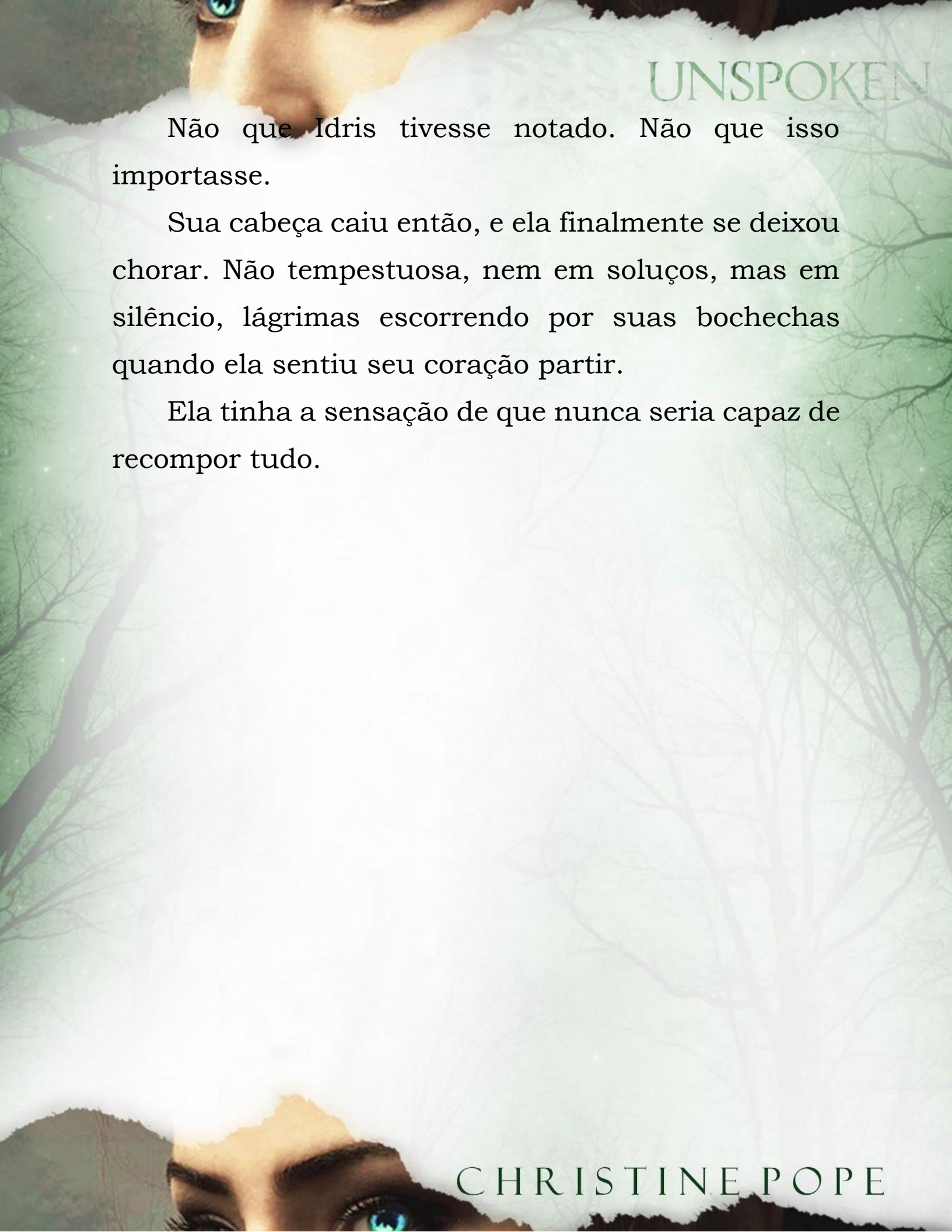
embora já estivesse escuro quando terminaram de comer, ela tinha todas as luzes da paisagem - alimentadas por energia djinn - para guiá-la de volta.

Ele manteria a iluminação da paisagem depois que ela se fosse?

Ela afastou esse pensamento e disse, forçando um sorriso: — Eu estarei lá.

Ele levantou a mão em um gesto de despedida, depois se virou para seguir o caminho que levava em direção a sua casa. Amber notou que ele quase sempre andava por toda parte, muito raramente usando seus poderes djinn para piscar de um lugar para outro. Bem, quando você morava em um lugar tão bonito quanto este, fazia sentido passar o máximo de tempo possível.

Seu sorriso desapareceu e ela juntou as mãos no colo, olhando para os dedos. As unhas cresceram nas últimas semanas, e sua pele também estava em melhor forma, graças à loção que ela usava fielmente todas as manhãs e noites.



UNSPOKEN

Não que Idris tivesse notado. Não que isso importasse.

Sua cabeça caiu então, e ela finalmente se deixou chorar. Não tempestuosa, nem em soluços, mas em silêncio, lágrimas escorrendo por suas bochechas quando ela sentiu seu coração partir.

Ela tinha a sensação de que nunca seria capaz de recompor tudo.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO DEZ

Embora a biblioteca Huntington continua com muitos livros, alguns deles até dedicados à culinária de vários tipos, Idris não encontrou as informações de que precisava no local. No entanto, a pequena cidade de São Marinho também possuía uma excelente biblioteca pública, e foi lá que ele localizou um livro sobre culinária italiana. Lasanha parecia um prato bastante complicado, mas ele pensou que deveria ser capaz de administrá-lo sem muita dificuldade. Na verdade, ele estava feliz por Amber ter posto uma tarefa tão complicada diante dele, porque dessa maneira ele conseguia se concentrar no jantar que estava preparando para ela... e não na separação iminente.

Ela tentara tanto esconder sua tristeza ao saber que o tempo deles estava prestes a me levar ao fim, mas nas últimas semanas ele havia aprendido algo sobre seu humor e expressões, e ela não conseguia esconder completamente o que era. sentindo-me.

Mais do que tudo, ele desejou poder alcançá-la, colocar uma mão reconfortante em seu ombro, mas ele temia que mesmo um toque tão inócuo pudesse ser mais do que ela queria ou precisava naquele momento. Melhor deixar para lá. Logo ela se foi, e ele....

Para ser sincero, ele não sabia o que faria.

Acabara de ler uma receita para o molho de salada Caesar quando Ibram surgiu a alguns metros dele, franzindo a testa poderosamente. Sua aparência precipitada assustou Idris, em parte porque ele não esperava ver seu companheiro mais velho novamente tão cedo, e em parte porque era estranho ver Ibram ir a qualquer lugar sem Istar. Muito raramente eles estavam fora da companhia um do outro.

Sentindo-se irritado - pois ele acreditava que Ibram devia ter vindo aqui para acelerar a partida de Amber - Idris disse: — Conversei com Amber. Vou levá-la para Los Alamos amanhã. Certamente deve ser pressa suficiente para você, Ibram?

— Receio que não seja assim tão simples, — respondeu o outro ancião. Ainda franzindo a testa, ele olhou ao redor da cozinha, olhando por um momento na pilha de livros de receitas que repousavam na bancada de mármore. — Vamos sentar e conversar.

Não é assim tão simples? Por um momento, a esperança saltou no coração de Idris, uma esperança de que Ibram viera aqui para lhe dizer que Amber não precisava ser mandada embora, afinal, mas de alguma forma ele sabia que a visita de seu velho amigo não era motivada por algo tão bem-vindo.

— Claro, — disse Idris. — Podemos entrar na sala de estar.

Ele levou Ibram para fora da cozinha e pelo corredor até aquele espaço formal, uma sala que ele não usava com muita frequência. Na maioria das vezes, parecia que ele e Amber preferiam a biblioteca ou ficar ao ar livre quando o tempo estava bom. De certa forma - se Ibram tinha chegado aqui trazendo más notícias - parecia mais adequado recebê-lo em

um lugar que tinha muito menos lembranças dela sobrepondo-o.

Eles se sentaram, Idris em uma cadeira Louis Quinze com estofados em rosa, Ibram no divã correspondente à sua frente. Ele parecia bastante desconfiado da frágil peça de mobília, mas parecia que preferia não insistir nisso, mas cuidar do assunto em questão.

— Eu descobri algo, — ele anunciou, e Idris levantou uma sobrancelha.

— O que você descobriu?

O outro ancião recostou-se no divã, braços cruzados.

— Bem, como eu disse, faria algumas investigações. O primeiro lugar que procurei foram os testes imunológicos.

Sim, os três anciãos possuíam uma lista daqueles mortais que seriam imunes ao Calor. Era a mesma lista que aqueles entre os Mil tinham usado para selecionar quem seria seu escolhido, uma lista que havia sido anotada com cada par humano / djinn,

para que fosse fácil acompanhá-los se algo desse tipo acontecesse. fora necessário.

— E...?

Ibram descruzou os braços e se inclinou um pouco para a frente, com uma expressão de alguma satisfação, como se estivesse satisfeito consigo mesmo por descobrir uma verdade que já havia suspeitado.

— Parece que Amber McCoy foi escolhida. Especificamente, um djinn chamado Bariq al-Dawud reivindicou-a.

Por um momento, Idris só pôde encarar o outro ancião. Sim, ele achou estranho que Amber não tivesse sido escolhida, pois sua beleza e juventude deveriam ter atraído a atenção de alguém. Mas..., mas isso não fazia sentido. Ele sabia que ela se escondera aqui em Huntington vários dias depois que o Heat havia destruído a população mundial, o que significava que Bariq al-Dawud deveria ter tido tempo de sobra para procurá-la e levá-la para o djinn / humano mais próximo. comunidade - neste caso, Bel-

Air, provavelmente. Mas ele não tinha vindo. Ela foi deixada sozinha e fez a única coisa que pôde pensar para garantir sua sobrevivência.

De fato, se al-Dawud tivesse chegado em tempo hábil para levá-la a sua nova vida, ela não estaria vagando pelas ruas de San Marino, um alvo tentador para o djinn reaver que havia acabado de começar a erradicação sistemática de qualquer humanos imunes que não tiveram a sorte de ser selecionados como parceiros de um elemento. A raiva se agitou em Idris, embora ele tentasse manter a voz calma quando falou a seguir.

— Você já falou com Bariq? Ele deu alguma explicação para por que não veio reivindicar Amber na hora marcada?

— Ainda não, — respondeu Ibram. — Eu o convoquei para encontrarmos nós três no castelo. Senti que era melhor falarmos lá do que aqui. Dessa forma, não haverá chance de ele encontrar Amber.

Esse parecia ser um plano bom o suficiente, apesar de Idris não gostar da ideia de deixá-la aqui

sozinha. Alguma de sua apreensão deve ter aparecido em sua expressão, pois Ibram balançou a cabeça.

— Você sabe que ela estará segura. Quem viria aqui para incomodá-la? Aliás, quem saberia que ela estava aqui?

Verdade. Nenhum djinn viria visitar a propriedade de um ancião, a menos que expressamente convidado, e, portanto, não havia muito medo de invasão. Além disso, Idris duvidava que ele estivesse fora por tanto tempo. Tempo suficiente para falar com esse Bariq al-Dawud e para que todos determinem o que devem fazer em seguida. Pela expressão satisfeita que Ibram já usava, parecia claro o suficiente que ele achava que o assunto já estava resolvido. Eles perguntariam a Al-Dawud se ele ainda queria levar Amber para seu escolhido. Se ele o fizesse, ele a levaria para sua casa. Caso contrário, ela seria enviada para Los Alamos, como eles já haviam decidido. De qualquer maneira, ela era uma ponta solta inconveniente que seria facilmente amarrada.

Infelizmente, Idris não conseguia ver a situação tão desapaixonadamente. Uma coisa era pensar que ela iria morar em Los Alamos com outras pessoas da mesma espécie. Mesmo que ele sentisse falta dela, e pudesse estar interiormente consternado com o pensamento dela, eventualmente, dando seu coração a um homem mortal um dia, isso não era a mesma coisa que saber que ela estava com um djinn. Sua mente traidora pode se sentir tentada a fazer uma pergunta que ele sabia que não deveria contemplar.

Se ela pode estar com ele... então por que não comigo?

Ele deliberadamente empurrou esse pensamento para longe, muito para trás em sua cabeça. Diante de Ibram diretamente, ele disse: — Você está certo. Vamos conversar com Bariq al-Dawud e ver o que ele tem a dizer por si mesmo.

Amber sabia que deveria começar a arrumar suas coisas e, no entanto, enquanto estava em frente ao armário que Idris havia construído para ela e

encarava apática o conteúdo, não conseguia encontrar a energia necessária para a tarefa necessária. Talvez em parte ela soubesse que tudo não caberia na bolsa da Louis Vuitton que ela usara para trazer suas roupas aqui, mas ela pensou que uma grande parte de sua relutância era simplesmente o fato de fazer uma coisa dessas. então... final. Depois de fazer as malas, a separação que pairava sobre ela seria real. Se seu guarda-roupa e sua única foto de família entrassem nessa bolsa, ela desapareceria no dia seguinte.

Em vez disso, ela saiu do quarto e atravessou a sala de estar, depois saiu completamente de casa para poder visitar o jardim zen a alguns metros de distância. Encostado na parede havia um ancinho, e ela o pegou e o usou para traçar padrões no solo arenoso, tomando o cuidado de manter as linhas uniformes e fluindo. Isso era mais difícil do que parecia, mas ela havia começado a prática há alguns dias, lembrando-se de como esse local parecia quando o Huntington tinha um exército de jardineiros para

gerenciar essas tarefas. Além disso, naquele momento ela esperava que o foco no trabalho simples, mas difícil, ajudasse a libertá-la de seus pensamentos, a ajudasse a relaxar de alguma forma.

Em outras palavras, poderia deixá-la um pouco mais zen sobre toda a situação.

Tudo estava muito quieto. Até os pássaros que ela costumava ouvir cantando nas árvores pareciam ter ficado quietos por enquanto, ou talvez eles tivessem decidido sair por algum tempo em outra seção do terreno. Agora, o único som era o *scritch-scritch* do rastelo enquanto ela arrastou-a pelo chão, mas de uma forma, que foi calmante. Ela quase podia ouvir-se respirando, seu coração batendo.

Seu coração se partindo.

Não. Ela já tinha passado por isso, já chorou. Era sobre estar calmo, fazer o possível para relaxar e estar pronto para se despedir de Idris. Seria difícil, tão terrivelmente difícil, jantar com ele hoje à noite e agir como se ela estivesse ansiosa para estar perto de outras pessoas novamente, mas ela faria isso se isso

a matasse. Ela não queria que ele soubesse o quanto dói. Tudo o que ele viu foi uma Amber que sorriu e elogiou o jantar e depois agradeceu por lhe dar abrigo nas últimas semanas. Foi isso. Nenhum deles devia algo ao outro, exceto amizade.

Uau, você não é nobre? ela zombou de si mesma, depois resolutamente afastou o pensamento. Não, o velho Amber provavelmente não teria agido assim. Ela teria contado a Idris como se sentia, esperando que esses sentimentos fossem correspondidos. Mas isso tinha sido alguém que nunca sentiu completamente a pontada de rejeição - mesmo a traição de Tyler não tinha sido tão inesperada e, porque ela não o amava, na verdade, não doeu muito - que nunca experimentara um único dia de fome ou desejo em toda a sua vida privilegiada. Essa Amber... ela perdeu tudo. Talvez por um breve espaço, ela pensou que poderia ter algo em sua vida novamente, algo real, mas isso tinha sido apenas uma fantasia.

Mesmo que ela estivesse sofrendo, ela não queria machucar Idris, tornando-o culpado por mandá-la

embora. Desde o início, os dois sabiam que esse poderia ser o único resultado possível aqui.

Então, ela tentou se convencer de que tudo isso era inevitável enquanto o ancinho raspava a terra, criando padrões e linhas e uma ordem que ela tinha certeza de que nunca seria capaz de experimentar em sua própria vida.

E se algumas lágrimas caíssem no solo nu e arenoso, e daí?

Eles apenas foram adicionados ao padrão.

Idris teve que lutar contra o desejo de não gostar de Bariq al-Dawud à vista. Não foi culpa do outro djinn que Idris se apaixonou pela mulher que al-Dawud queria.

Bariq era alto, embora não tão alto quanto os anciãos do sexo masculino, e seu cabelo também era mais claro, uma juba castanho-avermelhada que caía sobre seus ombros e contrastava com a seda acobreada da túnica que usava. Enquanto estava na sala de visitas do castelo de Ibram e Istar, ele parecia

pouco à vontade, sem saber por que havia sido chamado aqui. Idris supôs que não podia culpá-lo por isso, uma vez que raramente era convocado à presença dos anciãos por um mero convite social.

No entanto, Istar fez o possível para amenizar o mal-estar do homem, ofereceu-lhe um assento no divã e perguntou se ele teria água, vinho ou café.

— A água seria muito boa, ancião, — respondeu Bariq à sua pergunta, parecendo um pouco menos constrangedor quando se sentou na almofada de veludo em relevo.

Ao mesmo tempo, uma jarra de água e um copo apareceram na mesa à sua frente. Istar encheu o copo com as próprias mãos - um gesto de respeito entre os homens, por muito tempo e ela poderia ter usado seus poderes para realizar uma tarefa tão simples - e depois deu água a al-Dawud. Enquanto bebia, Ibram falou.

— Você pode estar se perguntando por que perguntamos aqui, — disse ele.

Bariq al-Dawud assentiu, sua expressão de alívio cauteloso por os anciãos terem abordado o assunto e, portanto, ele não precisou fazer a pergunta que devia estar atormentando-o.

— Tenho certeza que você vai me dizer o porquê, — respondeu ele.

— Sim, vamos, — disse Idris, seu tom mais agudo do que ele gostaria. Fazendo o possível para controlar sua irritação, ele continuou: — Descobrimos que você reivindicou uma Escolhida e, no entanto, parece que você está morando sozinho nesses dois anos desde a Morte. O que aconteceu?

De repente, o djinn de cabelos castanhos pareceu muito interessado no conteúdo de seu copo d'água.

— Não tenho certeza.

Istar levantou uma sobrancelha delicadamente arqueada.

— Como assim, você não tem certeza?

— Sinto muito se estou sendo vago, ancião. — Bariq bebeu um pouco da água que ela lhe dera e continuou: — Sim, escolhi uma jovem para ser

minha. Mas quando fui reivindicá-la, levá-la a morar na nova comunidade em Bel-Air, ela não foi encontrada em lugar algum.

Claro que ela não estava... ela já tinha ido ao chão até então. No entanto, Idris segurou a língua, sabendo que provavelmente era melhor guardar esse conhecimento para si mesmo. Ele não podia se considerar totalmente inocente nessa situação, não quando ele interferiu, havia dito para ela fugir.

— Quando foi isso? — Ibram perguntou.

Bariq pousou o copo de água. Um gesto casual, ou uma maneira de ele evitar a atenção dos anciãos? — Alguns dias depois que o Calor começou.

— Você esperou tanto tempo? — Agora o tom de Ibram era mais agudo, e ele fez uma careta quando olhou para o outro djinn, os braços cruzados. Na verdade, ele podia parecer bastante assustador quando fazia isso, e aparentemente al-Dawud pensava o mesmo, porque parecia recuar nas almofadas de veludo do divã.

— Minhas desculpas, ancião. Sim, receio ter hesitado.

— Por quê? — Istar perguntou. Ela também parecia bastante desaprovadora, e Idris desejou que ele pudesse agradecê-la por fazer a pergunta que sabia que não tinha o direito de fazer.— Não deixamos claro que todos vocês deveriam reivindicar seus Escolhidos assim que possível, para que não fiquem sozinhos e com medo quando seus entes queridos morrerem ao seu redor?

Bariq umedeceu os lábios. Ele tomou um gole de água, parecendo querer ter pedido vinho.

— Sim, ancião. Eu sabia o que deveria fazer. Mas....

— Mas? — Perguntou Idris. Ele queria parecer neutro, mas sabia que um chicote de raiva se infiltrara naquela única palavra. Ibram lançou lhe um único olhar questionador, mas não disse nada.

— Mas... eu comecei a ter dúvidas, — confessou al-Dawud.

Dúvidas? Istar repetiu, seu tom afiado. — Você não achou que a mulher que você escolheu ser digna da honra?

— Não, não é isso, — disse o djinn às pressas.

— Ela era uma jovem bonita, com olhos da cor do céu e cabelos como seda fiada. A dúvida estava toda da minha parte. Eu questionei se eu realmente tinha o temperamento de estar com uma mulher - e uma mulher humana - pelo resto dos meus dias.

— Se você não achava que era adequado para esse tipo de arranjo, talvez devesse ter pensado nisso antes de decidir tê-la como sua Escolhida,— observou Ibram secamente, e Idris só podia estar feliz que seu irmão mais velho tivesse sido o alguém para falar essas palavras, pois ele estava pensando a mesma coisa.

A garganta de Bariq se moveu quando ele engoliu. Na verdade, ele parecia tão terrivelmente desconfortável que Idris poderia sentir pena dele - se não fosse por sua covardia ter colocado Amber em risco. Ela merecia mais que isso.

— Eu sei, — ele disse. — E logo percebi que ela era a escolha do meu coração. Alguém tão bonito não deve ser deixado à mercê dos ceifadores. E então eu corri para encontrá-la, mas a casa onde ela morava estava vazia, assim como todas as outras casas da vizinhança. Eu procurei e procurei, mas não a encontrei. Por um tempo, vivi entre os mortais e os djinn em Bel-Air, pois eles tiveram a gentileza de me receber em sua comunidade enquanto procurava a mulher que deveria ter sido minha. Mas parecia que ela se foi para sempre, então desisti finalmente. Por mais de um ano, moro na terra que seria minha se tivesse ficado sozinho... em um lugar chamado Costa Rica.

Istar e Ibram se entreolharam. Idris podia adivinhar o que eles estavam pensando - que eles deveriam ter lembrado que Bariq al-Dawud deveria ter escolhido um escolhido, e que não deveriam ter recebido essas terras. No entanto, houve muito mais caos nos meses que se seguiram à morte do que qualquer um deles planejava, e eles provavelmente

esqueceram que al-Dawud tinha algum projeto para uma mulher mortal, e foram adiante e deram-lhe terras para chamar de seu.

E, agora que ele estava refletindo sobre a situação, Idris podia adivinhar por que o djinn que ele havia expulsado de Amber nunca havia ido aos outros dois anciãos para informá-los de sua interferência. Aquele djinn provavelmente adivinhou que ela era Escolhida, e pensou que Idris havia entrado para salvá-la porque aqueles poucos mortais especiais eram sacrossantos, intocáveis. Atacar um deles era arriscar ser enviado aos círculos externos como punição. O djinn reaver teria mantido seu silêncio, agradecido por Idris aparentemente não ter mencionado sua transgressão a ninguém.

— Bem, você está com sorte, — observou Ibram então.

— Porque, como se vê, ela esteve escondida esse tempo todo e só recentemente fez sua presença conhecida por nós. Idris a vigia em sua propriedade até podermos decidir o que fazer com ela. De fato,

estávamos prestes a mandá-la para morar com os outros imunes humanos em Los Alamos, mas então descobri que você reivindicou suas costas antes dos moribundos. Se ainda é seu desejo tê-la, ela é sua.

Um tom tão casual para usar quando se discute a disposição de outra pessoa viva. Idris queria se esforçar para dizer ao outro ancião que a mulher em questão merecia muito mais. Mas é claro que Ibram não conhecia Amber, não sabia nada de sua força e determinação, da luz incandescente de seus sorrisos. Ela era apenas um problema que precisava ser resolvido e, agora que eles descobriram que Bariq al-Dawud a desejara, dar a ela parecia ser a solução mais simples para o problema deles.

Parecia que al-Dawud tinha a mesma mente, pois assim que Ibram fez essa revelação, os olhos de ouro verde do outro djinn se arregalaram, e ele largou o copo e se levantou.

— Ela está realmente viva?

— Sim, — disse Idris. — E bem, agora que ela teve algum tempo para se adaptar à vida no mundo depois de passar tanto tempo se escondendo.

— Posso - posso vê-la?

Bem, ele parecia ansioso o suficiente. Idris supôs que deveria estar feliz por Bariq parecer tão entusiasmado, e ainda assim ele teve que lutar para não se franzir. Quanto disso era a verdadeira ânsia de ver a mulher que ele queria uma vez, e quanto um programa ele estava dando para fazer com que os mais velhos pensassem que ele estava disposto a seguir seu plano?

Infelizmente, ele não conseguia ler mentes, e então Idris duvidava que algum dia conhecesse a verdade real. O que ele sabia era que ele odiava o pensamento de entregar Amber a este homem, de forçá-la a ir com um completo estranho. Sim, era assim que teria funcionado no começo, se Al-Dawud não estivesse tão fraco, a procurara imediatamente assim que sua família morresse. Mas agora se

passaram muitos meses... e, pensou Idris, alguém que havia vacilado tanto não a merecia.

Ele também não tinha certeza se a merecia, mas sabia que seria um parceiro muito melhor para ela do que Bariq al-Dawud, apenas porque Idris sabia que a amava.

Não que isso importasse. Ela nunca poderia ser dele... especialmente agora que ele sabia que alguém tinha uma reivindicação anterior.

— Logo, — Istar disse gentilmente, uma vez que ela percebeu que Ibram não iria responder à pergunta de Bariq. — Acho que ela precisa ser informada da situação, e então determinaremos a melhor maneira de gerenciar a transição.

— Vou contar a ela, — disse Idris, embora seu intestino se apertasse de apreensão com o próprio pensamento de como seria essa conversa.

— Acho que durante o jantar, já que isso já está planejado. E, na verdade, amanhã pode ser viável, pois ela acredita que irá para Los Alamos naquele

momento. Em vez disso, ela terá um futuro muito mais brilhante. Ela será escolhida.

Ele odiava até pronunciar essas palavras, mas elas pareciam ter o efeito desejado, pois Istar e Ibram agradeciam com aprovação, e al-Dawud parecia satisfeito por não ter que sofrer muito mais.

— E depois disso eu posso levá-la para morar comigo na Costa Rica? — Ele perguntou.

— Apenas temporariamente, — respondeu Istar, estreitando os olhos levemente. Mesmo que se passassem dois anos desde que Bariq procurara em vão por seu escolhido, ele ainda deveria ter lembrado que não podia ficar no lugar em que vivia por muito tempo.

— Pela primeira vez, Amber está morando com você como seu escolhido, então é claro que você deve morar com os outros djinn e seus escolhidos em uma das comunidades locais no sul da Califórnia. Há Bel-Air e também Laguna Beach, mas vocês dois podem discutir o que seria melhor para você depois de ter

tido um pouco de tempo para se acostumarem um com o outro.

— Claro, — disse Bariq. — Bel-Air era bastante adorável, e o djinn e o escolhido eram muito agradáveis, mas se Amber preferir Laguna, presumo que funcionaria também.

Como ele era muito flexível. Por outro lado, ele tinha todos os motivos para se sentir magnânimo, pois estava prestes a receber uma mulher maravilhosa em uma bandeja de prata.

O pensamento fez o sangue de Idris querer ferver. No entanto, ele assumiu o que esperava ser uma expressão agradável e disse: — Parece que estamos todos de acordo, o n. Vou voltar para minha casa e informar Amber a respeito do que está por vir. Depois, Bariq al-Dawud, você pode vir amanhã ao meio-dia e levá-la embora com você.

— Isso soa como um excelente plano, — disse o outro djinn. — Estou ansioso por isso.

Ele se levantou do divã e fez uma reverência para todos, depois desapareceu. Por um longo momento,

nenhum dos anciãos disse nada. Istar ainda exibía uma expressão especulativa no rosto enquanto olhava para Idris, como se estivesse fazendo o possível para adivinhar o que ele poderia estar pensando. Felizmente, ela não tinha a capacidade de ler seus pensamentos, e ele tinha que esperar que ela pudesse entender pouco de seu rosto.

— Eu irei, — ele disse abruptamente. — Eu devo falar com Amber, e ela deve se preparar para a partida.

— Você não parece muito satisfeito com esse resultado, — observou Ibram, fazendo Idris se perguntar se os outros dois anciãos estavam se comunicando através do pensamento.

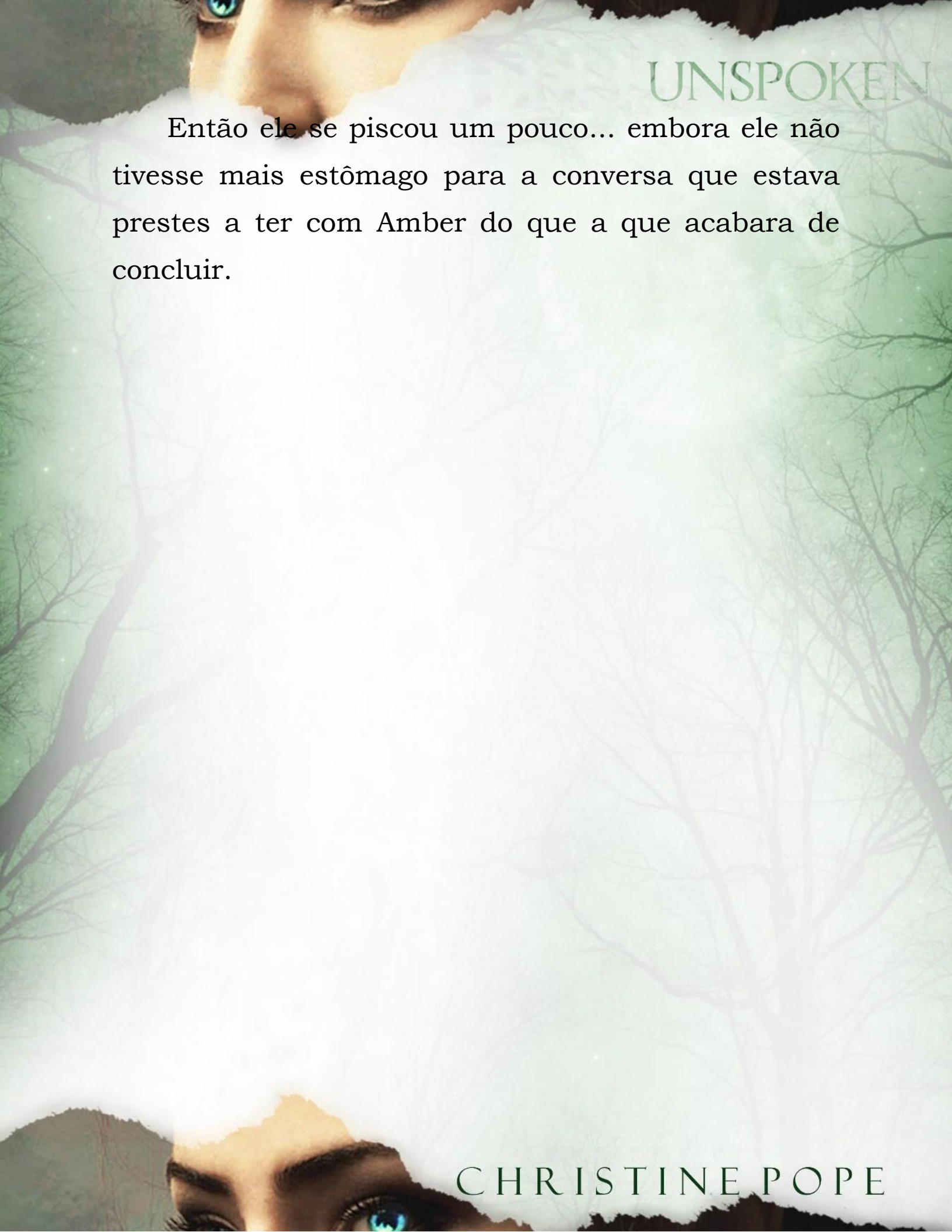
Ainda assim, ele se levantou, como se se importasse muito com a situação, de um jeito ou de outro, e disse: — Pelo contrário, estou muito satisfeito por tudo isso ser resolvido de maneira tão conveniente. Estava na hora de seguir em frente, pois estava começando a descobrir que ter Amber

morando no local interferia um pouco nos meus planos para minha casa.

Isso, é claro, era uma mentira careca, já que ela havia feito muito para ajudá-lo a restaurar os jardins de Huntington. No entanto, nem Ibram nem Istar haviam visitado durante esse período e, portanto, não podiam ter uma ideia real do que estava acontecendo ou não na propriedade.

— Excelente, — respondeu Ibram. — Então vamos deixar você ir. Apenas pense: a essa hora de amanhã, todo esse caso estará satisfatoriamente concluído.

Idris não confiava em si mesmo para responder a essa afirmação de uma maneira que não provocasse suspeitas. De fato, o simples pensamento de entregar Amber a Bariq fazia parecer que alguém havia enterrado uma adaga em seu coração. Ele assentiu, primeiro para Ibram, depois para Istar e disse: — Voltarei amanhã para que você saiba que tudo correu como planejado.



UNSPOKEN

Então ele se piscou um pouco... embora ele não tivesse mais estômago para a conversa que estava prestes a ter com Amber do que a que acabara de concluir.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO ONZE

Amber se aproximou da mansão lentamente deixando-se observar os detalhes destacados pela última luz do sol poente - as fileiras de colunas, as elegantes balaustradas na varanda do andar de cima, as formas esbeltas do cipreste italiano em vasos que ladeavam a entrada principal. a loggia. Talvez ela estava torturando-se por tentar cometer tudo isto à memória, ao invés de empurrá-lo de lado como um interlúdio que nunca teve qualquer chance de duração, mas ela queria manter esta casa e o homem que viveu nele em um lugar secreto no seu coração, como o compartimento da caixa de joias que seus pais lhe deram como presente de Natal quando ela era pequena. Dessa forma, quando ninguém estava olhando, ela podia abrir a pequena gaveta e retirar os tesouros lá dentro, só que não seriam anéis ou pingentes, mas lembranças de seu tempo aqui - Idris sorrindo para ela enquanto uma brisa brincava com sua longa cabelos, luz do sol refletindo no lago de

carpas no jardim japonês... Idris a abraçava enquanto estava na porta de sua casinha e de repente percebeu a profundidade da perda do mundo. Todas essas coisas, tão preciosas... tão cedo para ir embora.

Ela vestiu seu vestido branco favorito, principalmente porque queria que a última experiência de Idris fosse o melhor. Provavelmente era bobo usar algo assim em meados de outubro, mas o tempo estava quente e ela teria que guardá-lo em breve. Provavelmente ela nunca teria chance de usá-lo novamente; pelo que ela foi capaz de dizer, Los Alamos não parecia exatamente o tipo de lugar que incentivaria os vestidos brancos com babados e babados.

Como sempre, as portas francesas que se abriam para a varanda estavam destrancadas, então ela foi em frente e entrou. A mesa da sala de jantar estava coberta com um pano branco fino e uma grande tigela de prata cheia de rosas dos jardins - vermelho e amarelo e branco e rosa - adornavam o centro daquela mesa. Havia mais rosas em um par de vasos de prata

correspondentes sobre a lareira, e velas tremeluziam em quase todas as superfícies planas. Em um tempo anterior, ela teria olhado para a cena e pensado que era uma configuração completa para uma sedução, mas sabia que Idris não tinha nada em mente para esta noite. Não, ele provavelmente só queria lhe dar algo adorável para ela ontem à noite aqui, especialmente desde que ela elogiou suas outras tentativas de decoração, e então ele sabia que ela gostava e apreciava esse tipo de coisa.

Ele entrou na sala de jantar, carregando uma caçarola de vidro grande em seu próprio porta-joias de prata furada. A lasanha dentro da caçarola cheirava incrível, mas ela ainda não tinha muito apetite.

— Amber, — disse ele, e embora ele sorrisse para ela, ela pensou que podia ver a tensão em sua expressão. Talvez isso fosse ser difícil para ele também.

Ela afastou esse pensamento de sua mente. Provavelmente, ela estava apenas fabricando o que

queria ver, esperando contra a esperança que ele reconsiderasse o plano deles de enviá-la para Los Alamos.

— Oi, Idris, — ela respondeu, tentando parecer casual. — A sala de jantar está linda.

— Obrigado, — disse ele. — Eu queria fazer nosso último jantar juntos, algo que você pudesse lembrar por um longo tempo.

De alguma forma, ela conseguiu sorrir. Por que era tão difícil agora, quando no passado ela sempre achava fácil fingir felicidade ou entusiasmo, se necessário? — Então você conseguiu.

— Por favor, vá em frente e sente-se. Eu só preciso trazer mais algumas coisas.

Amber assentiu, embora estivesse um pouco confusa com o pedido dele. Por que ele não podia simplesmente acenar com a mão e fazer o resto da comida aparecer na mesa? Ele estava tentando parar por algum motivo, fazendo o possível para prolongar a última noite juntos?

Ela não sabia. Tudo o que ela pôde fazer foi sentar-se no lugar de sempre, na cadeira à direita do lugar de Idris, na cabeceira da mesa, depois pegar o guardanapo branco e espalhá-lo sobre o colo. Ocorreu-lhe que ela não podia realmente dizer onde o guardanapo terminava e sua saia começou. Ela teria que ter cuidado quando limpou os dedos.

Então, novamente, o que realmente importava? Ela nunca mais usaria esse vestido?

Antes que a melancolia pudesse começar a assombrá-la, Idris reapareceu com uma grande tigela de salada de vidro em uma mão e uma cesta de prata contendo um guardanapo branco dobrado na outra. A julgar pelo aroma saboroso que surgiu de dentro da cesta, tinha que ser preenchido com pão de alho.

— Pronto, — ele disse, largando o fardo para poder sentar-se na cadeira à cabeceira da mesa. — O que você gostaria de beber com isso? Chianti, ou talvez algo um pouco fora dos roteiros mais conhecidos... Montepulciano ou Aglianico?

— O que você achar melhor, — ela disse a ele. Em algum momento, ela provavelmente teria tentado educar-se sobre o vinho, mas, naquela época, sua multidão bebia principalmente coquetéis ou bebidas destiladas. Ela começou a aprender um pouco... obviamente não o suficiente, porém, já que ela nunca tinha ouvido falar das duas últimas variedades que Idris é mencionado.

Ele pareceu pensativo por um momento, depois acenou com a mão. Uma jarra cheia de um rico vinho escuro apareceu na mesa entre eles, mas como não havia uma garrafa com um rótulo para ler, ela ainda não tinha ideia do que eles iriam beber.

— Sempre gostei de Montepulciano, — disse ele, esclarecendo o mistério. Ele levantou a jarra e derramou uma polegada e meia no copo de vinho dela, depois fez a mesma coisa por si mesmo. — Diz-me o que pensas.

Naquele momento, ela se sentia tão nervosa e pouco à vontade, sobre tudo o que podia esperar era que o vinho não tivesse gosto de vinagre para ela. Ela

levantou o copo e depois se obrigou a dizer: —
Devemos brindar a algo?

O sorriso que ele estava usando deslizou um pouco. Suponho que deveríamos. Para novos começos?

Essa foi a última coisa que ela queria comemorar. Ela queria ficar aqui, em um lugar que conhecia com o homem que amava. No entanto, ela não podia dizer isso a ele, então ela bateu seu copo contra o dele.— Para novos começos.

Os dois beberam. Para alívio de Amber, o vinho não era vinagre, mas suave, rico e escuro, estranhamente reconfortante. Talvez tenha sido por isso que ele o escolheu para acompanhar a comida italiana de lasanha e pão de alho.

Ele pegou a cesta e entregou a ela. — Algum pão?
— Obrigado. — Ela empurrou o guardanapo para trás e selecionou uma peça de tamanho modesto, embora naquele momento sentisse vontade de comer a cesta inteira. Quando ela terminou, ela devolveu e

ele pegou um pedaço para si. Depois disso, ele serviu salada e lasanha para os dois.

A comida cheirava incrível, e ela pensou que tinha feito uma boa escolha. Tão nervosa quanto ela estava, ela não achava que poderia ter conseguido a tarefa de cortar carne de uma pequena codorna, ou tentar abrir caminho através de um bife.

Por alguns momentos, eles comeram sem falar. Amber percebeu que Idris também não estava totalmente à vontade, porque ele não parecia querer olhar para ela e parecia preocupado demais em comer o que era, afinal, uma refeição bastante simples.

Por fim, porém, ele largou a mão e disse: — Sobre amanhã....

Seu estômago se contraiu, mas ela conseguiu responder com bastante calma: - Eu já tenho a maioria das minhas coisas prontas, mas preciso que você compre outra bolsa para mim. Não tenho espaço suficiente no que trouxe da minha casa.

— Isso não é um problema, — disse ele, embora não parecesse particularmente aliviado. — No entanto, há algo que eu preciso falar com você.

O nó em sua barriga parecia se enrolar um pouco mais. Amber pegou seu copo de vinho e deu um grande gole, depois disse: — Oh?

Talvez ele realmente tivesse mudado de ideia. Talvez ele tenha percebido que não queria mandá-la embora. Pelo que ela sabia, ele tinha ido falar com os outros anciãos sobre a situação, perguntando se eles talvez pudessem mudar as regras nesse caso.

Quando ele respondeu, no entanto, suas esperanças foram imediatamente frustradas. — Você partirá amanhã, mas não para Los Alamos. Ibram achou que sua situação merecia mais perguntas e, então, examinou-a mais e descobriu que você realmente fora Escolhida na época do Calor. O djinn que selecionou você não conseguiu localizá-lo e passou os últimos dois anos temendo que você estivesse morto. Ele ficou muito feliz ao saber que você viveu, e é para ele que você irá amanhã.

A comida que ela acabara de comer parecia ter se transformado em pedra em seu estômago. Isso não poderia estar acontecendo. De fato, as revelações de Idris sacudiram Amber tão profundamente que tudo o que ela pôde fazer foi sentar-se ali e encará-lo, o copo de vinho ainda apertado nos dedos, que também pareciam ter sido transformados em pedra, eram tão frios e imóveis. Do que diabos ele estava falando? Não poderia ter havido outra pessoa, ou ele a procuraria todos esses meses atrás, exatamente como Idris havia explicado que deveria acontecer.

— Eu não entendo, — disse ela finalmente, as sílabas vindas devagar, como se tivesse que se lembrar conscientemente de como pronunciar cada palavra antes que saísse de sua boca.

— Eu sei que isso deve ser um choque para você, — respondeu ele. Seu olhar se afastou dela, e ele também pegou seu vinho e se engoliu. — Mas todos nos perguntamos por que você não foi escolhido, quando parecia que você deveria ter sido um

candidato perfeito. Bariq queria você. Só que você se foi quando ele veio reivindicar você.

— Bariq—? Amber ecoou. — Esse é o nome dele?

— Sim. Bariq al-Dawud. Ele vive em sua casa na Costa Rica nos últimos dois anos, e acredito que ele planeja levá-lo até lá primeiro. Permanentemente, é claro, você precisará se estabelecer em uma das comunidades de humanos / djinns aqui na Califórnia, mas vocês dois podem discutir esse arranjo ao se conhecerem.

Idris estava falando tão razoavelmente, tão calmamente, como se tudo isso fizesse perfeito sentido e não houvesse absolutamente nada para ela se preocupar. Amber, por outro lado, sentiu como deveria gritar. Como ele poderia entregá-la a um estranho perfeito sem piscar um olho? Tudo bem, ela sabia que a configuração original era para esses djinn aparecerem e levarem os mortais que eles decidiram salvar, mas aquele navio havia navegado. Dois anos se passaram, e ela não tinha visto nem esconder nem cabelos desse Bariq. Obviamente, ele não estava tão

preocupado em não a encontrar, ou ele provavelmente teria tentado um pouco mais para descobrir seu destino.

— Então você só vai me dar um djinn aleatório e lavar as mãos da coisa toda, — disse ela, com um tom ácido.

As sobrancelhas de Idris se uniram e sua boca se apertou um pouco. — Ele não é 'aleatório', Amber, — respondeu ele. — Ele é o homem que escolheu você.

— Bem, ele é aleatório para mim, — ela respondeu. — Eu não tenho uma opinião sobre tudo isso?

— Você não teria voz se ele a reivindicasse no início, como foi planejado.

— Sim, e quão medieval é isso? — Antes que Idris pudesse responder, ela continuou: — Ou talvez seja mais homem das cavernas. Você sabe, arrastando a mulher pelos cabelos e tudo mais.

— Ele não teria arrastado você para lugar nenhum, — disse Idris, e embora ele ainda parecesse calmo o suficiente, ela pensou que poderia detectar

uma ponta na voz dele, como se ele estivesse começando a ficar bravo com ela por não aceitar racionalmente a situação.

Bem, ela com certeza não aceitaria. Este poderia ser o mundo dos djinns agora, mas se Idris ou os outros anciãos - ou Bariq al-qualquercoisa - pensassem que ela iria rolar e fazer o que eles pedissem, eles teriam outra coisa.

— E se eu não quiser ir com ele? — Ela perguntou.

— Então suponho que você iria a Los Alamos como planejamos originalmente, — disse Idris. Ele largou a taça de vinho. Quando ele falou novamente, sua voz soou suplicante ao invés de zangada. - Você sabe que essas são suas duas únicas opções, Amber, mas devo lhe pedir que pelo menos dê uma chance a Bariq al-Dawud. Venha comigo amanhã para encontrá-lo. Deixe que ele fale com você, conte o lado dele da história. Se, depois desse ponto, você ainda não estiver convencido, então sim, posso levá-lo a Los Alamos.

Ela ainda não gostava do som de nada disso - era como ser convidado a escolher entre um sanduíche de merda e uma torta de bosta - mas ela podia dizer que Idris estava fazendo o seu melhor. Provavelmente Ibram tinha jogado tudo isso de repente, e agora tudo que Idris podia fazer era tentar fazer a situação parecer um pouco menos horrível do que realmente era.

— Tudo bem, — disse ela finalmente, sabendo o quão aborrecida ela parecia e realmente não se importando. — Eu irei conhecê-lo. Não estou prometendo nada, mas vou encontrá-lo.

— É tudo o que posso pedir, — respondeu Idris, com alívio claro em sua voz. — E terei o cuidado de informar Ibram para comunicar seus desejos a Bariq, para que ele saiba que, no final, será sua escolha.

A escolha dela. Houve uma piada. Ela realmente não tinha muito a dizer em um ano disso, porque, caso contrário, diria a todos eles que estava aqui com Idris, final da discussão. Mas essa opção estava

claramente fora da mesa, não importa o que mais acontecesse.

— Claro, — era tudo o que ela podia dizer. Eles continuaram em silêncio, embora nenhum deles parecesse inclinado a comer muito.

Quando ela saiu de casa logo depois, foi a primeira vez que ela ficou feliz em ficar longe dele.

Por causa de seu vestido branco, foi fácil para Idris marcar o progresso de Amber enquanto ela descia o caminho de sua casa, exatamente como havia feito tantas vezes antes. Esta noite foi diferente, no entanto. Esta seria a última vez que ele ficaria aqui na porta e a observaria partir. Depois dessa noite, ela pertenceria a Bariq al-Dawud ou teria participado do lote com os mortais de Los Alamos. De qualquer maneira, ela estaria perdida para ele para sempre.

Seu coração estava pesado e ele se serviu de outra taça de vinho, embora todas as outras evidências da refeição encurtada já tivessem desaparecido da mesa. A lasanha e o pão de alho tinham sido muito bons,

mas agora parecia que eles poderiam ter sido feitos de serragem.

Parte dele queria pousar o copo de vinho, seguir o caminho e encontrá-la em sua casa... e o quê? Beijá-la, fazer amor com ela? É claro que ele queria essas coisas, mas sabia que não podia se entregar a isso. Ele viu raiva confusa e preocupação nua em seu rosto esta noite, e ainda assim pensou que devia ter sido mais porque ele divulgou as notícias sobre al-Dawud tão inesperadamente sobre ela do que porque ela tinha algum interesse particular nele. Ela era uma jovem franca e certamente teria dito algo.

Na verdade, era bom que ela não tivesse. Caso contrário, a situação teria sido ainda mais difícil do que já era.

Ele bebeu o resto do vinho e subiu para o quarto. Não pela primeira vez, ele se perguntou como teria sido Amber ter naquela cama enorme de seda, quão feliz seria acordar com ela ao seu lado depois de uma noite de amor.

Agora você está apenas se torturando, pensou enquanto tirava o roupão de seda e pendurava no armário, depois entrava no banheiro para limpar o rosto e os dentes. Você sabe que nunca poderia ter sido. É uma fantasia agradável e nada mais.

Apenas uma fantasia... uma que ele não conseguia tirar da cabeça.

Mas não, ele não a teria, e Bariq al-Dawud seria quem a teria em sua cama. Se ela o escolhesse. Sempre havia a chance - e possivelmente forte - de ir a Los Alamos e um futuro muito menos certo. Pelo menos naquele futuro em particular, ela teria a mesma opinião sobre quem seria seu parceiro, em vez de tê-lo escolhido para ela.

E talvez isso fosse melhor. Idris não gostava de pensar nela envelhecendo e morrendo, sua beleza brilhante desaparecendo ao dar à luz filhos de alguns mortais e passar toda a sua vida trabalhando para apoiar a comunidade de Los Alamos, mas talvez isso ainda fosse melhor do que saber que ela sempre seria

você eternamente adorável... e eternamente fora de alcance, faça parceria com um djinn que não seja ele.

Não, ele não gostou de nenhum desses cenários. Infelizmente, o que ele queria não era mais uma opção para ele. Talvez, antes que Bariq al-Dawud aparecesse - antes de perceber que outro homem tinha reivindicado anteriormente Amber - Idris poderia ter encontrado a coragem de discutir seu caso com Ibram e Istar, para dizer a eles que não havia uma injunção explícita contra um ancião. escolhendo um mortal como seu parceiro. Mas é claro que não havia, principalmente, porque nenhum deles jamais imaginara que tal restrição fosse implementada. Mesmo um mês atrás, Idris sabia que ele teria rido da ideia de perder seu coração para um humano, especialmente quando ele nunca havia feito isso com uma mulher djinn.

Bem, agora parece que o universo está rindo dele... e condenado se ele soubesse o que fazer sobre isso.

CAPÍTULO DOZE

Eles tinham tanto fingiu este foi um dia normal, mas eles sabiam melhor. Assim como ela fez nas últimas semanas, Amber conheceu Idris na sala de chá e compartilhou o café da manhã com ele, e, como haviam feito muitas vezes antes, foram passear nos jardins depois. Ela quase esperava que o dia fosse sombrio e escuro, um eco apropriado de seu estado interior, mas, assim como havia acontecido na semana passada, o tempo estava ensolarado, alegre e quente, alegre como apenas um sul da Califórnia outono poderia ser.

Felizmente, ele não tentou forçar a conversa, apenas caminhou silenciosamente ao lado dela - mas não muito perto, nem tão perto que teria sido fácil deslizar a mão dela para a dele.

Como se ela tivesse coragem de fazer isso.

Algumas vezes, ele fez um comentário sobre os jardins, mas foi isso. Ela lembrou o horário de poda que haviam discutido anteriormente e disse a ele para

não negligenciar o jardim de ervas plantado atrás do salão de chá. Embora ela ainda não conseguisse descobrir exatamente como ele era capaz de produzir comida do nada, ela achava que ele provavelmente poderia fazer algo com as ervas, e assim elas deveriam ser cuidadas com o mesmo cuidado que o resto dos jardins.

E então ele olhou para a posição do sol, voltou-se para ela e disse baixinho: - Está na hora.

Não, não era possível que a manhã tivesse passado tão rapidamente. Tinha que ser apenas dez, ou talvez mais perto das onze, mas não havia como ser meio-dia... poderia?

Com o coração batendo forte de pavor, Amber olhou para o céu também, mas o sol parecia estar bem acima do céu, apesar de seu desejo devoto de estar muito mais próximo do horizonte. — Ah, acho que sim. Precisamos pegar minhas malas em casa.

— Não precisa. — Idris acenou com a mão e duas bolsas Louis Vuitton - porque é claro que ele havia

fornecido uma que correspondia à dela - apareceram sentadas no chão ao lado dela.

Tanto para esse. Ela se inclinou para pegá-los, mas Idris foi mais rápido.

— Você sabe que é mais fácil se eu a segurar, — ele a lembrou, e ela deu um encolher de ombros resignado.

— Certo. Eu esqueci.

Então chegou o momento em que ela estava temendo e antecipando, quando teve que colocar os braços em volta da cintura dele para poder viajar com segurança com ele no estilo djinn. Embora soubesse que era uma tolice, não conseguia impedir a emoção que a percorria ao sentir o corpo dele pressionado contra o dela, a força dos músculos das costas dele.

Mas ela não teve muito tempo para insistir na presença física dele, porque antes que ela pudesse piscar, ele os levou para longe do terreno do Huntington. Eles reapareceram em uma enorme sala com paredes de pedra cinza e móveis elegantes que não conseguiram preencher o espaço. Um fogo

dançou no coração de grandes dimensões, e ela ficou contente com isso, pois parecia muito mais frio aqui do que nos jardins ensolarados que acabavam de sair.

Três pessoas estavam esperando por eles naquela lareira - os dois anciãos que Amber já vira antes e um terceiro djinn, um estranho. Como todas as pessoas, ele era alto, embora não tão alto quanto Idris ou Ibram, o mais velho dos mais velhos. O estranho - que ela achava que devia ser Bariq - tinha cabelos loiros escuros que passavam por seus ombros, olhos castanhos esverdeados e pele bronzeada. Amber teve que admitir para si mesma que, se ela não sabia quem ele era, acabara de vê-lo em um clube ou em uma festa ou algo assim, naquela época ela pensaria que ele era muito gostoso.

Mas porque ela sabia que já estava apaixonada por Idris, ela já estava encontrando uma falha - os olhos dele estavam um pouco próximos demais, e esses mesmos olhos não tinham os mesmos cílios grossos e sujos de Idris, do tipo que eram tão pesado, eles fizeram parecer que ele estava usando um

delineador ou algo assim. E embora Bariq fosse tão musculoso quanto Idris, porque ele era mais baixo, esses músculos o fizeram parecer quase agachado em comparação, o que ela percebeu que era uma coisa estúpida de se pensar em um cara que tinha seis pés dois ou três.

— Idris... e Amber, — disse Istar, a mulher mais velha. Talvez ela tenha notado como Amber estava avaliando o djinn que a reivindicou, talvez não. No entanto, ela parecia entender o quão embaraçosa era a situação, porque continuou: — Este é Bariq al-Dawud. Ele estava esperando ansiosamente para conhecê-lo.

— Eu estava, — disse Bariq, dando um passo em direção a Amber. Ele estava sorrindo, mas ela viu a maneira como ele a olhava de cima a baixo e depois deu um leve aceno de cabeça, como se estivesse feliz em ver que ela não conseguiu ficar feia nos últimos dois anos.

Você deveria ter visto a minha aparência quando Idris me encontrou, ela pensou ironicamente. Você pode não ter ficado tão impressionado.

Mas ela percebeu que não queria pensar nisso, porque então teria que se lembrar de como ficara assustada ao encarar Idris e perceber que era ele quem a salvara tantos meses antes. Seu terror naquele momento rapidamente deu lugar a outra coisa... algo que ela realmente não queria reconhecer.

— É um prazer conhecê-lo, Bariq, — disse ela, no tom quase educado que teria usado com alguém que seu pai a apresentou no clube de campo. Por outro lado, essa analogia provavelmente não estava muito errada, pois muitos daqueles velhos pervertidos a encaravam da mesma maneira que Bariq a olhava agora. Não importava que ela fosse a filha de um de seus amigos e que eles definitivamente tinham idade suficiente para ser seu pai. Aqueles caras não se importaram; quase todos estavam à procura de um modelo mais novo... quanto mais jovem, melhor.

— Talvez vocês dois gostem de passear no jardim,
— sugeri Ibram. — É um bom dia, e isso lhe dará a chance de se familiarizar.

Não havia nada naquele momento que a atraísse menos, mas desde que Amber prometera a Idris que daria uma chance a Bariq, ela sabia que precisava seguir em frente com o plano do ancião. — Claro, — disse ela.

Embora eu duvide que os jardins aqui sejam mais agradáveis que os que acabei de deixar....

Ela permitiu que Bariq a segurasse pelo braço e a levasse para fora. Quando eles saíram da sala, ela teve um vislumbre do rosto tenso de Idris e se perguntou se ele estava começando a pensar que todo esse plano não era tão bonito e arrumado como ele acreditava originalmente. Talvez tudo estivesse muito bem em abstrato, mas assim que ele teve um vislumbre dela e Bariq juntos...

Ou talvez ele estivesse pensando em algo completamente diferente. Ela provavelmente estava lendo muito em sua expressão.

Estava frio lá fora, quase frio. O prédio que acabavam de deixar era uma enorme pilha de pedra cinza, claramente um castelo ou uma mansão enorme de algum tipo. Isso significava que eles provavelmente estavam na Europa em algum lugar, o que também explicaria a diferença de temperatura. Ela vestiu um cardigã leve por cima da blusa sem mangas, mas percebeu que não estava ajudando muito.

Por outro lado, era possível que o arrepio que a atravessava tivesse muito mais a ver com sua empresa atual do que o clima lá fora.

Aparentemente, Bariq notou porque perguntou:
— Você está com frio?

— Não, — ela disse apressadamente. Mesmo que ela não estivesse tão confortável, era melhor fazer isso aqui do que dentro, com os dois mais velhos e Idris os observando. Isso teria sido mais do que estranho. — Quero dizer, é mais frio aqui do que no sul da Califórnia, mas estou bem se ficarmos ao sol.

Que, felizmente, estava apagado, brilhando na grama amarelada e formando a fileira de choupos que

contornavam uma faixa em algum lugar distante, como uma linha de faróis de fogo. Era lindo aqui, embora muito diferente de San Marino.

— Se você gosta de calor, vai gostar da Costa Rica, — disse Bariq. — É ainda mais quente de onde você vem.

Ela inclinou um olhar para ele. Eles estavam andando devagar, uma brisa brinca brincando com a bainha de sua túnica de seda marrom-avermelhada, mas ele não parecia se importar muito com o ar frio. Então, novamente, por que ele faria? Djinn não parecia ser afetado por esse tipo de coisa. — Eu pensei que deveríamos nos instalar em algum lugar da Califórnia.

— Bem, sim, eventualmente, — Bariq permitiu. — Mas os anciãos disseram que poderíamos ir à Costa Rica por um tempo antes de decidirmos onde moraremos permanentemente. Você já esteve lá?

Na verdade, ela fez a mesma viagem quando foi a Cozumel e Cabo San Lucas. Ela gostava da Costa Rica, gostava das águas quentes e cintilantes da

costa, a vida noturna surpreendentemente vibrante. E as preguiças da árvore. Eles eram adoráveis.

— Uma vez, — disse ela. — Foi divertido. Eu não me importaria de voltar para lá.

— Bom, — respondeu Bariq. Seu olhar encontrou o dela, e os cantos de sua boca se levantaram um pouco. Era uma boca boa o suficiente quando as bocas foram, ela supôs, e ainda assim ela não podia imaginar que a boca jamais a cante. Como ela pôde, quando tudo o que ela realmente queria era Idris? Mas como ele estava fora dos limites, ela sabia que precisava procurar algum tipo de alternativa. Olhos esverdeados e dourados esquentando, Bariq perguntou: - Então você concorda em ir para a Costa Rica comigo?

Por um segundo, Amber vacilou. De certa forma, ela pensou que seria mais honesto ir a Los Alamos e viver uma vida normal lá... ou pelo menos, tão normal quanto a vida de um mero mortal poderia ser neste mundo pós-Heat. Se ela fosse com Bariq, sabia que só o faria porque gostava da ideia de ser eternamente

jovem, de nunca ter que se preocupar com morte e doença. Ela não sentiu nada pelo djinn que caminhava ao lado dela agora. Como ela pôde? Eles acabaram de se conhecer.

Mas talvez ela sentisse algo por ele, eventualmente esquecesse Idris. Era uma pena que ela e Bariq não pudessem ficar na Costa Rica, porque assim estaria a milhares de quilômetros de San Marino, muito, muito longe do lugar onde ela andara no jardim de rosas com Idris, onde ela sentiu os braços dele ao redor dela enquanto chorava... onde percebeu que nunca havia amado alguém de verdade até que o amava.

No passado, ela era muito boa em percorrer a superfície de um relacionamento, em não deixar seu coração envolver tudo isso. Se ela foi capaz de fazê-lo naquela época, ela não viu nenhuma razão para que ela não pudesse fazer a mesma coisa agora.

E talvez... eventualmente... isso tudo não dói tanto.

— Eu adoraria ir para a Costa Rica com você, — disse ela com facilidade, esperando que Bariq não tivesse notado sua ligeira hesitação. — Pronta quando você estiver.

Quando Bariq e Amber voltaram para a sala, estavam conversando e sorrindo, e pareciam ter compartilhado uma caminhada muito boa. Idris teve que lutar para manter uma carranca fora do rosto, pois a visão dos dois juntos, aparentemente tão despreocupados, o incomodou, mesmo quando ele disse a si mesmo que era melhor assim. Ele deveria estar feliz por eles estarem se dando bem. Talvez Bariq tivesse percebido que havia algo em seus personagens que seria compatível, em vez de desejar Amber Mary por seu rosto adorável.

E esse pensamento o lembrou que al-Dawud realmente tinha a primeira reivindicação sobre ela. Idris poderia ver o outro djinn como um intruso agora, mas, na verdade, ele era o intruso, não Bariq. Ele teria que se lembrar desse fato quantas vezes fosse

necessário, e talvez com o tempo ele se resignasse à situação.

Agora, porém... agora ele só queria atravessar a sala e dizer a al-Dawud que ele não tinha direito a Amber, graças ao modo como a abandonara há tantos meses. E talvez chocar todos eles, puxando-a em seus braços e beijando-a do jeito que ele estava sonhando nas últimas semanas.

No entanto, seu autocontrole ainda estava intacto o suficiente para que ele não fizesse isso, apenas permanecendo em pé ao lado da lareira ao lado de Ibram e Istar. Foi ela quem deu um passo à frente primeiro, um sorriso nos lábios carnudos que sempre parecia curvado com uma diversão secreta.

— Assim? — Ela perguntou.

— Está resolvido, — respondeu Bariq. — Amber está muito feliz em vir comigo. Ela entende que é assim que sempre deveria ser.

Quando essas palavras saíram dos lábios de al-Dawud, uma pequena carranca enrugou a testa de Amber, uma que ela apagou quase imediatamente

assim que viu que Idris estava olhando em sua direção. Ele teve que pensar em sua carranca - ela estava adivinhando sua decisão, ou pensando que talvez ele tivesse colocado palavras em sua boca?

Difícil dizer, e porque agora ela parecia serena e imperturbável, o olhar fixo nos outros dois anciãos, e não nele, ele não podia saber.

— *Era para ser, — ele resmungou interiormente. Se você se importasse muito com isso, teria procurado por ela quando deveria, em vez de hesitar e imaginar se emparelhar-se com um mortal por toda a eternidade era realmente o que você desejava.*

De alguma forma, ele duvidava que Bariq tivesse se dado ao trabalho de mencionar esse detalhe específico ao seu escolhido. Não, ele provavelmente faria o possível para fazer parecer que o destino havia interferido e que nada do que havia acontecido era culpa dele.

Mas isso não era da preocupação de Idris. As próprias regras que ele, Istar e Ibram haviam criado para os Escolhidos estipulavam que quem selecionou

um mortal primeiro tinha a única reivindicação verdadeira a essa pessoa. Esses assuntos poderiam ser contestados por combate físico, como aconteceu com Jasreel al-Ankara e seu irmão Aldair alguns anos antes, mas na maioria dos casos, esse tipo de conflito simplesmente não ocorreu. Além disso, Idris sabia que não poderia desafiar Bariq por Amber; uma coisa era para dois djinn comuns se enfrentarem em um único combate, mas, como ancião, ele superava Bariq. Esses tipos de batalhas de djinn envolviam os dois elementais em disputa usando seus poderes individuais - sobre a terra ou fogo ou ar ou água - um contra o outro. Como Idris comandou todos esses poderes ao mesmo tempo, tal batalha não seria nada perto de uma luta justa.

— Esta é uma excelente notícia,— disse Ibran. Agora, o olhar que ele dava a Amber estava aprovando, enquanto Idris sabia antes que seu irmão mais velho não tinha muita certeza do que pensar da jovem.— É uma pena que vocês dois não se

conheceram quando deveriam, mas pelo menos a situação se resolveu.

— Obrigado, ancião, — disse Bariq. A mão dele agora segurava a de Amber e ela sorriu levemente, embora Idris não pudesse deixar de notar a maneira como ela ainda não olhava para ele.— Estou satisfeito além da medida que você dedicou um tempo para descobrir qual era o verdadeiro destino de meus Escolhidos. Agora iremos cumprir esse destino.

Istar sorriu. — Vá e divirta-se. Mas não se demore na Costa Rica por muito tempo. Caso contrário, teremos que lembrá-lo de seu dever, e essas coisas me deixam impaciente. Parece que já gastamos muito do nosso tempo lembrando aos djinns de suas obrigações com as regras que estabelecemos.

— Isso não será um problema, — Bariq disse a ela. — Apenas alguns dias, ou talvez uma semana, no máximo, e depois voltaremos à Califórnia.

— Bom, — disse Ibram severamente. — Se você não estiver, enviaremos Idris para verificar você.

Ele conseguiu não se assustar, mas novamente o aborrecimento cresceu dentro dele. Ele já teve que lembrar vários djinn para se estabelecerem com os Escolhidos na comunidade apropriada, e não onde quer que seus caprichos os levassem. Fazer isso não tinha sido uma tarefa agradável, e ele temia que fosse ainda pior quando o escolhido em questão fosse a mulher que amava.

— Como eu disse, não será um problema, — disse Bariq, seu tom suave. Ele olhou para a mulher que estava ao lado dele. — Você está pronta, Amber?

— Sim, — ela disse.

Suas malas ainda estavam no chão onde Idris as colocou no chão quando chegaram. Agora Bariq os reuniu e depois voltou para o lado dela. O braço dele passou pela cintura dela e os dois desapareceram.

Talvez ela tenha se *despedido* dele. Idris não sabia ao certo, pois as despedidas haviam acontecido rápido demais. Tudo o que sabia agora era que ela se fora, e a dor vazia e dolorosa dentro dele era uma que não seria preenchida em breve.

Ou sempre.

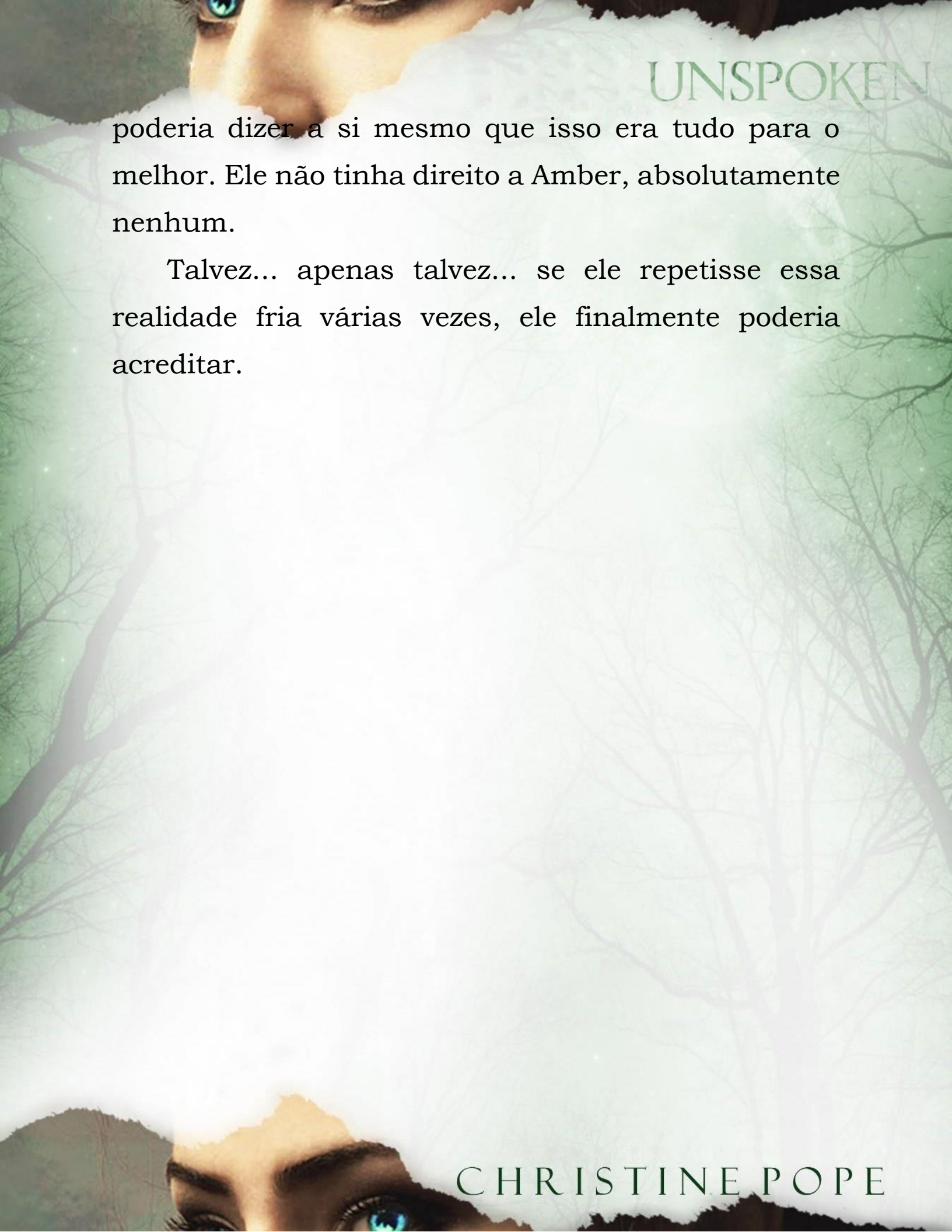
— Bem, tudo correu bem, — disse Ibram. Ele atravessou a sala até uma pequena mesa que continha uma jarra de cristal e vários copos de conhaque. — Gostaria de uma bebida para comemorar, Idris?

— Acho que não, — respondeu ele. — Eu tenho muito para atender em minha propriedade - todos esses assuntos que foram deixados de lado enquanto Amber estava sob meus cuidados.

— É claro, — respondeu Ibram, sem parecer muito irritado com a atitude depreciativa de seu irmão mais velho. De pé ao lado dele, Istar parecia mais perturbado, seus olhos verdes fixos no rosto de Idris, mas ela não disse nada.

Mais uma razão para sair daqui o mais rápido possível. Ele não queria que ela desviasse o olhar dele por muito tempo, para que ela não visse algo que ele estava fazendo de tudo para esconder.

Talvez se ele estivesse sozinho com sua dor por tempo suficiente, ele seria capaz de superar isso,



UNSPOKEN

poderia dizer a si mesmo que isso era tudo para o melhor. Ele não tinha direito a Amber, absolutamente nenhum.

Talvez... apenas talvez... se ele repetisse essa realidade fria várias vezes, ele finalmente poderia acreditar.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO TREZE

Eles emergiram no calor quente, úmido e tropical, o sol batendo no céu. O contraste com o castelo onde ela e Bariq acabaram de ficar era tão forte que Amber só pôde ficar onde estava por um momento, piscando enquanto fazia o possível para se acostumar.

Exuberantes folhas de bananeira balançavam com a brisa. Logo à frente dela havia uma piscina infinita com vista para uma praia branca e cintilante. Quando ela começou a apreciar o ambiente, percebeu que estava em um lugar que a lembrava muito de uma casa onde ela havia participado de uma festa insana em sua última noite na Costa Rica - a mesma arquitetura moderna e elegante, com uma vaga Art. Décor sente isso, como algo que você pode ver em Miami, apenas maior e ainda mais luxuoso.

De fato....

Era a mesma casa. Ou seja, ela supunha que poderia haver dois lugares como este, com a mesma piscina infinita curva e vista deslumbrante de uma

praia de meia-lua com água azul-esverdeada cintilante logo atrás, dois lugares com o mesmo pátio coberto e — grupo de conversação— — De sofá ao ar livre, assento de amor e cadeiras empoleiradas sob o abrigo que oferecia, mas ela meio que duvidava disso.

— Você gosta disso? — A voz de Bariq veio ao seu ouvido.

Ela olhou para ele e colocou um sorriso experiente no rosto. — É lindo. E, na verdade, acho que já estive aqui antes.

A verdadeira surpresa esvoaçou em seus traços. — Você o que?

— Quando visitei a Costa Rica há cerca de quatro anos, fui a uma festa em uma casa que se parecia com isso. Suponho que poderia haver duas casas aqui exatamente iguais, mas duvido.

A expressão chocada que ele usava rapidamente se transformou em um sorriso fácil. — Bem então. Parece que devemos ser feitos para ficar juntos, pois isso é uma coincidência demais para sermos vistos.

Talvez. Ela ainda não sabia muito sobre djinn, mas mesmo sua experiência limitada parecia indicar que eles gostavam de se agarrar às casas maiores e mais extravagantes que podiam encontrar. Faria sentido que Bariq tivesse tomado um lugar como esse por conta própria, pois duvidava que houvesse muitas mansões tão luxuosas na Costa Rica. Sempre houve um monte de imóveis legais lá, com certeza..., mas se a memória dela servisse, ela adivinhou que essa casa de festa em particular valia pelo menos dez milhões, provavelmente mais.

No entanto, contradizê-lo não parecia uma boa ideia, então ela continuou sorrindo enquanto dizia: — Parece que sim. Você quer me mostrar por aí?

— Muito, — ele respondeu. — Só que você não deve se apegar muito a esta casa, pois é claro que não podemos ficar aqui permanentemente.

— Eu sei, — disse ela. — Isso pode ser como... umas férias. Uma chance de nos conhecermos numa escapada tropical.

O olhar dele permaneceu em sua boca, e ela praticamente podia ver a luxúria brilhando em seus olhos pesados. — Acho que gosto dessa ideia.

Claro que sim, ela pensou. A verdadeira questão é quanto tempo tenho antes que você tente pular em meus ossos.

De alguma forma, ela conseguiu segurar um calafrio. Mesmo que ela tentasse dizer a si mesma que Bariq era muito bonito e que ela poderia se fazer aceitar esse acordo, agora ela estava começando a ter suas dúvidas. O impulso de dizer sim a ele nasceu de uma necessidade de se afastar de Idris antes que ela fizesse algo realmente estúpido, mas ela começou a se perguntar se tudo o que tinha feito foi dar um tiro no próprio pé.

O mais assustador era o quão sozinhos eles estavam aqui. Não havia ninguém para ajudá-la, ninguém para ajudá-la se as coisas fossem para o sul. E se ele tentasse forçar o problema antes que ela estivesse pronta, ela sabia que não seria capaz de detê-lo. Mesmo se ele fosse um mortal comum, ele era

muito maior e mais musculoso que ela. E quando você incluiu seus poderes de djinn na equação... não havia como ela conseguir lutar contra o equivalente sobrenatural de um tanque. Seu único conforto era saber que ela provavelmente estaria tão distraída que nem perceberia o que estava acontecendo com ela.

No entanto, suas próximas palavras a tranquilizaram um pouco. — Deixe-me mostrar seu quarto. Pensei que você preferisse ter seus próprios aposentos aqui... pelo menos no começo.

Bem, graças a Deus por isso. Pelo menos ele não esperava que ela dormisse em sua cama imediatamente.

— Parece ótimo, — disse ela. — Mal posso esperar para ver.

E ela não estava decepcionada. O quarto era amplo, com varanda própria com vista para a praia e banheiro privativo com travertino e vidro. De fato, o banheiro era tão grande que tinha quase o mesmo tamanho da casa japonesa que ela ocupava no Huntington. Se Bariq quisesse jogar pequenos jogos,

ele provavelmente poderia tê-la instalado em um quarto secundário menor sem seu próprio banheiro, apenas para ver se os quartos apertados a tornariam mais propensa a morar com ele muito mais rapidamente. Mas ele não tinha. Ela sabia que deveria agradecer por isso, mas naquele momento apenas se sentiu entorpecida, como se estivesse dando as respostas certas, dizendo as palavras corretas, mesmo que nada parecesse realmente tocá-la.

— Você aprova? — Ele perguntou enquanto colocava as malas dela no enorme closet. Estava absolutamente vazio, exceto pelas duas malas, o que parecia indicar que ele não tinha certeza de que ela chegaria aqui, afinal, caso contrário, ele provavelmente teria fornecido algum tipo de guarda-roupa, assim como Idris.

Não pense nele, ela disse a si mesma. Tire-o da sua cabeça. Aquele navio navegou.

— É incrível, — disse ela. — Essa visão!

E ela foi até a porta que dava para a varanda e a destrancou, depois saiu. A brisa do oceano parecia

mais fresca aqui em cima, puxando seus cabelos soltos. Fazia muito tempo desde que ela foi à praia, e ela fechou os olhos e respirou o ar selvagem e com cheiro de sal, feliz por isso, se nada mais.

— É muito bonito, — disse Bariq quando saiu para a varanda. No entanto, seu olhar estava fixo no rosto dela, e não na praia cintilante abaixo deles. — Assim como você.

Amber desviou o olhar, sentindo o sangue correr pelas bochechas. Uma reação estranha, porque era uma vez muito acostumada a receber elogios e a aceitá-los ou desviá-los conforme a situação o justificasse. Agora, porém, ela não conseguia descobrir para onde olhar, se ela deveria olhar para o rosto dele ou olhar para os pés dela, ou simplesmente continuar assistindo as ondas baterem na praia, quase trinta metros abaixo de onde estavam. Ela decidiu que provavelmente era mais seguro continuar olhando a praia. Pelo menos assim, ela não precisaria mudar de posição.

— Hum... obrigada, — respondeu ela, pois sabia que precisava dizer algo.

— Você não está acostumada a ouvir homens dizer essas coisas para você? — Ele perguntou, como se sentisse seu constrangimento.

— Já faz um tempo, — ela admitiu.

Ele não respondeu a princípio, embora ela achasse ter visto um lampejo de satisfação em sua expressão. Ele ficou aliviado ao saber que Idris não fez nenhum tipo de avanço em relação a ela, nem sequer fez um elogio?

— Bem, você passou muito tempo sozinho.

Ela não podia discutir com essa observação. E, embora desejasse poder culpá-lo por isso, sabia que o que havia acontecido não era realmente culpa de ninguém. Dois navios passando na noite e esse tipo de coisa.

— Suponho que sim. — Agora ela se forçou a olhar para ele. Realmente, não era culpa dele que ele não era Idris. Mesmo algumas semanas atrás, se ela soubesse que estaria sozinha em uma casa fabulosa

na Costa Rica com um deus de ouro da masculinidade, ela ficaria emocionada.

E ele realmente parecia estar tentando.

— Eu vou deixar você se instalar, — disse ele, possivelmente percebendo seu constrangimento. — Você pode me encontrar no pátio quando terminar - o segundo pátio, não o local em que chegamos.

— Existem dois? — Ela perguntou. Ela não se lembrava daquele detalhe específico em casa, mas então ela estava bebendo muitos coquetéis à base de rum naquela noite.

— Sim. Este está fora da sala de jantar e tem um bar.

— Bebidas, então? — Ela perguntou.

— Absolutamente, — ele respondeu com um sorriso.

Então ele voltou para dentro e saiu para o corredor e desceu as escadas. Amber soltou um suspiro de alívio e entrou no armário, onde tirou as roupas que trouxera das bolsas e pendurou tudo. Eles não ocupavam muito espaço, mas provavelmente

era exatamente como nós. Ela e Bariq não iriam ficar aqui para sempre; não havia necessidade de ela ter muitas roupas.

No entanto, ela deixou a foto de si mesma, sua mãe e sua avó dentro da sacola onde a colocara. De alguma forma, ela não queria que eles olhassem para ela, como se preocupasse que pudesse detectar algum tipo de desaprovação em suas expressões, desgosto pela situação em que agora se encontrava.

Melhor não pensar nisso. Por enquanto, ela só precisava encontrar algo que funcionasse para ficar sentado no pátio. Amber largou o cardigã que ela usava e parou por um momento, imaginando se seu top floral atual sem mangas, jeans e sapatilhas seriam bons o suficiente. Provavelmente. Se ela descesse as escadas com um vestido, pareceria demais. Melhor guardar as grandes armas para mais tarde.

Ela saiu para o amplo corredor do andar superior e permitiu-se admirar a bela arte abstrata nas paredes pálidas, as palmeiras luxuriantes em vasos

dobrados em cantos inesperados. Realmente foi uma bela estadia. Sim, a casa onde ela cresceu era extremamente agradável, mas mesmo uma das melhores propriedades de San Marino teve dificuldade em competir com o luxo à beira-mar como este.

Conforme anunciado, o segundo pátio tinha um bar grande e uma mesa comprida para comer sentado. Bari q estava atrás do bar, apenas pousando um par de pesados copos de margarita soprados à mão com aro azul cobalto.

Margaritas. Oh, meu Deus, quando foi a última vez que ela teve um desses?

Se o seu novo... companheiro? parceiro?... Amber não tinha certeza de como pensar nele... esperava que ela aparecesse com uma roupa nova, ele não mostrava nenhum sinal disso. Ele empurrou uma das bebidas do outro lado do balcão e disse: - Espero que você goste. Encontrei a receita em um livro no armário aqui.

— Eu os amo, — ela respondeu. — Obrigado.

Ele pareceu satisfeito. — Fico satisfeito por ouvir isso. Havia muitas misturas interessantes no livro, mas essa é a que eu consegui fazer melhor.

Amber levantou o copo e tomou um gole. Ele não estava exagerando - essa era uma boa margarita, apenas o perfeito equilíbrio de sabores sem provar muito forte. — É realmente bom. — Ela olhou por ele para o liquidificador Vitais sentado na bancada de granito. — Você realmente os faz do zero? Você não apenas quer que eles existam?

— Eu gosto de fazê-los. — Ele pegou seu próprio copo e tomou um gole. — Realmente, estando sozinho aqui em baixo, tive que pensar em maneiras de preencher meu tempo.

Isso era algo que ela realmente não tinha pensado. Idris sempre parecia tão ocupada, trabalhando nos jardins ou fazendo pequenas melhorias na casa ou certificando-se de que os valiosos livros e outros materiais de pesquisa de Huntington eram mantidos adequadamente, que ela não tinha pensado em como seria para alguém cuja

casa era basicamente chave na mão e não exigia nada próximo a essa quantidade de trabalho.

— Você esteve aqui sozinha esse tempo todo? — Ela perguntou, sentindo compaixão por ela... e não tendo muita certeza do que deveria fazer sobre isso.

— Sim, — respondeu Bariq. — Quando não consegui encontrar você, não tinha muita certeza do que deveria fazer comigo mesma, então me chamo aqui para me reagrupar e decidir o que fazer a seguir. Suponho que o tempo passou mais rapidamente do que imaginava.

Talvez esse fosse um risco ocupacional de ser imortal. Amber se perguntava como seria ter que preencher uma existência interminável, se o tempo não parecia o mesmo para o djinn como para os seres humanos, cujas vidas úteis raramente atingiam a marca do século. Se um djinn não notasse a cada dia que passava, talvez dois anos realmente não parecessem tanto tempo.

— Além disso, — ele disse, — nós djinn tendemos a ser criaturas solitárias. Idris não falou com você sobre nada disso?

— Nem tanto, — ela admitiu. Ah, ele havia conversado um pouco sobre os djinn, mas ele definitivamente não tinha falado muito sobre o tipo de relacionamento que eles tinham. Na época, ela não tinha pensado muito sobre isso, exceto pensar que ele provavelmente estava sendo reticente, porque ela poderia achar o assunto estranho. Além disso, a situação de Idris não era exatamente a mesma que seria para um djinn comum. Ele era ancião e, portanto, um pouco distante do resto de seu povo. Parecia que Istar e Ibram haviam se separado, mas quem existira para Idris?

Ninguém, ela percebeu. *Ninguém*. E apesar de ter jurado a si mesma não pensar nele, ela não podia pensar que ele havia conseguido um acordo muito cru.

— Ele provavelmente decidiu que não havia muito sentido, pois na época ele não sabia que você havia

sido escolhida, — disse Bariq. — Mas nosso povo não se liga um ao outro por toda a vida. Nossos contatos podem durar alguns anos ou mesmo décadas, mas sempre nos retiramos para nossas próprias casas, nossas próprias terras, quando um relacionamento termina.

Amber meio que odiava fazer a pergunta, mas seus comentários a deixaram lá. — E... crianças?

Seus olhos verde-ouro brilhavam para ela sobre a borda de cobalto do copo de margarita. — Você está perguntando se nós os temos?

Ela levantou uma sobrancelha. — Bem, não, eu meio que imaginei que você deveria, já que você está aqui, certo? Mas se você não ficar juntos o tempo todo, quem é o responsável pelas crianças?

Essa foi provavelmente uma pergunta ingênua. Afinal, ela tinha muito mais amigos com pais divorciados do que de outra forma. Possivelmente ela esperava que o djinn tivesse descoberto como fazer os relacionamentos de longo prazo funcionarem.

— Se concordarmos em ter filhos, os pais permanecerão juntos até que a criança atinja a maioria em duas décadas. Quando atingem essa idade, seguem seu próprio caminho, assim como os pais. Nossa noção de família é provavelmente um pouco mais vaga que a sua.

O que tinha que tornar a vida um pouco menos complicada. Ela podia ver como ter pais que continuaram interferindo na sua vida depois dos trezentos ou quatrocentos anos seria realmente péssimo.

— De qualquer forma, — continuou Bariq, — suponho que em algum momento eu teria procurado uma mulher djinn para passar algum tempo aqui comigo, mas, felizmente, Ibram estendeu a mão e me informou sobre você, e aqui estamos.

— Aqui estamos, — ela ecoou, e levantou o copo de margarita para que ele pudesse se juntar a ela na torrada.

Ele tocou seu copo no dela e os dois beberam. A tequila estava começando a trabalhar nela um pouco,

não o suficiente para fazê-la sentir-se verdadeiramente solta, mas apenas o suficiente para que o nó tenso na parte de trás do pescoço começasse a se soltar um pouco. Isso tinha que ser bom, certo? Ela certamente não estava no ponto em que estava pronta para ficar bêbada e deitar na cama com Bariq - não enquanto Idris ainda assombrava seus pensamentos - mas pelo menos ela podia se sentir relaxando ao redor dele, começara a pensar que poderia estar capaz de fazer isso funcionar, afinal.

Foi um começo.

Não importa para onde ele fosse, parecia que todos os lugares nos jardins, todos os cômodos da casa eram assombrados por suas lembranças de Amber. Idris tentou dizer a si mesmo que isso era tolice, que ela só estava aqui há duas semanas, mas afinal, ele não morava sozinho no Huntington por muito tempo antes de encontrá-la. Não era como se ele tivesse anos de experiências aqui que pudessem superar os dias que passaram juntos.

Ele ficara tão satisfeito em tomar este lugar como sua residência. Agora, ele preferia pensar que odiava tudo.

Mesmo assim, havia trabalho a ser feito. Ele percorreu o terreno e encabeçou as flores, usando tesouras que encontrara na área de armazenamento do departamento de jardinagem, suou ao ajuntar manualmente as folhas quando, na verdade, tudo o que ele precisava fazer era acenar com a mão e fazê-las desaparecer. Talvez se ele se esforçasse o suficiente, ele pudesse começar a apagar suas memórias dela, apagar a visão de pesadelo dela sendo mantida nos braços de Bariq, dele beijando-a, dele....

— Não.

Idris percebeu que ele havia dito a palavra ali e se endireitou, uma mão ainda segurando o ancinho. Naquele momento, ele estava perigosamente perto de quebrar a magrinha maçaneta de madeira ao meio.

Não que isso importasse se ele tivesse, apenas que tal ação teria mostrado o quão perigosamente

inconsciente ele estava sendo. Isso não poderia continuar.

Não vai, ele disse a si mesmo sombriamente enquanto acenava com a mão e fazia a pilha de folhas perto de seus pés desaparecer no ar. *Ela se foi apenas alguns dias. Em breve, a ferida ficará menos crua e você poderá continuar e esquecê-la.*

Supondo, é claro, que esse caminho não cruzaria o dela quando ela e Bariq voltassem ao sul da Califórnia para se estabelecerem. Na realidade, era provavelmente ingênuo da parte dele pensar que não a veria em algum momento, pois, embora as comunidades djinn / mortal tendessem a se mover sem muita interferência dos anciãos, em algum momento haveria uma ocasião em que ele e Ibram e Istar pode ser chamado para julgar.

E então ele pode ver Amber. A veria com Bariq.

E se eles tivessem um filho?

De alguma forma, ele conseguiu se impedir de soltar um gemido. Todo esse fiasco o havia ensinado

uma coisa — ele tinha um talento até então desconhecido para se torturar.

Idris foi até a casa e se permitiu um longo banho quente para lavar a transpiração dos laboratórios da tarde. Isso ajudou um pouco... muito pouco.

Talvez fosse melhor se ele fosse embora por um tempo. Ele pensou que adoraria sua nova casa, mas agora apenas se sentia assombrado pelo fantasma da presença de Amber, uma sensação incômoda de que algo vital estava faltando no local. Possivelmente, uma mudança de cenário faria bem a ele. Mas para onde ir?

Ele sabia que Ibram e Istar sempre aceitariam sua companhia por alguns dias — afinal, eles dividiram um palácio no outro mundo por incontáveis séculos. De fato, quando ele veio morar aqui em Huntington, Idris imaginou se seria estranho ficar sozinho depois de tantos anos vivendo sob o mesmo teto com os outros dois anciãos, mesmo que esse — teto Era muito grande e houve muitos dias em que ele permaneceu em sua ala do palácio e não os tinha visto.

Mas e se Ibram ou Istar viram algo de seu mal-estar e comentaram sobre isso? Essa sempre era uma possibilidade, embora Ibram provavelmente estivesse satisfeito o suficiente com a maneira como a situação com Amber e Bariq havia sido gerenciada para que ele pudesse ignorar a inquietação de seu companheiro. Istar, no entanto... seus brilhantes olhos verdes perderam muito pouco. Se ele fosse visitá-los na França, Idris teria que ter muito cuidado. Talvez não fosse uma boa ideia, afinal.

Franzindo a testa, ele saiu do chuveiro e se secou, depois fez uma careta para seu reflexo no espelho. Apesar de ter sido liberado da água quente e provavelmente de seu trabalho ao sol esta tarde, ele ainda parecia com os olhos vazios, assombrado e desesperado.

Ele teria que fazer algo sobre isso antes de ir visitar Istar e Ibram.

CAPÍTULO QUATORZE

Ela quase se acostumou com a maneira como Bariq olhou para ela de biquíni. No tempo anterior, ela não tinha pensado muito em exhibir seu corpo na frente de outras pessoas, especialmente porque suas amigas faziam exatamente a mesma coisa sempre que iam à praia ou a uma festa na piscina. Agora, no entanto, era estranho expor tanta pele, mesmo que você não usasse um biquíni na praia da Costa Rica, onde usaria um?

A casa tinha uma escada longa e curva que atravessava a encosta e descia até a costa. Não era precisamente uma praia particular, porque havia três outras casas ao longo desta costa do litoral, e ela supôs que todos tivessem que compartilhar o mesmo dia. Neste mundo novo, é claro, não havia mais ninguém aqui para usar esta praia... ou qualquer uma das praias da Costa Rica. Até onde ela sabia, ela e Bariq eram as únicas pessoas no país inteiro. Era uma sensação estranha saber que todos esses

quilômetros de costa permaneceriam completamente intocados, sem uso. Mesmo este pequeno pedaço ficaria vazio quando os dois partissem para o sul da Califórnia.

Bariq observou-a caminhar até a espreguiçadeira ao lado da dele, depois deitar na toalha espalhada sobre a superfície. Acabara de nadar na água morna, maravilhada com o fato de o oceano ainda estar tão confortável quando já era quase novembro, mas agora ela queria descansar.

— Um bom mergulho? — Ele perguntou.

— Sim—, ela respondeu, feliz por estar deitada. Ela se sentiu mais exposta quando estava atravessando a areia em direção a ele, mas agora ele teria que obviamente se inclinar para observá-la, então isso parecia um pouco mais seguro. Não pela primeira vez, ela disse a si mesma que realmente precisava relaxar. Esta tinha sido sua decisão. Ela poderia ter recusado Bariq, poderia ter ido a Los Alamos, onde teria mais liberdade de estar com qualquer homem que escolhesse. Só que... ela tinha a

sensação de que a situação provavelmente não teria sido tão fácil. As colheitas naquele assentamento humano único poderiam ter sido extremamente reduzidas.

Por isso, em parte, ela estava aqui em primeiro lugar.

De qualquer forma, ela precisava se acostumar com Bariq olhando para ela. Até agora, ele não havia feito nenhum movimento, tinha sido quase muito solícito, e ainda assim ela tinha que se perguntar se muito disso era apenas fingimento. Talvez ele tenha detectado seu desconforto e, por isso, estivesse agindo como um cara legal, a fim de embalá-la em uma falsa sensação de segurança. Lembrou-se do tempo em que sua amiga Jaclyn na sétima série continuava tentando convencer um gato vadio cauteloso a entrar em sua casa. O animal corria sempre que Jaclyn chegava perto demais, mas ela continuava colocando pequenas tigelas de comida para ele, gradualmente aproximando-as cada vez mais do pátio dos fundos. Com o tempo, o gato chegou

ao ponto em que não trancou no segundo em que Jaclyn abriu a porta de correr de vidro e, eventualmente, a deixou acariciá-lo. Por fim, Jaclyn conseguiu que o gato entrasse, e esse foi o fim da história. Ela tinha seu animal de estimação e o gato havia perdido sua liberdade. Não há mais roaming no bairro para você, gatinho.

Amber teve a sensação de que sabia exatamente o que aquele gato tinha sentido... apenas o resultado final aqui seria muito mais pessoal do que ter que usar uma coleira e tirar todas as suas fotos. Mais cedo ou mais tarde, Bariq perderia a paciência com ela. A verdadeira questão era: quanto tempo isso levaria?

— Eu pensei que poderíamos tirar um dos barcos da marina, — comentou ele, protegendo os olhos enquanto olhava sobre a água. O dia estava totalmente perfeito, provavelmente nos anos oitenta, com apenas algumas nuvens inchadas flutuando aqui em um céu brilhante como joias. — Parece que o tempo está bom para isso.

— Isso parece divertido, — ela respondeu, embora seu alarme interno já estivesse tocando. Ela sempre foi cautelosa sempre que um cara tentava levá-la a algum lugar sozinha.

Mas então, qual era a diferença entre estar no oceano com Bariq em um iate ou estar aqui em sua casa? De qualquer maneira, eles estavam completamente isolados. Não havia nada que ele pudesse fazer em um barco que não pudesse fazer aqui em terra firme.

— Você já foi pescar? — Ele perguntou, e Amber se perguntou se ela interpretaria completamente a situação. Pescar parecia uma ocupação bastante inócua.

— Não, — ela respondeu. — Ou seja, eu fui no que deveria ser uma viagem de pesca para Catarina uma vez, mas todos pareciam mais interessados em se perder.

— 'Se perder'? — Ele repetiu, parecendo intrigado.

— Bêbados, — explicou ela. Engraçado como os djinn pareciam ter perfeito domínio do inglês, mas não conheciam bem as gírias humanas. Então, novamente, havia *muitos* eufemismos para ficar bêbado. Uma vez, ela e Kelly tentaram listá-las depois de uma tarde bebendo margaritas no clube, mas nunca conseguiram passar dos vinte.

— Ah, — As sobrancelhas dele se juntaram, e então ele balançou a cabeça. — Não vejo como pescar e beber iriam muito bem juntos. O movimento do navio tende a perturbar o equilíbrio de alguns mortais.

Amber reprimiu uma careta, lembrando-se de como aquela viagem física acabara. Como ela se lembrava, ela e sua amiga Logra, que a acompanhavam, apelidaram o cruzeiro de — Patrulha Puke.

— Não vai bem, — disse ela. — Mas nunca fico enjoado e suponho que não seja um problema para djinn.

— Não, de jeito nenhum, — ele disse a ela. — Além disso, em uma embarcação do tamanho que estou contemplando, você não sentirá muito o movimento das ondas.

Porque é claro que tinha que haver alguns iates impressionantes atracados na marina, provavelmente pertencentes às mesmas pessoas que viviam nessas casas... ou melhor, os usavam como suas casas de férias. Normalmente, quando você estava lidando com esse tipo de imóvel, as pessoas que possuíam as casas envolvidas provavelmente tinham pelo menos quatro, cinco ou seis desses lugares espalhados pelo mundo. De fato, às vezes se perguntava por que seus pais não possuíam mais casas. Eles certamente poderiam ter conseguido. Mas eles tinham a casa de San Marino e uma casa de praia em San Diego por um tempo, e era isso. Sua mãe não parecia inclinada a viajar muito depois do divórcio, exceto pelas visitas anuais a Santa Fe, Nova York e San Francisco.

- Mal posso esperar para ver - disse Amber, e Bariq deu um sorriso satisfeito.

— Então vamos embora agora.

Nem Istar nem Ibram pareciam tão surpresos em vê-lo, mas Idris pensou que era apenas porque eles lhe estenderam um convite aberto antes de virem reivindicar suas residências terrenas.

— Pode parecer estranho se separar depois de todos esses anos, — dissera Istar. — Então, por favor, saiba que você pode se juntar a nós a qualquer momento.

Seu objetivo declarado agora era que ele desejava mais tempo para explorar os jardins em seu castelo, já que estava pensando em fazer algumas mudanças em seus próprios terrenos. Isso, é claro, era uma mentira direta, porque ele já adorara cada centímetro das ofertas variadas no Huntington e não desejava mudar um único canteiro de flores. Felizmente, nem Ibram nem Istar poderiam adivinhar a verdadeira razão por trás de sua visita.

De fato, ela se ofereceu para fazer uma excursão a ele, embora Ibram tenha pensado, dizendo que

queria ficar lá dentro, onde estava catalogando a biblioteca da grande mansão. Essa era uma atividade que nunca fora exigida por Idris, pois é claro que o conteúdo do Huntington já havia sido catalogado por sua grande equipe de voluntários e funcionários.

Istar enrolou um volumoso xale de lã bordado em volta dos ombros e o levou para o jardim de rosas. Aqui, a maioria das flores já havia morrido, embora houvesse alguns dos espécimes mais duros que ainda restavam.

Eles caminharam em silêncio por alguns instantes, Idris fingindo estudar o layout dos canteiros e os caminhos de cascalho que serpenteavam entre eles. Então Istar disse: — Você parece incomodado, Idris.

— Eu? — Ele respondeu, esperando parecer alegre e não incomodado. — Sinto muito. Suponho que estava apenas me concentrando.

Ela fez uma pausa, e então ele foi forçado a parar também e olhá-la. Embora a boca dela usasse a habitual curva fraca de um sorriso, ele podia ver a

preocupação em seus claros olhos verdes. —
Conhecemos todos os outros há séculos demais para
você mentir para mim, meu amigo. O que pesa no seu
coração?

Ele desejou poder contar a ela. Seria bom poder
desabafar, contar a ela a dor que sofrera ao deixar
Amber ir com Bariq al-Dawud. B ut, bom amigo que
era, ele ainda temia como ela poderia olhar para ele
quando ele confessou que ele tinha dado seu coração
a uma mulher mortal, alguém cuja breve vida era
apenas um dedo pressão para qualquer um deles.
Pior, uma mulher mortal que já havia sido clicada por
outra.

— É Amber? — Istar perguntou, e ele não
conseguiu impedir que seus olhos se abrissem de
surpresa.

— O que te faz dizer isso? — Ele respondeu,
sabendo que provavelmente já havia se entregado.

Ela riu, depois puxou o xale um pouco mais
firmemente ao redor de si mesma. Isso poderia ter
sido uma afetação, pois, embora o ar estivesse frio, a

temperatura não deveria ter feito muita diferença para ela. Olhando para longe, para as fileiras de choupos que delineavam a pista que ficava ao lado do castelo, ela disse: - Suponho que não devo rir. Você estava tentando ao máximo ser calmo e indiferente, cada centímetro a mais velho. Mas, mesmo assim, pude ver como você olhava para ela, a expressão em seu rosto quando ela saiu com Bariq. Você não queria que ela fosse, isso estava claro.

E foi por isso que ele deveria ter ficado longe. Ao mesmo tempo, porém, Idris sentiu uma sensação de alívio. Estranhamente, era bom saber que ele não teria que esconder esse segredo de Istar. — Ibram sabe?

Imediatamente ela balançou a cabeça. — Não. Ele vê a situação como um fim frouxo, bem organizado, e não muito mais do que isso. Nunca lhe ocorreria que você pudesse perder seu coração para um mortal.

— Suponho que você me ache muito tolo.

— Não. — Istar se aproximou e colocou a mão em seu braço. — Você não acha que eu sofri por você,

vendo como você está sozinha esse tempo todo? Não é nosso lugar questionar a vontade de Deus, mas mais de uma vez, eu me perguntei por que você deveria ser deixado de tal maneira, especialmente quando Ibram e eu fomos tão abençoados um pelo outro.

Como o próprio Idris havia pensado em muitas ocasiões, apesar de ter tido o bom senso de manter esse tumulto interior para si mesmo. Agora, porém... agora era um alívio saber que os sentimentos de Istar sobre esse assunto estavam alinhados com os dele. — Estou feliz que você não me ache tolo, — disse ele. — E, no entanto, preciso encontrar uma maneira de esquecê-la. Ela pertence a outro.

— Isso é um enigma, — Istar concordou. Ela tirou a mão do braço dele, mas ainda permaneceu perto, olhando para o rosto dele com um brilho especulativo nos olhos. — Devo confessar - agora que é só você e eu falando - que me parece que estamos perdendo parte da história. A afirmação de Bariq parece ser válida, e, no entanto, dentre todos os djinn que

reivindicaram seus Escolhidos, ele é o único que não abordou seu mortal durante o tempo previsto.

— Você sabe o porquê, — Idris, sem se preocupar em esconder o tom áspero de sua voz. Na verdade, era um alívio estar aberto com ela assim, não ter que esconder seus sentimentos. — Porque Bariq al-Dawud era um covarde e hesitou quando deveria tê-la procurado imediatamente.

— Verdade, essa é a história. — Os olhos de Istar se estreitaram um pouco, tão afiados que ele sentiu como se eles pudessem penetrar diretamente nessa alma. — Mas não acho que seja a história toda.

— O que você quer dizer?

— Venha, vamos nos sentar.

Ela se virou e caminhou em direção a um banco de pedra a alguns metros de distância, e ele não teve escolha a não ser segui-la. Pelo menos ali estavam eles ao sol, seus raios quentes fixando - se no manto de seda preto que ele usava, embora ele ainda estivesse com um calafrio interior que nem a luz do sol podia dissipar.

Depois de tomarem seus lugares no banco, ela brincou com uma ponta do xale, os dedos longos e elegantes correndo sobre as borlas que ele usava. — Você não acha estranho que ela consiga sobreviver por tanto tempo, sozinha? Amber é uma mulher jovem e bonita e, ao que parece, engenhosa o suficiente, mas nenhum outro sobrevivente humano conseguiu aguentar enquanto ela.

— Aquela garota que acabou com Hasan, — Idris apontou, esperando que esse exemplo fosse suficiente para desviar o questionamento de Istar.

No entanto, ela não se intimidou com a declaração dele, dizendo: — Verdade, mas ela estava com uma comunidade de outros sobreviventes. Eles se ajudaram - eram fortes o suficiente para se defenderem com armas - o que não parece ser o caso de Amber. Conversei com alguns dos djinn que limparam a área, e eles disseram que nunca viram sinal de sobrevivente humano após as primeiras semanas.

Ela estava ocupada, parecia. Mas esse era o jeito de Istar - a mente dela era curiosa e sondadora, sempre procurando inconsistências, coisas que não pareciam fazer sentido.

Uma coisa que ela disse enviou uma mecha fria de preocupação através dele.— O que mais eles disseram?

Agora ela sorria largamente, como se estivesse satisfeita por ele ter confirmado uma suspeita dela. — O que você acha que eles disseram, Idris?

Muito bem. Ele supôs que tinha sido apenas uma questão de tempo antes que a verdade surgisse. — Estou supondo que um deles tenha lhe dito que ele havia sido expulso por mim.

— Sim, Mahmoud fez, — disse ela. Uma sobancelha se arqueou, e ela continuou: — Ele estava bastante relutante, é verdade, embora eu não tenha certeza de que era porque ele não queria criar dissensões entre os mais velhos, ou porque ele temia o que poderia acontecer com ele depois que eu lhe

disse que a mulher que ele tentou atacar fora escolhida.

Tudo que Idris pôde fazer foi encolher os ombros. Ele se perguntava a mesma coisa também, se o atacante de Amber havia ficado em silêncio porque sabia que estava errado.

— Eu disse a ele que acreditávamos que era um erro e ele foi embora, desde que me deu as informações que eu queria. — Istar olhou para ele, rosto adorável, um estudo confuso. — Por que Idris? Por que você faria uma coisa dessas? Você sabia que ela foi escolhida?

Essa teria sido a saída mais fácil, mas é claro, ele não sabia disso. A essa altura, vários dias após o Heat ter limpadado o mundo, todos os humanos que foram escolhidos foram reivindicados por seus djinn. Todos eles... exceto Amber. De qualquer forma, ele a considerava uma sobrevivente regular, alguém imune e nada mais.

— Não, — ele disse pesadamente. — Foi... eu vi o terror em seu rosto, Istar. Eu não poderia deixá-la ser

morta. Então, sim, expulsei Mahmoud e ela fugiu e se refugiou no porão do centro de visitantes de Huntington. Mais tarde, percebi que era minha interferência que a mantinha viva, pois Mahmoud havia dito claramente aos outros que estavam sob minha proteção, embora eu certamente não tivesse dito isso de maneira formal.

— E então, quando você a encontrou há algumas semanas...— Istar solicitado.

Ele encolheu os ombros. — Eu pensei que devia ser sorte... e alguma habilidade... que a mantinha viva. Mas porque eu a salvei, senti uma responsabilidade por ela também. Eu permiti que ela ficasse em Huntington comigo até que ela pudesse se acostumar com esse novo mundo, com todas as mudanças que ocorreram enquanto ela estava escondida. Suponho que assumi que, em algum momento, eu a mandaria para Los Alamos para morar com os outros sobreviventes humanos. Acredite, a última coisa que imaginei foi que eu poderia... Ele deixou as palavras sumirem, porque, embora Istar

soubesse a verdade agora, não tinha certeza de que poderia convocar a vontade de falar aquela terrível verdade em voz alta.

No entanto, o Istar era feito de coisas mais fortes. — Você nunca imaginou que poderia se apaixonar por ela.

— Não, — ele disse simplesmente. — Foi... uma coisa gradual. Eu nunca falei disso com ela.

— Você não acha que ela se sentiu da mesma maneira?

— Claro que não, — ele respondeu imediatamente. — Se ela fez, por que diabos ela iria com Bariq?

Agora Istar riu alto, mesmo quando ela se levantou, puxando o xale ao redor. Uma brisa passou pelo jardim, brincando com as borlas douradas do xale e as longas e soltas ondas de seus cabelos acobreados. — Idris, para alguém que viveu muitos milhares de anos, você parece não saber muito sobre mulheres.

Provavelmente isso era verdade. As mulheres que entraram e saíram de sua vida não haviam passado tempo suficiente com ele para permitir-lhe algum conhecimento real de sua natureza, dos segredos que guardavam perto de seus corações. — Diga-me o que senti fazer, Istar, se sou tão tolo quanto você diz que sou.

— Você acabou de me dizer que nunca falou sobre seus sentimentos com Amber, — disse Istar. Seu tom era afetuoso, em vez de condescendente, e, no entanto, ele sentia que ela estava um pouco divertida com sua total incompreensão. — Eu não pretendo conhecê-la, mas ela é uma jovem bonita, alguém que provavelmente teve sua parcela de pretendentes antes que o mundo mudasse. Essa mulher não confessaria o que estava em seu coração, a menos que tivesse certeza de que isso fosse correspondido. Eu te conheço, Idris. Eu sei como você pode se afastar dos outros, dificultar o que pode estar passando pela sua mente. Se você fez o mesmo com ela, por que diabos ela teria algum motivo para se abrir para você? Ela foi

com Bariq porque sentia que não tinha motivos para ficar.

— Ela não teria sido capaz de ficar, mesmo que o tivesse recusado, — disse Idris, fazendo o possível para se concentrar nos detalhes da situação, em vez da terrível possibilidade de que Amber o amava o tempo todo e ele também era muito. cego para vê-lo.— No começo, ela teria que ir para Los Alamos.

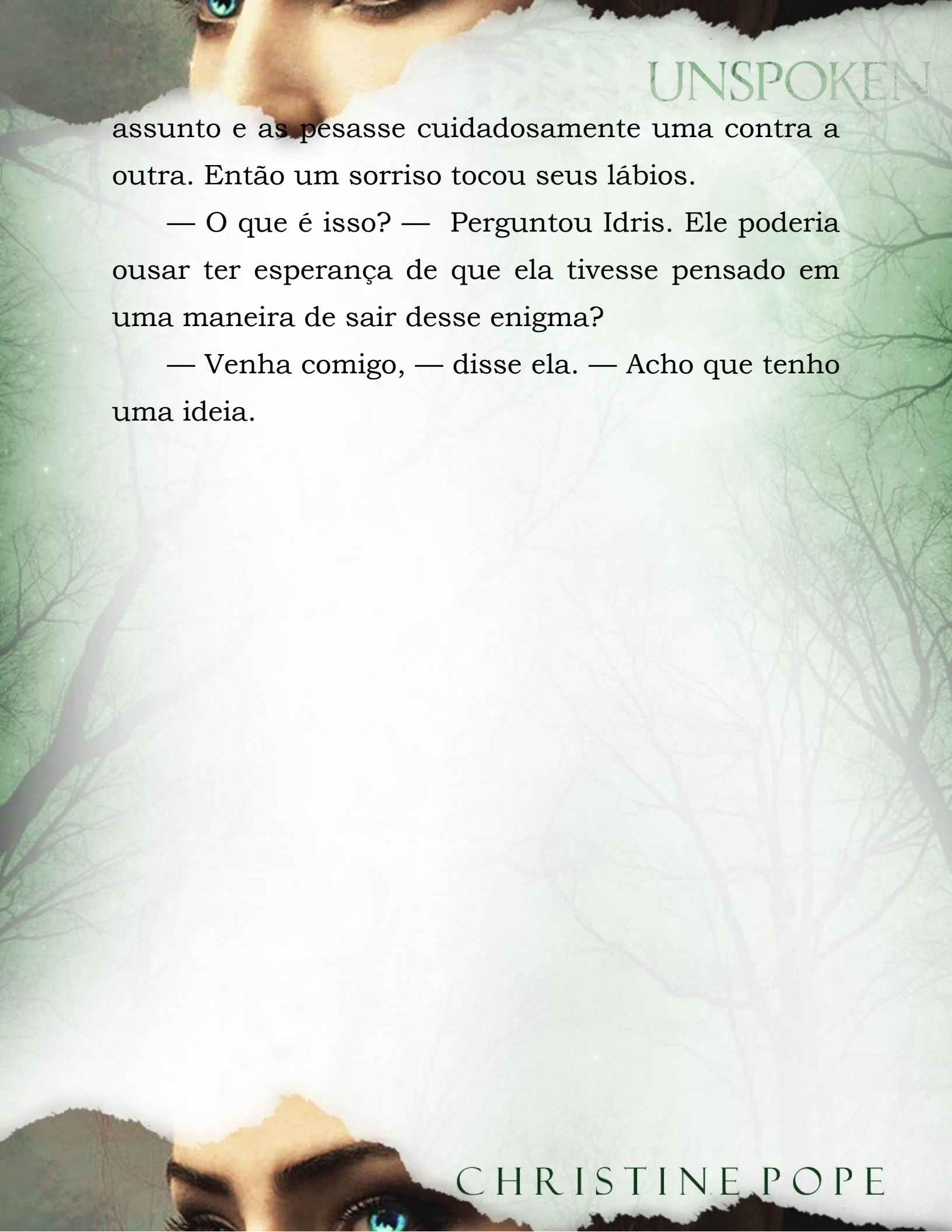
— Por que? — Istar perguntou, parecendo genuinamente curiosa. — Já concordamos que um ancião pode não ter um escolhido?

— Bem, não, — ele respondeu. Sua cabeça estava começando a girar. Ela realmente acabou de fazer uma pergunta dessas? É verdade que eles nunca saíram e declararam explicitamente tal coisa, mas parecia óbvio o suficiente para ele que estava fora de questão um ancião se emparelhar com um mortal. Isso faria parecer que ele estava escolhendo lados, participando com os Mil, e não com os outros djinn que haviam decretado que a humanidade deveria perecer. — Mas certamente isso está fora de questão.

Ela balançou a cabeça. — Oh, Idris, você gosta de complicar as coisas por si mesmo. Eu vejo você parado ali, pensando que um ancião deve ser neutro, mas a única maneira de você ser neutro seria permanecer sozinho pelo resto de seus dias. Se você escolhesse uma mulher djinn, estaria com alguém que concordasse que era certo remover a humanidade desse mundo. Se você escolhesse um humano, estaria do lado dos Mil. Parece que todas essas possibilidades têm suas próprias dificuldades, então devo lhe perguntar: o que você quer... *realmente* quer?

— Eu quero Amber, — disse ele, as palavras saindo de seus lábios como se tivessem sido ditas por outra pessoa, alguém com muito mais certeza do que ele. — Mas... ela é a escolhida de Bariq. Não posso simplesmente levá-la embora. Também não é justo desafiá-lo por ela, pois ele nunca seria capaz de vencer uma batalha dessas.

— Verdade, — respondeu Istar. Ela ficou em silêncio por um momento, a cabeça inclinada para um lado como se considerasse todas as complexidades do



UNSPOKEN

assunto e as pesasse cuidadosamente uma contra a outra. Então um sorriso tocou seus lábios.

— O que é isso? — Perguntou Idris. Ele poderia ousar ter esperança de que ela tivesse pensado em uma maneira de sair desse enigma?

— Venha comigo, — disse ela. — Acho que tenho uma ideia.

CHRISTINE POPE

CAPÍTULO QUINZE

O iate era enorme, o tipo de barco - navio? parecia desrespeitoso chamar algo tão grande de — barco— - que tinha seu próprio submarino bebê escondido em uma espécie de pequena garagem subaquática perto da popa do navio. Amber achou que seria divertido pegar o submundo e explorar as águas cristalinas perto da costa e observar toda a colorida vida marinha passando pelas janelas de observação, mas hoje tudo era sobre pegar esses peixes, não os observar.

Ela e Bariq haviam saído a cerca de 800 metros da costa, perto o suficiente para poder ver claramente a extensão da praia de areia branca com sua orla de casas de vários milhões de dólares e, em seguida, a exuberância da floresta tropical um pouco além da costa. área desenvolvida, mostrando que a natureza estava sempre por perto, pronta para reclamar a terra que as pessoas haviam tomado para uso próprio. Na verdade, Amber ficou meio que surpresa que as

árvores não tivessem começado a invadir algumas casas; talvez Bariq tenha feito uma limpeza cuidadosa para manter as coisas civilizadas por mais algum tempo.

Ele andou a alguns metros dela, os músculos nos braços inchados enquanto lutava contra o enorme peixe que havia fígado alguns minutos antes. Ela não fingia saber muito sobre peixes, a menos que estivesse em seu prato em um restaurante de frutos do mar, mas achava que a agitação do outro lado da linha de pesca provavelmente era um espadim. Pelo menos, parecia o peixe grande que um dos pais de sua amiga havia montado na parede de seu escritório, e esse era um espadim.

De certa forma, ela sentiu quase pena do peixe. Lá estava, nadando junto, provavelmente pensando que a vida era muito boa agora que não precisava se preocupar com os pescadores esportivos aparecendo e jogando uma chave de macaco em seu dia, e agora, do nada, alguma pessoa aleatória apareceu e decidiu arranjar um troféu.

No entanto, Amber não tinha dúvida de que Bariq seria o vencedor aqui. Ele estava soltando a linha e puxando-a de volta, como se tivesse feito esse tipo de coisa centenas de vezes antes... e talvez tivesse feito. Afinal, ele havia dito a ela antes que ele gostava de fazer margaritas do zero. Talvez ele também gostasse de pescar e pegar o jantar, em vez de apenas estalar os dedos para isso, como a maioria dos outros djinn faria. E não importa o quão poderoso o peixe, ele não poderia prevalecer contra a djinn.

Ela teve que admitir que ele parecia meio magnífico parado ali, os pés apoiados no convés, os cabelos dourados brilhando ao sol. Para esta expedição, ele abandonou suas vestes habituais e usava sunga, uma camiseta azul clara com o logotipo de uma empresa local de pesca e tênis. Ela não se incomodou em perguntar onde ele havia tirado as roupas, pois ela já sabia que era muito fácil para um djinn conjurar quase tudo o que ele queria. Mas enquanto ela olhava para ele em seu traje casual, ela

pensou que poderia facilmente confundi-lo com um humano comum... se ela não soubesse.

Pelo menos ele estava ocupado no momento e não prestava atenção especial a ela. Ela também mudou, trocando seu biquíni por bermudas, uma blusa e um par de tênis. Não era exatamente a roupa mais glamourosa do mundo, mas ela estava bem com isso. Do jeito que estava, a blusa provavelmente exibia um pouco mais de decote do que ela gostaria, mas ainda era um mundo melhor do que o maiô que ela usava antes.

Ela pegou a garrafa de água em cima da mesa e tomou um gole. Bariq perguntou se ela queria pescar e imediatamente balançou a cabeça e disse que preferia apenas assistir. A resposta dela não parecia tê-lo desencorajado, como se ele estivesse feliz em ficar lá e mostrar a ela que homem ele era enquanto ela se sentava em uma espreguiçadeira e observava sua batalha com o espadim.

Isso era injusto dela? Amber pensou que talvez sua voz interior estivesse sendo um pouco chata,

especialmente porque ele não fez nada para despertar suas suspeitas, mas ela ainda não conseguia se livrar da sensação de que o martelo estava prestes a cair. Eles estavam aqui há cinco dias, e tudo tinha sido puramente platônico, deitada na praia, nadando ou tomando um jipe para explorar a floresta tropical logo depois da vila onde eles moravam. Jantares juntos, mas sem luz de velas ou vinho, apenas comida local bem preparada - ela daria tanto a Bariq - e margaritas ou mojitos. Ela teve o cuidado de tomar apenas uma bebida, ou no máximo duas, ao mesmo tempo. Dessa forma, ela não precisava se preocupar em perder o controle e fazer algo de que se arrependeria de manhã.

Por tudo isso, o djinn não fez nada para deixá-la nervosa, exceto para olhá-la com olhos de cachorrinho de tempos em tempos, como se estivesse intrigada com o motivo de estar sendo tão reticente, por que não tinha feito. dada a menor sugestão de que eles devem se tornar íntimos. De certa forma, ela sabia que devia parecer uma provocação terrível, pois,

no primeiro encontro, ela fez parecer que estava mais do que disposta a ser parceira de Bariq. Mas mesmo sabendo que deveria tentar se curvar, tentar aceitar sua nova realidade, uma parte dela permaneceu teimosa, com os calcanhares firmemente enterrados.

E, claro, ela sabia o porquê.

Embora tentasse ao máximo não pensar nele, ainda não conseguia deixar de ouvir a voz de Idris enquanto se deitava para dormir à noite, não conseguia parar de pensar no contorno fino e afiado de seu perfil, na força em seus braços. enquanto ele a segurava. O delicioso aroma de cravo que parecia agarrar-se às suas vestes. Tudo nele parecia quase perfeito, especialmente visto à distância, como ela estava fazendo agora. Como no mundo ela poderia se entregar voluntariamente a Bariq quando Idris ainda estava ocupando tanto espaço em sua cabeça?

A resposta parecia ser que ela não podia, e era por isso que as coisas ainda estavam onde estavam agora... e ela não conseguia pensar em como superar o impasse atual.

Um poderoso puxão, e Bariq puxou o espadim no convés, onde se agitava loucamente, borrifando água por toda parte. Amber não sabia como isso teria acontecido em circunstâncias normais com um pescador humano, mas o djinn se ajoelhou rapidamente e colocou a mão ao lado da cabeça do peixe e ficou imóvel, obviamente morto.

Ela largou a garrafa de água e escovou algumas gotas perdidas de água do mar das pernas nuas. Os pontos úmidos em sua blusa e shorts teriam que secar ao sol. Enquanto ela caminhava para Bariq, ele se levantou e deu-lhe um sorriso feroz.

— Você viu aquilo? Que animal!

— É um peixe muito grande —, olhando para ele. Ela não sabia absolutamente nada sobre pesca esportiva, mas tinha que admitir que o espadim era uma criatura bonita, com marcas listradas em tons de azul que brilhavam à luz do sol. — O que você fez com isso?

O sorriso de Bariq desapareceu levemente. — Dei uma morte rápida e indolor, como merecia. Eu não tinha vontade de vê-lo tremendo de dor.

Bem, isso foi nobre da parte dele. Se ele estava tão preocupado com o sofrimento do espadim, talvez ele não devesse ter pego a maldita coisa no primeiro lugar. Ela afastou esse pensamento quase tão rapidamente quanto entrou em sua mente. Afinal, ela nunca esteve perto de um vegetariano, então não havia nenhuma razão real para ela se interessar por ele agora. — Isso foi gentil da sua parte, — disse ela.

Ele parecia um pouco mais feliz depois que ela disse isso, então ela adivinhou que tinha acertado a nota certa. — Mas não há necessidade de desordenar o convés agora. — Um aceno da mão e o espadim desapareceram.

Amber franziu o cenho. — Para onde foi?

— De volta para casa, é claro, — respondeu Bariq. Ele passou por ela, para o interior do iate, onde ficava a cozinha. Agora ele estava na pia de aço inoxidável, lavando vigorosamente as mãos - provavelmente para

tirar o peixe e a água salgada deles. — Vamos comer bifes de marlim para jantar à noite.

— É seguro comer? — Ela perguntou, tentando pensar se alguma vez viu marlim em um menu em qualquer lugar. Ela só ouvira falar em ser pego e solto ou montado como troféu.

Ele limpou as mãos em uma toalha e a jogou na bancada de pedra de quartzo pálida. — Claro. Talvez uma vez tenha sido considerado questionável, mas não haja mais toxinas sendo despejadas no oceano, então qualquer coisa que eu possa pegar lá é perfeitamente segura.

Certo. Ela supôs que deveria ter pensado nisso. Talvez até a água frequentemente turva do sul da Califórnia fosse tão brilhante quanto o Caribe agora que ninguém estava por perto para despejar óleo e uma série de outras substâncias nocivas nele.

Bariq passou por ela e foi até a geladeira, que ele abriu para revelar uma jarra de margaritas que Amber poderia jurar que não estava lá quando ela pegou sua água engarrafada meia hora antes.— Eu

pensei que você disse que gostava de fazer suas bebidas do zero,— disse ela, esperando que ele não percebesse a distinta falta de entusiasmo em seu tom.

— Sim, — disse Bariq facilmente. — Mas, de outro modo, eu estava ocupado no passado, como você deve se lembrar.

— Verdade. — Ela viu quando ele pegou alguns copos de um armário e despejou a mistura grossa e lamacenta neles. — Você não me disse que não beberíamos nesta viagem?

— Eu disse apenas que não beberíamos enquanto eu estivesse pescando, — respondeu Bariq. — Mas já terminei e acho que desembarcar esse peixe merece uma comemoração.

Qualquer argumento que ela oferecesse pareceria mesquinho, então deu de ombros e foi pegar um dos óculos dele. Pelo menos o iate era grande o suficiente para que ela não pudesse notar o movimento das ondas, então provavelmente não havia muita chance da tequila fazê-la sentir-se tonta.

Ele continuou: — Vamos para o convés e nos sentamos ao sol por um tempo antes de voltarmos.

— Claro, — disse Amber, imaginando que parecia relativamente seguro. Estar exposto ao sol e ao vento de alguma forma parecia um pouco menos pesado do que estar dentro de uma das opulentas áreas de estar do iate. Ela não tinha absolutamente nenhuma ideia de quem possuía esse navio no tempo anterior ao Heat mudar o mundo para sempre, mas ficaria chocada se alguém dissesse que os sofás não haviam visto pelo menos um pouco de ação no passado.

Eles seguiram em frente, até o terraço na frente do iate. Isso foi na popa? Ela realmente não podia se lembrar, já que sua família não gostava de andar de barco. Havia várias secções presas ao convés, junto com mesas e cadeiras iguais. Pelo que ela conseguiu dizer, parecia que o navio podia acomodar até dez pessoas, embora obviamente não fosse algo com que ela e seu companheiro precisassem se preocupar. Claramente, os grandes decks poderiam acomodar

muito mais pessoas do que as de uma festa ou expedição de pesca.

Bariq sentou-se em uma das seções e, após uma breve hesitação, Amber comeu ao lado dele. Ele poderia ter levantado uma sobrancelha se ela tivesse escolhido uma das cadeiras, e ela realmente não estava com vontade de discutir sobre algo tão bobo quanto seus arranjos de assentos. O sol batia neles, quente e suave, mas brilhante o suficiente para que ela estivesse feliz por ter se lembrado de se banhar com protetor solar antes de saírem de casa hoje de manhã. Engraçado, os hábitos que você esqueceu depois de passar tanto tempo vivendo no subsolo.

Por um momento, eles ficaram quietos, bebendo suas margaritas e respirando o ar fresco do oceano. Então Bariq disse: — Você gosta do oceano, não é?

— Sim, — ela respondeu. — Fui à praia quando tive tempo, mas não é o mesmo que viver bem ao lado, como se estivéssemos aqui.

— Então acho que provavelmente deveríamos ir a Laguna Beach quando terminarmos aqui na Costa

Rica. Bel-Air é lindo, mas ainda está a quilômetros da água.

Isso fazia sentido. Se ela tivesse que começar de novo em algum lugar, poderia fazê-lo em algum lugar que seria uma experiência totalmente nova. Morar em Bel-Air pode parecer um pouco demais estar em San Marino, embora Amber tenha que sorrir interiormente com o pensamento. Se ela tivesse dito algo assim para sua mãe, ela provavelmente teria cheirado e feito um comentário sobre todo o — dinheiro novo— e os tipos de madeira de Holly que moravam naquele subúrbio exclusivo.

— Parece bom, — disse Amber, embora soubesse que provavelmente não parecia tão entusiasmada quanto deveria. Ir a Laguna Beach parecia tão... permanente. Enquanto eles estavam aqui na Costa Rica, ela podia fingir que era simplesmente uma espécie de estação de parada, um ponto de parada enquanto eles descobriam o que iriam fazer a seguir. Uma vez que Bariq a levasse de volta ao sul da

Califórnia, isso seria o fim. Não haveria chance de algo sair de maneira diferente.

Não há chance agora, ela disse a si mesma. Você fez sua escolha e não pode mudá-la. Então pare de agir como um trapo tão molhado e continue com o programa.

Bariq estava olhando para ela com alguma preocupação, tão claramente sua falta de zelo também era óbvia para ele. Para tentar fazer as pazes, ela lançou seu sorriso mais brilhante para ele e acrescentou: — Vai ser divertido escolher uma casa com você. Espero que ainda restem alguns bons.

Seu comentário o fez levantar uma sobrancelha para ela. — Oh, tenho certeza de que deve haver um ou dois que atendam às nossas necessidades. — Ele fez uma pausa, depois mudou a seção para se aproximar dela. Amber podia sentir-se enrijecer, mas disse a si mesma para relaxar. Todo esse tempo, ele tinha sido um cavalheiro perfeito, então ela não tinha motivos para pensar que ele se comportaria de maneira diferente agora.— E realmente,— continuou

ele enquanto colocava sua margarita sobre a mesa, — se estamos tão perto de passar para essa parte de nossas vidas, você acha necessário continuar mantendo essa distância entre nós?

— 'Distância'? — Ela ecoou, seu corpo endurecendo com a tensão, mesmo quando ela reconheceu que estava estagnando fingindo incompreensão. Seria óbvio para qualquer um que estivesse observando suas interações que ela havia feito o melhor possível nos últimos dias para garantir que ela não desse a ele nenhum sinal misto, nem se comportasse de uma maneira que parecesse que ela era aberto a suas propostas.

Ele colocou a mão em sua perna nua, e ela de alguma maneira conseguiu não se encolher. — Sim, distância. Eu a queria dar algum tempo para se acostumar comigo, para relaxar em nossa... situação. Mas se formos a Laguna Beach, nos apresentar aos djinn e seus Escolhidos lá, então não faria sentido ir lá como um casal de verdade?

- Hum... acho que sim - respondeu Amber, sabendo o quão incerta ela parecia. Se apenas a mão dele não se sentisse tão pesada descansando ali na perna dela, seus dedos quase quentes demais quando pressionavam contra a carne dela. Mais do que tudo, ela queria se afastar, dizer a ele que não tinha dito que era certo tocá-la assim, mas sabia que esse tipo de protesto não seria muito bom. Além disso, ela não tinha dado a ele permissão tácita para fazer qualquer coisa que ele gostasse, concordando em vir aqui? Ela sabia qual deveria ser a relação de um djinn e seu escolhido; ela não havia se inscrito para esse pensamento de que seriam colegas de casa platônicos e nada mais.

Mas agora ele parecia finalmente pressioná-la, e algo dentro dela estava se rebelando, dizendo que isso parecia errado, não importa o que ela estivesse pensando alguns dias antes.

— Você supõe que sim, — o representante de Bariq comeu. Um cenho franziu a testa bronzeada e ele a encarou, olhos castanhos esverdeados quase

dourados à luz do sol. — Isso é tudo que você tem a dizer?

- Eu... Não se importando com o que ele responderia, Amber largou o copo de margarita e se levantou. Ela não sabia exatamente onde planejava ir - trancar-se em uma cabine provavelmente não era uma opção - mas pelo menos, levantando-se assim, ela o forçou a tirar a mão da perna. Com um levantamento de seus ombros que ela imaginou não parecer terrivelmente indiferente, ela disse: — Acho que simplesmente não tinha pensado que iríamos tão cedo. —

— Não é 'em breve', — argumentou, levantando-se também. Parado tão perto, ele praticamente a deixou magra, com cinco pés e cinco polegadas, e ela desejou - não pela primeira vez - que ela fosse modelo, alta, cinco ou dez ou até seis pés. Então ela não se sentiria tão sobrecarregada. — Estamos aqui há cinco dias, Amber. Todas as noites permito que você vá para o seu próprio quarto, não o persiga ou toquei ou tentei

forçá-lo de qualquer maneira. Mas o tempo para minha paciência está chegando ao fim.

Antes que ela pudesse se afastar, ele estendeu a mão e a pegou pelo pulso, puxou-a para ele. Quando a boca dele tocou a dela, ela experimentou uma estranha onda de desespero. Deveria ter sido Idris beijando-a assim, não Bariq... embora de alguma forma soubesse que Idris nunca forçaria um beijo, nunca levaria algo que não foi dado de bom grado.

Esse desespero rapidamente se transformou em raiva, e ela tentou se afastar, embora não pudesse ir muito longe com a mão dele ainda envolvida em seu pulso assim.— Não, — disse ela quando sua boca estava livre.

— 'Não'? — Ele repetiu, e agora parecia quase divertido, como se nunca lhe ocorresse que uma mulher mortal tentasse resistir a seus encantos. No entanto, sua expressão escureceu quase imediatamente, sua expressão era áspera enquanto ele continuava. — Quem é você para me dizer o que eu posso ou não fazer? Você não veio aqui de bom

grado? Você não conseguiu entender o que significava ser minha Escolhida?

— Entendi, — disse ela. Não havia sentido em tentar ser falso, mas ela também não iria rolar e se deixar levar por um homem. — Ou pelo menos, eu pensei que sim. Eu pensei -

Seus olhos brilhavam, ouro duro à luz do sol. — Você pensou o que?

A Amber de antes do Calor, antes de o mundo mudar, poderia ter tentado desviar, fazer o que era necessário para esconder a verdade dele. Afinal, ela tinha muita experiência falando sobre caras que tinham ficado muito práticos. Agora, porém, ela percebeu que não era mais essa Amber... e não aceitaria as besteiras de Bariq só porque ele se tornara um djinn.

— Eu pensei que, eventualmente, eu ficaria atraída por você, — disse Amber, sentindo-se estranhamente animada por sua ousadia. Ela já tinha dito algo que fosse direto para um homem antes? —

Mas eu não estou. Eu não quero isso depois de tudo. Quero que você me leve para Los Alamos.

Irritantemente, ele começou a rir. A mão dele apertou o pulso dela, e ele a puxou para mais perto, mesmo que ela se esforçasse ao seu alcance, fez o possível para moer as solas de borracha de seu tênis no convés, para que ele não conseguisse alavancar.— Você quer que eu te leve para Los Alamos? Minha querida, você não está em posição de fazer tal pedido. Como vocês, mortais, gostavam de dizer, você arrumou sua cama... e agora estará nela.

Um puxão duro e ela estava contra ele, os braços em volta dela, enquanto sua boca procurava a dela novamente. Ele provou margaritas, o que não deveria ter sido tão ruim, mas ela ainda queria vomitar de qualquer maneira. Suas mãos pressionaram contra os músculos inflexíveis de seu peito, unhas muito curtas tentando cavar sua carne, e ainda assim não parecia importar o que ela fazia. H e manteve cativa, e não havia uma maldita coisa que pudesse fazer sobre isso.

E então... então uma sensação estranha e tonta começou a dominá-la. Se Bariq não a estivesse segurando firmemente contra ele, ela poderia ter tropeçado ou até caído, mas não havia chance de isso acontecer. Junto com a sensação de tontura, veio uma onda de calor, de desejo. Por que ela estava lutando? Ela queria que ele a beijasse, queria que ele fizesse muito mais.

Ele aprofundou o beijo e Amber abriu a boca de bom grado, provou-o novamente, respirou o cheiro de sal marinho de sua pele. No fundo, porém, ela sentiu uma repentina lavagem de confusão, como se de alguma forma soubesse que não deveria responder dessa maneira, mesmo que seu corpo estivesse dizendo algo muito diferente.

O que estava acontecendo com ela?

A resposta surgiu das profundezas de sua mente como uma nadadora tentando romper a superfície antes de ficar sem ar.

O glamour djinn.

Idris contou a ela sobre como os djinn de alguma forma usariam seus poderes para curvar os humanos à sua vontade. Bariq deve estar usando agora, porque Amber sabia que, caso contrário, ela nunca o deixaria de bom grado beijá-la, não estaria praticamente gemendo com seu toque agora.

Ela plantou as duas mãos no peito dele e empurrou o mais forte que pôde. Pego de surpresa, ele tropeçou em um passo para trás.

Foi o suficiente. Ela estava livre.

Sem parar para pensar, ela se virou e correu pelo comprimento do convés inferior, abrindo caminho de volta ao local onde ele lutou com o espadim. Ela não sabia exatamente o que planejava fazer, apenas que tinha que fazer o que pudesse para manter alguma distância entre eles.

Mas lá estava ele, já recuperado de seu tropeço, perseguindo-a com suas pernas muito mais longas. Amber não sabia por que ele não se piscou ao lado dela, exceto que talvez ele não tivesse muita certeza

de onde ela planejava ir e pensou que seria mais fácil seguir a pé.

Ela também não sabia para onde estava indo. E ela estava rapidamente ficando sem baralho.

— Pare com essa tolice! — Ele chamou. — O que você pensa que está fazendo?

— Afastando-me de você, — respondeu ela, embora soubesse que não devia olhar para ele.

A beira do convés estava muito próxima. Cinco pés. Três. Dois.

Até mergulhar na água, ela honestamente não sabia que era isso que pretendia fazer. Agora, porém, ao tirar o tênis freneticamente e começar a ir para a praia, percebeu que pular do barco era a única solução possível para seu dilema.

Djinn nadou? Ela supôs que estava prestes a descobrir.

Enquanto ela cortava a água, agradecida por todos os verões passados na piscina da família e pela habilidade em nadar que eles haviam proporcionado, ela ouviu outro respingo e olhou para trás. Bariq

também havia mergulhado, agora estava cortando as ondas grossas como um nadador treinado nos Jogos Olímpicos.

Bem, isso pareceu responder à sua pergunta.

O pânico ameaçou dominá-la, mas Amber se obrigou a continuar nadando. Sem olhar para trás. Isso apenas a atrasaria.

Os salpicos ficaram mais altos, e então ele estava ao lado dela, os dentes arreganhados em um sorriso feroz, os cabelos castanhos dourados grudados na cabeça. — Garota tola, — disse ele, nem mesmo ofegante. — Você nunca pensou em perguntar qual elemento eu controlava. Bem, é este aqui.

E então foi como se o oceano ao seu redor estivesse vivo, rugindo, segurando-a para que ela não pudesse se mover. As ondas enormes a impulsionaram em direção à costa, levando-a para que ela não tivesse escolha a não ser ir com ele, tentando desesperadamente engolir ar suficiente para encher seus pulmões cansados e aterrorizados. Ela teve a impressão de que Bariq estava nadando ao lado

dela, ou melhor, de alguma forma estava cavalgando na crista daquela onda perpétua, persuadindo-a até que finalmente caiu na praia e a depositou na areia molhada.

Ofegando e sufocando, Amber se arrastou para cima e para longe da água. Seu coração batia forte e seus ouvidos tocavam, e ela se perguntou se talvez não fosse melhor se ela tivesse se afogado no fim das contas.

Uma sombra caiu sobre ela, e Bariq a agarrou pelo ombro e a virou, aparentemente não pior que o desgaste para o passeio selvagem. Ele se abaixou sobre ela, prendendo-a no lugar na areia.

Oh Deus. Ele iria forçá-la aqui e agora, acabar logo com isso?

O horrível era que ela achava que estava exausta e assustada demais para se importar.

— Não me atravesse assim de novo, — disse ele, inclinando-se para que seu rosto fosse escasso do dela. — Você viu o poder que eu posso comandar. Não

é o lugar de um mortal desafiar um djinn.
Compreendo?

Ela olhou para ele, o peito ainda arfando de esforço. Provavelmente valeria a pena cuspir na cara dele, mas ela duvidava que tivesse forças.

Então uma nova voz cortou, feminina, uma que Amber pensou ter ouvido antes, mas que não podia começar a colocar.

— Estamos interrompendo alguma coisa?

Ao mesmo tempo, Bariq levantou-se e ela de alguma maneira conseguiu ajoelhar-se para poder ver quem no mundo acabara de falar.

A alguns metros de distância estava a anciã djinn - Istar - com seus longos cabelos ruivos soprando na brisa. Ao lado dela, seu rosto uma nuvem tempestuosa, estava Idris.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Se Istar não tivesse falado – se Bariq não tivesse se afastado imediatamente de Amber - Idris tinha certeza de que teria dado um passo à frente e dado um golpe no queixo do bastardo. Como ele ousa assaltá-la assim? E Amber... ele não sabia o que tinha acabado de acontecer, precisamente, mas ela estava encharcada em uma blusa e shorts, sem sapatos, com os cabelos pingando e o rosto branco de medo.

— Como se atreve a me interromper no meu território? — Bariq trovejou, sem dúvida tentando parecer e soar o mais impressionante possível.

No entanto, Istar apenas ergueu as sobrancelhas uma fração calculada de uma polegada e disse: — Somos anciões, Bariq al-Dawud. Não ousamos nada. Além disso, desde que você escolheu um escolhido, esse não é mais o seu território. Você está aqui em sofrimento, não mais.

Raiva ainda queimando em suas veias, Idris avançou para Amber e estendeu a mão. Com os dedos

trêmulos, ela a pegou e ficou de pé, o tempo todo encarando com desdém o djinn que deveria ser seu protetor e parceiro.

— Você está bem? — Eu perguntei.

— Eu estou... agora, — ela respondeu. Apesar de sua aparência abalada, o sorriso que ela enviou a ele era tão quente que ele quase esqueceu a presença dos outros dois. Certamente ela não teria sorrido para ele de tal maneira se não sentisse nada por ele.

Bariq olhou com raiva para todos eles, braços cruzados. Ele usava roupas humanas molhadas, uma camiseta azul clara e uma espécie de calção de banho bege com grandes flores coloridas entrelaçadas no desenho, e parecia vagamente ridículo. Errado, ele disse: — Ainda assim, eu não sabia que era sua a responsabilidade de interferir nos negócios de um djinn e de seu escolhido.

— Em circunstâncias normais, não— Istar permitiu. Ela deu a Idris um breve olhar, e ele acenou de volta para ela. Por um momento, ele achou melhor deixá-la falar, e ele tinha certeza de que, se desse a

língua à vontade, ele poderia dizer algo de que se arrependeria mais tarde. — Mas essas não são circunstâncias normais, e precisamos conversar. Essa é a sua casa lá em cima?

Ela apontou para a enorme Vila moderna situada na beira do vale, e Bariq assentiu, parecendo mal-humorado.

— Sim, — ele admitiu.

— Bem então. Você e Amber podem vestir roupas secas e nos encontrar depois no pátio. Dez minutos.

Bariq abriu a boca como se quisesse protestar, depois pareceu pensar melhor. No momento seguinte, ele desapareceu, deixando Amber parada lá com Idris e Istar.

Por mais que ele quisesse beijá-la naquele momento, ele sabia que não era a hora certa. — Vou levá-la, já que Bariq foi tão grosseiro que o deixou aqui em baixo.

Seu rosto se iluminou com gratidão, mas então ela olhou para as roupas pingando e disse: — Estou encharcada.

— Isso não importa.

Antes que ela pudesse protestar ainda mais, ele foi até ela e a abraçou, depois a levou para o gracioso pátio escondido no centro da casa. Imediatamente, ele a soltou, principalmente porque Istar também apareceu no pátio ao mesmo tempo, e ele não queria fazer nada que pudesse convidar a comentar.

— Vá em frente e mude, — disse Istar, sorrindo um pouco. — E depois volte aqui assim que estiver pronta.

Amber começou a assentir, depois pareceu se conter e disse: — O que vocês dois estão fazendo aqui?

— Você aprenderá em breve, — respondeu Istar. — Apenas vá e não tema Bariq. Você está sob nossa proteção agora.

Um brilhante sorriso, e então Amber se apressou. Idris acenou com a mão e as manchas molhadas em seu manto de seda preta desapareceram.

— Parece que chegamos bem a tempo, — ele murmurou, e Istar assentiu.

— Eu temo que você esteja correto. Eu realmente não tinha ideia de que Bariq se comportaria de maneira tão abominável.

Idris também não, mas de certa forma, ele se permitiu um pouco de alívio. Ficou claro o suficiente que o outro djinn estava atacando Amber por desejo frustrado, o que parecia indicar que ainda não haviam se tornado íntimos. Mesmo que tivessem, tal coisa não faria Idris amá-la menos, mas ele ainda estava feliz por não terem consumado o relacionamento. Isso deve tornar tudo muito mais fácil.

Ou assim ele esperava.

Alguns instantes depois, Bariq voltou para o andar de baixo, com os cabelos secos e as roupas úmidas e sujas substituídas por uma túnica extravagante em um tom laranja-dourado com bordados de cobre nas mangas. Seus olhos se estreitaram quando ele olhou para Idris, mas pelo menos ele parecia ter se lembrado de algo de suas maneiras, pois ele disse: — Algum refresco, anciãos? Água ou vinho... algo um pouco mais forte?

— Nada, obrigado, — disse Istar. — Você deve ter adivinhado que essa não é uma visita de cortesia.

Bariq cruzou os braços, toda a sua postura um pouco mais rígida do que havia sido um momento antes. — O pensamento me passou pela cabeça. Então, a que devo a honra de sua presença?

— Vamos esperar para explicar até que Amber se junte a nós, — disse Idris. — Isso a preocupa também.

A carranca estava de volta. Bariq levantou o queixo, dizendo: - Não sei como isso é possível. Ela é mortal. S ele vive pelo nosso capricho, nada mais.

- Foi gentil da sua parte explicitar com tanta clareza - interrompeu Amber enquanto descia as escadas para o pátio. Ela agora usava um vestido de renda azul claro com tiras finas, os pés em sandálias de prata simples. E embora seu cabelo estivesse úmido, ele já começara a secar nas ondas ondulantes que Idris amava tanto.

Ela já foi mais bonita? Ele não pensava assim, embora talvez sua admiração agora fosse tanto um

produto da separação recente deles quanto qualquer outra coisa.

Seu comentário rendeu-lhe uma careta de seu suposto parceiro, mas ela ignorou Bariq e, em vez disso, atravessou o pátio, onde Idris e Istar estavam um ao lado do outro. Em sua expressão havia curiosidade, mas também um elemento de esperança. Seria apenas que ela desejava que os dois anciãos a levassem embora, ou seu olhar permaneceu em Idris por um momento, porque outros pensamentos ainda mais bem-vindos permaneceram em sua mente?

— Você disse que isso me preocupava? — Perguntou Amber.

— Sim, — disse Idris. — Receio que, quando dissemos a você que Bariq queria fazer de você o escolhida dele, não lhe contamos toda a história.

— Idris, — Bariq disse asperamente, esquecendo claramente a etiqueta que ditava que nenhum djinn deveria chamar um ancião pelo nome, a menos que tenha permissão expressa. Cor de raiva brilhava em

suas bochechas. — Não vejo como isso tem alguma influência na situação atual.

— Ah, achamos que sim, — disse Istar. Sua boca cheia afinou em desaprovação por um segundo; claramente, depois do que ela o viu fazendo com Amber, sua opinião sobre Bariq caiu ainda mais.— Acho que Amber deveria saber que você hesitou em reivindicá-la, e essa é a verdadeira razão pela qual ela foi deixada sozinha naqueles dias após a morte.

Amber nem olhou para Bariq, como se de alguma forma não estivesse totalmente surpresa com essa revelação. Com a voz baixa, ela disse: — Ele... o quê?

— Eu posso explicar — ele começou, mas Istar levantou a mão.

— Você já se explicou para nós e não preciso mais ouvir suas desculpas.— Seu olhar voltou para a jovem mortal que estava diante dela.— Ele duvidava que possuísse o temperamento correto para se entregar a apenas uma mulher pelo resto de sua vida, especialmente uma mulher humana. Por não ter certeza de si mesmo, esperou vários dias antes de

finalmente decidir procurar você. A essa altura, é claro, você já havia se escondido, graças a ser atacada pelos djinns que procuravam limpar o mundo de sua espécie.

— Eu só estava viva por causa de Idris, — disse Amber então, seus olhos azuis quentes de gratidão.

— Sim, eu sei, — respondeu Istar. — Ele me disse o que havia acontecido. Na verdade, ele me disse muitas coisas. Ela parou então, olhando para ele como se pedisse permissão, e ele assentiu. Talvez fosse covarde permitir que sua irmã mais velha fizesse tal revelação, mas Idris ainda não tinha certeza se seria capaz de falar a verdade de seu coração para a mulher que amava. Com um tom mais suave, Istar continuou: — Ele disse que tem sentimentos por você, Amber McCoy, e é por isso que ele está aqui.

Um rubor surpreso surgiu no rosto de Amber e seus lábios se separaram. Mais do que nunca, ele queria beijar aquela boca deliciosa, mas ainda não era a hora.

— Isso é absurdo, — Bariq murmurou. Ele olhou para os três quando seu rosto ficou vermelho de raiva. — Ele não tem direito a ela. Nenhum! Fui eu quem a escolheu, não ele.

— Sim, e você fez um ótimo trabalho, — disse Idris, sentindo-se suficientemente seguro para entrar na conversa. - Na verdade, você realmente a fez sua Escolhida? Pois sinto um certo... distanciamento... entre vocês.

Amber parecia intrigada, mas Bariq agora olhou para o chão enquanto ele murmurava: — Eu teria chegado a ele.

— Eu não entendo, — disse Amber. — Você quer dizer que eu estar aqui com ele não foi suficiente para torná-lo oficial?

— Não, — Istar disse a ela com um sorriso. — Há uma certa declaração que os djinn precisam fazer no universo para tornar esse compromisso verdadeiro e duradouro. Apenas algumas palavras simples, mas ainda assim, sem elas, você não está mais ligado a ele do que ele a mim.

— Graças a Deus, — disse Amber, com tanta veemência que Idris reconhecia que realmente não havia apego entre os dois.

Parecendo satisfeita, Istar continuou. — Nos poucos casos em que dois djinn desejavam a mesma mulher mortal para seus Escolhidos, um duelo seria travado entre eles. No entanto, esse procedimento particular não é viável neste caso, pois Idris, um ancião, é muito mais forte do que qualquer djinn comum. Não seria um concurso justo.

— Então, o que fazemos? — Perguntou Amber.

— Você deve escolher.

— O que? — Bariq interrompeu. Algumas veias começaram a aparecer em sua testa, além do rubor zangado que ainda avermelhava sua pele. — Não é assim que se faz! O djinn escolhe o mortal, e não o contrário!

Foi assim que *aconteceu* disse Istar gentilmente. No entanto, o sorriso que ela usava disse a Idris que estava bastante satisfeita com o quão irritado Bariq parecia.— Mas pode-se dizer que você não parece

terrivelmente confiante em sua escolha, não quando você a teve com você por quase cinco dias e ainda não a fez formalmente sua Escolhida... não quando ficou claro que você estava fisicamente atacando a pobre garota assim que chegamos.

— Ela estava me desafiando -

— Uma parceria entre djinn e mortal é apenas isso, — Idris interrompeu, cortando a resposta irada do outro djinn. — Essas pessoas são consideradas suas parceiras na eternidade, não como escravas. Acho que você esquece como isso deveria funcionar.

Bariq olhou para ele, mas Idris percebeu que não tinha resposta pronta para essa observação. Ou talvez ele tivesse percebido que continuar discutindo com um ancião nunca era uma boa ideia.

— Então, — Istar disse. Ela voltou-se para Amber, que estava assistindo a essa conversa com algum espanto, como se ainda não conseguisse entender direito o que estava acontecendo. — Você tem dois djinn aqui, os dois disseram que desejam estar com

você. A escolha é sua - um deles, é claro que você pode ir a Los Alamos, se é isso que deseja.

— Mas eu pensei que Idris — Amber fez uma pausa lá, seus dedos brincando com as dobras de sua saia transparente, como se de alguma forma isso pudesse ajudar a limpar seus processos de pensamento. — Quero dizer, ele é um ancião. Para um ancião é permitido estar com um mortal? —

— Ele é ancião, — Istar respondeu com um sorriso, — e, portanto, ele faz suas próprias regras. Ou melhor, nós dois determinamos que não há razão no mundo para vocês dois não estarem juntos... se, é claro, é isso que você deseja.

— Oh, eu desejo, — Amber respirou. Sua expressão estava aturdida, como se ela ainda não conseguisse entender que poderia receber a única coisa que ela realmente queria o tempo todo. — Eu definitivamente desejo Idris.

Istar pareceu satisfeita. — Então está feito. Idris, você pode levá-la para longe deste lugar. E você, Bariq - continuou ela, olhando-o com um penetrante olhar

verde -, você fica aqui na Costa Rica, nesta casa que parece admirar tanto. Talvez em algum momento você consiga atrair uma mulher djinn aqui... desde que não se saiba como você tratou a mulher que deveria ser sua Escolhida.

A ameaça pairou no ar, e Bariq de repente pareceu um pouco pálido sob o bronzeado. Idris só podia esperar que o outro djinn tivesse aprendido alguma coisa com os erros que cometera..., mas, de alguma forma, ele duvidava. Uma vida longa não garantiu necessariamente o dom da autoconsciência.

Por enquanto, porém, ele se importava pouco com os outros djinn ou com seus erros dispendiosos. Ele só podia olhar para Amber, que havia dado um passo hesitante em direção a ele, depois outro, seu rosto adorável um estudo de alegria crescente.

— Venha, meu amor, — disse ele. — Vamos.

Isso era real? Ela não sabia se o que estava acontecendo era real, mas esperava que fosse. Idris a abraçou quando a vila na Costa Rica desapareceu,

apenas para ser substituída pelo ambiente ainda mais opulento da mansão Huntington.

Dessa vez, porém, ele não a soltou imediatamente, como havia feito nas outras ocasiões em que eles usavam a forma djinn de viajar. Em vez disso, eles ficaram ali na sala, os braços ainda ao redor dela, seu corpo forte, quente e reconfortante.

Ele olhou para ela, procurando seu rosto. — Você tem certeza disso? — Ele perguntou suavemente. — Porque não é tarde demais para levá-la a Los Alamos, se esse é o seu desejo.

— Não, é *não* meu desejo, — disse ela, seu tom firme como ela poderia fazê-lo. Ela queria ter certeza de que não haveria mais esse absurdo.

— Quero dizer, ir para Los Alamos. Eu quero ficar aqui com você. Isso é tudo que eu sempre quis - ou pelo menos, é tudo que eu queria nas últimas semanas. Então me beije agora para torná-lo real.

Um sorriso rápido e bonito tocou seus lábios, e então ele se inclinou e pressionou sua boca contra a dela, calorosa, bem-vinda, totalmente diferente de

Bariq. Ela supôs que era um pouco estranho que uma ação cuja mecânica realmente não mudasse tanto de pessoa para pessoa pudesse ser tão completamente diferente quando você estava com o homem certo. Todos os seus membros pareciam inundados de calor, de desejo, e ela o segurou, saboreando os doces da boca dele, de toda a sua bela alma.

Quando o beijo que mudou a vida terminou, ele olhou para ela com tanto amor brilhando em seus olhos escuros, que ela quase quis chorar. Ninguém nunca a olhou assim antes, como se ela fosse a terra prometida e um peregrino cansado que, contra toda a esperança, finalmente cruzara sua fronteira. — Eu amo você, Amber McCoy, — disse ele, e ela segurou as mãos dele e sorriu.

— Eu também te amo, Idris.

Os dedos dele apertaram os dela. — Gostaria de fazer de você minha escolhida agora.

Uma emoção a percorreu, principalmente de excitação, possivelmente tingida com o mínimo de trepidação. Sim, ela sabia que amava Idris, nunca

havia se sentido assim com ninguém em sua vida, mas esse amor era forte o suficiente para durar décadas, séculos... quem realmente sabia quanto tempo? Por um momento, ela entendeu por que Bariq hesitara em reivindicá-la, por que de repente ele ficou incerto. Para sempre era um compromisso muito grande.

Mas então ela olhou para Idris, para as feições limpas e bem gravadas dele, para o formato dos lábios dele e para o levantamento das sobrancelhas e os cílios sujos que sombreavam os olhos dele, e ela sabia que poderia ficar feliz em olhar para aquele rosto, a partir de agora até a eternidade, feliz em ouvir o som de sua voz enquanto ele a recebia de manhã e pouco antes de ela se deitar para dormir uma noite.

— Sim, por favor, — ela respirou. — Eu quero isso também.

Idris continuou segurando suas mãos, olhando-a com aqueles olhos escuros e infinitamente profundos. Amber pensou que poderia se perder em suas profundezas, na riqueza de conhecimentos,

experiências e amor que via refletidos ali. Mais uma vez, ela se perguntou se realmente merecia estar com alguém como ele, mas depois disse a si mesma que ele não parecia estar enfrentando nenhum tipo de problema. Ela precisava confiar nisso, precisava acreditar que o universo a havia trazido a este lugar precisamente para que pudessem ficar juntos.

Sua voz quente e profunda era suave enquanto ele falava. — Amber McCoy, você é minha Escolhida, e minha proteção é dada a você.

Tão simples, e ainda assim ela podia sentir uma emoção através dela, como se seu corpo e alma entendessem o que acabara de acontecer, mesmo enquanto sua mente ainda tentava descobrir. Já não teria que se preocupar em ficar sozinha. Agora ela e Idris estavam unidos de uma maneira que ela estava apenas começando a entender... embora ela desejasse explorar as profundezas desse vínculo.

— E é isso? — Ela perguntou. — Eu sou seu escolhido agora?

— Sim, — disse ele, uma ternura maravilhosa aquecendo seus olhos escuros. — O que você gostaria de fazer sobre isso, seu primeiro dia nesta nova vida?

— Honestamente? — Embora Amber soubesse o que provavelmente iria acontecer entre eles em um futuro muito próximo, ela também percebeu que vestira esse vestido depois de mergulhar no oceano, e realmente queria tirar o sal da pele e tirar o excesso de sal. o cabelo dela. E, provavelmente, remova os últimos restos do toque de Bariq.

— Honestamente, — disse Idris.

— Eu preciso de um banho, — ela disse a ele. — Eu ainda tenho água salgada em cima de mim.

Essa resposta fez Idris sorrir e balançar a cabeça, mas ele pareceu entender, porque disse: — Vá em frente e use o banheiro do morcego no meu quarto. *Nosso* quarto - ele alterou, uma luz alegre em seus olhos quando ele pareceu perceber que as coisas seriam muito diferentes entre eles daqui para frente. — Vou garantir que todas as suas coisas sejam transferidas para o armário lá.

— Mas deixei minhas coisas na Costa Rica, — protestou ela, percebendo pela primeira vez que tudo o que havia levado com ela quando foi com Bariq ainda deveria estar sentado no armário da sala que estava usando.

— Isso não importa. Já está resolvido.

Definitivamente, havia uma série de vantagens em ser o escolhido de um djinn. Ela foi na ponta dos pés e o beijou na bochecha. — Eu serei o mais rápida que puder.

— Encontre-me na varanda quando terminar, — disse ele com um sorriso. — Está um bom dia. Devemos aproveitar.

— Eu vou.

Então ele correu rapidamente pelas escadas e desceu o corredor até o quarto de Idris... ou melhor, o quarto que eles agora dividiriam. Um olhar para a imponente cama de seda e ela sentiu um pequeno arrepio de antecipação percorrê-la.

Logo, ela disse à cama e espiou dentro do armário.

Com certeza, todas as suas roupas estavam penduradas lá, e ela encontrou suas roupas íntimas em um lindo baú de lingerie no canto. Ela selecionou a blusa branca rendada que usara no primeiro dia aqui e seu jeans favorito, junto com um sutiã de renda branca e calcinha, e correu para o banheiro.

O banho na vila na Costa Rica poderia ter sido ainda mais opulento que este, e mesmo assim Amber sabia que gostava muito mais de tomar banho aqui. Ela rapidamente lavou o cabelo e ensaboou-se por toda parte, depois se certificou de que todo último pedaço de sal marinho - e os toques repugnantes de Bariq - fossem lavados.

Seu cabelo secava rapidamente ao sol, então ela o secou, colocou um pouco de soro nele para definir as ondas e se vestiu às pressas. Idris estava acostumada a vê-la sem muita maquiagem, então ela só colocou rímel e brilho labial. Uma pausa enquanto ela enviava um sorriso rápido para a foto dela com a mãe e a avó, que agora adornavam o garoto alto, e

então ela desceu as escadas correndo pelas portas francesas, onde a luz do sol da Califórnia a recebia.

Idris estava lá, vestes negras brilhando na brisa. Ele se virou para ela e ela viu que ele segurava um par de taças de champanhe.

— Eu pensei que poderíamos comemorar, — disse ele.

Champanhe parecia uma ótima ideia. Amber pegou uma das flautas e tocaram os finos copos de cristal juntos.

— Para sempre, — disse ela, e ele sorriu para ela.

— Para sempre, — ele respondeu.

Eles beberam champanhe e ficaram ali por um momento, olhando os magníficos jardins lidos à sua frente. Isso também parecia perfeito, apenas por estar aqui ao lado dele, para saber que esse homem - esse djinn - de alguma forma decidiu que ela era a única para ele.

Então ela olhou para ele e fez uma pergunta que passou por sua mente mais de uma vez. — Você já vestiu algo, exceto preto?

— Não, — disse ele, parecendo vagamente assustado que ela perguntasse uma coisa dessas do nada.

— Por quê?

Por um momento, ele não falou, apenas parecia estar ocupado pensando em uma resposta apropriada. — Não tenho muita certeza, — disse ele finalmente. — Suponho que parecia mais fácil.

O que ela poderia fazer em resposta, exceto rir? Amber riu, depois tomou um gole de champanhe. Foi muito bom, mas, então, ela supôs que um ancião do djinn conjuraria apenas o melhor. Cristal, talvez, ou uma safra muito boa de Dom Perignon. — Talvez você deva tentar se ramificar, — sugeriu ela. — Tente azul escuro ou verde escuro. Ou roxo. Roxo ficaria ótimo com seus cabelos e olhos escuros.

— Estou aberto a todas as possibilidades, — disse ele, e pela maneira como seu olhar encontrou o dela, ela teve a sensação de que ele estava falando muito mais do que as roupas que vestia.

O que foi bom para ela. Ela tomou um gole de champanhe e foi como se os dois percebessem que não queriam esperar mais. O copo desapareceu de seus dedos, seu conteúdo agora consumido principalmente, e o copo de Idris também desapareceu. Ele se inclinou e a beijou, com a boca com o gosto de champanhe, e ela se pressionou contra ele, mais uma vez revelando a força de seu corpo, o calor de seu corpo.

Num piscar de olhos, a brilhante tarde de outono ao redor deles desapareceu e eles estavam parados no arejado, mas imponente quarto principal da mansão. Idris tocou seu rosto, acariciando sua bochecha, e então a mão dele se moveu para baixo, roçando contra sua garganta, indo mais baixo para segurar seu peito.

Amber soltou um suspiro que foi meio gemido, sentindo o mamilo endurecer sob a renda do sutiã. Ele parecia sentir isso também, porque murmurou: — Está tudo bem? Eu posso esperar por você o tempo que quiser, mas...

— Não ouse me fazer esperar, — ela sussurrou ferozmente. — Não se atreva.

Ele riu e então agarrou a barra da blusa dela e a puxou por cima da cabeça. Ambas as mãos a acariciaram agora, e ela gemeu completamente. Ainda assim, isso era melhor, mas não exatamente o que ela queria. Ela estendeu a mão para trás e soltou o fecho do sutiã, depois o tirou e jogou no tronco esculpido ao pé da cama.

Seus olhos escuros brilhavam. — Você é totalmente perfeita, Amber.

Com outra pessoa, ela poderia ter feito um som de protesto simbólico, ou fez um comentário sobre o trabalho que estava pensando em voltar antes que o djinn mudasse o mundo para sempre. Agora, porém, ela sabia que Idris estava sendo completamente sincero e percebeu que precisava aceitar o presente de sua admiração e amor, e não tentar subestima-lo ou, de outro modo, ser menosprezado.

— Você também, — disse ela. Ela estendeu a mão e segurou a gola da túnica dele, depois a puxou para

baixo e para longe dele, revelando seus ombros largos, o peito e o estômago muscular que ela vislumbrara antes, mas agora podia ver toda a sua glória. As pontas dos dedos dela percorreram o peito, foram até o cós da calça, que era um estilo simples de cordão.

Bastante fácil. Ela os desamarrou, os viu cair. Embora ela esperasse que ele fosse tão magnífico abaixo como ele era acima, mas ela não conseguia evitar que seus olhos se arregalassem.

— Maldição, Idris.

Ele riu e a pegou, depois a colocou na cama. Com dedos ansiosos, ele abriu o botão e o zíper do jeans dela, puxando-os para baixo junto com a calcinha. — Eu estou querendo você há algum tempo, — disse ele a título de explicação.

— Pelo visto.

Porém, não havia mais tempo para conversar, porque a boca dele estava no mamilo dela, traçando círculos lentos e luxuosos com a língua, e quando ela suspirou e deitou na cama, a mão dele passou entre as pernas dela. Ela já sabia como estava molhada,

mas aparentemente isso foi uma surpresa para ele, porque ele respirou fundo antes de começar a acariciá-la, dedos longos e fortes parecendo encontrar por instinto o lugar em que ela queria que ele a tocasse.

Oh Deus. Ela não achava que mais alguém tivesse sido tão hábil, até os caras que namorou que pensavam que eram jogadores e sabiam tudo sobre mulheres. Normalmente, levaria um tempo para vir, mas ela já podia sentir o orgasmo crescendo nela, ondas lentas, deliciosas e ondulantes de prazer se movendo através de seu corpo, fazendo-a gemer ainda mais alto, antes que o clímax atingisse e ela gritasse tão alto, ela estava feliz por não haver mais ninguém dentro de quilômetros quadrados que pudesse ouvi-la.

Idris não parecia se importar, no entanto. Ele emitiu um som baixo e rosnado de prazer profundamente em sua garganta, e se moveu para que ele pudesse beijá-la novamente, provando-a como se ela fosse uma iguaria da qual ele foi privado por

anos. Em resposta, ela estendeu a mão para segurá-lo na mão, sentindo o quão pesado e duro ele estava, o quão pronto para ela. Desta vez, ele gemeu, e ela arrastou os dedos para baixo, correndo-os sobre o saco antes de retornar ao seu pênis. Normalmente, ela teria se movido mais baixo, levando-o em sua boca, mas parecia que ele não queria esperar por isso. Os braços dele a envolveram, e ele a levantou, depois a abaixou para poder entrar nela.

Doce Jesus. Ela gritou quando ele começou a mover os quadris, empurrando-se mais profundamente dentro dela, enchendo-a como ninguém jamais a havia enchido antes. Eles encontraram seu ritmo, se movendo juntos, cada vez mais rápido, até que ela soube que voltaria, teria um orgasmo como nunca antes.

Estourou através dela como uma supernova, todo calor e luz e intenso, pulsante, requintado êxtase. Ele gemeu também, e ela podia realmente senti-lo chegar ao clímax, sentir seu próprio calor enchê-la. As mãos dela encontraram as dele e seguraram-se até que a

última onda finalmente se moveu através dela e ela caiu no colchão ao lado dele, a respiração entrando em suspiros rápidos enquanto tentava encontrar o caminho de volta para si mesma.

Nesse momento, ela pensou que estava bem com o pensamento de uma eternidade ou mais desse tipo de sexo.

Ela nem se importava que eles não tivessem usado nenhum tipo de proteção. Embora nunca tivesse gostado tanto de começar uma família, nunca namorara alguém que parecesse um bom marido / pai, ela sabia que seria muito, muito diferente com Idris.

No entanto, descobriu-se que ela não tinha nada com que se preocupar, porque ele se inclinou e a beijou na bochecha, com tanta ternura que ela se sentiu mais amada, mais querida do que nunca. Quando ele falou, sua voz era calma, quieta, não revelando nada da paixão que acabavam de compartilhar. — Não haverá criança, — disse ele. — Se você temia que possa ser o resultado desta tarde.

Amber rolou para olhá-lo. Um leve brilho de suor tocou sua testa, mas esse era o único sinal real da intimidade que eles acabavam de compartilhar. Sua expressão era serena o suficiente para um Buda. — Você parece muito certo.

— É porque nós, djinn, temos que decidir conscientemente ter filhos. Eles nunca são acidentais conosco.

Isso foi conveniente. Ela não pôde deixar de pensar no tempo que teve que levar Kelly para a Planned Parenthood em Pasadena para fazer um aborto depois que suas pílulas de controle de nascimento falharam. Não foi culpa de ninguém - os antibióticos que ela tomava para uma infecção sinusal haviam interferido com a pílula - mas Amber tinha que pensar que o jeito djinn era muito melhor.

— Você quer filhos? — Ela disse, genuinamente cautelosa. Talvez esse fosse um momento infernal para perguntar uma coisa dessas, mas ela se perguntou. Afinal, Idris estava vivo por quem sabe quantos séculos e aparentemente nunca esteve em

um relacionamento sério, muito menos em um com filhos.

— Eventualmente, eu gostaria disso, — respondeu ele, depois de parecer refletir sobre a pergunta por um momento. — Esta é a primeira vez que estive em posição de considerar essa possibilidade. — Uma pausa e então ele perguntou: — Você?

Ela nem precisou hesitar. — Com você, sim... em algum momento. Agora eu só quero ser egoísta e ter você só para mim.

Sua boca se levantou em um sorriso. — Acredito que posso acomodar esse desejo.

Então ele a puxou para ele e a beijou novamente, e ela podia senti-lo acordar contra sua perna. Parecia que os djinn tinham um período refratário mais curto do que a maioria dos homens.

E quando ele a tocou mais uma vez, ela pensou que estava bem com isso.

Capítulo DEZESSETE

ESTE FOI, pensou Idris, exatamente o que ele esperava - para acordar em sua cama e ver a manhã filtragem da luz através das cortinas nas janelas altas, a olhar para baixo e ver o mais bonito, o mais precioso, mulher do mundo deitada ao lado dele, seus cabelos claros brilhando contra o damasco branco da fronha. Ela ainda dormia, seus seios sob a cobertura de lençóis subindo e descendo levemente enquanto respirava as respirações regulares do sono profundo. Enquanto ele normalmente teria se levantado para ir até a janela e olhar o novo dia e sua promessa, ele ficou onde estava, olhando a maravilha da mulher que amava e imaginando como teria tido a sorte de conseguir. para este lugar.

Eles haviam feito amor novamente depois daquele tempo inicial, mais devagar, mais deliberadamente, tocando, provando explorar. Por fim, desceram as escadas para um banquete suntuoso que ele havia convocado para a sala de jantar, e compartilharam

mais brindes e mais comida, comendo até ficarem cheios, falando sobre o que havia acontecido nos dias em que estavam separados.

— Eu tentei, realmente tentei, — dissera Amber. Ela usava um roupão de seda cor de rosa que ele providenciara para ela e estava deliciosamente bonita, com a boca de Cupido inchada por seus beijos e os cabelos ondulados caindo sobre os ombros. — Mas havia algo no Bariq que me atrapalhava. Além disso, eu não conseguia parar de pensar em você. Eu sabia que era louco e sem sentido, mas você estava em meus pensamentos, não importa o que eu fiz para tentar te esquecer. Suponho que depois de cinco dias, ele simplesmente não aguentava mais.

— Isso não é desculpa para o que ele fez com você, — disse Idris severamente, e ela sorriu.

— Oh eu sei. Não estou tentando desculpar o que ele fez. Ele era um idiota. Mas tenho certeza de que ele seria o Sr. Bonzinho se eu tivesse dormido com ele imediatamente.

Graças a Deus ela não tinha. Não teria impedido Idris de amá-la mais do que ele, mas se ela se submetesse a Bariq fisicamente, mesmo que não abrigasse sentimentos profundos por ele, os dois ainda teriam uma conexão que deixaria de lado. teria sido mais difícil de separar... especialmente se a intimidade física o levasse a formalmente fazê-la sua escolhida.

— Felizmente para nós dois, Istar adivinhou o que estava ocupando meus pensamentos e sugeriu uma solução para o problema, — disse Idris. — Estou muito feliz que chegamos quando chegamos.

— Acredite em mim, eu também. — Amber ficou quieta então, expressão não tão alegre. Provavelmente, ela estava imaginando o que teria acontecido se os dois anciãos não tivessem intervindo. Mas então seus ombros se levantaram e ela disse: — E aqui estamos.

— E aqui estamos nós, — ele repetiu, e logo depois eles foram para o quarto fazer amor pela

terceira vez antes de adormecer nos braços um do outro.

E aqui estavam eles agora. Enquanto a olhava, Amber se mexeu e se espreguiçou, depois olhei para ele e sorriu. — Bom dia, — disse ela, um sorriso deliciosamente preguiçoso tocando seus lábios.

— Bom Dia, minha querida. — Ele a beijou na testa, depois suavemente na boca. — O que você gostaria de fazer hoje?

— Eu não sei. Apenas estar com você. Aqui em casa ou nos jardins.

— Isso soa como um bom plano.

Eles se beijaram novamente, depois desceram as escadas e tomaram um café da manhã descontraído antes de voltar para a suíte master para tomar um banho, que se transformou em sua própria forma de brincar, com ela dando um beijo na boca antes que ele a levantasse e a segurasse contra o chuveiro. parede de mármore enquanto eles faziam amor. Foi a primeira vez que ele fez algo assim, e ele achou uma ótima maneira de passar a manhã.

Eventualmente, porém, eles se vestiram e saíram. Por um tempo, eles percorreram os caminhos e aproveitaram o sol enquanto discutiam possíveis mudanças na propriedade - ele achou que seria bom acrescentar algo como a gloriosa piscina coberta que ele vira no castelo Hearst no norte da Flórida. outra parte do estado - mas, por fim, ele parou quando voltaram para a casa e ficaram na varanda, seus olhos varrendo o jardim.

— Parece que você está pensando profundamente, — comentou Amber, seguindo seu olhar enquanto examinava a propriedade.

— Suponho que sim, — ele admitiu. Na verdade, ele passara muito tempo contemplando o futuro de seu povo e deste mundo, pensando em como seria daqui a cinquenta, cem, várias centenas de anos. De certa forma, esse futuro significava ainda mais para ele agora que ele tinha tanto interesse, graças à mulher que estava ao seu lado.

— Sobre...? — Ela perguntou, aparentemente se perguntando se ele pretendia continuar.

— Sobre muitas coisas. — Ele a pegou pela mão e a levou a um dos bancos de pedra na loggia. Depois que os dois se sentaram - e ele convocou o chá gelado com tempero doce para os dois - ele continuou.— Suponho que tenho tentado imaginar o que será este mundo, o que será desta nova civilização que estamos tentando cultivar. E estou começando a me perguntar se nós, djinn, cometemos um erro.

Amber olhou para ele, uma pequena carranca puxando os delicados arcos das sobrancelhas. — Um erro?

— Não podemos mudar o que fizemos. — Com a mão livre, ele fez um gesto abrangente, como se quisesse indicar o mundo maior além dos terrenos enclausurados do Huntington. — Mas acho que talvez devêssemos olhar para um futuro em que combinemos nossas forças. Ibram, Istar e eu determinamos que os djinn e seus Escolhidos deveriam viver separados em suas próprias comunidades, para que seus caminhos nunca se cruzassem com os djinn que participaram da

erradicação da humanidade. No entanto, não tenho certeza se esse arranjo pode ser sustentável a longo prazo. É a partir de um encontro de mentes que ocorrem mudanças e progressos. Vocês, humanos, já sabem disso, eu acho, mas nós, djinn, temos uma cultura há muito estagnada, e esse arranjo inicial é apenas mais o mesmo.

— Então o que você quer fazer? — Ela perguntou, parecendo genuinamente curiosa.

— Ainda não tenho certeza, — respondeu ele. — Mas acho que precisamos começar afrouxando as regras. Por um lado, as comunidades que criamos já estão começando a se expandir, graças aos djinn e seus Escolhidos que vivem nelas e iniciam suas próprias famílias. As pessoas devem poder se mover livremente de um lugar para outro, ou possivelmente criar novas propriedades e comunidades, se as pessoas em que estiverem começarem a se sentir lotadas.

Por um momento, ela ficou quieta. Ela levou o copo de chá aos lábios e bebeu, seu olhar também

voltado para o mundo além dessa propriedade. No final, ela disse: — Mas e os outros djinn - você sabe, como aquele que tentou me matar. Eles não atacariam esses novos assentamentos, ou pelo menos tentariam?

— Eles podem tentar, — ele admitiu. — Mas eles estariam arriscando banimento para os círculos externos - uma forma de prisão de djinn, — acrescentou ele em resposta ao olhar perplexo de Amber. — Nenhum djinn quer enfrentar a ira dos mais velhos e arriscar esse tipo de punição.

Por alguma razão, ela sorriu. — Você não parece muito irado para mim, Idris.

— Porque você não me viu realmente com raiva.

— Bem, — disse ela levemente, — espero nunca fazer isso.

Ele se inclinou e a beijou na bochecha. — Meu amor, eu não consigo ver como você poderia fazer algo para me deixar com tanta raiva.

Como ele esperava, ela sorriu, mas a solidão de sua expressão desapareceu quando ela disse: - E os

outros anciãos? Você acha que eles concordam com a sua visão das coisas?

— Não tenho certeza, — disse ele honestamente. — É algo sobre o qual preciso falar com eles. De fato, há ainda mais que estou pensando.

Amber inclinou a cabeça para um lado enquanto ela olhava para ele. — Eu não tinha ideia de que você era tão radical.

O comentário dela o fez rir, mesmo que a situação fosse grave o suficiente. — Tenho quase certeza de que ninguém nunca me chamou assim antes. Mas não, é mais que estou tentando pensar nas conclusões lógicas. Com o passar do tempo, haverá mais e mais filhos de djinn misto e sangue humano, cada vez mais confusos entre nossas duas raças. Eu estava até pensando que deveríamos fazer um convite a alguns dos sobreviventes em Los Alamos, para pedir que eles trouxessem seus dispositivos que os protegem do djinn para a Califórnia, para que eles pudessem iniciar um segundo assentamento aqui. Mais uma vez, suponho que seja minha esperança

que, com o passar do tempo, esses dispositivos não sejam necessários. O djinn reaver e aqueles que concordaram com eles, acredito, se tornarão mais aceitos com o passar do tempo, já que este mundo é agora deles e eles não terão mais motivos para se ressentir dos humanos por tirá-lo deles.

Ela não parecia terrivelmente convencida; não é de surpreender, já que ela sabia em primeira mão como era enfrentar um colecionador de djinn com assassinato em seu coração. — Essa é uma espécie de grande esperança, você não acha?

— Eu espero que sim, — ele permitiu. — Mas eu deveria ser um dos líderes do nosso povo, e que tipo de líder eu seria se não imaginasse para onde poderíamos ir daqui, como poderíamos melhorar toda a nossa vida?

Por um longo momento, ela ficou em silêncio. Então ela colocou o chá gelado no banco ao lado dela, estendeu a mão e pegou a mão dele.— E é por isso que eu te amo, Idris... e por que farei tudo o que puder para ajudá-lo.

Os terrenos do Huntington podiam acomodar festas muito grandes - Amber sabia disso, desde que participara de vários bailes dos fundadores, sua mãe ajudou a se organizar como parte do Círculo de Platina da organização. Ainda assim, ela não pôde deixar de se sentir um pouco nervosa enquanto olhava para as numerosas mesas redondas e cadeiras combinadas dispostas na varanda e o enorme pavilhão de festas no gramado, e se perguntou se isso seria suficiente para acomodar a todos. eu convidei.

Para sua surpresa, Ibram e Istar pareciam intrigados com as sugestões de Idris e mais do que dispostos a deixá-lo tentar e ver como tudo funcionava. Nem todos os djinn e seus Escolhidos estavam participando dessa reunião, mas mais de mil haviam concordado em comparecer, junto com um pequeno grupo de Los Alamos, que seria acompanhado por um contingente do djinn de Santa Fe e de seus companheiros, a fim de para levá-los todos em segurança aqui.

Amber sugeriu o tema de uma celebração da colheita, já que era perto do final de outubro, embora fosse uma Lua Cheia de Caçador que ainda hoje se erguia no Leste, prometendo alguma iluminação extra para a festa. Tochas de bronze tremeluziam nas bordas do gramado, e luzes haviam sido espalhadas pela varanda, lançando um brilho quente nas mesas cobertas de pano e nos arranjos de crisântemos, rosas e hera de tons quentes. A essa altura, ela já sabia que não devia perguntar de onde tudo aquilo tinha vindo, já que Idris já havia provado que ele podia fazer com que qualquer coisa que quisesse aparecesse por vontade própria.

Em suma, graças a esses poderes dos djinns, essa provavelmente foi a organização de festas mais fácil com a qual ela já esteve envolvida. Não se preocupe com os fornecedores atrasados ou os fornecedores de suprimentos para festas entregarem a cor errada da toalha de mesa - apenas um estalar de dedos, e tudo foi feito de uma maneira que deixaria Judith McCoy orgulhosa. Na verdade, tudo parecia muito com uma

das funções de caridade que sua mãe costumava organizar, Amber não conseguiu conter um suspiro.

— Algo está errado? — Idris perguntou, aparecendo do nada. Ele não estava lá um momento antes, mas de alguma forma ele deve ter percebido que ela estava perturbada.

— Não, — ela disse imediatamente, e, apesar de sua melancolia estranha atual, ela não pôde deixar de sorrir para ele, para o quão bonito ele estava. — Gosto das vestes roxas.

— Eles se sentem bem... vistosos.

Amber riu. — Você parece ótimo. Todo esse evento é sobre tentar coisas novas, certo? Isso também significa usar uma veste que não é preta.

— Suponho que esteja certa. — Ele se abaixou e a beijou - mas na bochecha, para não borrar o batom dela. — Você está parecendo maravilhosa.

Ela roçou a mão no vestido, uma peça de Badgley Mischka com miçangas douradas que ele fez magicamente aparecer para ela depois que ela lhe mostrou uma foto em uma revista do que queria. Era

uma duplicata de algo que Kate Mara usara no Emmy no mesmo ano em que o Calor varreu o mundo. Pelo que Amber sabia, na verdade era o mesmo vestido, apenas alterado para caber nela, mas ela não perguntou. Nesse ponto, o que importava?

O que importava era o brilho de admiração nos olhos de Idris, a maneira como ele tocou a mão dela. Eles estavam vivendo sob o mesmo teto há pouco mais de uma semana, e ela supunha que eles ainda estavam em segurança no período de lua de mel. No entanto, ela tinha a sensação de que sempre ficaria tão emocionada com a maneira como ele olhava para ela, com as pequenas coisas que fazia, como encontrar todos os seus produtos de beleza favoritos e abastecer o banheiro com eles, ou permitir que ela tomasse um. dos quartos menores da mansão para um espaço de entretenimento, completo com uma enorme televisão de tela plana na parede e uma biblioteca digital de praticamente tudo o que ela queria. E quando ele perguntou por que ela não preferia ler a assistir televisão, ela disse: — Na

verdade, eu gosto de ler. Não pretendo parar tão cedo. Mas eu fiquei dois anos sem um único filme ou programa de TV, então... me conceda.

Ele sorriu e disse que entendeu, porque é claro que sim. Ela adorava tudo sobre ele, e ainda assim pensava que uma das coisas que mais amava era a maneira como ele a aceitava sem tentar mudá-la. Sim, ela havia sobrevivido dois anos no subsolo, vivendo em jeans, camisetas e botas de caminhada, usando suprimentos de beleza saqueados na farmácia local, mas isso não significava que ela não queria o hidratante La Mer e o Bumble and Bumble. brilho de cabelo, caramba.

— De qualquer forma, — ela continuou, já que Idris ainda estava olhando para ela com uma sobrancelha levantada, obviamente esperando por algum tipo de explicação para seu suspiro. — Suponho que estava pensando em minha mãe. Acho que gostaria de pensar que ela aprovaria tudo isso.

— E me aprova, espero.

Amber apertou a mão dele.— Você está de brincadeira? Ela amaria você. Você tem riqueza ilimitada à sua disposição e é uma das únicas três pessoas que estão comandando o mundo.

— E essa é a única razão pela qual ela aprovaria?

— Ele perguntou, parecendo um pouco ofendido.

— Não, isso é apenas o começo, — ela respondeu com um sorriso. — Porque você também é bonito, inteligente e gentil, e nada como meu pai.

— Ah bem. — Idris parou lá, obviamente considerando suas palavras. — Você não fala muito sobre nenhum deles.

— O que dizer? — Como Amber sabia o quão frágil e superficial esse comentário deve ter soado, ela continuou: - Meu pai era bonito e charmoso e um diabo de língua de prata no tribunal. Minha mãe era bonita e inteligente e vinha de dinheiro antigo, e o casamento deles era péssimo. Ele traiu e foi embora, e ela praticamente me criou sozinha.

Olhos escuros tristes, Idris disse: — Depois de uma experiência como essa, fico surpreso que você se arrisque.

— Ah bem. — Ela subiu na ponta dos pés e o beijou, mas gentilmente, para que ela não batesse toda a boca dele.— Eu tenho um bom pressentimento sobre você.

O comentário dela o fez sorrir, como ela esperava. No entanto, ele não teve tempo de responder, porque Ibram e Istar apareceram na época, ambos adornados em versões ainda mais refinadas das roupas de djinn que costumavam usar - Ibram em roupas azuis da meia-noite costuradas em prata e Istar em um ajuste justo jaqueta comprida de seda cor de ameixa, bordada em prata e ouro e o que pareciam verdadeiras ametistas, usadas em calças folgadas e folgadas. Mais pedras roxas brilhavam em sua garganta e pulsos.

— Bem-vindo, — disse Idris, e Istar lançou um olhar de aprovação ao redor do terreno.

— Tudo parece magnífico. Você se superou.

— Amber forneceu uma grande quantidade de assistência e aconselhamento, — disse Idris, e a djinn sorriu.

Isso não me surpreende. Somos seus primeiros convidados?

— Sim, — disse Amber. — Queríamos ter vocês dois aqui primeiro, antes que todos chegassem, apenas para o caso de você ver algo que achava que precisava ser mudado.

Istar balançou a cabeça. — Não, é tudo muito adorável. Parece que você está esperando muitas pessoas.

— Quase duas mil e quinhentas, — disse Idris.

Esse comentário fez Ibram parecer satisfeito. — Um número muito bom - e um bom sinal de que muitas pessoas estão prontas para ouvir o que você tem a dizer.

— Acredito que sim. — Foi tudo o que Idris disse, mas Amber sabia que ele estava preocupado que todos ficassem satisfeitos com o status quo. Porém, assim que as respostas ao convite começaram a

chegar, ficou claro que ele não era o único que pensara na direção que o mundo deveria seguir.

— Temos vinho e champanhe, — ela ofereceu. — Posso conseguir algo para você?

— Oh, não, Ibram e eu podemos cuidar de nós mesmos, — respondeu Istar. — Seus outros convidados devem chegar em breve - deixaremos você para cumprimentá-los.

Os dois vagaram em direção a uma das muitas mesas de refresco, mesmo depois de Amber ter adivinhado que os dois mais velhos poderiam simplesmente estalar os dedos para convocar as bebidas que desejavam. Parecia que as palavras de Istar haviam sido proféticas, no entanto, porque quase tão logo se foram, um grupo de djinn e humanos que Amber nunca tinha visto apareceram e se aproximaram do local onde ela e Idris estavam.

— Um local maravilhoso para uma festa, ancião, — disse a mulher que parecia ser sua líder. Ela tinha cabelos pretos brilhantes que caíam até a cintura e o tipo de figura que Amber não podia deixar de viver,

com uma cintura incrivelmente pequena. Seu companheiro era um mortal modelo, provavelmente da idade de Amber, e com eles havia outro homem djinn e seu escolhido. O djinn parecia bastante com a mulher que falou que achava que ele devia ser seu irmão, e a mulher mortal ao seu lado era igualmente bonita, morena e exótica.

— Obrigado, Fátima, — disse Idris. — Amber, essa é Fátima, a líder da comunidade Bel-Air, e seu escolhido, Adam. E também, o irmão de Fátima, Malik, e seu escolhido, Leila.

— Prazer em conhecê-lo - respondeu Amber, e Fátima lhe deu um sorriso curioso.

— E bom também conhecer o mortal que conseguiu prender nosso ancião, — disse Fátima. — Essa é uma grande façanha, minha querida, algo que nenhum djinn foi capaz de realizar, embora muitos tenham tentado.

Muitos? Amber olhou de relance para Idris, mas ele respondeu apenas com a menor sacudida de cabeça... e possivelmente um pouco de revirar os

olhos, como se tentasse dizer a ela que Fátima poderia estar exagerando um pouco.

Leila disse: — Como todos nós escolhidos, tenho certeza de que Amber tem uma história para contar.

— Você não tem ideia, — comentou Amber, e todos riram.

— Talvez um dia alguém as escreva, — disse Malik, usando o tipo de sorriso caloroso que ela imediatamente reconheceu, já que ela o via com frequência no rosto de Idris. Enquanto isso, é um prazer conhecê-la, Amber. Agradecemos a você e ao nosso ancião por organizar esta reunião. A mensagem que ele enviou foi uma que acredito que muitos de nós queríamos ouvir.

— E estou feliz em ouvir isso, — disse Idris. Sua expressão ainda era calma e amigável, e mesmo assim Amber percebeu que estava aliviado pela resposta de Malik. — Por favor, divirtam-se. Há comida e bebida, e os outros devem chegar em breve.

A festinha partiu para as mesas de refresco, onde Ibram e Istar já estavam de pé, com taças de vinho

nas mãos e a cabeça inclinada uma para a outra, como se estivessem compartilhando algum tipo de confiança. Assim que o grupo de Bel-Air se aproximou deles, os dois anciãos se viraram e cumprimentaram os recém-chegados, e todos logo se envolveram no que parecia uma conversa animada.

- Até agora, tudo bem - Amber murmurou para Idris, e ele assentiu.

— Sim. É um tanto surpreendente ver Ibram e Istar tão abertos à mistura, mas suponho que eles também estejam tentando abraçar o espírito desta noite.

Ela se inclinou e pegou a mão dele, apertando-a. Isso significou muito para ele - e para ela também, porque ela entendeu o que ele estava tentando realizar, por que era tão importante que o mundo se tornasse mais coeso ao longo do tempo, em vez de ter o djinn com seus Escolhidos isolados. um do outro em todas as suas pequenas comunidades separadas.

Mais e mais pessoas começaram a chegar naquela época - uma mulher bonita com a idade de

Amber, seu cabelo quase tão bonito, seu companheiro, um djinn de cabelos louros e aparência malandra, que trocou um olhar de conhecimento com Idris enquanto observava: — Parece que você sucumbiu, também.

— Se você deseja olhar dessa maneira, Nasim, — respondeu Idris sem piscar. — Como tantos outros de nossa espécie, percebi que nós, djinn, temos muito a aprender com nossos mortais.

Nasim riu, e ele e seu Escolhido foram em direção ao grande pavilhão de festas no gramado, juntando-se à grande multidão que havia se reunido ali.

E então outro grupo apareceu, misturando djinn e humano - exceto que Amber notou imediatamente um casal que viajara com eles, ambos obviamente mortais. O homem era alto e magro, com nariz pontiagudo e óculos que ele colocou na posição correta enquanto olhava para a multidão ao seu redor, e a mulher era muito mais bonita do que qualquer pessoa que Amber pudesse esperar estar com alguém tão desajeitado quanto isso. Ao contrário

da elegância usada pelos djinn e seus Escolhidos, as roupas desse casal eram muito mais claras, embora parecesse que elas haviam feito o possível para se arrumar para a ocasião, ele vestindo uma jaqueta preta mal ajustada sobre uma jaqueta. camisa branca e sem gravata, e a mulher em um vestido preto simples que parecia um pouco apertado ao redor da barriga.

Um dos djinn que apareceu com eles, um homem de aparência intensa, com cabelos pretos na altura dos ombros, se aproximou de Idris e Amber. A mulher que veio com ele era incrivelmente adorável, seus cabelos loiros cor de mel puxados para cima em um toque francês, seu vestido um vestido roxo pálido de um ombro que não teria ficado fora de lugar no tapete vermelho.

- Obrigado pelo convite, ancião - disse o djinn, e Idris inclinou a cabeça levemente.

— Estamos felizes por você poder vir, Zahrias - e por trazer representantes da comunidade mortal em Los Alamos com você.

Ah, então era assim que os dois humanos fora do lugar eram. Na verdade, a mulher era bonita o suficiente para que Amber se surpreendesse por não ter sido escolhida. Talvez, como Malik disse, houvesse uma história a ser escrita lá.

O homem alto e magro - que Amber acreditava completamente poder ter sido um cientista nos dias que antecederam a morte - olhou em volta, uma expressão de espanto por suas feições afiadas.— Todos eles realmente vieram,— disse ele, um certo tom de voz que parecia indicar que ele esperava exatamente o oposto.

— Sim, — disse Idris. — Eles estão prontos para seguir para um novo mundo... como espero que você também esteja, Miles Odekirk.

A expressão do homem era cautelosa, mas ele parecia relaxar enquanto falava, aquecendo uma ideia que obviamente estava pensando desde que foi contactado pela primeira vez sobre a proposta de Idris. — Possivelmente. Ou pelo menos, o que você sugeriu é intrigante. Certamente há muito mais

matérias-primas a serem obtidas aqui na Califórnia. A construção de nossos dispositivos pode ir rapidamente. O verdadeiro problema é ter pessoal qualificado o suficiente para produzi-los. Se nós -

Idris levantou a mão, mas um sorriso tocou os cantos da boca, como se estivesse satisfeito com o entusiasmo de Miles. — Sim, há muitos detalhes que precisam ser resolvidos. Enquanto isso, por favor, divirtam-se e conversem com aqueles que vivem em outras comunidades djinn e humana.

— Vamos, — disse a mulher que estava ao lado dele, com a mão no braço do marido. Ou pelo menos, Amber supôs que eles eram casados, já que um simples anel de diamantes brilhava em seu dedo, e Miles também usava uma faixa de ouro simples na mão esquerda. — Mas nada de champanhe para mim - acabamos de ter nosso filho há três semanas.

Isso explicaria por que o vestido dela parecia um pouco apertado. No entanto, o rosto da mulher era tão radiante que o ajuste de seu vestido quase não

importava. — Parabéns, — Amber disse a ela, e ela sorriu.

— Obrigado. Eu não tinha certeza se viria, já que Dylan é tão jovem agora. Felizmente, Los Alamos tem muitas babás ansiosas.

Isso soou agradável e amigável. Talvez Los Alamos fosse o tipo de cidade pequena que Amber achava que não existia mais. Enquanto ela estava perfeitamente feliz por estar aqui no Huntington com Idris, ela ficou feliz em saber que ainda havia uma comunidade de humanos comuns por aí trabalhando juntos, cuidando um do outro. Se a visão de Idris se tornar realidade, poderá haver muitas cidades como essa em um futuro não muito distante.

— Estamos todos felizes por estar aqui, — disse Zahrias. Amber notou como seus dedos estavam entrelaçados com os da mulher que estava ao lado dele e como seus olhos escuros se iluminaram quando ele olhou para ela; aparentemente, ele não era tão intenso quanto sua aparência parecia indicar.— E desculpas por Jasreel al-Ankara e sua esposa

Jessica - ela acabou de descobrir que está grávida e não queria fazer a viagem.

— Meus parabéns a ambos, — disse Idris gravemente. — Eu sei que eles percorreram um caminho difícil para chegar onde estão agora.

Zahrias inclinou a cabeça e Amber notou a maneira como seu olhar se moveu na direção dela, como se tentasse determinar o que a havia levado a Idris. — Como todos nós.

O grupo se despediu então, e Amber e Idris se viraram para cumprimentar o próximo lote de recém-chegados e muito mais depois disso. Eventualmente, no entanto, parecia que todos que disseram que iriam comparecer haviam chegado e, portanto, os dois estavam livres para se misturar e buscar comida e bebida para si mesmos, para parar e responder perguntas enquanto se moviam pela multidão.

Idris havia decidido não fazer nenhum tipo de discurso, dizendo a ela apenas no dia anterior ao finalizar seus planos: — Eu preferiria conversar com as pessoas individualmente, em vez de ficar em pé no

palco e fazer pronunciamentos. Pois acredito que são as pequenas mudanças que fazemos em nossos corações todos os dias que farão a diferença, ratificá-la do que ser despertada por um discurso que logo será esquecido.

Ela não discutiu, principalmente porque concordou com ele. Em uma situação como essa, era melhor afetar corações e mentes gradualmente, para permitir que as pessoas chegassem a suas próprias conclusões sobre o que deveria ser feito.

E no final da noite, depois que todos se foram e Idris fez desaparecer toda a comida e bebida que restavam - não querendo atrair mais animais selvagens do que os que já vagavam pelos terrenos de Huntington - eles subiram os degraus até a floresta e estavam prestes a entrar na casa... apenas para encontrar um estranho djinn em pé na frente das portas francesas, bloqueando seu caminho.

Amber provavelmente não o reconheceria, exceto que ela viu as vestes do estranho, um verde brilhante e puro terror pulsando através dela. Agarrando a mão

de Idris, ela murmurou com urgência: - É ele. O djinn que me atacou.

Indiferente, Idris olhou para o intruso e disse: — O que você está fazendo aqui, Mahmoud?

O djinn não fez movimentos ameaçadores. Ele só ficou lá, com as mãos nas mãos, o olhar sombrio encontrando o do ancião que estava na frente dele.— Eu gostaria de falar com você.

— Você está falando, — respondeu Idris, estreitando os olhos. — O que é que você quer?

Amber nunca o ouvira soar tão curto antes - nem mesmo quando ele enfrentou Bariq - mas então, ela supôs que ele tinha razão. Pelo menos Bariq nunca tentou matá-la a sangue frio.

Para sua surpresa, o djinn caiu sobre um joelho, a cabeça baixa. — Estou aqui para pedir desculpas, — disse Mahmoud, e Amber assustou, olhando para ele. O que no mundo...? O djinn levantou a cabeça e continuou, seu olhar intenso e seu tom urgente: — Eu nunca teria atacado esse mortal se soubesse que ela foi escolhida. Eu pensei -

— Eu posso adivinhar o que você pensou, — Idris interrompeu. — E eu entendo as circunstâncias... e foi por isso que eu e os outros anciãos decidimos deixar o assunto passar. Se é isso que você quer...

O djinn balançou a cabeça, depois se levantou lentamente, embora sua postura geral ainda fosse de súplica. — Não, tem mais. A palavra me mostrou o que você está planejando com esses mortais. E.... — Ele parou ali, sobrancelhas pesadas, como se lutasse consigo mesmo, com as palavras que sabia que precisava dizer. Na verdade, ele parecia tão torturado que Amber não pôde deixar de sentir um pouco de pena dele, apesar do que ele tentara fazer com ela vários anos antes.

— E o que? — Idris fez um gesto impaciente com uma mão. Embora ele tivesse falado de tolerância e empatia anteriormente, era óbvio o suficiente que ele tinha muito pouco de sobra para o homem que estava diante dele.— É tarde, e Amber e eu estamos cansados. Diga-me o que você veio aqui para dizer.

Apesar desse comando óbvio, Mahmoud ainda hesitou. Impulsionado por um impulso repentino, Amber deu um passo em sua direção e colocou a mão em seu braço.— Está tudo bem,— disse ela calmamente, agora certa de que o djinn não lhe causava nenhum dano, não importa o que ele pudesse ter feito anteriormente.— Você pode nos dizer.

Ele a encarou, olhos profundos assustados, como se nunca tivesse esperado tanta magnanimidade de um mortal. Depois de pigarrear, ele disse: — Ouvimos como você deseja transformar este mundo. Não posso falar por todos nós, mas sei que há muitos que gostariam de fazer parte dessa transformação. Vimos como você mora com seus mortais, e...

A expressão de Idris se suavizou. — E...?

— E lamentamos, — disse Mahmoud, sua voz quase um sussurro. — Pensamos que estávamos fazendo a coisa certa, mas agora não temos tanta certeza. Não podemos mudar o que fizemos, mas

talvez se trabalharmos com você, podemos ajudar a mudar o mundo.

Um silêncio longo e assustado. Amber olhou para Idris, depois para Mahmoud. Os olhos de Idris estavam cheios de um terrível esperança; Mahmoud, cheio de culpa e contrição.

Mas então Idris sorriu e disse: — Gostaríamos de trabalhar com você, Mahmoud. Gostaríamos muito disso.

E quando os dois djinn se entreolharam, a esperança que Amber tinha visto no rosto de seu amante parecia despertar também no de Mahmoud. Embora ele não sorrisse, ele parecia mais feliz, se resoluto. Ele assentiu, como se confirmasse algo para si mesmo.

— Vou ver o que posso fazer, — disse ele, depois desapareceu.

Idris pegou Amber pela mão. — Isso foi inesperado.

— Mas bom, — disse ela.

— Sim. — Ele ficou lá por um longo momento, como se não tivesse certeza se estava pronto para entrar.

Amber estendeu a mão para a outra mão, entrelaçou os dedos com os dele. Como sempre, sua carne estava quente e forte, mesmo que a noite tivesse esfriado, e ela estava mais do que pronta para entrar em casa e tirar seu pesado vestido de miçangas. — O que é isso?

— Estamos prontos para isso?— ele perguntou.— Ou seja, quero que este mundo avance, mas, na verdade, não esperava ter muita cooperação dos outros djinn, pelo menos não tão cedo.— Expressão perturbada, ele olhou para ela, olhos escuros examinando seu rosto como se tentasse avaliar sua reação.— O que eu quero dizer é... você está pronto para perdoar? *Você pode?*

Ela pensou na expressão ferida que Mahmoud tinha usado. Talvez tivesse sido um ato, mas ela não achou. Aqueles outros djinn haviam feito coisas

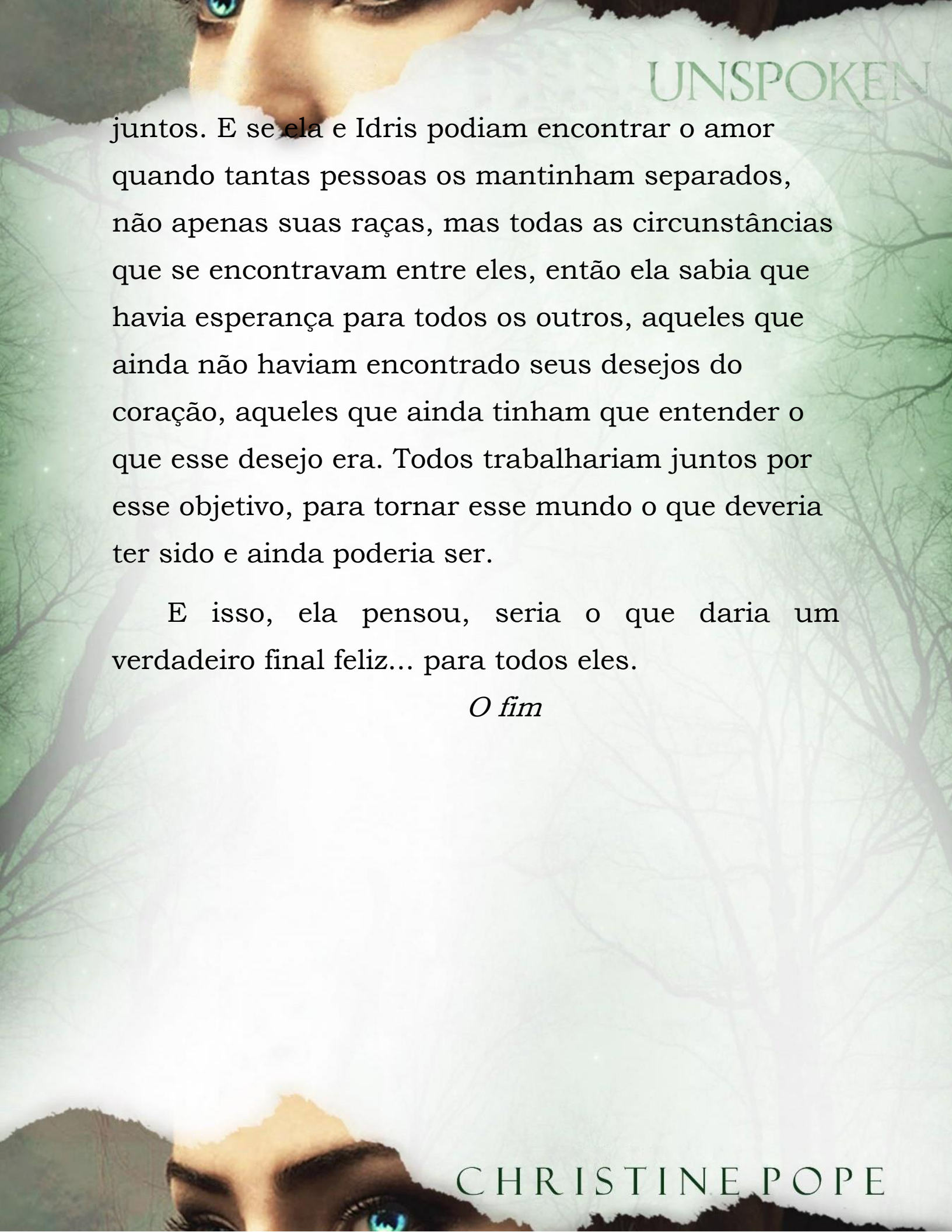
terríveis, atos horríveis que nenhuma pessoa sã poderia desculpar. E ainda....

— Não estou dizendo que quero um deles como melhor amigo, — respondeu ela, ainda segurando os dedos de Idris, esperando que ele pudesse sentir sua própria determinação em seu toque. — Mas se eles querem viver ao nosso lado, acho que precisamos deixá-los. Talvez essa geração não possa perdôá-los - não completamente -, mas com o passar do tempo haverá mais e mais nascidos após os moribundos, que nunca sofreram perdas pessoais por causa das ações do reaver djinn. Você mesmo disse que estávamos fazendo isso por aquelas crianças, por todo o nosso futuro. Então sim. Precisamos deixá-los entrar. Precisamos fazer o que pudermos, Idris.

Ele a puxou em sua direção e a beijou, com algo feroz e puro por trás do toque de seus lábios nos dela. — Eu te amo, — ele murmurou.

— E eu amo você, — disse ela.

Por fim, ele estendeu a mão e abriu a porta, e eles entraram, no calor da casa que haviam feito



UNSPOKEN

juntos. E se ela e Idris podiam encontrar o amor quando tantas pessoas os mantinham separados, não apenas suas raças, mas todas as circunstâncias que se encontravam entre eles, então ela sabia que havia esperança para todos os outros, aqueles que ainda não haviam encontrado seus desejos do coração, aqueles que ainda tinham que entender o que esse desejo era. Todos trabalhariam juntos por esse objetivo, para tornar esse mundo o que deveria ter sido e ainda poderia ser.

E isso, ela pensou, seria o que daria um verdadeiro final feliz... para todos eles.

O fim

CHRISTINE POPE